VITOR LOPES COSTA

A PROSTITUTA COMO "NAMORADINHA":

o advento do comércio sexual como forma de intimidade

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Renan Springer de Freitas

Belo Horizonte, Abril de 2018

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todas as mulheres que participaram desta pesquisa, tanto as que batalham nas regiões de prostituição popular quanto as que se situam em estratos mais favorecidos do mercado sexual. Sem elas nada disso teria sido possível. Aproveito para agradecer em particular à Sheila e Yasmin, minhas informantes-chave, cuja colaboração foi fundamental para esta tese, me ajudando desde o início do trabalho de campo até os retoques finais deste texto.

Gostaria de agradecer particularmente a toda a equipe vinculada aos *Diálogos da Liberdade-Pastoral da Mulher*, da região da Guaicurus, em Belo Horizonte e ao *Projeto Antônia*, em Santo Amaro - SP, que me prestaram um grande auxílio nos primeiros contatos e nas posteriores entrevistas e grupos focais com as mulheres que trabalham nesses locais. A obra e o carisma das Irmãs Oblatas me marcaram muito, pela sua dignidade e parceria com as mulheres assistidas, me inspirando nesta pesquisa desde o seu início até os momentos finais.

Agradeço ao professor Renan Springer de Freitas, que me orientou com muito cuidado, e cuja obra sobre as zonas belorizontinas, escrita no ano de 1985, ainda é um marco fundamental no assunto. Aos professores Alexandre Cardoso e Antônio Augusto Prates, que deram orientações fundamentais durante minha qualificação, às professoras Yumi e Érica pelos debates no grupo de estudos sobre Gênero, ao professor Thaddeus Blanchette, da UFRJ, e à professora Nádia Guimarães, da USP, com quem pude conversar e refletir a respeito desta pesquisa e aos demais acadêmicos que me ajudaram desde o início da pesquisa até a defesa desta tese.

Reconheço o acolhimento, o apoio e o interesse do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFMG, a formação que me foi dada pelo Departamento de Sociologia (DSO) desta mesma faculdade, e o apoio dos colegas do doutorado, além do precioso auxílio do Centro de Estudos Antônio Augusto Pereira Prates (CESAP), onde tive as melhores condições para escrever a maioria das páginas presentes nesta tese. Em tempos de cortes orçamentários, um agradecimento especial vai para a CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Alguns amigos mais próximos foram fundamentais na discussão, leitura, correção e crítica desta tese, me ajudando a deixá-la mais agradável e completa. Entre essas almas caridosas

gostaria de citar o apoio muito carinhoso de Jaqueline Silva, André Pereira, Gabriel Oliveira, Jéssica Oliveira, Leonardo Oliveira, Lucas Cunha e Ian Prates.

Agradeço o apoio de meus pais, tios, primos e avós que sempre me apoiaram academicamente desde 2005, quando decidi entrar para o curso de Ciências Sociais. De lá pra cá sempre ouvi mensagens de apoio e incentivo ao estudo. Agradeço também a todos os amigos e colegas que, mesmo sem o contato direto com esta tese me ajudaram academicamente ou com sua presença em momentos de lazer e reflexão. A presença e o apoio de todos foi fundamental.

Por fim, o agradecimento mais importante vai para minha companheira, Catharina e minha filha Nina. Catharina foi o meu principal apoio e incentivo nesta pesquisa, sempre refletindo comigo as grandes questões não apenas desta tese, mas também da vida. Além disso, sua ajuda foi imprescindível não apenas na produção dos mapas que ilustram esta tese, durante o campo e a escrita deste trabalho, mas também na divisão de nossas tarefas domésticas. E Nina, um bebê tão novinho, ainda não imagina o quanto me ajudou nesta tese. Desde sua estadia na barriga de sua mãe, me obrigando a tocar o trabalho de campo com eficiência e seriedade, até nos dias atuais, nos quais seu sorriso ilumina minha vida e me dá força para continuar.

Resumo

Durante muitas décadas, tanto para o senso comum como para a literatura sociológica, a interação entre homens e mulheres dentro do mercado sexual da prostituição feminina, foi vista como uma relação com poucas chances de evoluir para além de uma relação comercial. Entretanto, alguns autores (BERNSTEIN, 2007; BIGOT, 2009; WEITZER, 2010, *et alli*) destacam a experiência de namoradinha (*girlfriend experience*) como um fenômeno em ascensão dentro do mercado da prostituição feminina, tornando a relação do cliente e da prostituta como algo mais próximo de um relacionamento afetivo, com programas mais longos e uma dedicação mais íntima entre ambos.

Essa ascensão se deve a muitas mudanças ocorridas desde o início do século XXI, como a evolução da internet, o aguçamento das demandas entre os clientes ou as limitações impostas pelo estado sobre o trabalho sexual. A expansão da experiência namoradinha também aparece como uma oportunidade da prostituta diferenciar o seu serviço dentre outras formas de prostituição.

Este trabalho consiste, portanto, numa comparação das formas de serviço sexual e afetivo entre dois espaços diametralmente opostos dentro do mercado sexual, observando como a *experiência de namoradinha* se materializa na prostituição popular e entre as prostitutas ditas "de luxo", namoradinhas e acompanhantes.

Palavras-Chave: Prostituição; Gênero; Care; Estigma; Mistificação; Girlfriend Experience

Abstract

For many decades, female prostitution was seen such as for the common sense like for the sociological literature, as a strictly sexual and commercial activity, with few chances to expand to an affective interaction between man and women in sexual market. However some authors highlighted the "girlfriend experience" as a rise phenomenon inside female prostitution, bringing the interaction between woman and client closer to an affective relationship with lasting encounters and more intimacy dedication.

This rise it is due to the many changes occurred in the beginning of the XXI century, such as the evolution of the Internet, like the sharpening of clients demands or limitations imposed by the State inside sexual market. The expansion of the girlfriend experience also shows up as an opportunity for the female prostitute to distinct her service among others forms of prostitution.

This thesis is, accordingly, a comparison between forms of sexual and affective services inside two diametrically opposite spaces in the sexual market, observing how the "girlfriend experience" is materialized in popular and so call "luxury" (hostess, call girl) prostitution.

Key-Words: Prostitution; Gender; Care; Stigma; Mistification; Girlfriend Experience

Sumário

Introdução **9**

1– Revisão Bibliográfica **28**

1.1 Decadência e ascensão de diferentes modelos de prostituição..... **28**

1.2 Mudanças nos comportamentos e motivações dos clientes **32**

1.3 Atuação do Estado em relação à Prostituição: Repressão e Normalização..... . **39**

1.4 Desenvolvimento da Internet e seu impacto na atividade **47**

1.5 O que é experiência de namoradinha *e sua autenticidade* ..... **.56**

1.6 A experiência de namoradinha *em diversos contextos culturais* **58**

1.7 A mistificação da prostituição como redução das condenações morais **67**

1.8 Trabalho relacional e trabalho emocional **70**

1.9 A diversidade das formas de mistificação **75**

1.10 Os habitués *e a mistificação através da emulação de relacionamentos legítimos* **78**

1.11 A prostituição enquanto care **81**

1.12 Nova performance sexual em um novo contexto de prostituição **87**

2 – Breve Panorama da Prostituição Popular em Belo Horizonte e São Paulo **93**

2.1 Introdução - Região moral e prostituição "moderna-industrial" **93**

2.2 A região da Rua dos Guaicurus – Belo Horizonte **94**

2.3 A região da Luz – São Paulo **103**

2.4 A região de Santo Amaro – São Paulo **111**

2.5 A trajetória profissional das "meretrizes" **115**

3 – Breve Panorama da Prostituição "de Luxo" e das *Namoradinhas* em Belo Horizonte e São Paulo **122**

3.1 A Prostituição "pós-industrial" no Brasil **122**

3.2 As namoradinhas *de Belo Horizonte* **125**

3.3 As namoradinhas *de São Paulo* **133**

3.4 A trajetória das namoradinhas *e suas condições de trabalho* **140**

4 – Estigma e Mistificação **147**

4.1 Estigma na prostituição popular e algumas estratégias de mistificação **147**

4.2 A quase ausência de estigma entre as namoradinhas e suas estratégias de mistificação **149**

5 – A Dinâmica dos Programas entre as *Meretrizes* e as *Namoradinhas* **160**

5.1 A dinâmica dos programas na prostituição popular **160**

5.2 Girlfriend experience na prostituição popular: possibilidades e dificuldades **165**

5.3 A dinâmica dos programas das "namoradinhas" **168**

5.4 Determinando limites de forma sutil **190**

6 – Os Clientes e a Importância da Internet para a *Experiência de Namoradinha*..... 206

6.1 Os clientes da prostituição popular **206**

6.2 Os clientes nos espaços da experiência de namoradinha **210**

6.3 A importância da internet para as namoradinhas **216**

6.4 A importância da internet para as meretrizes **225**

7 – Afetos e Relacionamentos entre *Meretrizes* e *Namoradinhas* **229**

7.1 Afeto e relacionamentos nos espaços de prostituição popular **229**

7.2 Afetos e relacionamentos entre as namoradinhas **232**

8 – Reflexões Metodológicas **237**

8.1 Refletindo sobre minhas experiências em campo **237**

8.2 O trabalho de campo – Como aconteceu **238**

8.3 As ferramentas da pesquisa e de análise **249**

8.4 Relações com as informantes-chave **257**

8.5 As parcerias estabelecidas em campo **261**

8.6 Um trabalho de campo "virtual" – O Fórum GPGuia **266**

8.7 Questões eróticas e de gênero no trabalho de campo **268**

Considerações Finais **273**

Referências Bibliográficas **278**

Introdução

A prostituição é uma atividade que pode ser discutida a partir de diversos pontos de vista. Nós, das ciências sociais, discutimos a presença da violência nessa atividade, as relações de trabalho e a vida profissional dessas mulheres, suas origens sociais e econômicas, suas histórias de vida. Mas, para a maioria das pessoas, discutir a prostituição significa falar de seus lugares comuns: "é a profissão mais antiga do mundo", "traz dinheiro fácil" ou "prostituta não beija na boca".

No universo cotidiano, regido pelo senso comum, essas são ideias que trazem consigo uma visão clássica e muitas vezes errônea do universo da prostituição: imagens nas quais as prostitutas organizam de forma quase perfeita a divisão entre suas vidas pessoal e profissional, lhes sendo vedadas o beijo, o orgasmo, o afeto ou qualquer outro tipo de contato mais íntimo com o cliente.

Existe uma grande produção científica e ficcional que se baseia nesse paradigma. Essa imagem da prostituição totalmente desligada da intimidade e da afetividade é bastante comum no mundo das artes e da literatura, como podemos observar na obra de dois conhecidos escritores brasileiros: Rubem Fonseca e Nelson Rodrigues, que cito aqui apenas como exemplos, sem querer exaurir o debate sobre o espaço da prostituta em nossa literatura.

Nelson Rodrigues trata do assunto em diversas peças. Entretanto, em *"Bonitinha mas ordinária*", de 1962, o autor constrói uma história baseada em muitos clichês que já existiam sobre prostitutas e que continuam nos influenciando. Nesta peça é contada a história de Edgard que, mesmo recebendo uma importante soma para casar-se com Maria Cecília, jovem rica supostamente desonrada, apaixona-se por Ritinha, prostituta que esconde a atividade sob um manto de conservadorismo.

A grande imagem dessa história encontra-se no seu desfecho, quando Edgard abandona a ideia e o dinheiro oferecido para que se casasse com Maria Cecília e vai viver com Ritinha, que afirma: "nunca tive prazer com homem nenhum. Você vai ser o primeiro" (PASSOS, 2011, p.248). Assim para Ritinha, que nunca havia experimentado o amor e o prazer na prostituição, é dada a oportunidade de redimir-se a partir do amor conjugal, dando um final dignificante e moralista a história.

Mais recentemente, o diretor alemão Florian Von Donnersmarck, em seu premiado filme "*A Vida dos Outros*", de 2007, também exibiu uma cena bastante comum no imaginário coletivo sobre a prostituição: na finada Alemanha Oriental, um oficial da *Stasi* contrata uma prostituta numa de suas solitárias noites. A mulher entra em seu apartamento, o cumprimenta como quem cumprimenta um vizinho, em seguida retira suas roupas, assim como as dele, que permanece todo o tempo sentado, impassível, no sofá. Os dois fazem sexo em alguns poucos segundos, com quase nenhum contato visual ou físico, e a relação consiste apenas na penetração mecânica e repetitiva. Imediatamente após o clímax atingido pelo homem, a prostituta se levanta e, sem falar uma única palavra, recoloca suas roupas, peça por peça, de forma rápida e impessoal, recolhe o pagamento e se dirige à porta. Ao vê-la, o oficial lhe pede para ficar um pouco mais, numa súplica carregada de carência afetiva. Ela nega essa possibilidade peremptoriamente, alegando que possui outro compromisso e que, se o oficial a quisesse por mais tempo, que a tivesse contratado por um período maior.

Essas são imagens clássicas de nosso imaginário sobre a prostituição: mulheres vocacionadas ou obrigadas a se prostituir, num ambiente sempre hostil e impessoal, trabalhando apenas com seus corpos, numa atividade fria e mecânica, evitando a todo custo qualquer aproximação afetiva com os clientes, para não cruzarem as sacratíssimas barreiras entre suas vidas pessoais e profissionais, para não se colocarem em risco ou serem condenadas pelas suas colegas. Não quero aqui afirmar que essas imagens são completamente falsas. Elas apenas são retratos que já não representam a complexa realidade da prostituição contemporânea com acuidade, como procurarei demonstrar adiante.

Essas histórias e imagens não são apenas cenas de histórias ficcionais mas, antes de tudo, parecem ser um retrato de como esse universo funcionava até o final do século XX. A literatura sociológica produzida entre os anos 1970 e final dos 1990 também ilustra essas ideias, corroborando de certa forma com o consenso social sobre a atividade nessa época.

Maria Dulce Gaspar (1985), em seu trabalho sobre garotas de programa em Copacabana, também deixa clara a forma como o trabalho dessas mulheres se revela como algo constantemente mecânico e impessoal. Para essa autora, o afeto e o prazer sexual da prostituta dentro da lógica profissional são absurdos, indesejados e perigosos, sendo admitidas as suas existências em ocasiões muito limitadas e especiais, muito mais como exceção do que regra. A autora concorda com Freitas, que afirma categoricamente: "a ascensão [profissional] requer neutralidade afetiva absoluta" (1985, p. 87). O diálogo abaixo, entre duas prostitutas da região

da Rua dos Guaicurus, área de prostituição popular no centro de Belo Horizonte, reflete bem essas concepções:

> Maria[1]: Alguns pedem pra beijar, pedem pra chupar os peitos...
> Bete: Deus me livre de beijar cliente. Misericórdia.
> Maria: Alguns pedem.
> Bete: Mas pra nós é difícil, a gente tá sempre contando os minutos pra pegar outros clientes, tá pensando na diária, pensando na grana. Então não estamos nem focado nisso, entendeu?
> Maria: Sim, eles acham que nós somos mulheres deles, sei lá. Pra mim já não é bom, eu já corto, porque nem se me pagar eu beijo. Pra mim não rola, beijo na boca, fazer oral em mim não rola.
> (Grupo Focal – Guaicurus, abril de 2017)

Assim, num modelo de prostituição mais comum e popular, que foi o tema principal tanto da literatura ficcional quanto da sociologia nas últimas décadas, a intimidade e os diferentes graus de afeto que ela engendra eram vistos como indesejáveis e raros, uma vez que o paradigma profissional era bastante estrito do ponto de vista da performance das mulheres, baseando-se quase sempre num satisfatório desempenho sexual. Outros aspectos do trabalho, como a escuta, a conversa ou o carinho, em geral estavam ausentes da atividade. A prostituta que queria ascender nesse universo deveria deixar bem claro os estritos limites de sua intimidade para os clientes.

Elisiane Pasini (2000), em "*Limites Simbólicos Corporais entre Prostitutas"* também destaca o respeito a estes limites nas práticas profissionais dos pontos de trabalho das mulheres na Rua Augusta em São Paulo no final dos anos 1990. A prostituição nesse local é descrita pela autora como uma maneira muito mecânica e impessoal de relacionar-se com os clientes, observando uma grande distância afetiva em relação a eles. Sobre essas práticas, a autora destaca a interdição de partes dos corpos daquelas prostitutas aos clientes, tais como boca e seios, além da proibição de passar a noite com eles, entre outras recomendações (PASINI, 2000, p. 190).

Como comentei anteriormente, não quero aqui afirmar que esse tipo de trabalho sexual não existe mais. Entretanto, para alguns autores, e como também pude perceber em minha pesquisa de campo, esta forma de prostituição na qual mulheres e clientes estabelecem interações mais impessoais e distantes parece estar ficando cada vez mais restrita à

[1] Todos os nomes foram alterados, para preservar o anonimato das entrevistadas.

prostituição mais simples e pobre, das classes populares, pelo menos na maioria dos contextos sociais (BERNSTEIN, 2007[2]).

Alguns autores[3] destacam como as prostitutas mais pobres, das degradadas *regiões morais* (PARK, 1984) das nossas grandes cidades exercem o trabalho sexual numa perspectiva que compreende a atividade quase sempre como apenas mecânica e sexual, ignorando as emoções, a intimidade e o afeto em relação aos clientes como parte do trabalho. O depoimento abaixo, de uma das mulheres que trabalham na região da Rua dos Guaicurus, região de prostituição pobre e degradada de Belo Horizonte, é revelador nesse sentido.

> Eu acho que eles [os clientes] já vão [no programa], mesmo, numa encenaçãozinha muito assim mais ou menos. Se exagerar eles não acreditam... Então a encenação é só pra ele não dizer "nossa eu tô aqui e você com cara de morta!" É aquele pensamento. Porque geralmente a pessoa tá lá (eu mesmo era fã de fazer isso) o cara tá lá e eu já ia de quatro e "ahã ahã" [imita sons sexuais sem muita empolgação] fazendo o "fingimentinho" básico, bem "basiquinho" e pensando "esse aqui é o cliente tal, tô ganhando tanto, vou ter que pagar tanto"... (risos) "Quando eu levantar daqui eu já tenho que levantar sorrindo, feliz pra pegar o próximo porque eu preciso de mais tanto..." Geralmente é isso que você pensa! (Relato em grupo focal de mulheres que trabalham na região da Guaicurus – BH, abril de 2017)

Mesmo destacando uma marcante impessoalidade e distância no trabalho das prostitutas, sobretudo dos meios populares, esses autores, entretanto, também já observavam certa dificuldade das mulheres em seguir estritamente todas essas regras de distância *vis-à-vis* aos clientes revelando, embora de forma marginal, como o afeto e outros sentimentos mais íntimos já se imiscuíam nas "puras" relações mercantis com estes homens, emergindo de forma subversiva, indesejada e inesperada, apesar dos esforços feitos pelas garotas de programa em seu trabalho.

---

[2] A obra de Elizabeth Bernstein (2007) é fundamental para esta tese. A autora faz sua análise em algumas cidades da Europa Ocidental e em São Francisco, nos EUA. Ela afirma que, nas metrópoles do primeiro mundo, está acontecendo um processo claro de decadência, marginalização acentuada e repressão à prostituição popular, mais pobre, negra e imigrante, ao passo que outras formas de prostituição, mais discretas, bem remuneradas e qualificadas estão sendo toleradas e normatizadas. Estou, assim, pegando emprestadas essas ideias e aplicando ao contexto brasileiro onde elas, claro, nem sempre se encaixam perfeitamente. Comento mais detalhadamente sobre isso na discussão teórica.

[3] Entre esses autores além dos já apontados no texto, cito no Brasil Rago, 1985; Bacelar, 1982; Barreto, 2008; Blanchette, Silva, 2009; Barros, 2005; Helene, 2015; Oliveira, 2008e Tedesco, 2008. No exterior, Weitzer, 2010; Porter, Bonilla; 2010; Pryen, 1999, Penttinen, 200; O'Neil, 2005; Faugier, Sargeant, 2005 e Bernstein, 2008, sem querer fazer uma lista exaustiva.

Pasini (2000, p. 196), por exemplo, admite que, apesar da maioria dos programas transcorrerem de forma impessoal e distante em relação aos clientes, há a possibilidade de haver alguma intimidade e afeto com o cliente, embora de forma residual. Ela chama a atenção para a facilidade com a qual as prostitutas solteiras e mais jovens ignoravam os conselhos de suas colegas, "boiando" (no jargão local, relacionando-se afetivamente) com os clientes, ao sentirem prazer ou beijarem na boca, ganhando a reprovação de seus pares.

Também é difícil manter a distância e a impessoalidade com alguns clientes "especiais", sobretudo aqueles que voltam frequentemente. Os programas com estes *habitués*[4] tendem a ser completamente diferentes da maioria das interações com os clientes na prostituição popular, uma vez que a frequência dos encontros e a intimidade que vai sendo criada modifica muito a relação. Falaremos sobre isso mais adiante.

Na literatura de ficção essa possibilidade de envolvimento afetivo aparece com alguma frequência. No conto *Lúcia McCartney*, por exemplo, Rubem Fonseca (2009) retrata a vida de Lúcia, uma jovem prostituta que se envolve com José Roberto, um importante e misterioso cliente. Na história, assim como em tantas outras histórias envolvendo prostitutas no mundo literário, Lúcia possui receios sobre afeto nutrido pelos dois, vendo-o como desgastante emocionalmente e perigoso.

Apesar disso, Rubem Fonseca exibe, aqui e ali, algumas situações de afeto nas relações entre Lúcia e seus clientes:

> Eu era chamada de Graveto. 'O graveto mais lindo do mundo', diz ele, me beijando. Eu vou toda pra ele, me entrego, me dou, ele está dentro de mim, eu rezo para demorar bastante, peço 'demora bastante! Muito! Não acaba!', ele me põe doidona, me derrete e meu coração fica batendo no peito, na garganta, na barriga, que-bom, que-bom, que-bom, que-bom, que-bom! (FONSECA, 2009, p.44)

Dessa forma, diversas formas de afeto e prazer, embora muito a contragosto admitidas e raramente aceitas, eram vistas como algo residual e indesejável, contribuindo inclusive para que a prostituta perdesse respeito entre as colegas, tornando-a uma profissional "sem moral" (PRYEN, 1999). A forma como a ficção e a literatura sociológica abordaram esse aspecto

[4] Este não é um termo comum entre as prostitutas. A maioria referiu-se a "clientes fixos" ou "fixos". Emprego o termo *habitué* para destacar este grupo dos outros clientes mais fugazes dentro do comércio sexual.

afetivo em diversos momentos apenas nos mostra como essa questão sempre esteve colocada no seio desse universo, embora, durante muito tempo, de forma essencialmente marginal.

Entretanto, quando observamos com mais cuidado o universo da prostituição, em todos os seus estratos, desde os mais simples e mal remunerados, até os mais "refinados" e "luxuosos", vemos que a questão da intimidade e dos afetos não parece ser mais tão residual. A intimidade, o prazer sexual e os relacionamentos são aspectos ainda pouco estudados, mas também parecem ser aparentemente comuns entre alguns grupos de prostitutas.

Quando essas mulheres, em seus anúncios, escrevem o que cito a seguir, podemos observar que, para alguns grupos de prostitutas, a questão da intimidade e do afeto com o cliente está colocada de forma mais natural, e parece fazer parte de sua prática profissional:

> Então amor, sou uma ótima cia. tranquila e refinada. Te recebo no meu flat em Moema [SP], discreto e aconchegante, próximo ao shopping Ibirapuera, com hora marcada, das 10h às 22h. Se preferir posso ir até você da maneira mais elegante e discreta possível. Minhas referências são ótimas e minha criatividade para ousar com você é infinita. No nosso encontro terá muitos beijos, oral maravilhoso e adoro receber [sexo oral] também. Meu atendimento é 100% real, se entregue e será correspondido. Meu presentinho é R$350 por 1 hora. Beijos. (Mensagem de celular recebida pelo autor como resposta a convite para entrevista. São Paulo, março de 2017)

> Sou Patricia, 21 anos, estou aqui pronta para dar bastante prazer para os meus namoradinhos. Sem preconceito nenhum, beijo bem gostoso na boca. Atendimento sem frescura e liberal. Sou estilo namoradinha ou aquela amante bem gostosinha. Beijo na boca, faço oral, tudo bem delicioso e com vontade. (do site VivaLocal, janeiro de 2016)

Esses anúncios chamam a atenção não apenas pelos serviços oferecidos, mas pela forma *como* são oferecidos. O comércio do sexo continua presente, mas sob uma forma menos estritamente profissional do que em outros ambientes de prostituição. A relação sexual é oferecida de forma mais íntima e pessoal, destacando não apenas os atributos físicos e da performance sexual da prostituta mas também traços de sua personalidade e comportamento no trato interpessoal. A ideia de *namoradinha* (BERNSTEIN, 2007) está presente nesses e em muitos outros anúncios de profissionais do sexo, representando uma pista importante para a compreensão de outros modelos de trabalho sexual.

A ideia básica presente no conceito de *experiência de namoradinha*[5] é a de que o programa é pensado de forma a criar uma interação mais íntima entre cliente e prostituta, onde haja espaço para conversa, carinho e prazer sexual recíproco. Em suma, é uma forma de prostituição que procura, de diversas formas, simular um relacionamento "comum", "legítimo" aos olhos da sociedade, disfarçando assim a natureza comercial-sexual da interação através de eufemismos de linguagem (como por exemplo, chamar-se de "acompanhante" e não de "prostituta") e de uma relação sexual e afetiva mais íntima e personalizada, de acordo com os desejos do cliente. Mais adiante vou debater com mais detalhes este conceito.

Em seus depoimentos[6], a maior parte das prostitutas costuma destacar uma separação razoavelmente clara entre suas vidas pessoais e seu trabalho. Para operar essas separações, elas podem lançar mão de uma série de técnicas e ideias, como a demarcação de partes de seu corpo que estão disponíveis ao toque do cliente e de outras que estão vedadas a ele, por exemplo (KEMPADOO, 2004). Entretanto, elas também destacam com frequência a presença de situações em que o afeto e os sentimentos são colocados dentro dos programas como, por exemplo, algumas relações com determinados *habitués* que lhes agradam afetiva e sexualmente.

No modelo mais comum e popular de trabalho sexual, uma prostituta pode se permitir ser totalmente transparente, no sentido de não ser obrigada a mostrar nenhuma satisfação naquilo que estava fazendo. Há relatos (como em FREITAS (1985), por exemplo) de prostitutas que realizavam seus programas assistindo à televisão ou lendo revistas. Além disso, poderíamos citar a emblemática cena do filme citado anteriormente, "*A Vida dos Outros*", na qual a prostituta não esboça a menor satisfação ou simpatia em momento algum. O depoimento abaixo, presente num fórum de internet onde clientes debatem suas experiências na prostituição (neste caso, em um estabelecimento mais pobre e simples do mercado sexual), é bem emblemático nesse sentido:

> Escolhi a Raiane, uma morena clara aparentando uns 28 anos, 1m75, cabelos lisos pretos, umas marquinhas de estrias na coxa mas nada que comprometa. Paguei os R$20 naquela muvuca, com todas as GP's [garotas de programa] olhando a minha

[5] *Girlfriend experience* na literatura de língua inglesa. A partir de agora usarei os dois termos, em português e em inglês, apenas para evitar repetições no texto.
[6] Como por exemplo, observo em trabalho anterior (Costa, 2013), e também alguns outros autores destacam, como França (2011) e Pasini (2000).

> carteira, então fui até o quarto nos fundos com banheiro e uma cama toda rasgada. Então pendurei minhas roupas e a Raiane já começou botando a camisinha e fazendo boquete. Olhei bem pra ela com as pernas abertas e achei muito bonita, pena que é cheia de "não-me-toques". Ela nem tirou o sutiã então depois de cinco minutos e ela toda mecânica, então mandei ela ficar de quatro, com uma visão linda dela, mas o engraçado que quando eu estava transando com ela, ela pegou o celular e ficou teclando no *whatsapp*. Achei hilária essa cena e fiquei à vontade, metendo até gozar porque antes ela teclando no celular do que olhando o relógio para ir logo. (Relato no site GPGuia, seção "Área Trash SP")

Em nossos diversos espaços de prostituição atuais, este tipo de interação distante, impessoal e mecânica é mais comum em contextos de prostituição popular (BARRETO, 2008; BLANCHETTE, SILVA, 2009; BARROS, 2005; HELENE, 2015; OLIVEIRA, 2008, TEDESCO, 2008). Entretanto, com a emergência[7] da *experiência de namoradinha*, hoje em dia, pode fazer parte das habilidades profissionais de muitas prostitutas – mesmo nas regiões de prostituição popular, ainda que de forma mais circunscrita – exprimirem alguma emoção, sentimento ou oferecerem mais intimidade no programa. Para que a interação seja satisfatória em aspectos não apenas sexuais muitos clientes passaram a exigir algum grau de afetividade, simpatia e envolvimento mais íntimo durante os encontros.

Para Otávio Sacramento, por exemplo, muitos clientes não procuram apenas prazer sexual nos programas que realizam, e buscam também "experiências emocionais do amor romântico, que lhes proporcionem conforto afetivo" (2006, p.158). Assim, as prostitutas lançam mão de diversos meios (como programas mais longos, bate-papo e uma conduta mais condizente às expectativas do outro) para colocar na relação com esses homens elementos emocionais e afetivos, com o objetivo de melhorar sua retribuição material e fidelizar o cliente.

Identificar o que agrada um cliente é um fator importante para o sucesso profissional da prostituta, uma vez que, como dissemos, é possível agradá-lo e fidelizá-lo[8], sendo assim melhor remunerada, a médio e longo prazo. Alguns clientes, por exemplo, podem não deixar claro quais são as práticas que os agradam, transferindo à prostituta a necessidade de, além de satisfazê-lo, *adivinhar* como. No debate travado na literatura anterior, quase sempre se fala em trabalho no sentido de agradar o cliente, através de uma performance sexual satisfatória.

[7] Mais adiante discuto quais foram as transformações sociais que proporcionaram a popularização do que convencionou chamar de *girlfriend experience.*

[8] Marina França (2011), entre outras várias autoras, afirma que a fidelização de clientes, ou seja, o ato de transformar alguns desses homens em *habitués* facilita o trabalho, em termos de segurança, e garante remuneração melhor.

Entretanto, acredito que ainda não se abordou suficientemente a tarefa de *descobrir* as preferências e expectativas dos clientes – não apenas sexuais – e realizá-las[9].

Portanto, hoje em dia faz parte do repertório de novas habilidades da prostituta contemporânea a tarefa de sondar, de "ler", os clientes, a procura do não óbvio: há o evidente, que a prostituição sempre ofereceu, mas hoje há – cada vez mais – também aspectos mais sutis nesse trabalho: o que o cliente espera, além de sexo? São as práticas que ultrapassam o caráter sexual do programa que mais marcam a *experiência de namoradinha*.

Desvendar a personalidade e o ânimo do cliente é importante para adaptar as performances que as profissionais do sexo vão incorporar nos programas, para seduzir, excitar, ajudar ou confortá-los. As prostitutas, por exemplo, podem ajustar sua conduta de acordo com as ocasiões: mais ativas ou passivas, carinhosas ou autoritárias, silenciosas ou falantes, sexys ou afetuosas (FRANÇA, 2011).

Dessa forma, os sentimentos e emoções não poderiam estar ausentes do trabalho sexual[10]; pelo contrário, atualmente – sobretudo a partir da ideia de *experiência de namoradinha* – eles são cada vez mais necessários ao bom desenvolvimento do programa e ao "encantamento do cliente" (FRANÇA, 2011). O envolvimento afetivo, nos mais diferentes níveis, faz parte, cada vez mais, das relações entre trabalhadoras sexuais e clientes, nas interações momentâneas, mas também numa perspectiva de prazo mais longo (como, por exemplo, nas tentativas de fidelização de clientes, da qual falarei mais adiante).

Ao contrário do que pressupunha a produção sociológica no Brasil até o fim dos anos 2000, que abordava a prostituição a partir de uma *dinâmica da distância*[11] hegemônica, com a maioria das interações entre clientes e prostitutas transcorrendo na total impessoalidade, alguns autores[12] mais recentes procuraram evidenciar o quanto o envolvimento afetivo pode

---

[9] Há alguns raros trabalhos antes dos anos 2000, como os artigos de Cohen *Thai Girls and Farang Men* (1982) e Vandersypen *Femmes Libres de Kigali* (1977), que abordam esta temática.

[10] Na verdade, nunca estiveram ausentes, uma vez que sempre existiram no passado forma mais íntimas e afetivas de prostituição, como as gueixas, no Japão; as cortesãs nas diversas cortes europeias; as diversas formas de concubinagem, inclusive no Brasil do passado, como ilustram bem as *teúdas e manteúdas* de Jorge Amado; ou as *call girls* dos anos 1940. Entretanto, diferentemente do nosso processo de transformação atual, estas formas de prostituição eram, no passado, "de elite" e extremamente raras na maioria dos contextos.

[11] Termo que cunhei para caracterizar os modelos de prostituição mais pobres, populares e estigmatizados, que baseiam-se em programas rápidos, impessoais e puramente sexuais, na maioria dos casos. Contrapõe-se à *dinâmica da intimidade*, comum entre as *namoradinhas.*

[12] Tais como Bernstein (2007); Bigot (2009); Chapkis (1997); Gil (2006); Hochschild (2003); Parrenas (2010); Roux (2009), Sacramento (2006), entre outros, que abordaremos nessa tese.

fazer parte do trabalho sexual em alguns contextos, sobretudo nos estratos mais caros e "refinados" do mercado sexual.

A busca por prazer, emoções e afetos (BERNSTEIN, 2007) pelos clientes, assim como a intensidade dos envolvimentos afetivos durante os programas[13] levaram as mulheres a uma interpretação mais elaborada dessas interações. Se por um lado a prostituta apresentada em *"A Vida dos Outros",* assim como muitas mulheres que trabalham em alguns espaços de prostituição popular, como a Rua dos Guaicurus em Belo Horizonte, por exemplo, possuem uma interpretação menos elaborada sobre *o que deve ser um programa,* concebendo-o geralmente apenas como mera atividade mecânica-sexual (PASINI, 2000); por outro lado, as mulheres de outros espaços de prostituição contemporâneos, como as *call girls* e as acompanhantes "de luxo" precisam refletir de forma mais ou menos constante sobre a forma de seu trabalho, no sentido de oferecer mais intimidade e afeto aos clientes.

As prostitutas em geral, mas principalmente as que ocupam os estratos mais altos do mercado sexual, possuem consciência de que seu trabalho, muito além da atividade sexual-mecânica, pode envolver atividades de escuta, incentivo, compreensão, e com frequência se descrevem também como atrizes e psicólogas (FRANÇA, 2011; BERNSTEIN, 2007). Suas ações são guiadas pelas experiências adquiridas, pelos conselhos dos pares e pela constante observação dos clientes, percebendo pistas mais ou menos implícitas de seus desejos durante a interação.

É através da reação e dos comentários dos clientes que esse *trabalho emocional*[14] (HOCHSCHILD, 2003), ou seja, o programa que envolve uma interação mais íntima com o cliente, pode ser percebido e valorizado, uma vez que durante o programa é difícil observá-lo de forma mais palpável. As emoções dos clientes podem representar um reflexo do trabalho bem executado. Entretanto, ao passo que esses contatos rendem remunerações interessantes e *feedbacks* importantes para o trabalho, eles podem também tornar a atividade mais desgastante psicologicamente (FRANÇA, 2011; BERNSTEIN, 2007; BARRETO, 2008).

---

[13] Essa intensidade depende muito do espaço onde o programa ocorre. Se é um ambiente mais disputado, perigoso e apressado, como o das prostitutas que trabalham nas ruas, ou se há tempo, espaço e segurança para programas mais longos e intensos, como nas boates da zona sul. Minha divisão, nesta tese, em dois grupos distintos, as *Meretrizes* e as *Namoradinhas*, baseia-se nessas diferenças de contexto para o exercício da prostituição.

[14] Hochschild define como trabalho emocional aquele que requer contato direto com o público; que o trabalhador precisa produzir um estado emocional na outra pessoa (como o medo, no caso dos cobradores de dívidas analisados pela autora) e que o empregador exerça algum controle sobre a atividade emocional do empregado, através de treinamento ou supervisão, por exemplo.

O fato de o envolvimento afetivo tornar-se, em muitos contextos (como na prostituição "de luxo", por exemplo), uma dimensão fundamental da atividade da prostituta pode trazer consequências psicológicas para essas mulheres. Dessa forma, algumas profissionais do sexo descrevem certo desgaste advindo do contato frequente com a intimidade dos clientes. Muito além do sexo, eles também passaram a demandar atenção, elogios, uma escuta atenta e solícita (FRANÇA, 2011; BERNSTEIN, 2007; BIGOT, 2009).

França (2011) indica que algumas dessas mulheres consideram a atividade estritamente sexual e mecânica como menos desgastante, uma vez que o trabalho se refere apenas a uma atividade corporal, física, e evitam um contato mais íntimo com os clientes. Blanchette e Silva (2009) afirmam que, na prostituição popular, a atividade estritamente sexual e impessoal é vista como uma das *vantagens* do trabalho.

Quando pude observar em meu trabalho de campo as regiões de prostituição mais popular e pobre, como as regiões da Rua dos Guaicurus em Belo Horizonte, a região da Estação da Luz em São Paulo e a Região do Largo Treze em Santo Amaro (São Paulo), por exemplo, ouvi muitas vezes a reclamação de que os clientes "misturam tudo", expondo seus problemas e dramas pessoais dentro do programa, intimidade considerada desnecessária pelas prostitutas locais.

Nesses espaços de prostituição, assim como outros espaços de prostituição popular, como o Jardim Itatinga, em Campinas ou a Vila Mimosa, no Rio, por exemplo, são caracterizados por uma forte impessoalidade, e qualquer aspecto afetivo e íntimo ainda é veementemente rejeitado (HELENE, 2015; PASINI, 2005; SPAGGIARI, RODRIGUES, FONSECA, 2012). O depoimento abaixo exemplifica os conflitos que podem acontecer dentro do programa quando cliente e prostituta não concordam com o nível de intimidade que estará presente no programa:

> Teve uma vez que o cara entrou assim e falou "eu quero fazer você gozar". Eu disse "tá bom". Ele disse "mas eu quero ficar à vontade contigo". E eu: "tá bom, vamos". Mas durante o programa eu tava fingindo né? Aí ele não aguentou de tanto eu ficar fingindo e falou "ah não! Para que eu vou botar a roupa!" Ele disse que eu tava fazendo cena. Pagou o programa e saiu. Uai, eu vou falar ou fazer uma coisa que eu não tô sentindo?! Aqui ninguém tá nem aí pro cliente não. Ele falou "eu já tô acostumado com vocês, sei que isso é cena! Toma seu dinheiro". E nunca mais fez programa comigo. (Renata, Guaicurus – BH)

Este depoimento deixa claro um conflito em relação ao nível de engajamento no programa entre clientes e mulheres que trabalham na prostituição popular (FRANÇA, 2011). O cliente propõe dar prazer sexual à prostituta, algo que não é frequente neste universo. Além disso, ele afirma querer ficar "à vontade", ou seja, que as regras do programa sejam relaxadas, como o controle do tempo realizado pela mulher, o que também não é comum. Durante o programa ele se decepciona com a performance sexual excessivamente teatral e artificial da prostituta e reclama. Ela se surpreende com esta reclamação, uma vez que esse tipo de queixa não é usual nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus.

Este citado desgaste psicológico pode ter origem num contexto de trabalho sexual que envolve mais intimidade: a *experiência de namoradinha*. As mulheres que trabalham em contextos organizados de forma mais impessoal e estritamente profissional costumam ter outros problemas, menos ligados à convivência íntima com seus clientes. Este é ainda, como citei anteriormente, o caso dos hotéis da Rua dos Guaicurus, onde as mulheres lamentam com frequência os episódios de violência, a exploração dos donos dos estabelecimentos, os baixos preços dos programas, a brutalidade e falta de higiene dos clientes, mas comentam mais raramente sobre as dificuldades geradas pelo envolvimento afetivo com os homens que ali frequentam[15].

No contexto brasileiro existem alguns espaços bem nítidos de prostituição, com dinâmicas de trabalho e remunerações bastante diferentes, e há um constante fluxo de mulheres entre eles. Em um trabalho anterior (COSTA, 2013), comentei sobre as características de cada espaço e suas influências sobre as condições de segurança e as técnicas desenvolvidas pelas mulheres para melhorar essa segurança. Entretanto, não destaquei o impacto que as características de cada espaço poderiam ter no trabalho emocional e afetivo dessas mulheres.

Há espaços mais impessoais, onde impera a *dinâmica da distância e* predominam relações entre clientes e prostitutas estritamente comerciais-sexuais, tais como as zonas e bordéis da região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, a região da Luz, em São Paulo, a Vila Mimosa, no Rio, ou ainda o Jardim Itatinga, em Campinas, para citar alguns espaços famosos da prostituição popular no país, que funcionam num modelo de *fordismo prostitucional*[16] bastante evidente. Ao mesmo tempo em que há outros lugares, como os privês, boates e *flats*

[15] Os resultados do meu trabalho de campo feito aí, entre 2016 e 2017 apontam nessa direção.
[16] Expressão minha: Há, nos hotéis da Guaicurus, por exemplo, um modo de trabalho cujo padrão é a pressa e a rentabilidade, bastante permeadas por um forte ar *blasé*, transformando a maioria dos programas numa interação mecânica, impessoal e racionalmente organizada em seus mínimos detalhes.

de bairros mais "requintados", cuja forma de funcionamento, muito influenciada pela *experiência de namoradinha*, pode proporcionar uma maior intimidade nas relações, exigindo um envolvimento mais intenso[17] entre clientes e prostitutas.

Minha ideia principal, que busco ressaltar nas próximas páginas, é observar como as características de cada espaço de prostituição da cidade podem influenciar no trabalho emocional e afetivo realizado por essas mulheres (*girlfriend experience*), assim como de que maneira essas características também impactam na forma como elas veem e vivem sua sexualidade e seus relacionamentos, tal como expõe Elizabeth Bernstein:

> As diferentes realidades apresentadas por esses distintos mercados do trabalho sexual [a autora fala sobre a prostituição de rua e a prostituição nas boates] são exemplos para revelar as formas em que prática e experiência subjetiva na venda do sexo variam de acordo com a localização estrutural dos participantes, sugerindo setores decadentes e emergentes na economia sexual das cidades pós-industriais. (Bernstein 2007, p. 19 – tradução minha[18])

Mesmo os mais leigos no assunto poderiam concordar que as prostitutas, assim como profissionais de outras atividades, trabalham e esforçam-se para que seus clientes fiquem satisfeitos e voltem. Dessa forma, com novas exigências dos clientes e novas possibilidades de organização do programa, variáveis que discutiremos mais adiante, alguns autores (Como BERNSTEIN, 2007) sustentam que a prostituição está deixando, cada vez mais, de ser apenas um trabalho mecânico-sexual, para incluir outros aspectos mais íntimos e afetivos, dentro da lógica da *experiência de namoradinha.*

Esses autores sustentam que houve, nos últimos anos, uma forte diversificação do mercado, com alguns setores entrando em decadência e outros emergindo dentro de cidades que também passaram por um processo de transformação, como discute Bernstein (2007): as formas de trabalho mais pobres, impessoais e padronizadas vem tendo seu espaço reduzido cada vez mais às margens do mercado sexual (pelo menos nos países do Primeiro Mundo),

[17] É comum, por exemplo, que clientes paguem, nestes locais, por programas mais longos e íntimos, como passar uma noite inteira com a prostituta.

[18] "The disparate realities presented by these distinct markets in sexual labor are exemplar both in revealing the ways in which the practice and subjective experience of selling sex vary in accordance with the structural location of the participants, and in suggesting declining and emergente sectors within the sexual economies of postindustrial cities." (original)

sendo menos remuneradas e mais moralmente atacadas, dando espaço a novas possibilidades de se organizar os programas, sobretudo orientadas pela *girlfriend experience*.

Enquanto alguns setores da economia (como a aviação comercial, por exemplo, que foi abordada por HOCHSCHILD, 2003) abandonaram uma grande miríade de serviços e ofertas personalizadas em relação aos clientes para seguir um forte processo de padronização e impessoalidade, parece ter acontecido o processo inverso na prostituição: nas últimas décadas a atividade se tornou mais complexa e incorporou aspectos mais íntimos e sutis em relação aos clientes, abandonando formas padronizadas e "profissionais demais" de pensar as interações entre prostituta e cliente (BERNSTEIN, 2007; BERNSTEIN, 2008; BIGOT, 2009): esta é a forma de trabalho das mulheres que se apresentam como *namoradinhas.*

Assim, minha investigação sobre esses contextos de prostituição mais íntimos e afetivos representados pela figura da *namoradinha* compõe-se de duas perguntas principais: *primeiramente* quero entender como e por que esse contexto de comércio sexual baseado na *girlfriend experience* envolve, nos programas, aspectos mais íntimos e afetivos e quais as consequências dessa nova maneira de trabalhar. Em outras palavras, qual a origem da *experiência de namoradinha* e qual seu impacto no mercado sexual?

Em segundo lugar, gostaria de compreender como a sexualidade e a afetividade dessas mulheres é afetada pelo seu trabalho, sobretudo aquelas que trabalham mais frequentemente dentro da *experiência de namoradinha*, uma vez que nos contextos em que a prostituição compreende apenas fazer sexo em troca de pagamento de maneira mais impessoal, como a prostituição popular, parece ser mais fácil para as prostitutas segregarem as esferas profissional e pessoal de suas vidas. Dito de outra forma: em que sentido se prostituir dentro da *experiência de namoradinha* afeta ou modifica o trabalho sexual e seu impacto na vida pessoal e íntima dessas mulheres?

Nessas duas inquietações procuro sempre considerar que a prostituição nunca foi um universo homogêneo e simples, e quero destacar como essas questões (a emergência de uma forma de prostituição mais afetiva e íntima – namoradinhas – e o impacto disso nos relacionamentos e na vida amorosa e sexual dessas mulheres) são colocadas de formas diferentes em diversos espaços de prostituição das cidades, tais como as ruas, os hotéis e zonas das *regiões morais* (PARK, 1984) e os sites de internet. Acredito que as especificidades de cada lugar podem condicionar as experiências e reflexões dessas mulheres.

Por exemplo, considerando que os hotéis da Rua dos Guaicurus (para citar apenas o exemplo de Belo Horizonte, por enquanto) ainda funcionam num sistema bastante apressado e impessoal, aí não são sentidas com a mesma intensidade algumas questões sobre intimidade e afetividade que, para as mulheres que trabalham mediadas pela internet ou nas boates de luxo, se colocam de forma mais evidente e imperiosa.

A divisão que fiz entre os dois espaços de prostituição apresentados nesta tese baseia-se na dinâmica de trabalho de cada um, ou seja, como se processam as interações entre clientes e prostitutas dentro desses ambientes. Estes grupos, que chamei de *Meretrizes* e de *Namoradinhas* ocupam, *grosso modo*, lugares diametralmente opostos dentro do universo do mercado sexual, se considerarmos suas condições de trabalho e seus *ethos*. Apesar da palavra *"meretriz"* ter caído em desuso nos últimos anos, acredito que ela ainda pode nos ajudar a explicitar a dinâmica de trabalho das prostitutas das regiões mais populares do mercado do sexo. Os termos *"acompanhante"* ou *"namoradinha"* são muito usados hoje em dia, e servem para nomear uma grande variedade de dinâmicas do trabalho sexual, todas mais qualificadas e íntimas, dentro da ideia de *experiência de namoradinha*, de modo que utilizarei estes termos para descrever este segundo grupo.

Ao passo que o trabalho das *meretrizes* acontece nas *regiões morais* e *zonas boêmias*, e é – em geral – menos qualificado, mais simples, mais estigmatizado, mal pago e relativamente distante e impessoal para a grande maioria dos clientes; o trabalho das acompanhantes ocorre de forma muito diferente, não sendo possível localizá-lo numa região específica da cidade, sendo mais qualificado, bem pago, discreto, íntimo e afetivo. É claro que me refiro aqui à *maioria dos programas*, uma vez que, como já dissemos, as exceções são abundantes, e há possibilidades, mais ou menos restritas, de *experiência de namoradinha* na prostituição popular assim como há programas mais ou menos impessoais na prostituição de luxo das namoradinhas. Mas estes casos são mais exceção do que regra.

Há, para além desses dois grupos, uma grande diversidade de outros agrupamentos e espaços dentro do mercado sexual, como as boates, por exemplo, que não abordei por falta de tempo e recursos para conduzir um bom trabalho de campo nesses locais. Esses espaços intermediários podem ter características que os colocariam mais próximos das *meretrizes* ou das *namoradinhas/acompanhantes*, mas não quero me arriscar aqui a categorizá-los. Além disso, também há um fluxo de mulheres entre esses diversos espaços, sendo alguns mais evidentes que outros. Por exemplo, a transferência de mulheres entre as boates mais refinadas e os

espaços de namoradinhas, sobretudo mediados pela internet, é bastante evidente. Por outro lado, o fluxo entre os dois extremos aqui retratados é mais raro, e só pude encontrar duas informantes que haviam vivido esta mobilidade, saindo das *meretrizes* e tornando-se *acompanhantes*. Parecem ser exceções também.

Blanchette e Silva (2009) discutem as formas de estratificação e hierarquização dentro da prostituição no Rio de Janeiro, destacando que essas categorizações podem ser feitas a partir de três variáveis básicas: características econômicas, morais e espaciais. Se tomarmos emprestadas essas ideias, os dois grupos analisados aqui, *meretrizes* e *acompanhantes/namoradinhas* continuam sendo diametralmente opostos, habitando universos morais, econômicos e geográficos muito diferentes.

Do ponto de vista moral, estes grupos ocupam lugares muito diferentes, uma vez que as prostitutas das regiões populares precisam lidar diariamente com o estigma, as condenações sociais e a perseguição dos agentes do Estado, uma vez que realizam um trabalho sexual muito explícito e condenável para o senso comum; as namoradinhas, por outro lado, por trabalharem de forma mais discreta e mistificada, tornam difícil a sua identificação e consequente condenação como "prostitutas".

A partir do aspecto econômico, *meretrizes* e *namoradinhas* também ocupam lugares muito diferentes, uma vez que as primeiras trabalham em um sistema muito precário e explorador e, em geral, pouco rentável, com programas mais baratos e pouco qualificados, procurando ter o máximo possível de clientes, mantendo com eles rápidas relações. O segundo grupo, por outro lado, ao trabalhar numa dinâmica mais íntima e qualificada, possui programas mais caros e personalizados e, em geral, precisam realizar menos esforço para ganhar mais dinheiro. De toda forma, apesar dessas diferenças, os clientes *habitués* representam, para ambos os espaços do mercado sexual, um importante grupo em relação à rentabilidade e previsibilidade financeira.

Por fim, do ponto de vista geográfico/espacial, este dois grupos também estão em situações muito diversas, com as prostitutas das regiões mais pobres ocupando antigas e degradadas *regiões morais* (PARK, 1984) das metrópoles, o que explicita muito sua incômoda condição moral, aos olhos do resto da sociedade; ao passo que as namoradinhas, ao estarem espalhadas pela cidade situando-se, sobretudo, em bairros mais ricos e "refinados", conseguem disfarçar de forma muito eficaz a natureza "condenável" do trabalho sexual que exercem.

A tabela abaixo procura mostrar as diferenças básicas entre esses dois espaços do mercado sexual:

Tabela 1 – Características principais dos grupos analisados

	Merertizes **Prostituição Popular**	*Namoradinhas* **Acompanhantes "de luxo"** ***Call girls***
Lugares analisados	Região da Guaicurus (BH) Região da Estação da Luz (SP) Região do Largo Treze e Praça Floriano Peixoto (Santo Amaro, SP)	Serra, Savassi (BH) Jardins, Moema, Itatim-Bibi (SP)
Relação com clientes	*Dinâmica da distância*. Programas, em sua maioria, impessoais, sem emoções e afetos, focados apenas nos aspectos sexuais e econômicos.	*Dinâmica da intimidade.* Programas, em sua maioria, mais íntimos e afetivos, com foco (também) em aspectos que vão além do sexo.
Experiência de namoradinha	Rara. Dificultada pela estrutura dos ambientes onde o programa acontece (zonas, ruas, hotéis precários) ou pela pressa.	Hegemônica. Facilitada pelos lugares onde os programas são realizados (*flats*, privês, apartamentos, motéis) e pela duração maior deles.
Situação social e econômica	Em geral mulheres oriundas de famílias pobres, negras, com pouca formação e qualificação. Programas mais baratos. Ganha-se na quantidade.	Em geral mulheres oriundas das classes médias, brancas, com alguma formação ou pagando seus estudos. Programas mais caros e longos. Ganha-se nos serviços oferecidos.
Situação moral	Estigmatizada de diversas formas, sobretudo por ser uma forma de prostituição *explícita* e por ocupar regiões degradadas da cidade.	O estigma é mais difuso porque a atividade se mistifica de diversas formas e não está concentrada espacialmente.
Situação geográfica	Concentrada nas *regiões morais* das metrópoles.	Geograficamente difusa pela cidade, embora haja concentração em alguns bairros mais ricos.

Esta tese se compõe de oito capítulos. Na "*Revisão Bibliográfica"* e teórica que abre a obra discuto o processo de decadência e de ascensão de diferentes modelos de prostituição, discutindo as transformações sofridas nos últimos anos pelo mercado sexual. Debato também o impacto da internet e da atuação no Estado para que estas transformações acontecessem. Por fim faço um panorama da discussão acadêmica sobre a *experiência de namoradinha* e de sua relevância para a compreensão da prostituição atual no Brasil.

No capítulo 2 apresento um panorama da prostituição mais pobre, distribuída pelas *regiões morais* dessas cidades. Em Belo Horizonte, analiso o contexto social e sexual das mulheres que trabalham na região da Rua dos Guaicurus, uma área muito pobre e degradada de trabalho sexual no centro da cidade. Em São Paulo pude analisar as condições de exercício da prostituição na região da Luz, na região central, e em Santo Amaro, duas *regiões morais* bastante populares, ainda que muito degradadas.

No capítulo 3 discuto sobre a prostituição *pós-industrial* (BERNSTEIN, 2007) nas duas cidades estudadas (Belo Horizonte e São Paulo). Pude conversar com muitas *call girls*, *escort girls*, acompanhantes, namoradinhas, terapeutas e massagistas que trabalham num sistema muito mais íntimo e qualificado em comparação à prostituição popular. Essas mulheres se anunciam pela internet, redes sociais e aplicativos de celular, realizam seus programas em hotéis, motéis, flats ou privês (quase sempre em bairros de classe alta) e possuem uma rotina de trabalho que raramente lembra a dinâmica da prostituição popular.

No capítulo 4 debato sobre como os estigmas sociais afetam de forma diferente as *meretrizes* que trabalham nas regiões mais populares e aquelas que trabalham como *call girls* e *namoradinhas*. Foi possível perceber que o primeiro grupo sofre mais com as condenações morais coletivas e possui certa dificuldade para *mistificar* seu trabalho, ou seja, disfarçá-lo na forma de outras atividades socialmente aceitas, como um relacionamento qualquer, por exemplo. Por outro lado, as *namoradinhas, acompanhantes* e outras prostitutas de estratos mais altos do mercado sexual trabalham em um sistema muito mais discreto, que as afasta destas condenações sociais e valoriza financeiramente sua atividade, uma vez que sua atuação, em geral, *não se parece explicitamente com a prostituição*.

No capítulo 5 discuto como se processam as interações sexuais e afetivas entre clientes e prostitutas das regiões mais pobres e também dos estratos mais altos da atividade. É possível perceber que a maioria dos programas realizados nas *regiões morais* são muito curtos e impessoais, ao passo que a maioria das interações entre as *namoradinhas* e seus clientes que

ocorrem em bairros mais ricos, são marcadas por muitas práticas extrassexuais, ou seja, envolvem mais do que apenas a relação sexual, podendo compreender carinho, conversas e muitas outras práticas de natureza afetiva que fazem parte da *experiência de namoradinha*.

No capítulo 6 apresento um panorama dos perfis dos homens que frequentam os espaços de prostituição popular e também daqueles que são clientes das *namoradinhas* e de outros grupos situados em um estrato mais alto dentro do mercado sexual. Apesar de existirem algumas características em comum entre estes grupos de clientes, também há diferenças fundamentais, sobretudo relacionadas à idade e à renda destes homens. Também discuto como o desenvolvimento da internet e dos aplicativos de celular (como o *Tinder*, por exemplo) impactou o mercado sexual, em particular facilitando o trabalho das mulheres que se prostituem dentro da lógica da *experiência de namoradinha*. O trabalho das *namoradinhas* depende quase exclusivamente da internet; e as redes sociais e sites de prostituição também tem tido influência sobre as prostitutas dos espaços mais populares, em particular aquelas que procuram exercer, ocasionalmente, a *girlfriend experience*.

No capítulo 7 debato questões relacionadas ao surgimento de relacionamentos entre clientes e prostitutas tanto nos espaços mais pobres quanto nos estratos mais altos do mercado sexual. Apesar de existirem algumas diferenças na forma como se relacionam com os clientes e como os relacionamentos afetivos com estes homens podem se processar, existem algumas semelhanças entre estes grupos de prostitutas, em particular relacionados aos dilemas morais enfrentados por essas mulheres no desenvolvimento de seus relacionamentos com ex-clientes.

Por fim, nas "*Reflexões Metodológicas"* faço uma descrição sobre como foi realizado o trabalho de campo, comento sobre as parcerias que pude estabelecer com grupos e pessoas relacionadas ao trabalho sexual, reflito sobre minha relação com informantes-chave e sobre as dificuldades em campo e na análise das informações obtidas aí. Também procuro fazer algumas ponderações sobre o papel do gênero do pesquisador no trabalho de campo, ou seja: faz diferença ser um homem estudando prostituição feminina? Quais são as vantagens e desvantagens? Esta reflexão parte do fato de que a grande maioria da minha bibliografia compõe-se de mulheres que fizeram trabalhos de campo em diversos espaços de prostituição e relataram dificuldades diferentes das minhas.

1 – Revisão Bibliográfica

1.1 Decadência e ascensão de diferentes modelos de prostituição

Em publicações recentes, Arlie Hochschild (2003) e Elizabeth Bernstein (2007) discutiram como a nossa vida íntima e afetiva sofreu mudanças nos últimos trinta anos. Um comércio sexual diversificado e em expansão ganhou força a partir do turismo e do aumento das viagens de trabalho, e desenvolveu-se uma forte relação entre o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e a "privatização do consumo comercial" (BERNSTEIN, 2007, p. 4). Além disso,

> a ascensão do setor de serviços e do trabalho temporário, um aumento do trabalho imigrante de países em desenvolvimento para países desenvolvidos e a emergência de novos paradigmas de família e comunidade contribuíram para o aumento e diversificação do trabalho sexual. Para muitos setores da população, essas mudanças resultaram em novas configurações da vida íntima assim como novas disposições eróticas – que esse mercado dá conta de satisfazer. (BERNSTEIN, 2007, p. 4 – tradução minha[19])

A prostituição não escapou dessas transformações sociais. Bernstein (2007) defende a ideia de que, no comércio do sexo contemporâneo, existe uma tendência a uma maior incorporação da intimidade e das emoções nas transações: é o que se convencionou chamar de *experiência de namoradinha*. A mistura entre a lógica do mercado sexual e as novas e maiores necessidades emocionais e afetivas da esfera privada teriam criado uma valorização da intimidade e do afeto no trabalho sexual, assim como a possibilidade de negociá-la mais explicitamente. Essa tendência é percebida, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, e mais ainda entre as trabalhadoras sexuais das classes médias e altas:

[19]"the rise in service occupations and temporary work, an increase in labor migrations from developing to developed countries, and the emergence of new paradigms of family and community have fueled the growth and diversification of sexual labor. For many sectors of the population, these shifts have resulted in new configurations of intimate life as well as in new erotic dispositions – ones which the market is well poised to satisfy". (Original)

> [...] pessoas relativamente privilegiadas – mulheres em particular – passaram a participar de encontros sexuais-comerciais como resposta a novos significados sociais e subjetivos que acrescentaram ao sexo comercial. Apesar da economia sexual global continuar a absorver participantes das classes mais desprivilegiadas entre os trabalhadores pobres, ela está aumentando a incorporação de membros de outras classes sociais, em particular indivíduos que pertencem ao que chamamos de formas variadas de "nova classe média", "classe criativa" ou "*nova petite bourgeoisie*". [...] Isso tornou a prostituição de rua e outros 'antigos' estilos de comércio sexual menos socialmente aceitáveis. (BERNSTEIN, 2007, p. 4 – tradução minha[20])

Esta autora traz uma análise temporal e afirma que nos últimos 150 anos as sociedades ocidentais vivenciaram três "modelos" ou "tipos ideais" (que, de acordo com a autora, sempre coexistiram, destacando-se cada um em determinado momento histórico) de trabalho sexual de acordo com algumas épocas: *modernidade nascente*, *moderna-industrial*, *pós-industrial.* Esses "tipos ideais" podem ser úteis para nós na medida em que expressam modelos que podem ser aplicados, com mais ou menos ressalvas, às nossas realidades, nos ajudando a entender as transformações sofridas pelo mercado sexual nas últimas décadas.

A troca sexual-comercial na "modernidade nascente" compreendia, sobretudo, a venda de companhia e serviços sexuais a clientes pertencentes à classes mais ou menos marginais, como soldados ou marinheiros. Os programas realizavam-se nas tavernas ou ruas. Prostitutas e clientes raramente eram importunados e a troca era organizada informalmente. Apenas serviços sexuais eram comercializados, não havendo espaço, tempo nem abertura pessoal para contatos mais íntimos e personalizados (BERNSTEIN, 2007, p.170).

O paradigma da troca "moderna-industrial" evoca os *distritos da luz vermelha* nos países industrializados, já no século XX e outros bairros de prostituição mais ou menos estigmatizados (como a região da Rua dos Guaicurus ou a Vila Mimosa, no Rio), num conceito que se aproxima da *zona moral* de Park (1984). Aí, os atos sexuais consistiam essencialmente em sexo vaginal e oral, com programas muito simples, rápidos e impessoais.

A prostituição era geralmente criminalizada ou, num outro extremo mais raro, controlada por agentes do Estado (como as *maisons closes* francesas ou os bordéis militares das duas guerras

[20] "relatively privileged people – women as well as men – have entered into commercial sexual encounters in response to new subjetive and social meanings that append to market-mediated sex. Although the global sexual economy continues to draw participants from the most disadvantaged strata of the working poor, it increasingly incorporates members of other social classes as well – in particular, individuals pertaining to what has been variously termed the 'new' middle class, the 'creative class' or the 'new petite bourgeoisie'. [...] that has made street prostitution and other 'older' styles of sexual commerce less socially acceptable" (original).

mundiais) e a troca era organizada por cafetões ou pelas *madames*, mulheres cafetinas. O programa - assim como nos tempos pré-industriais - consistia unicamente no serviço sexual: qualquer intimidade estava ausente e as prostitutas davam grande importância à demarcação entre sua vida pública e privada. (BERNSTEIN, 2007, p.170).

O último modelo, do comércio do sexo "pós-industrial", que para nós pode ser o mais útil, compreende uma maior diversificação, especificação e personalização do trabalho sexual. Ele se apresenta de maneira geograficamente fragmentada (não há mais guetos ou zonas boêmias, por exemplo) por toda a cidade e é facilitado por novos meios de comunicação, como a internet. A divisão que as mulheres organizavam entre esfera pessoal e profissional diminui com a introdução de mais intimidade e afeto: é a *experiência de namoradinha*. A organização da troca se faz por anúncios na internet ou em clubes e boates. (BERNSTEIN, 2007, p.170).

Bernstein destaca que pensar em diferentes formas de organização histórica da atividade das prostitutas pode ser um dispositivo para facilitar a compreensão das realidades e das formas de prostituição anteriores à nossa realidade, e das transformações que elas sofreram até hoje. Estes outros paradigmas, que ela coloca como historicamente anteriores, não desapareceram completamente (o caso da região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, e de outros espaços de prostituição popular exemplificam bem essa questão), da mesma forma que a busca por mais afeto, emoção e intensidade pelos clientes já existia antes do paradigma pós-industrial. O que a autora quer destacar é a *hegemonia* desse último modelo nas sociedades ocidentais, e a decadência dos modelos "mais antigos" e populares de prostituição no mundo desenvolvido.

Para Bernstein, a ideia de um modelo pós-industrial de prostituição baseia-se na transição de um modelo econômico antes baseado na produção por outro modelo baseado no consumo, que se estende a esfera privada: as demandas dos clientes passam a compreender mais que o *consumo de sexo*, abrangendo também aspectos mais íntimos da interação. A prostituição, nesse contexto, inclui a ideia de que a atenção e o afeto *podem ter* mais importância que o contato sexual, e a reciprocidade do prazer e a importância da ilusão de um contato amoroso passam a ser fundamentais, em alguns contextos (BERNSTEIN, 2007).

Nesse caso, beijar na boca, por exemplo, uma prática historicamente excluída do trabalho sexual (FRANÇA, 2011, p.125), pode tornar-se parte essencial da atividade, incluindo no programa uma intimidade e um afeto desejáveis para o bom desenvolvimento do trabalho da

prostituta. É a partir dessa discussão que Bernstein desenvolve a ideia de que as trabalhadoras sexuais se colocam cada vez mais no papel de *namoradinhas*, uma vez que

> quando prostitutas anunciam-se como "namoradas de aluguel" e se descrevem de uma forma em que não oferecem apenas erotismo, mas vendem uma conexão íntima e autêntica no mercado, quando trabalhadores da [área de] tecnologia sobrecarregados discutem sua busca por autenticidade emocional no contexto de transações sexuais [pagas], e quando os políticos municipais [no caso, São Francisco, no EUA] pensam em estratégias para eliminar a "monstruosidade" da prostituição de rua enquanto encorajam o desenvolvimento de "clubes de cavalheiros" corporativos, nós estamos testemunhando os desdobramentos dessa transformação. (BERNSTEIN, 2007, p. 7 – tradução minha[21])

Assim, oferecer um serviço mais personalizado e íntimo se justifica dentro de um novo contexto de mercado, mas também a partir das difíceis relações com o poder público. Além de diferentes demandas dos clientes, as prostitutas passaram, sobretudo nos países desenvolvidos, a enfrentar um combate mais renhido contra as forças policiais e legislativas. Dessa forma, ser namoradinha e transformar o programa em uma interação mais íntima e afetiva passa a ser, além de mais rentável monetariamente, menos reprovável do ponto de vista moral e mais difícil de ser enquadrado como crime, por exemplo (BERNSTEIN, 2008, p.351).

Nesse contexto, o programa das namoradinhas passa a ser pensado e transcorre de forma a criar uma interação mais íntima entre prostituta e cliente, privilegiando a conversa, o carinho e certo desapego aos elementos mais mercantis da profissão, tais como a contagem do tempo e a transação em dinheiro efetivo. Essa personalização do contato com o cliente adiciona mais *status* e dinheiro ao trabalho, uma vez que as mulheres que possuem um perfil menos comercial ou racionalizante são mais valorizadas dentro do imaginário moral e social e consequentemente mais bem pagas (CHAPKIS, 1997, p.102), uma vez que os programas simulam relacionamentos legítimos aos olhos da sociedade.

[21] "when sex workers advertise themselves as 'girlfriends for hire' and describe the ways in which they offer not merely eroticism but authentic intimate connection for sale in the marketplace, when overworked high-tech professionals discuss their pursuit of emotional authenticity whitin the context of paid sexual transactions, and when municipal politicians strategize about the best means to eliminate the eyesore of street prostitution while encouraging the development of corporate 'gentleman's club', we are witnessing the unfolding of precisely this transformation." (Original).

1.2 Mudanças nos comportamentos e motivações dos clientes

O trabalho sexual vem sofrendo uma grande transformação, sobretudo desde o início do século XXI. Ao mesmo tempo em que a quantidade de interações e de dinheiro envolvido nessa atividade cresceu de forma quase geométrica nos últimos anos, assim como a quantidade de homens/clientes e mulheres/prostitutas aumentou muito; a prostituição também se tornou mais complexa e heterogênea, quando comparada a tempos passados.

Essas transformações nas dinâmicas da prostituição feminina e do que é ofertado nessa atividade foram, de certa forma, uma resposta aos seguintes fenômenos: os clientes, homens em sua enorme maioria, passaram a demandar novos serviços, antes raros na atividade, tais como uma performance que envolve afeto, emoção e "autenticidade" sexual. Além disso, os diferentes modos de agir do Estado em relação à atividade (abolicionista ou regulamentarista[22], entre outras possibilidades) e o desenvolvimento da internet e das redes sociais tiveram um impacto decisivo para as mudanças no trabalho sexual (BERNSTEIN, 2007). Vamos, a seguir, analisar cada um desses fatores.

Para entender melhor as transformações que estão acontecendo dentro do universo da prostituição, sobretudo as mudanças que levaram à ascensão das namoradinhas como grupo de destaque nas metrópoles contemporâneas, é importante analisar alguns fenômenos que deram origem a essas mutações. De acordo com Bernstein (2007), além do impacto da internet e da atuação do Estado ora reprimindo, ora tolerando algumas formas de trabalho sexual, é fundamental investigar quais foram as mudanças que aconteceram entre os homens, uma vez que, ao contrário do passado, um grupo cada vez maior de clientes quer ter, na prostituição, a *experiência de namoradinha*.

Acredito que as concepções dos clientes sobre sexualidade e relacionamentos merecem uma investigação empírica na medida em que, se existem diferentes espaços de prostituição, oferecendo mais ou menos intimidade e afeto, devem existir também diferentes demandas por parte do universo masculino. Obviamente, não ignoro que parte substancial da escolha de um

[22] Pode-se considerar, *grosso modo*, três visões estatais sobre a prostituição. Há Estados abolicionistas, que pretendem acabar com o mercado sexual através da perseguição das prostitutas (como a França) ou dos clientes (como a Suécia). Há estados regulamentaristas, que organizaram e regulamentaram de alguma forma o mercado sexual, como a Holanda, a Alemanha ou o estado de Nevada, nos EUA, por exemplo. E existem também Estados que ficaram no meio termo, criminalizando bordéis, mas liberando a prostituição por conta própria, como o Brasil, Itália e Espanha.

cliente pela prostituta “A” ou “B” passa pelas suas possibilidades financeiras. Assim, muitos clientes da prostituição popular poderiam aspirar à *experiência de namoradinha*, mas não possuem dinheiro para isso. Da mesma forma, podem existir clientes que, mesmo tendo renda suficiente para contratar uma *acompanhante* e passar com ela uma noite romântica, não o desejam, preferindo uma relação estritamente sexual e impessoal.

As questões que se colocam então são: o que mudou nos homens para que a prostituição tenha mudado? Como a *experiência de namoradinha* se relacionam a uma nova forma – por parte dos clientes – de pensar os relacionamentos e viver a sexualidade?

Nas primeiras pesquisas da sociologia sobre a prostituição feminina o comportamento masculino era visto com normalidade, inclusive ligando-se, para alguns autores, à manutenção do casamento (DAVIS, 1937; ENGELS, 2006 [1894]; GREENWALD, 1958, apud BERNSTEIN, 2008, P.326). Nessa época o comportamento dos clientes e suas motivações ao procurarem prostitutas não eram questões importantes para os pesquisadores, que se concentravam em outros temas, como a “ameaça” do trabalho sexual à saúde pública, ou suas funções sociais.

A partir dos anos 1970 e 1980, alguns autores ligados ao que se chamou de *sociologia do desvio* e às teorias feministas focaram seus trabalhos na prostituição enquanto fenômeno marginal e os aspectos que o condicionavam, como o patriarcado, a pobreza ou a violência, ignorando também o papel dos clientes no desenvolvimento e transformação da atividade, o que representou uma lacuna importante nas análises sobre esse fenômeno.

Apenas a partir do fim dos anos 1990, alguns autores como Connell (1995), McKeganey e Barnard (1996), Sacramento (2006), Bernstein (2007) e Monto (2010), por exemplo, relacionaram aspectos da sexualidade masculina e a prostituição. Para mim este debate é importante porque, se houve alguma mudança no comportamento sexual masculino, ela pode ajudar a explicar algumas das transformações ocorridas dentro da prostituição, como o destaque que as *namoradinhas* ganharam recentemente, por exemplo.

O debate que estes autores fizeram sobre as transformações na sexualidade masculina e seus impactos na prostituição feminina pode ser resumido, *grosso modo*, da seguinte forma: alguns autores se preocuparam com as motivações dos clientes ao buscarem prostitutas, estabelecendo padrões e conclusões mais específicas, uma vez que estavam menos preocupados com as grandes mudanças nas estruturas sociais e sexuais que vivemos nas

últimas décadas. Dessa forma, a pergunta que os guiava era de certa forma, esta: quais são as interações estabelecidas entre prostitutas e clientes em determinados espaços?

Outros autores criticaram estes estudos, por sua falta de interesse nas transformações históricas que nossas sociedades viveram, sobretudo desde os anos 1960, com a chamada "Revolução Sexual", e propuseram uma investigação mais voltada às mudanças sociais que atingiram as concepções a respeito da masculinidade, orientando-se pela seguinte pergunta: o que mudou, histórica e socialmente, para que os homens escolhessem determinados tipos de prostituição, em detrimento de outros? Isto talvez poderia explicar a ascensão da *girlfriend experience* e a decadência do *trottoir* nas metrópoles do primeiro mundo, por exemplo. A seguir, faço um pequeno resumo deste debate a partir de comentários sobre alguns dos autores citados anteriormente.

Monto (2010), por exemplo, indica que a maioria dos clientes possui uma visão mercantilizada da sexualidade, que é medida pelo número de parceiras que possui, trazendo um comportamento sexual mais "compulsivo", uma vez que procuram "conquistar" o maior número de mulheres possível, buscando o máximo de variedade sexual (MONTO, 2010, p.250). Essa argumentação segue a linha traçada por Giddens (1995) que afirma haver muitos resquícios tradicionais em nossa sexualidade moderna, como o desejo por um grande número de parceiras sexuais como forma de demonstrar poder e virilidade, e que isso poderia explicar esse tipo de preferência.

Entretanto, a busca por um grande número de parceiras não pode ser a única explicação para a procura por prostitutas, e Monto (2010) chama a atenção para a complexidade das motivações que envolvem a procura por sexo pago. Para além da atração sexual, muitos homens buscam prostitutas a procura de intimidade emocional e uma relação mais profunda e recíproca com essas mulheres: voltamos ao conceito de *girlfriend experience.* Retomarei esse debate mais adiante.

Outros autores, como McKeganey e Barnard (1996), procuraram estabelecer uma tipologia mais específica de motivações masculinas para o acesso à prostituição. Entre essas motivações pode-se citar o desejo por uma maior variação sexual, o acesso à parceiras com características físicas preferidas (loiras, morenas, asiáticas, negras, etc.), a atração pelo sexo "furtivo", problemas matrimoniais, solidão ou, por fim, o desejo de manutenção de seu poder, através da dominação sexual e econômica, argumento também levantado por Bigot (2009).

Esses estudos focados nas motivações sexuais dos clientes, que citei brevemente, possuem dois problemas, na visão de Bernstein (2008): por um lado apresentam frequentemente a sexualidade dos clientes à margem de qualquer afetividade e sentimentalidade, orientando-os apenas para o reforço de sua virilidade e poder. Por outro lado, esses estudos abordam a masculinidade como algo estático, estável, imutável e "a-histórico", desconsiderando os impactos sofridos pelos homens pelo poderoso processo de transformação social das últimas décadas. (BERNSTEIN, 2008, p. 328) Ora, como os homens têm vivido em seu cotidiano os impactos das transformações sexuais e sociais?

Para Bernstein (2008), dois trabalhos se destacaram na análise das motivações dos clientes a partir de uma perspectiva de mudança histórica no *ethos* sexual masculino: os trabalhos de Allison (1994) e Prasad (1999). Allison, a partir da observação do trabalho das *hostesses* de um clube noturno em Tóquio afirma que a companhia paga passou a ser vista pelos homens como entretenimento, o que pode ser visto como uma característica de uma sociedade onde o capitalismo já atingiu um estágio bastante avançado, uma vez que a moralidade tradicional vai dando espaço às relações comerciais (ALLISON, 1994 apud BERNSTEIN, 2008, p.329). É a ascensão do modelo de prostituição recreativa de que trataremos mais adiante.

Prasad (1999) também confirma essa tendência, uma vez que sustenta que a prostituição atual possui uma moralidade específica das sociedades de consumo de massa:

> os consumidores conduzem o intercâmbio da prostituição de formas que não são muito diferentes de como a maioria dos intercâmbios de mercado são conduzidos hoje: informações sobre a prostituição não se restringem a uma elite, mas estão amplamente disponíveis; configurações sociais enquadram a interpretação dessa informação; a criminalização da prostituição não dificulta de maneira particular o intercâmbio; e o fato do intercâmbio continuar ou não é frequentemente ditado pela boa condução do negócio. Em resumo, de acordo com esses entrevistados [de sua pesquisa], no capitalismo tardio da América o sexo é intercambiado quase como qualquer outro bem. (PRASAD, 1999, P.181 apud BERNSTEIN, 2008, p. 329)

Dessa forma, para essas autoras, é possível perceber, sobretudo a partir da última década do século XX, uma transição de um modelo *sexual-relacional*, ou seja, onde os relacionamentos eram muito importantes e a prostituição aparecia como parte de um universo apenas sexual, de "alívio das pulsões"; para um modelo *sexual-recreativo* (BERNSTEIN, 2008, p.330), ou

seja, onde a prostituição aparece como um mercado onde os clientes podem buscar sexo e também outras coisas, como carinho ou companhia.

Assim, podemos agrupar os argumentos mais históricos e sociais que ligam as motivações dos clientes ao crescimento e complexificação da prostituição em duas linhas básicas de raciocínio: argumentos compensatórios encontrados, por exemplo, em Bigot (2009) ou Giddens (1995), onde o cliente procura a prostituição como reafirmação do seu abalado papel de dominação social e sexual; ou também, como descreve Kimmel (2000, apud BERNSTEIN, 2008), como contrapartida à crescente perda de poder econômico pelo homem nas últimas décadas.

Outra linha de raciocínio, iniciada por Allison (1994) e Prasad (1999) e aprofundada por Bernstein (2008) baseia-se na análise da sexualidade masculina numa sociedade que vive profundas transformações históricas e sexuais. Assim, para essa autora, os clientes compram a fantasia de um encontro sexual especial, romântico, desejado mutuamente, mas delimitado no tempo e no espaço, algo até então muito raro em outros contextos de prostituição (BERNSTEIN, 2008, p. 332). Assim, o conceito de *girlfriend experience* passa a ser relevante para nós.

Dentro da dinâmica de trabalho contida na *experiência de namoradinha*, passam a interessar aos clientes características que vão além das físicas e sexuais:

> Os clientes por mim entrevistados eram similarmente propensos a expressar variações da afirmação: ‘se o tratamento dela é frio ou mecânico, eu não estou interessado’. Os redatores de guias para clientes de serviços sexuais disponíveis na web, como o ‘The World Sex Guide’, são similarmente críticos às trabalhadoras sexuais que ‘controlam o tempo’, são ‘muito apressadas e impositivas’, que ‘não querem abraçar ou beijar’, ou que ‘pedem que o sexo seja comum, ordinário’. (BERNSTEIN, 2008, p. 339-340)

Assim, em muitos contextos de prostituição atuais, o cliente procura uma ligação erótica que envolve mais intimidade e afeto, e que seja minimamente “autêntica” (BIGOT, 2009; BERNSTEIN, 2008; SACRAMENTO, 2006). Por isso, um dos fatores a serem considerados para compreendermos a decadência da prostituição de rua, sobretudo nos países do primeiro mundo, é a incapacidade das mulheres desses espaços de prover um serviço mais personalizado, íntimo e autêntico, aos olhos do cliente:

> relações com acompanhantes, em oposição à prostitutas de rua, são usualmente mais prolongadas [...], mais propensas a acontecer em ambientes confortáveis [...], e mais predispostas a incluir conversas, assim como uma diversidade de atividades sexuais. [...] O fato de que no comércio sexual a prostituição de rua constitui, hoje, um setor marginal e em declínio significa que o lugar da transação associada ao 'desafogo sexual' rápido e impessoal, cada vez mais está sendo ocupado por outra, configurada para estimular a fantasia de uma reciprocidade sensual, uma fantasia salvaguardada pela concessão do pagamento. (BERNSTEIN, 2008, p. 340)

Uma autora que também discutiu essas motivações mais emocionais e afetivas dos clientes foi Katherine Frank, em seu livro *G-Strings and Simpathy* de 2002. Nele, a pesquisadora debate, a partir de um longo trabalho de campo em clubes de *strip tease*, as motivações dos clientes que procuravam esses espaços, ou seja, que "não desejavam o alívio sexual imediato" (FRANK, 2002, p.xxiii), uma vez que frequentavam esse tipo de clube, e não bordéis.

Para Frank, as motivações dos clientes podiam ser categorizadas em dois tipos: em primeiro lugar, na linha dos argumentos *compensatórios*, os clientes procuravam os *strip clubs* para "ter interações com mulheres sem risco de rejeição" (FRANK, 2002, p.110), diminuindo a ansiedade sobre suas performances de sedução ou sexuais; os homens também buscavam, para Frank, encontros que estivessem isentos das transformações sociais dos papéis de gênero, sobretudo das transformações que reduziam os privilégios masculinos.

Por fim, para Frank, outra questão fundamental para os clientes dos *strip clubs* era a busca por *autenticidade* e *intimidade* das dançarinas. Para dar aos clientes a sensação de que estavam vivendo uma interação mais sincera, autêntica e exclusiva as mulheres desenvolveram uma série de técnicas, como dar seu nome "verdadeiro" aos clientes que perguntavam, por exemplo. Nós voltaremos a esse tema mais tarde.

Janet Lever e Deanne Dolnick (2010), ao compararem o trabalho das prostitutas de rua e de *call girls*[23], destacam que as profissionais do sexo poder "vender" tanto sexo quanto intimidade e afeto, na forma do que tem se convencionado chamar de *girlfriend experience.* Entretanto, os autores defendem que as prostitutas de rua, pelas condições de seu trabalho, não conseguem fornecer afeto e intimidade aos clientes, sendo por isso menos remuneradas e mais estigmatizadas.

[23] O que se aproxima do que aqui chamamos de "prostituta de luxo", que se anuncia pela internet e faz seus contatos por telefone.

As *call girls*, por outro lado, por cobrarem mais caro pelos seus serviços, têm acesso a clientes mais privilegiados economicamente, que podem pagar mais e, consequentemente, ter mais tempo, ganhando acesso a uma maior experiência de intimidade se desejarem, com a presença no programa de carinho, beijos, conversas e companhia (LEVER, DOLNICK, 2010, p. 188), ou seja, uma *experiência de namoradinha*.

Entre as conclusões de sua pesquisa, Lever e Dolnick (2010) afirmam que as *call girls* (ao contrário de suas parceiras que trabalham nas ruas) estão mais abertas a estabelecer relações mais longas e íntimas com clientes, sobretudo os *habitués*, além das suas interações com esses homens estarem marcadas por mais conversa, carinho e satisfação sexual recíproca. Os seus preços mais altos são justificados pelas mulheres desse grupo como condição para um programa realizado num lugar mais privativo, seguro e confortável. Entretanto, por causa dessas características, os próprios clientes passam a esperar mais afeto e intimidade nessas interações (LEVER e DOLNICK, 2010, p. 199).

A tabela abaixo, organizada pelos autores, demonstra bem como as interações entre clientes e prostitutas são diferentes, em relação ao grupo que trabalha nas ruas e as *call girls*. Se observarmos, na parte de baixo da tabela, a porcentagem de clientes de *call girls* que realizaram atos como “carinho, beijo e abraço”, “conversa”, “massagem não-sexual”, “fazer sexo oral nela” (porcentagens sublinhadas) em comparação com clientes da prostituição de rua, podemos concluir que as *call girls* “vendem” mais a *experiência de namoradinha* a seus clientes, e que a remuneração melhor do que a de suas colegas da rua pode ser, em parte, explicada pela natureza desses serviços.

Tabela 2 – Práticas sexuais entre prostitutas de rua e *call girls*

Table 8.5: Acts Engaged in With Last Client		
	Street Clients (N=998) (%)	Call-Girl Clients (N=83) (%)
Give him “hand job”	7	26
Give him oral sex	57	45
Vaginal intercourse	51	66
Anal intercourse	0	1
Domination/B&D	0	8
Two or more sex workers together	1	7
Touch woman’s genitals	4	26
Giver her oral sex	4	17
Nonsexual massage	2	30
Conversation	5	51
Caress, kiss and hug	3	42

(LEVER e DOLNICK, 2010, p. 197)

1.3 Atuação do Estado em relação à prostituição: Repressão e Normatização

Para compreendermos melhor a ascensão das namoradinhas em nossos contextos de prostituição atuais, precisamos investigar as consequências das políticas públicas em relação ao mercado sexual. De certa forma, a atuação do Estado facilitou, nas últimas décadas, a ascensão das namoradinhas em alguns contextos, ao passo que acelerou a decadência do

"baixo meretrício" em outros. Este processo não aconteceu de forma uniforme pelo mundo, e possui algumas características locais, embora a essência do fenômeno seja a mesma: na medida em que os Estados reprimiram algumas formas de prostituição, eles também passaram a tolerar outras formas do mercado sexual (BERNSTEIN, 2007).

A partir dos anos 1990, esta intervenção do Estado na prostituição em muitos países desenvolvidos causou uma grande reconfiguração no mercado do sexo. Até então, ou os governos ignoravam a atividade, ou a proibiam, fechando o cerco sobre o trabalho das mulheres, como aconteceu na França, por exemplo. Outra alternativa era a regulamentação, com os já famosos exemplos da Holanda, Alemanha ou do estado de Nevada, nos EUA.

Entretanto, alguns governos, já na virada do século XX para o XXI, mobilizaram argumentos feministas no combate à prostituição, passando a criminalizar os clientes de forma unilateral, sobretudo na Suécia e em alguns estados americanos, como a Califórnia, caso analisado por Bernstein (2007; 2008).

Dessa forma, enquanto o mercado sexual viveu um intenso crescimento e diversificação entre os anos 1990 e hoje em dia, ele também passou por um processo de forte repressão de suas formas mais pobres, públicas e estigmatizadas nos países centrais. Para Bernstein (2008) esses dois fenômenos configuram o principal paradoxo ligado à prostituição nos dias de hoje: ao mesmo tempo em que o consumo do sexo foi sendo *normalizado*, sobretudo do ponto de vista moral, ele passou a ser mais *problematizado*, principalmente a partir da atuação estatal:

> O consumo comercial de sexo está sendo simultaneamente normalizado e problematizado, e esses dois fenômenos estão conectados. Subjacente à falta de atenção à recente criminalização do comportamento do consumidor, dois outros elementos-chave da sociedade do capitalismo tardio são negligenciados: a relação entre a pobreza pós-industrial e a gentrificação, e o impulso normativo de algumas feministas no sentido de reter um modelo modernista de intimidade sexual delimitada de maneira relacional. [...] As campanhas contemporâneas contra a prostituição, contrastando com as disputas morais de um século atrás, estão predominantemente preocupadas em limpar os setores inferiores, com suas questões espinhosas de uma indústria que, basicamente, não é incomodada, contanto que permaneça atrás de portas fechadas ou, o que é melhor ainda, online [...] Os esforços para erradicar os segmentos mais problemáticos da indústria [sexual], implicitamente, servem para legitimar as partes não problemáticas que permanecem. (BERNSTEIN, 2008, p. 353-354)

Em nosso contexto brasileiro podemos observar esse paradoxo com bastante clareza. Em Belo Horizonte, por exemplo, pudemos observar, nos últimos anos, inúmeras investidas do poder público e da polícia contra a região da Rua dos Guaicurus e também contra outros espaços de prostituição de rua, como a Avenida Afonso Pena[24]. Ao mesmo tempo, observa-se um enorme crescimento do comércio sexual mediado por sites e aplicativos de relacionamentos. Apesar de Bernstein discutir este fenômeno em países do mundo desenvolvido, pode-se ver claramente que este processo de normalização e repressão também ocorre em nossos contextos.

Como Bernstein discute, a repressão à prostituição de rua possui uma íntima ligação com o processo de *gentrificação* que muitas cidades vêm sofrendo. Para ela, na medida em que esse processo vai se espalhando pela cidade, os espaços de prostituição de rua vão ficando cada vez mais isolados e pressionados, sendo objeto de uma maior quantidade de operações policiais, além de se tornarem alvo da pressão de residentes e comerciantes para que abandonem essas áreas (BERNSTEIN, 2007, p.66).

Na medida em que o assédio da polícia cresce, assim como as pressões da comunidade e do poder público, as prostitutas que trabalham na rua passam a procurar outras opções (BERNSTEIN, 2007, p. 67): passaram a anunciar em espaços online, onde colocaram propagandas e ensaios fotográficos, junto de seu número de celular; ou migraram para *strip clubs* e boates, que se espalham de forma mais discreta pela cidade. Apesar de Bernstein ter verificado esse processo em São Francisco, nos Estados Unidos, pude observar movimento semelhante, não somente em Belo Horizonte, mas também em São Paulo, onde as mulheres mais jovens e com alguma escolaridade procuravam meios de sair da *"zona boêmia"* para formas de trabalho sexual melhor remuneradas e menos estigmatizadas, tornando-se namoradinhas em outros espaços de prostituição.

Bernstein conduziu observações etnográficas, além de São Francisco, também em Amsterdã e Estocolmo, para analisar quais foram os efeitos da ação desses Estados no comércio sexual. Holanda e Suécia representam duas concepções antagônicas sobre a atuação estatal e também

[24] Numa rápida pesquisa pela *web*, é possível encontrar dezenas de reportagens sobre a repressão à zona boêmia e à prostituição de rua em geral. A título de exemplo:
"Polícia fecha cerco aos prostíbulos de BH"
http://www.otempo.com.br/super-noticia/pol%C3%ADcia-fecha-cerco-aos-prost%C3%ADbulos-de-bh-1.100934 (agosto de 2011).
"Polícia militar realiza operação de combate à extorsão em hotéis de travestis na capital". http://hojeemdia.com.br/horizontes/pol%C3%ADcia-militar-realiza-opera%C3%A7%C3%A3o-de-combate-%C3%A0-extors%C3%A3o-em-hot%C3%A9is-de-travestis-na-capital-1.461884 (maio de 2017).

sobre a posição que o feminismo (que influenciou essas políticas) possui sobre a prostituição[25] (BERNSTEIN, 2007, p. 145).

Em 1998, a Suécia se tornou o primeiro país a considerar a prostituição como uma forma de violência de gênero e passou a criminalizar a atividade, focando unicamente na punição aos clientes. Em 2000, a Holanda aprovou uma série de leis que transformaram o comércio sexual numa atividade plenamente regularizada e legalizada, removendo a atividade dos códigos penais e estabelecendo uma série de regras profissionais, de higiene e de segurança (BERNSTEIN, 2007, p.145).

Entretanto, para a autora, tanto na Suécia quanto na Holanda (assim como nos EUA), apesar de tantas diferenças entre a postura do Estado em relação à prostituição, os resultados dessas políticas foram parecidos:

> Em São Francisco, Estocolmo e Amsterdã três diferentes versões da política de reformas do fim dos anos 1990 resultaram numa série parecida de alterações na geografia social do comércio sexual: a retirada da prostituição de rua, economicamente desfavorecida e racialmente marginalizada e de seus clientes dos centros das cidades em processo de gentrificação; a tolerância na prática de uma pequena camada de prostitutas relativamente privilegiadas que trabalham indoor e seus clientes; e a condução das prostitutas imigrantes ilegais para espaços mais clandestinos. (BERNSTEIN, 2007, p.146 – tradução minha[26])

Dessa forma, para Bernstein, é interessante observar que, mesmo que a atuação do Estado na Europa e nos EUA tenha sido muito diversa dos anos 1990 até hoje, essas ações tiveram uma íntima relação com a tendência à eliminação da prostituição das ruas, numa tentativa de "limpar" e *gentrificar* as áreas mais degradadas das cidades, assim como também se relacionam a tolerância na prática à prostituição fechada em *strip clubs*, bordéis de luxo e boates, além da prostituição online. Para a autora, o foco comum da ação desses Estados foi a *"eliminação das manifestações visíveis de pobreza e desvio dos espaços urbanos, mais do*

[25] Dentro do feminismo, tanto em sua forma mais acadêmica quanto em suas organizações políticas, há duas posições muito claras e diametralmente opostas sobre a prostituição: Há um campo estritamente contra o trabalho sexual, visto como a pior expressão do patriarcado e do domínio masculino, liderado pelo feminismo radical e marxista. Por outro lado, há um campo tolerante com a prostituição, vista como possibilidade de libertação feminina e mobilidade social, onde destaca-se o feminismo liberal.

[26] "In San Francisco, Stockholm and Amsterdam, three quite disparate versions of policy reform in the late 1990s resulted in a common series of alterations to the social geography os sexual commerce : the removal of economically disenfranchised and racially marginalized streetwalkers and their customers from gentrifying city centers ; the *de facto* tolerance of a small tier of predominantly white and relatively privileged indoor clients and workers; and the driving of illegal migrant sex workers further underground". (original)

que a [repressão à] *troca de sexo por dinheiro em si"* (BERNSTEIN, 2007, p. 164 – tradução minha[27]).

Para além dos países desenvolvidos, este processo, como comentei anteriormente, pode também ser claramente observado no contexto brasileiro, com fortes campanhas feitas contra os tradicionais – e degradados – espaços de prostituição popular e de rua das grandes cidades. Além dos episódios que citei sobre Belo Horizonte, podemos também observar uma forte pressão estatal sobre a Vila Mimosa, no Rio de Janeiro, ou o avanço da repressão e vigilância na região da Luz, no centro de São Paulo. Ao mesmo tempo em que vai atacando a prostituição na sua forma mais visível, pobre e estigmatizada, o Estado passa a tolerar a atividade em suas formas mais "requintadas", nas boates, casas de massagem, "clínicas", privês e nos inúmeros ambientes *online.*

Sobre este ponto Bernstein (2007) destaca que a prostituição deixou de ser (pelo menos nos países centrais) nas últimas décadas, espacialmente estigmatizada, concentrada em bairros, guetos ou ruas determinadas. Esta forma mais antiga de organização espacial aproxima-se do conceito de "região moral" de Park (1984) e fortalecia a estigmatização da atividade. Claro que este tipo de organização espacial ainda pode ser encontrada, como podemos observar, por exemplo, na região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte.

Entretanto, com a emergência de uma prostituição mais íntima, discreta e personalizada os clientes passaram a ter outros meios de procurar serviços sexuais, como a internet, por exemplo. Assim, a prostituição passa ser distribuída pela cidade de forma mais difusa, gerando assim, uma estigmatização menor: tornar-se namoradinha tem sido, então, a principal forma de escapar da repressão estatal, uma vez que, trabalhando no contexto da *girlfriend experience*, sua atuação torna-se mais discreta, menos marcada espacialmente e menos incômoda para a vizinhança, por exemplo.

Ronald Weitzer também faz um debate interessante sobre como as diferentes políticas estatais impactaram o mercado do sexo. Em *Sex Work: Paradigms and Policies* (2010), ele faz um panorama da ação do Estado, sobretudo na Europa Ocidental e nos EUA nas últimas três décadas. Weitzer concorda com Bernstein ao constatar que as consequências da ação dos governos geraram movimentos paradoxais: ao mesmo tempo em que se problematizou e

[27] "[...] the common focus of state intervention has been on eliminating the visible manifestations of poverty and deviance from urban spaces, rather than the exchange of sex for money per se''. (original)

reprimiu cada vez mais a prostituição de rua, o Estado foi tolerando e até normatizando a prostituição *indoor*, como os bordéis e os *strip clubs.*

De acordo com este autor, algumas políticas estatais foram influenciadas por uma tradicional visão acadêmica sobre a prostituição: *o paradigma da opressão* (WEITZER, 2010, p.5). Esse paradigma é herdeiro, sobretudo, de algumas linhas do feminismo consideradas radicais e vê a prostituição, em todas as suas formas, como uma expressão das desigualdades de gênero e da exploração e degradação da mulher. Alguns governos que reprimiram a prostituição com mais força, como a Suécia ou a França foram, para Weitzer, influenciados por essa visão.

O contraponto a essa perspectiva, que também influenciou alguns Estados em suas políticas públicas em relação ao trabalho sexual é o que o autor chama de *paradigma do empoderamento* (WEITZER, 2010, p.5). Essa visão, que muito deve ao chamado feminismo liberal, considera a prostituição como um trabalho, mediado pela capacidade de agência das mulheres implicadas nele, podendo ser um instrumento importante para a autonomia delas. Assim, ele desconsidera as relações de exploração ou de dominação para focar mais nos aspectos econômicos, relacionando o trabalho sexual com qualquer outro tipo de serviço. Esse tipo de visão inspirou, de acordo com o autor, políticas de legalização como as colocadas em prática pelo governo holandês.

De certa forma, esse paradigma também está presente na história da organização política das prostitutas, desde o início de seu movimento, na França e nos Estados Unidos, nos anos 1970, com a formação das primeiras associações profissionais, passando pelos anos 1980, que viram surgir também no Brasil uma articulação política entre as profissionais do sexo, até os anos 1990 e 2000, com o desenvolvimento de redes organizadas de prostitutas, movimento este que, no Brasil, teve como nome de destaque Gabriela Leite.

Apesar da força desses dois paradigmas, Weitzer faz uma crítica a ambos, na medida em que são perspectivas generalizadoras, essencialistas, que não dão conta de explicar a imensa heterogeneidade da prostituição. Dessa forma, ele propõe um novo paradigma, *polimorfo*, que dê conta de considerar a grande variação de "arranjos ocupacionais, relações de poder e experiências de trabalho" (WEITZER, 2010, p.6):

> Um grupo crescente de estudiosos está investigando várias dimensões do trabalho [sexual], em diferentes contextos, e seus estudos documentam variações substanciais na forma como o trabalho sexual é organizado e experimentado por prostitutas,

> clientes e gerentes. Todos esses estudos minam alguns mitos profundamente enraizados sobre a prostituição e apresentar um desafio para aqueles escritores e ativistas que abraçam paradigmas monolíticos. A vitimização, a exploração, a escolha, a satisfação no trabalho, a autoestima e outras dimensões devem ser tratadas como variáveis (não constantes) que diferem entre tipos de trabalho sexual, locais geográficos e outras condições estruturais e organizacionais. (WEITZER, 2010, p.6 – tradução minha[28])

Este paradigma *polimorfo* nos interessa na medida em que a prostituição atual e suas transformações expressas, sobretudo na figura da namoradinha, não cabem em visões simplificadoras como as baseadas apenas em ideias de opressão ou libertação das mulheres. Existem, como afirma o autor, espaços mais ou menos opressivos e exploradores, enquanto há também outros espaços que promovem a agência e a mobilidade social dessas mulheres.

Feita essa distinção teórica, Weitzer afirma que os diversos tipos de intervenção estatal dos anos 1990 até hoje aumentaram o profundo fosso que divide a prostituição de rua dos espaços de prostituição *indoor*. Assim, independentemente das políticas estatais[29], o grupo que mais sofreu repressão foram as prostitutas que trabalham na rua, em sua maioria, no caso dos Estados Unidos e dos países europeus, mulheres em situação mais frágil socialmente (negras, pobres, imigrantes); a prostituição fechada/*indoor,* das namoradinhas e acompanhantes, foi sendo mais tolerada, embora ainda ilegal na maioria dos países (WEITZER, 2010).

Esse universo *indoor*, fechado aos olhos do conjunto social, passou a ser mais tolerado por dois motivos, sobretudo: em primeiro lugar, porque a *vitimização*[30] das mulheres nesses ambientes é menor, ou seja, é um modelo de trabalho sexual que não proporciona grandes problemas para o Estado, em termos de saúde ou de segurança pública. Ao mesmo tempo, são espaços onde se coloca em prática a *girlfriend experience*, sendo assim mais discretos, menos estigmatizados, causando menos constrangimento social à vizinhança e à sociedade como um todo[31] (WEITZER, 2010, p. 9-10). O depoimento abaixo resume bem esta ideia:

---

[28] "A grouwing number of scholars are researching various dimensions of the work, in different contexts, and their studies document substantial variation in how sex work is organized and esperienced by workers, clients, and managers. Togethet, these studies undermine some deep-rooted myths about prostitution and present a challenge to those writers and activists who embrace monolithic paradigms. Victimization, exploitation, choice, job satisfaction, self-esteem, and other dimensions should be treated as variables (not constants) that differ between types of sex work, geographical locations, and other structural and organizational conditions".

[29] Há países que reprimem as prostitutas, como a França, e outros que reprimem os clientes, como a Suécia, a título de exemplo.

[30] Aqui, no sentido de serem vítimas de violência física, engrossando as estatísticas policiais.

[31] Observar tabela adiante, onde Weitzer resume essas questões.

> Fui para a boate duas vezes, não gostei por causa da bebida, droga e é igual a gente vê mesmo na mídia, é muita bebida, muita droga. Eu não consigo trabalhar com isso. E eu sou uma pessoa, assim, eu gosto muito de trabalhar de dia, e aí eu já trabalhei em muitos lugares. Ano passado eu trabalhei em Goiânia, no interior de São Paulo e no Rio, e também já trabalhei um curto período na Capital. Cada lugar foi diferente. Eu gosto mais daqui, do site mesmo, porque em Goiânia é um sol escaldante, você fica exposta em rua, em frente aos motéis, exposta a perigo também, e naquele sol eu não gostei mesmo. No interior de São Paulo, tem uma cidade menor, assim, chamada São José do Rio Preto que é bem conhecida pela prostituição, e são vários motéis, assim, nas ruas, eu acho que são quatro ruas, e aí cada motel, assim, as meninas moram nos motéis, ficam lá o tempo que elas fazem programa, elas só pagam a semana e em cada motel tem meio que um padrão de preço, exemplo... E são valores baixos, mas é coisa muito rápida também, coisa de 15, 20 minutos, mas, tipo, tem os motéis que tem as meninas que cobram R$50 e tem as de R$80, entendeu? É mais ou menos a faixa de preço. Na capital de São Paulo, tem prédios conhecidos também, e também é uma coisa muito barata também. É assim, coisa de R$40 ali, uns 10, 15 minutinhos também, porque quem vai ali, já vai sabendo que ele tem que finalizar rápido, e o fluxo é muito grande. Também foi uma coisa que eu não me adaptei. No Rio de Janeiro eu trabalhei sob cafetinagem mesmo, eu fui pro Calçadão assim, onde você tem que conversar com quem manda naquele local, e lá, bom, onde eu trabalhei que era no [...] eu fazia o atendimento no valor de R$250, só que eu tinha que passar R$100 pra quem me olhava. [...] O que eu mais gosto mesmo é o site, porque eu trabalho para mim, eu pago meu anúncio, meu aluguel e o meu lucro ele é meu, eu me desligo às vezes, sabe, do trabalho, então não tem ninguém mandando em mim. (Natália, Belo Horizonte - Serra)

A trajetória de Natália, desde sua entrada no mercado sexual através da prostituição de rua até sua colocação num privê da Serra, bairro de classe média alta em Belo Horizonte, mostra de forma exemplar como ela lutou contra o estigma e a repressão do Estado, passando por formas mais simples, violentas e mal remuneradas de prostituição, até se tornar uma *namoradinha*, ocupando uma posição mais confortável dentro do comércio do sexo, uma vez que passou a trabalhar de forma mais discreta, qualificada e bem-remunerada num sistema parecido com uma cooperativa, ao dividir despesas de seu apartamento com suas colegas e anunciar-se através da internet, dispensando, assim, a mediação de um cafetão e afastando-se da vigilância e da repressão estatal.

Por fim, Weitzer (2010) se aproxima da teoria de Bernstein (2007) e de Bigot (2009) ao afirmar que o fortalecimento da prostituição *indoor*, gerado pela repressão do Estado às formas de trabalho sexual mais públicas e estigmatizadas, como a das *streetwalkers*, estimulou a ascensão de mulheres trabalhando com a *experiência de namoradinha*, ou seja, uma forma de trabalho que envolve mais afeto e intimidade, uma vez que as interações

passam a ser mais longas e recíprocas, e *"o cliente padrão quer afeto ou amor o tanto quanto quer sexo"* (WEITZER, 2010, p. 11 – tradução minha[32]).

1.4 Desenvolvimento da Internet e seu impacto na atividade

Um dos fatores mais negligenciados nos trabalhos que procuraram analisar as transformações no trabalho sexual nas últimas três décadas é o impacto da emergência da internet e das redes social e sua relação com essas transformações. A partir da popularização da internet, podemos compreender melhor como a emergência dessa forma de comunicação transformou a negociação entre prostitutas e clientes, fazendo com que o grupo das namoradinhas ganhasse o destaque que possui hoje.

Outra questão importante, segundo Bernstein, seria entender quais são as conexões entre o surgimento de uma nova concepção mais "respeitável" de trabalho sexual (sobretudo para a prostituição *indoor* e para as namoradinhas) e os novos grupos de indivíduos que passaram a se engajar no trabalho sexual a partir do surgimento da internet (como, por exemplo, mulheres das classes médias) (BERNSTEIN, 2007, P. 74).

Para Bernstein (2007), a popularização da internet permitiu a entrada, sem grandes riscos morais, de novos contingentes de mulheres, sobretudo brancas e privilegiadas econômica e academicamente, no mercado sexual. Ao contrário do passado, onde prostituir-se implicava obrigatoriamente na exposição pública das ruas, sempre sujeita às condenações sociais, morais e policiais, a emergência da internet, com seus sites, fóruns e aplicativos de celular, permitiu a um novo grupo de mulheres oferecer sexo sem grandes riscos, protegidas pelo anonimato da rede ou pela discrição dos contatos mediados pelo universo eletrônico.

A internet criou uma "clivagem digital" (BERNSTEIN, 2007B, p.479) dentro do universo da prostituição, uma vez que aprofundou ainda mais a separação entre as prostitutas de rua, mais pobres, sem acesso aos meios digitais, e as prostitutas das classes médias, cada vez mais ligadas ao universo eletrônico, uma vez que a *web* facilitou a circulação de informações entre clientes e colaborou na formação de redes de conhecimentos entre as mulheres que trabalham com sexo.

[32] "The average customer wants affection or love as well as sex" (original).

Outra vantagem que a internet proporcionou, para além do aumento do fluxo de informações, foi o enfraquecimento da cafetinagem (BERNSTEIN, 2007B, p.479), uma vez que ela estimulou um fluxo cada vez maior de mulheres que deixaram as boates e bordéis e que começaram a trabalhar por conta própria, a partir de anúncios na rede. A partir de anúncios em sites e fóruns de internet as prostitutas, sobretudo da classe média, além de descartarem uma série de intermediários entre elas e os clientes, passaram assim a arrecadar mais dinheiro com seu trabalho, além de reduzirem o estigma ligado à atividade, uma vez que não trabalhavam mais em estabelecimentos de prostituição, mas sim em hotéis, motéis ou em suas casas e privês.

Além disso, a multiplicação de sites relacionados ao trabalho sexual favoreceu um forte aumento da especialização na atividade. Assim, os clientes puderam ter acesso a informações e anúncios mais ligados às suas preferências pessoais. Por exemplo, observa-se que a maioria dos sites de prostituição possui filtros, onde os clientes podem selecionar suas características preferidas: morenas ou loiras, mais jovens ou mais velhas, asiáticas, negras, entre outras inúmeras possibilidades. A forma como as informações vão sendo filtradas na internet também facilitou uma especialização não apenas a partir das características das mulheres, mas também a partir de suas habilidades: terapeutas tântricas, massagistas eróticas, sadomasoquistas, entre muitas outras possibilidades (BERNSTEIN, 2007b, p.480).

Koken, Bimbi e Parsons, ao discutirem em seu artigo *Male and Female Escorts: A Comparative Analysis* (2010) as mudanças sofridas pelo mercado do sexo nos últimos anos, fizeram um bom resumo do impacto da internet sobre a atividade:

> O advento da internet levou a uma mudança significativa na indústria de escorts. Acompanhantes curiosas podem facilmente aprender sobre publicidade e sobre as expectativas dos clientes ao ler os perfis on-line de acompanhantes e visitar os sites onde os clientes discutem suas experiências. O anonimato da internet também promove um espaço onde as acompanhantes podem compartilhar informações sobre o negócio através de fóruns, sites e listas privados. A crescente popularidade dos sites de internet onde acompanhantes e agências postam perfis aumentou a facilidade de entrada; as acompanhantes não precisam mais depender de terceiros para promover apresentações a potenciais clientes.
>
> (KOKEN, BIMBI, PARSONS, 2010, p.206 – tradução minha[33]).

[33] "The advent of the internet has led to a significant shift in the escorting industry. Prospective escorts may easily learn about advertising and client expectations by reading escorts' online profiles and rewiewing sites where clients discuss their experiences. The anonymity of the internet also provides a forum where escorts may

A partir de todas essas mudanças, Bernstein (2007b) afirma que, para um determinado estrato das trabalhadoras sexuais (as de classe média), a internet proporcionou uma maior distinção em relação à massa de prostitutas pobres, uma vez que suas habilidades e seu "capital cultural" passam a serem mais evidenciados na negociação e na relação com os clientes, fazendo com que elas sejam mais bem remuneradas, consequentemente.

Por outro lado, Bernstein (2007b) ressalta que há uma ironia interessante nos processos de transformação da prostituição envolvendo a internet. Para ela, apesar da força dos movimentos políticos para o reconhecimento do trabalho sexual como "trabalho/ofício" (ou seja, que envolva o reconhecimento das relações de trabalho e da separação entre pessoal/profissional),

> [aquelas que trabalham na internet] são também aquelas para as quais o encontro sexual pago é mais provável de incluir conversas emocionalmente engajadas, assim como uma diversidade de atividades sexuais (carinhos no corpo, toques genitais, sexo oral na mulher e inclusive beijos na boca ocasionais, para além da simples penetração ou felação), requer um maior investimento de tempo com cada cliente (tipicamente no mínimo uma hora, em oposição aos quinze minutos da prostituição de rua) e é mais provável de acontecer na própria cada da mulher [...] Uma vez que as prostitutas de classe média em geral tarifam o programa por hora e não por práticas específicas, seu trabalho sexual é difuso e expansivo, ao invés de ser delimitado e profissional.
>
> (BERNSTEIN, 2007b, p.482 – tradução minha[34])

Dessa forma, o debate sobre as mudanças que a internet provocou acaba desembocando, para Bernstein, em sua discussão sobre a *experiência de namoradinha* e a *autenticidade demarcada*, uma vez que as prostitutas que contatam clientes através dos meios eletrônicos estão, em geral, oferecendo serviços sexuais que envolvem mais afeto, emoção e uma maior

---

share information about the business through message boards, websites and private listservs. The increasing popularity of internet sites where escorts and agencies post profiles has increased the easy of entry ; escorts no longer need to depend on third parties to provide introductions to potential clients". (Original)

[34] "Those who have fought hardest for the social and political recognition of prostituition as 'work' [...] are also those for whom the paid sexual encounter is likely to include emotionally engaged conversation as well as a diversity os sexual activities (bodilly caresses, genital touching, cunnilingus, and even occasional mouth-to-mouth kisses, rather than simply intercourse or fellatio), requires a larger investiment of time with each client (typically at least an hour, as opposed to 15 minutes for street-walkers), and is more likely to take place within the confines of one's own home. Since middle-class sex workers generally charge by the hour rather than for specified acts, thein sexual labour is diffuse and expansive, rather than delimited and expedient. (original)

diversificação das praticas eróticas, que os clientes também procuram nos sites, através dos filtros por especialidades, tipos físicos e performances sexuais.

Esta "autenticidade demarcada", para Bernstein, é um dos mais importantes aspectos do novo contexto "pós-industrial" de prostituição. A autenticidade, a intimidade, o carinho e a conversa são solicitados por muitos clientes, que desejam uma experiência não apenas sexual, mas que compreenda sensações além das eróticas (BERNSTEIN, 2007; FRANK, 2002; CARRIER-MOISAN, 2015; SACRAMENTO, 2006), fazendo com que o programa se aproxime da ideia de uma relação afetiva. Entretanto, esta *autenticidade* é demarcada no tempo e no espaço, ou seja, tanto clientes quanto prostitutas sabem que, fora de seu contrato, não podem haver ilusões afetivas ou sobre o futuro daquela relação.

Sylvie Bigot, em *La Prostitution sur Internet: Entre la marchandisation de la sexualité et la contractualisation de relations affectives* (2009) também discorre sobre os impactos da internet na atividade. Esta autora cria três tipos ideais de prostituição na modernidade: *relação de dominação, relação de serviço* e *relação afetivo-sexual.* Para ela, o desenvolvimento da *web* fortaleceu os dois últimos tipos de trabalho sexual.

As prostitutas que trabalham numa *relação de dominação* estabelecem com os clientes interações que não compreendem intimidade ou afetividade, e essas mulheres se sentem, na visão da autora, instrumentalizadas e dominadas pelos clientes. Além disso, o estigma relacionado à atividade é alto e a posição do Estado costuma ser bastante repressiva. É um tipo ideal que se encaixaria, *grosso modo*, aos nossos espaços de prostituição popular e no que Bernstein chamou de *"prostituição moderna-industrial"* (2007). Esses espaços não foram, para Bigot, muito afetados pela ascensão da internet como espaço de mediação do trabalho sexual.

Em relação às prostitutas que trabalham no modelo de *relação de serviço* (que se aproxima ao modelo *"pós-industrial"* de Bernstein (2007)), a internet representou um fortalecimento da ideia de que se trata de um *mercado* (BIGOT, 2009, p. 5), onde as prostitutas oferecem serviços cada vez mais especializados, de acordo com os desejos dos clientes[35]. Esses sites reforçam uma visão sexual mais recreativa dos clientes, que passam a possuir uma perspectiva

[35] O site BHModels, por exemplo (www.bhmodels.com.br) oferece ao cliente filtros de busca baseados nos seguintes critérios: nome (busca pelo nome da prostituta), loira, morena, ruiva, negras & mulatas, fetiches & fantasias, oriental, idade, altura, peso, pés, possui/não possui vídeo no site, signo, idiomas, preço, local de atendimento, possui/não possui whatsapp, forma de pagamento, possui/não possui silicone, atende/não atende 24h.

sexual a partir do consumo, ou seja, veem o trabalho sexual como qualquer outro mercado. Além disso, as prostitutas também alteraram a sua visão da atividade, se vendo como "prestadoras de serviços", "empresárias", "empreendedoras", e se distanciando do estigma das ruas (BIGOT, 2009, p. 7).

Para as prostitutas que trabalham no esquema de *relação afetivo-sexual* (que também se aproxima do modelo *"pós-industrial"* de Bernstein (2007)), Bigot afirma que a internet fortaleceu um clima de *amante-maîtresse*, *de* namoradinha, procurado pelos clientes, onde a mulher não é vista como profissional do sexo, mas como uma *amadora*[36], onde as características comerciais estejam bem disfarçadas. Assim, ao simular uma relação entre amantes, o estigma também é reduzido, uma vez que as características mais mercantis da atividade não ficam tão evidentes (BIGOT, 2009, p.8). Assim como Bernstein, essa autora também destaca que essa forma de programa "borra" os limites entre a vida pessoal e profissional das mulheres, uma vez que fortalece a mistura entre afeto e dinheiro. Até as palavras "cliente", "programa", "pagamento", entre outras, passam a ser evitadas, podendo ser substituídas por "namorado", "encontro" ou "presente", por exemplo.

Resumindo, de todos os autores citados nesse debate sobre as grandes transformações do universo da prostituição, três em particular (BERNSTEIN, 2007, 2008; BIGOT, 2009 E WEITZER, 2010) fizeram um trabalho mais panorâmico sobre as mudanças que o mercado do sexo sofreu nas últimas décadas. Eles concordam em alguns pontos, como o processo paradoxal entre repressão de algumas formas de prostituição e normalização/tolerância de outras formas; o fortalecimento da troca de informações entre clientes e entre prostitutas; a inserção de novas categorias de mulheres na atividade sexual, como aquelas das classes médias; e a introdução, cada vez mais imperativa, de aspectos afetivos e emocionais no programa, com o objetivo de simular um relacionamento "legítimo", uma vez que isso contribui para aumentar os rendimentos da prostituta e reduzir o estigma ligado à sua atividade.

Todo esse processo de mudanças desemboca, enfim, na emergência de um grupo – cada vez maior e representativo – de *namoradinhas*, que passaram a exercer sua atividade em condições muito diferentes de suas colegas de outros espaços do mercado sexual, como as zonas e bordéis das regiões de prostituição popular. Esses últimos espaços, mais simples,

[36] É cada vez mais comum que prostitutas se anunciem no aplicativo de paquera *Tinder*, como moças comuns, a procura de namorado ou de aventuras sexuais. O "cliente" só fica sabendo da real natureza do encontro depois do contato já feito e aprofundado.

pobres, violentos e estigmatizados, apesar de toda a repressão vivida, experimentaram menos mudanças nas últimas décadas, e continuam apresentando uma forma hegemônica de trabalho sexual muito parecida com o que víamos no século XX: programas rápidos, simples, impessoais e mal remunerados, numa lógica muito diferente da *experiência de namoradinha* oferecida por seus pares situados em espaços mais confortáveis dentro do mercado da prostituição.

As tabelas a seguir resumem as ideias principais desses autores em relação às transformações sofridas pelo universo do mercado sexual.

Tabela 3 - Modelos de Bernstein (2007)

Modelos de Prostituição →	Early-Modern Sexual Barter	Modern-industrial Prostitution	Post-industrial Sexual Commerce
What is sold	Companionship and sexual intercourse with unmarried men (vagrants, sailors, etc.)	Heterossexual intercourse or receptive oral sex.	Diversified and specialized array of sexual products and services (images, performances, acts)
Where the exchange takes place	Tenements, taverns, bawdy houses, or small, remote streets	Red-lights districts or urban tenderloins ; sequestration serves to maintain social divide between 'public' and 'private'	Dispersed throughout the city and surrounding suburbs (in private homes, hotels and commercial venues ; over the telephone and online) ; no clear division between the sexual ideologies of 'public' and 'private' space.
State interventions	Prostitutes rarely persecuted and clients exempt ; vagrancy laws applied to 'disorderly' women	Criminalized or regulated by state agents ; where criminalized, gendered specification of 'prostitution' as a crime.	Nem legal focus upon 'demand' and 'trafficked woman' ; interventions concentrate on street-based exchanges and migrants.
How the exchange is organized	Informally	Third party managers (pimps, madams, and other middlemen)	'virtual' middlemen ; corporate stripclubs, private ads.
What is bought	Satisfaction of social and carnal urges.	Quick sexual release (the emotionally void counterpart of private sphere romance and love).	Bounded authenticity (relational meaning resides in the market transaction).

(BERNSTEIN, 2007, p. 170)

Tabela 4 - Modelos de Weitzer (2010)

	Modelos de Prostituição ↓	Business Location	Prices Charged	Exploitation by Third Parties	Risk of Violent Victimization	Public Visibility	Impact on Community
INDOOR	**Call Girl**	Independent operator [internet] private premises; hotel	High	Low to none	Low	None	None
	Escort	Escort agency; private premises Hotels	High	Moderate	Low to moderate	Very low	None
	Brothel Worker	Brothel	Moderate	Moderate	Very low	Low	None, if discreet
	Massage Parlor Worker	Massage Parlor	Moderate	Moderate	Very low	Low	Litlle, if discreet
	Bar or Casino Worker	Bar/Casino (contact) sex elsewhere	Low to moderate	Low to moderate	Low to moderate	Moderate	Equivalente to impact of bar or casino
RUA	**Street Walker**	Street contact sex in cars, alleys, parks, etc.	Low	High	Very high	High	Adverse

(WEITZER, 2010, p. 9)

Tabela 5 - Modelos de Bigot (2009)

Três modelos de prostituição ↓	Clientes	Intimidade	Postura do Estado	Estigma
Relação de dominação – O corpo como mercadoria	"Dominadores", "perversos". Procuram reafirmar, através da prostituição, sua posição sexual/social. Lógica compensatória.	Mínima. Evita-se todo contato desnecessário e mais afetivo, se possível. A mulher se sente "instrumentalizada".	Postura repressiva, com a prostituição, sobretudo nas ruas, sendo muito reprimida nos últimos 20 anos na Europa/EUA.	Alto. Entretanto, essas mulheres já possuem uma história de vida marcada pela dominação, exploração e degradação. Assim, o estigma derivado da prostituição é naturalizado por elas como parte de sua história pessoal.
Relação de serviço – Sexualidade como bem de consumo	Clientes possuem uma visão recreativa da sexualidade. Se trata, para eles, de diversão. Lógica recreativa.	Apesar de permitir o prazer e o afeto, as relações são bem distintas e possuem limites claros. O beijo, por exemplo, é inadmissível, porque configura "intimidade demais".	Tolerância e, inclusive, o reconhecimento e apoio para os setores da prostituição que possam se encaixar no *care*: Suíça e Holanda já reconhecem como categoria especial as mulheres que trabalham com homens deficientes.	Conceito de "saúde sexual", se consideram "terapeutas" e "empresárias".
Relação Afetivo-sexual – Sexualidade é fonte de "florescimento" pessoal	Clientes procuram viver uma relação com uma *amante* maîtresse. Os limites entre a esfera comercial e a esfera íntima são flutuantes, e espera-se que o encontro parece uma relação "legítima". Lógica recreativa-relacional.	Ambiente de "amante": "Amor com duração limitada". Programa consiste numa relação afetiva e sexual relativamente "autêntica", mas com duração limitada.	A atividade é discreta demais para ser reprimida. É tolerada, desde que permaneça indoor e online.	A *escort-girl* deve parecer amadora. Fuga do caráter "profissional demais". Discrição para fugir do estigma.

(Não há essa tabela *ipsis literis* em BIGOT, 2009. Trata-se de um resumo de seu artigo)

1.5 O que é "experiência de namoradinha" e sua autenticidade

Como Bernstein (2007) destaca, os modelos pré-industriais de trabalho sexual não foram extintos pela emergência de novos arranjos pós-industriais da prostituição. Eles apenas se tornaram mais circunscritos nas metrópoles do primeiro mundo. Em nosso contexto, há grande diversidade de arranjos que mesclam as várias possibilidades discutidas: desde o "fordismo sexual" da Rua dos Guaicurus e de outras zonas boêmias mais populares, com programas hegemonicamente rápidos e impessoais, até as boates da zona sul e as mulheres que se anunciam pela internet e trabalham em seus "privês" e a permanência – nesses últimos contextos – da *experiência de namoradinha* (BERNSTEIN 2007, p.4) dentro da apresentação das mulheres e do programa. Para a autora, essa experiência envolve algum grau de "autenticidade" por parte das mulheres:

> Em vez de se basear em relações conjugais ou mesmo duráveis, a ética sexual recreativa deriva seu significado primário da profundidade da sensação física e da mudança erótica emocionalmente limitada - o que eu aqui chamo de autenticidade demarcada. (BERNSTEIN, 2007, p.6 – tradução minha[37])

Para Bernstein, essa necessidade de novas sensações, em certa medida mais "autênticas", sentida pelos clientes, vem de duas transformações, sobretudo: das novas disposições familiares e afetivas advindas dessas transformações do sistema (tais como as famílias nucleares, o aumento do número de divórcios, a ausência de amizades, entre outros aspectos) e dos novos contextos e necessidades profissionais, fazendo com que os homens abandonem importantes momentos e aspectos ligados à suas vidas íntimas e afetivas em troca do sucesso profissional, como fica claro no primeiro depoimento de uma prostituta em seu livro:

> Atualmente, eu gasto a maior parte do meu tempo fazendo massagem nas costas dele, e nós ainda gastamos muito tempo conversando antes de fazer sexo. No final,

[37] "Instead of being premised on marital or even durable relationships, the recreational sexual ethic derives its primary meaning from the depth of physical sensation and from emotionally bounded erotic change – what I here term *bounded authenticity*" (Original).

> acabamos transando durante mais ou menos sete minutos... Sabe que é realmente engraçado quando as pessoas dizem que eu estou vendendo meu corpo. De todo o trabalho que faço, isso não é abusivo com meu corpo. A maioria dos meus clientes são trabalhadores da indústria de computação – quase metade. Às vezes eu me pergunto: e sobre os corpos deles? Esses homens gastam quarenta horas por semana arqueados sobre uma mesa. Eles vivem sozinhos, comem sozinhos, dirigem para o trabalho sozinhos. Além de me ver, eles nem parecem ter tempo para a vida social. (BERNSTEIN, 2007, p.1 – Tradução minha[38])

Podemos observar que as formas de prostituição próximas à ideia do "arranjo pós-industrial" de Bernstein (ou "relação afetivo-sexual", de BIGOT, 2009), onde o programa, no esquema de *experiência de namoradinha*, que compreende mais intimidade, afeto e reciprocidade sexual, além de certo desprezo pelas variáveis mais "mercantis" da prostituição (tal como a contagem do tempo, por exemplo), ganharam nos últimos anos um destaque especial nos contextos de comércio sexual e que, quanto mais elevamos nossos olhos para as formas mais refinadas e bem remuneradas de prostituição, mais esses modelos parecem hegemônicos, como no caso das namoradinhas que utilizam a internet ou as prostitutas de boates de luxo, como já citamos.

Bernstein discute as condições de trabalho das prostitutas em São Francisco e no Vale do Silício, duas regiões muito desenvolvidas dos Estados Unidos, encaixando-as em sua ideia de "contexto pós-industrial" moderno, dentro do qual os aspectos mais íntimos e afetivos da prostituição possuem mais destaque. Entretanto, essas formas mais sutis e íntimas de trabalho não se encontram presentes apenas nos Estados Unidos ou na Europa. O depoimento a seguir, de uma *namoradinha* que trabalha em um bairro rico de São Paulo é revelador neste sentido:

> [ser namoradinha] é esse perfil mais carinhoso, porque tem garota que é assim, ó: entra no quarto 'Põe o dinheiro em cima da mesa, por favor' dá para você, pega as coisas e vai embora. E tem outras que ficam lá, conversam, fazem um carinho, faz uma amizade com o cara, faz ele se sentir bem, porque, meu, tem muito cara que está pagando, não porque ele quer só te comer, ele quer conversar, ele quer que alguém ouça o que ele está falando, e uma namoradinha faz isso, fica lá e faz aquele papelzinho chato, entendeu? Nem sempre é chato as vezes é bem legal. (Raquel - Moema, SP)

[38]Actually, I spent most of the time giving him a backrub, and we also spent a lot of time talking before we had sex. In the end, we went over [time] by about seven minutes... You know it's really funny to me when people say that I'm selling my body. Of all the work I've done, this isn't abusive to my body. Most of my clients are computer industry workers – about half. Sometimes I ask myself: what about *their* bodies? These men spend forty hours a week hunched over a desk. They live alone, eat alone, drive to work alone. Other than seeing me, they don't seem to even have time for a social life". (Original)

Este debate sobre a *experiência de namoradinha* é importante para nós uma vez que a maioria das prostitutas que entrevistei – como Raquel – afirmou colocar em seus programas mais intimidade e afetividade, anunciando-se como namoradinhas. Embora a presença das namoradinhas seja massiva na prostituição "de luxo" e nos ambientes virtuais, ela também pode ser encontrada, com mais dificuldade, claro, na prostituição popular, onde as mulheres que trabalham aí precisam enfrentar mais barreiras para proporcionar aos seus clientes a *girlfriend experience* (BERNSTEIN, 2007).

1.6 A experiência de namoradinha em diversos contextos culturais.

As ideias de Bernstein (2007) sobre *experiência de namoradinha* e *autenticidade demarcada* podem ser verificadas em alguns trabalhos realizados em contextos de prostituição bastante diversos, o que mostra a utilidade desses conceitos para a compreensão do comércio sexual atual. Entre os trabalhos de destaque sobre os entrelaçamentos entre sexo, comércio, afetos e emoções, podemos citar as obras de Parreñas (2011), Frank (2002) (2010), Carrier-Moisan (2015), Roux (2011), Sacramento (2006) e Blanchette e Silva (2005), entre outros. Estes trabalhos, ao analisarem contextos culturais mais distantes ou mais próximos de nós, podem nos ajudar a entender melhor as nossas namoradinhas e a diversidade de suas interações com seus clientes.

Estudando as mulheres que trabalham na boate "Manila", em Tóquio, Rahcel Parreñas (2011) destaca suas diferenças em relação às boates de prostituição americanas. Aí o trabalho envolve sexo muito raramente[39], e apenas fora da boate. Na maioria das vezes a atividade das acompanhantes consiste em sentar-se com os clientes, conversar com eles, distrai-los com jogos diversos, acender seus cigarros, servir bebidas, entre diversas outras atividades, todas realizadas dentro de uma refinada simulação de "flerte", que consiste em elogiar o cliente e manter uma postura de submissão e interesse.

[39] As leis japonesas proíbem o sexo/penetração na prostituição, embora tolerem todas as outras formas de trabalho sexual, como shows eróticos, etc.

Muitas vezes o trabalho também consiste em danças eróticas e outros rituais mais sensuais, como *dirty talk*[40], *lap dance*[41] e outras provocações de cunho sexual, podendo resultar no convite para um encontro com o cliente fora da boate. Esse encontro, segundo a autora, raramente termina em sexo, e geralmente consiste em um jantar seguido de atos sexuais, como *strip tease* ou masturbação do cliente, mas muito raramente a penetração da acompanhante (2011, p.9). A autora destaca que todas essas performances eróticas e afetivas servem para sustentar e fortalecer as ideias de masculinidade[42] dos frequentadores desses clubes (2011, p.90).

O trabalho de Parreñas (2011) apresenta uma importante questão relacionada à forma moral como as sociedades ocidentais veem a prostituição. Ao analisar os aspectos econômicos e estruturais que estão presentes nas relações dessas mulheres e seus clientes, a autora destaca como a prostituição pode envolver fornecimento de afeto. Quando as acompanhantes proveem alegria, companhia, flerte, charme, quando elas bebem com eles e fortalecem sua autoestima, elas estão realizando um trabalho ignorado pela maioria dos pesquisadores ocidentais, geralmente ligados a uma visão estritamente sexual da prostituição.

A discussão da autora sobre os serviços *off table* das acompanhantes (2011, p.78), ou seja, suas facetas mais sutis e íntimas, em destaque no contexto da prostituição japonesa, pode nos fazer questionar as definições de trabalho sexual, afetivo ou emocional, que se misturam totalmente nesse contexto oriental. No contexto ocidental, os campo sexual e afetivo foram, no passado, bem separados na prostituição. Entretanto, atualmente parece haver no trabalho de nossas namoradinhas uma semelhança cada vez maior com a situação oriental: prostituir-se envolve, como sempre, vender sexo, mas pode também compreender demandas mais íntimas e emocionais.

Dessa forma, Parreñas (2011) destaca que o trabalho das acompanhantes as coloca, através de seu caráter íntimo e afetivo, numa situação de "autonomia moral", uma vez que elas não são prostitutas que se encaixam nas imagens clássicas da atividade, além de possuírem um evidente protagonismo na definição de suas formas de trabalho.

[40] Quando a acompanhante conversa sobre assuntos eróticos e conta casos excitantes.
[41] Quando a acompanhante dança no colo ou sobre a mesa do cliente. Pode ou não envolver *strip tease.*
[42] Essa é uma motivação dos clientes que também aparece nas obras de Monto (2010), Weitzer (2010), Frank e Carnes (2010) e Bernstein (2008).

> Contrariamente à interpretação unidimensional da acompanhante como vítima da prostituição forçada, descobri que elas parecem ter controle sobre suas interações com os clientes e, portanto, mantêm diferentes níveis de intimidade sexual com eles. A acompanhante imigrante manipula seu gênero e sexualidade no trabalho, onde os clientes pagam por hora para receber cuidados, elogios, excitação sexual, entretenimento e servilidade. As hostesses, portanto, alimentam, estimulam, tocam, performam, cantando ou dançando e divertem-se com os clientes. No entanto, eles fazem isso de forma não uniforme, mas sim de acordo com sua moralidade.
> (PARREÑAS, 2011, p. 147 – tradução minha[43])

Ainda sobre estas complexas relações entre intimidade e trabalho sexual, Sebastien Roux em *No Money, No Honey* (2011) discute as complexidades da relação entre dinheiro e afeto nos espaços de prostituição ligados ao turismo sexual na Tailândia. Em seu livro, o autor pretende "pensar as economias íntimas que irrigam as relações sexuais e afetivas no turismo sexual, o que nos convida a refletir a articulação do político, do moral e do sexual" (ROUX, 2011, p.23).

Além de discutir as relações entre os afetos, emoções e o trabalho sexual das namoradinhas tailandesas, Roux faz um panorama interessante da evolução do mercado sexual na Tailândia na década de 1990. Segundo ele a partir da expansão da epidemia de AIDS no fim dos anos 1980, o país passou a impor um maior controle sanitário à atividade, historicamente importante para a economia e o turismo local. A partir desse processo, houve uma maior repressão de alguns tipos de prostituição (sobretudo sobre as prostitutas pobres e de rua) e uma grande normatização e tolerância a alguns espaços de trabalho sexual, como os *strip clubs*. Dessa forma essa repressão estigmatizou mais ainda alguns espaços de prostituição mais simples e "empurrou" grandes quantidades de mulheres para outros espaços, mais "tolerados". Este processo de repressão/normatização do trabalho sexual a partir da atuação do Estado já ocorre desde os anos 1970 nos países desenvolvidos (BERNSTEIN, 2007; WEITZER, 2010) e aqui pode ser observado também num país periférico.

Outro ponto importante da obra de Roux é sua rejeição às dicotomias que povoam o imaginário social e sociológico sobre a prostituição: amor *versus* interesse, autenticidade *versus* dinheiro, prostituição *versus* relacionamento. Para o autor, essas separações não fazem

[43] Contrary to hostess' one-dimensional portrayal as victims of forced prostitution, I found that they carry a semblance of control over their interactions with customers and accordingly maintain different levels of sexual intimacy with them. Migrant hostess play with their gender and sexuality at work, where customers pay per hour to receive care, accolades, sexual titillation, entertainment and servility. Hostesses accordingly feed, praise, touch, perform by singing or dancing, and playfully flirt with customers. Yet they do so not uniformly but instead according to their morality." (Original)

sentido no cotidiano da prostituição. Tudo se mistura, numa ideia que se aproxima da teoria de Paola Tabet (2004): há um *continuum de trocas econômico-sexuais*. Vários estudos sobre a prostituição tailandesa, desde Cohen (1982), já destacavam como é difícil separar, nesse contexto de trabalho sexual, o que é trabalho e o que é vida pessoal. A prostituição nesse país é composta quase que unicamente de namoradinhas, uma vez que as relações com os clientes são, quase sempre, imitações de relacionamentos afetivos legítimos.

O bairro estudado pelo autor, *Patpong*, em Bangkok, é resultado desse processo de repressão/normalização estatal, e possui uma atmosfera bastante discreta em relação às atividades sexuais. Ele se parece com um bairro comercial, com estabelecimentos se dividindo entre *bars à gogo* (*strip tease*) e *bars à biere* (com formas de prostituição menos explícitas, lembrando algo próximo do *scotch bar*).

Para Roux, a prostituição nesse bairro possui aspectos interessantes para pensar as misturas entre intimidade, afeto, sexo e dinheiro, que desembocam na *experiência de namoradinha*. Por exemplo, o autor discute o papel dos eufemismos da linguagem que contribuem para o embaçamento das relações mercantis. O cliente não é chamado como tal, mas sim como *farang*, ocidental. Chamá-lo assim disfarça a real natureza da atividade sexual, colocando-a numa posição mais aceitável moralmente. Nos anos 1980 Cohen já destacava essa mistificação, afirmando que muitas prostitutas tailandesas não se chamavam como tal, mas como "aquelas que trabalham com estrangeiros" (COHEN, 1982, p. 412).

O autor afirma que existe um esforço consciente por parte das prostitutas de *Patpong* em mistificar as relações com os clientes. Além dos eufemismos, em que os clientes e prostitutas nunca são chamados assim, há também um intrincado sistema de troca de presentes e favores, que substitui o pagamento com dinheiro. Assim, as ideias utilizadas pela população local para as relações observadas em Patpong reduzem a "verdadeira prostituição" às práticas explícitas somente, e as relações mais condenadas são aquelas mais explicitamente sexuais e remuneradas monetariamente (ROUX, 2011, p. 52). Dessa forma, também é comum a utilização pelas namoradinhas que trabalham com estrangeiros na Tailândia, além do termo *farang*, a palavra *fen*, que pode ser traduzido como "namorado".

A diversidade das interações que acontecem nesse bairro atende a uma lógica de pagamentos de atos sexuais (também disfarçados numa simulação de relacionamento) através de presentes, favores, convites, reduzindo o aspecto mais explicitamente monetário da atividade: enquanto a mulher *cuida* sexualmente do cliente, este *ajuda* a família dela no interior (uma

lógica parecida com a que Carrier-Moisan (2015) encontrou entre *gringos* e prostitutas em Natal, no Brasil). Os programas também são disfarçados através de longas sequências de flertes, jantares, passeios e diálogos, até que se realize, algum tempo depois, o ato sexual.

Apesar de discutir as condições de um contexto oriental, Roux produz um interessante panorama de um processo que também vivemos no Ocidente, sobretudo a partir da ascensão da prostituição "pós-industrial" (BERNSTEIN, 2007), que trouxe em seu bojo a ascensão das namoradinhas como um grupo de destaque dentro do mercado do sexo. A mistificação das formas de comércio sexual pode ser realizada a partir de uma linguagem diferente daquela comum às formas de prostituição mais populares. Pode também envolver uma performance mais íntima e personalizada e imitar relacionamentos legítimos socialmente.

Marie-Eve Carrier-Moisan em *Putting Feminity to Work: Negotiating hypersexuality and respectability in sex tourism, Brazil* (2015) realizou um trabalho que possui muitos pontos em comum com a obra de Roux: estrangeiros e prostitutas locais se encontram em um bairro turístico e estabelecem relações que se diferenciam da prostituição tradicional por dois motivos: há atividades que vão além do sexo (companhia, intimidade, relacionamentos) e é uma forma de comércio sexual menos estigmatizada que as outras que se fazem presentes (2015, p. 500). Ou seja, elas estão colocando em prática, nesse contexto, a *experiência da namoradinha*.

Alguns autores brasileiros como Gaspar (1985) e Blanchette e Silva (2011) já haviam discutido este processo de manipulação do estigma e a transmissão dele pelas prostitutas a outros grupos de trabalhadoras sexuais menos privilegiadas. Mas entre as prostitutas de Ponta Negra, Natal, este processo acontece de uma forma mais radical, a ponto de as mulheres do local quase não se reconhecerem como "garotas de programa":

> Mesmo adotando a identidade de garotas de programa, eles rejeitam as práticas que eles percebem como menos respeitáveis e pensam em seu envolvimento [prostitucional] com estrangeiros como drasticamente diferente e superior à prostituição de rua com homens locais. Essas práticas são semelhantes às que outros descreveram como "desidentificação" de representações negativas da prostituição [...]. (CARRIER-MOISAN, 2015, p. 500 – tradução minha[44])

[44] "While they adopted the identity of garotas de programa, they rejected practices they perceived as less reputable and they thought of their engagement with foreigners as drastically different from, and superior to, street prostitution with local men. These practices are similar to what others have described elsewhere as 'disidentification' from negative representations of prostitution [...]" (Original)

Para Carrier-Moisan, a principal questão enfrentada pelas prostitutas-namoradinhas de Ponta Negra é o manejo de duas concepções aparentemente opostas: a visão *hiperssexualizada* que os estrangeiros possuem da mulher brasileira (uma visão sexualmente racializada, que afeta mais as mulheres negras) (CARRIER-MOISAN, 2015, p.503); e a noção de *respeitabilidade* que essas mulheres constroem sobre si, para reduzir o seu estigma.

De acordo com a autora, as mulheres que trabalham nesse local evitam *parecerem-se* com uma prostituta, através do uso de roupas comuns, "decentes", de maquiagem discreta e, sobretudo, do discurso sobre a sua necessidade de estar no negócio sexual, mesmo sendo uma *garota de família* (CARRIER-MOISAN, 2015, p. 507). Dessa forma, assim como é descrito por Roux, a relação entre cliente e prostituta passa a ser uma simulação de um relacionamento "legítimo", com as características mais "mercantis" da atividade sendo negadas: o pagamento pelos serviços sexuais passa a ser visto como "ajuda" que o "namorado" presta à família da prostituta[45]. A autora relata que *metade* das suas entrevistadas já viveu algum tempo na Europa, a convite de seus "namorados" (CARRIER-MOISAN, 2015, p. 503).

Dessa forma, as prostitutas natalenses fazem uma distinção entre "vender sexo por luxúria", e as que o fazem são caracterizadas como "safadas", "filhinhas de papai", que estão na atividade apenas pelo prazer sexual e para curtir uma vida de festas e luxo: fazem programas por "vício". Por outro lado, compreendem que estão "vendendo sexo por necessidade", e sua condição de mães (na maioria dos casos) é invocada como legitimação para estarem na atividade. É o paradigma da mãe que se sacrifica pelos filhos (CARRIER-MOISAN, 2015, P. 508-509; RIVERS-MOORE, 2010).

As mulheres de Ponta Negra conseguem, através desse discurso, distanciarem-se das outras prostitutas locais, com quem disputam o mercado dos *gringos* e dos homens locais. A partir desse deslocamento do estigma, elas passam a ser vistas pelos próprios *gringos* como mulheres "casadoiras", com as quais eles gostariam de estabelecer relações de longo prazo, como namoradas mesmo, se possível, que ultrapassam as barreiras do trabalho sexual (CARRIER-MOISAN, 2015, p. 511). Para muitas pode ser o bilhete premiado para uma vida de tranquilidade na Europa. Este discurso de distinção também pode ser encontrado entre as

[45] Roux (2011) também comenta como o pagamento por seviços sexuais pode se revestir de um caráter caritativo.

namoradinhas que eu pude encontrar em Belo Horizonte e São Paulo, como comentarei mais adiante.

Outro autor que pode ser útil para a compreensão das namoradinhas e seu *modus operandi*, uma vez que se concentrou nesses aspectos afetivos e emocionais da prostituição, é Otávio Sacramento, em artigo chamado *"Amor Contrafeito: A Emoção e Sua Instrumentalização no Meio Prostitucional"* (2006). Nesse *paper* em que debate o papel das emoções no trabalho de prostitutas em clubes da fronteira entre Espanha e Portugal, ele afirma que, apesar de muitos trabalhos sociológicos terem considerado que o sexo comercial seja desprovido de afeto (na opinião do autor, uma visão *pornocêntrica* da atividade (SACRAMENTO, 2006, p. 159)), uma análise séria da prostituição precisa levar em conta a centralidade das emoções durante o trabalho.

Antes de descrever o trabalho das mulheres nos clubes de fronteira, o autor faz uma distinção, presente em Hochschild (1998, apud SACRAMENTO, 2006, p.159-160) entre *emoção* e *sentimento.* Para essa autora, as *emoções* seriam uma representação pública e visível de *sentimentos*, que são uma experiência psíquica. Essa diferenciação parece importante uma vez que Sacramento deixa claro que, na maioria das vezes, as *emoções* apresentadas pelas prostitutas portuguesas são apenas uma *performance discursiva* (SACRAMENTO, 2006, p. 161), ou seja, são apenas uma máscara, uma representação externa e fazem parte do contexto em que elas trabalham: clubes onde clientes procuram por elementos que vão além da atividade sexual apenas: companhia, carinho, escuta, entre outros serviços que demandam um mínimo de emoção e afeto.

Uma vez que Sacramento concordaria com muitos autores que já citamos aqui, ao dizer que o cliente não procura apenas sexo, ele procura entender as motivações desses homens, que também não são muito diferentes daquelas que já discutimos:

> As razões e circunstâncias concretas subjacentes à procura do sexo comercial constituem uma dimensão na qual se manifesta a complexa heterogeneidade que caracteriza os clientes e, bem assim, os diferentes tipos de relações que mantêm com as prostitutas. No quadro dessa heterogeneidade, e sem querer estabelecer uma (falsa) dicotomia entre sexo e emoção há, desde logo, a destacar que alguns clientes parecem procurar, acima de tudo, satisfação erótico-sexual e tendem a valorizar os aspectos mais estritamente sexuais nas suas relações, enquanto que outros procuram sobretudo algum conforto emocional, conferindo maior importância à dimensão afetiva no relacionamento com as parceiras. (SACRAMENTO, 2006, p. 162)

Desse modo, as prostitutas que trabalham nesses clubes percebem que precisam oferecer uma *performance* que vá além da atividade sexual, inclusive para serem melhor remuneradas: vender apenas o sexo pertence à prostituição popular, e costuma ser remunerado dentro dessa lógica mais simples do trabalho sexual. Assim, há um esforço das mulheres para colocarem "emoção" e "autenticidade" dentro dos programas e, assim, ganharem mais dinheiro, com interações mais longas e qualificadas com os clientes, se tornando, assim, namoradinhas.

Aqui há uma novidade na discussão de Sacramento, que pode nos ser muito útil. Ele afirma que, para as prostitutas, a enorme maioria dos clientes e dos programas lhes são irrelevantes, fazendo com que a emoção sentida não seja "autêntica", mas de fachada. Sacramento afirma que elas vão construindo, em suas carreiras, um "processo racional de manipulação de fachada" (GOFFMAN, 1982 apud SACRAMENTO, 2006, p. 170), fazendo com que elas tomem consciência da separação dos conceitos de "emoção" (fachada) e "sentimento" (experiência).

Logo as namoradinhas portuguesas desenvolveram uma "dramaturgia orientada" em função das expectativas masculinas, preocupando-se com a *genuinidade* das emoções apresentadas (aqui o autor se aproxima da *autenticidade demarcada* de Bernstein (2007)). Entretanto, essa necessidade de veracidade na relação com os clientes cria novos dilemas para essas prostitutas, como uma dificuldade – sobretudo das iniciantes – de apresentar-se desinibida e íntima do cliente; além da difícil separação entre vida pessoal e profissional na atividade (SACRAMENTO, 2006, p. 173): se a negação do beijo era um importante marcador das fronteiras entre essas esferas, como fazer, agora que esse gesto faz parte das expectativas do cliente e da performance oferecida?

No caso dos clientes *habitués*, a confusão também reina, uma vez que a convivência gera mais sentimentos e relacionamentos que muitas vezes vão além do sexo pago. Para Sacramento,

> Os clientes idosos, os que têm menor capital escolar e aqueles para quem a prostituição representa o principal meio de satisfação das necessidades sexuais e emocionais são, por regra, os que mais facilmente se envolvem em relações de "pseudonamoro", de que saem mais ou menos lesados [financeiramente]. (SACRAMENTO, 2006, p. 175 – grifos meus).

Um dos principais sinais dessa "vinculação afetiva" entre clientes e prostitutas é a "fidelidade" que os primeiros costumam possuir a determinada mulher quando se engajam numa relação de sexo pago. Este fenômeno também é comum em nossos contextos com a presença de namoradinhas.

Sacramento conclui seu texto citando os benefícios financeiros do trabalho sexual mais íntimo e emocional, e lembra a facilidade que prostitutas brasileiras possuem no trabalho em clubes portugueses, em razão de sua socialização sexual e afetiva diferente das europeias:

> No que às trabalhadoras sexuais diz mais diretamente respeito, as emoções constituem-se, em larga medida, como simulacros estratégicos que mobilizam sob a forma de recursos de sedução e poder na relação com os clientes, no sentido de garantirem a sua fidelização e o seu apoio material e, consequentemente, uma maior eficiência comercial da atividade. Esta criação/mobilização de simulacros emocionais, como vimos, parece ser particularmente bem concretizada pelas mulheres de nacionalidade brasileira, culturalmente mais soltas na vivência da sexualidade, do corpo e dos afetos. (SACRAMENTO, 2006, p. 179)

Blanchette e Silva (2005), ao analisarem a boate *Help* em Copacabana, Rio de Janeiro, onde aconteciam encontros entre prostitutas brasileiras e clientes estrangeiros, também destacam aspectos importantes relacionados à intimidade e ao afeto nas interações entre estes dois grupos. Para os autores, apesar de muitos *gringos* virem ao Brasil imbuídos de uma visão extremamente sexualizada da mulher brasileira, sobretudo da negra, há também um grupo entre esses estrangeiros que vêm em busca de uma "ilusão de namoro" (BLANCHETTE, SILVA, 2005, p. 277). Para os autores

> O intuito do girlfriend experience é a vivência como um casal, sendo entendido que, após paga a quantia negociada, o homem pode ir embora quando quiser. Em muitos casos, essa forma de prostituição fica ainda mais ambígua, pois o preço não é negociado de antemão, a menina confia que seu "namorado" vai lhe pagar uma quantia justa no final de suas férias. Tais relações são muitas vezes objetivamente indistinguíveis dos relacionamentos recíprocos, nomeadamente anticomerciais e entendidos como 'normais', especialmente num mundo desigual onde o parceiro gringo, parte de um casal binacional, quase sempre disponibiliza de mais dinheiro e de recursos que o parceiro brasileiro. Nossas informantes, aliás, estão todas de acordo: "ganha-se muito mais como namorada do que como puta". (BLANCHETTE, SILVA, 2005, p. 278)

Isto posto, podemos concluir que ser namoradinha é uma estratégia profissional que, apesar de muito antiga em algumas de suas formas, ganhou força nos últimos anos, graças às inúmeras mudanças na prostituição, que já comentamos. Assim, oferecer ao cliente uma *experiência de namoradinha* (BERNSTEIN, 2007) é o caminho para um trabalho melhor remunerado, com possibilidades mais concretas de fidelização desse homem e, consequentemente, a possibilidade de estabelecer relações *econômico-sexuais* (TABET, 2004; BIGOT, 2009) mais duradouras, que lhe tragam mais tranquilidade e segurança no trabalho e melhores ganhos financeiros. Por fim, as namoradinhas afastam-se do "estigma de puta" (CARRIER-MOISAN, 2015; CHAPKIS, 1997), através da emulação de relacionamentos legítimos, conseguindo ocupar um lugar menos desconfortável dentro dos espectros morais e sexuais de nossa sociedade.

1.7 A mistificação da prostituição como redução das condenações morais

Alguns autores, como Bernstein (2007), Roux (2011), Carrier-Moisan (2015) e Chapkis (1997) discutem a relação das prostitutas frente às condenações morais que a sociedade constrói sobre suas atividades. Diante dessas reprovações, que sempre existiram, há algumas possibilidades, como negar a própria identidade de mulher prostituída, levando uma vida dupla, renegar o nome de "prostituta", "garota de programa" em troca de novas nomenclaturas como "terapeuta", "acompanhante" entre outras saídas mais individuais. Com a emergência, no Brasil, da prostituição das namoradinhas, uma nova visão moral passa a acompanhar essas mulheres.

As imagens clássicas – e condenadas – da prostituição: a mulher "pública", o "mal necessário", a onipresença do dinheiro e do interesse econômico, as casas de prostituição, vão paulatinamente entrando em decadência em alguns contextos, na medida em que a intimidade admitida na atividade já não é mais vista de forma marginal, mas como parte fundamental da prostituição.

Esse novo contexto de serviço sexual sofre menos condenação moral uma vez que *a prostituição das namoradinhas não se parece com prostituição,* na maioria das vezes. Ou seja, há um enorme processo de mistificação da atividade, que ajuda as mulheres a ocuparem

lugares de mais destaque no mercado, e as ajudam a escapar das reprovações morais e do estigma social.

Por *mistificação* entendo um processo de disfarce do caráter comercial das relações sexuais. Este processo acontece, sobretudo através do uso de eufemismos de linguagem (como chamar-se "acompanhante" no lugar de prostituta) (CARRIER-MOISAN, 2015; ROUX, 2011) e da introdução de mais intimidade nas interações com os clientes, para que o programa se pareça menos com um "programa" (CHAPKIS, 1997; BERNSTEIN, 2008) Em suma, a namoradinha parece mais legítima aos olhos da sociedade e dos clientes, uma vez que, nesse contexto, a prostituição não é "pública" e simula, de alguma forma, um relacionamento afetivo e legítimo.

Durante o processo de transformação da prostituição nas últimas décadas podemos observar graus diferentes de mistificação dentro da atividade. Assim como nos tempos de Ritinha, de Nelson Rodrigues, o trabalho sexual era, hegemonicamente, uma atividade muito mais sexual e quase nada relacional e íntima, hoje ainda pode-se ver mulheres que trabalham na região da Rua dos Guaicurus e em várias zonas boêmias de outras cidades, e que tratam os clientes com indiferença, antipatia até, e mantém um ar *blasé* e distante durante o sexo.

Por outro lado, hoje é muito evidente outra maneira de trabalhar, na qual a prostituição se disfarça através da linguagem ou da intimidade: são as namoradinhas. Nas boates da zona sul, por exemplo, é possível ver como as prostitutas "seduzem" os clientes, como lhes são íntimas, como o programa é introduzido por um longo tempo de conversa, como a intimidade das mulheres é exigida pelos clientes constantemente.

Esta mistificação estratifica de forma bastante evidente o universo da prostituição. Por exemplo, uma prostituta que trabalha no baixo centro de Belo Horizonte ou do Rio de Janeiro pode receber mais dinheiro do que outra que trabalha na zona sul dessas cidades, em boates. Entretanto, as últimas terão um status muito mais elevado do que as primeiras. Wendy Chapkis explica nos seguintes termos:

> aquelas que trabalham de forma mais próxima [em relação à intimidade] se colocam em relações que se parecem menos com o comércio sexual e geralmente ocupam um

> status mais elevado do que aquelas que se aproximam de formas menos mistificadas de trabalho sexual. (CHAPKIS, 1997, p.104 – tradução minha[46])

Dessa forma, a estigmatização aumenta na medida em que as trocas sexuais e econômicas são mais claras e contratualizadas. Ou, dito de outra forma, as relações comerciais envolvendo sexo que não apenas se limitam ao ato sexual e que apresentam um preço menos evidente (ao menos do ponto de vista monetário) se aproximam de modelos de relacionamentos socialmente vistos como legítimos (BERNSTEIN, 2007; ROUX, 2011; CARRIER-MOISAN, 2015; CHAPKIS, 1997).

Chapkis cita a existência de uma forte mistificação (1997, p. 105) no trabalho sexual, fazendo com que as mulheres envolvidas nele em diversos espaços construam um discurso que afasta as imagens mais comerciais e burocráticas do trabalho, aproximando-o de formas mais íntimas e "legítimas" de relacionamento. Dessa forma, muitas mulheres – como pude perceber no trabalho de campo – podem substituir a palavra "pagamento" por "presente" ou "cachê"; ou mesmo podem evitar tocar no dinheiro, preferindo transações bancárias pela internet.

Este processo faz com que o programa realizado pelas namoradinhas se pareça com um relacionamento sexual e afetivo "normal", na acepção de Gayle Rubin. Esta autora, em *Políticas do Sexo* (2017), analisa o esquema moral que povoa a concepção social do que seja o "bom sexo" e o "mau sexo". Este esquema compõe-se de um *continuum* entre o que nós consideramos *normal, natural, sagrado e saudável*, tendo como exemplo maior o sexo realizado dentro dos casamentos heterossexuais, monogâmicos, para reprodução e em âmbito privado. No outro extremo deste *continuum* podemos observar o que consideramos *anormal, não-natural, doentio, pecaminoso* ou *desviante:* o sexo realizado dentro de interações fetichistas, sadomasoquistas, com travestis e transsexuais e, finalmente, as relações sexuais em troca de dinheiro.

Em nossos contextos atuais de prostituição, sobretudo os povoados pelas namoradinhas, podemos observar que a mistificação acontece através de, sobretudo, dois elementos: a presença de uma linguagem baseada em eufemismos (ROUX, 2011; CARRIER-MOISAN, 2015), que ajuda a embaçar as relações, e a introdução de mais intimidade no programa, o que ajuda a transformar a interação num simulacro de relacionamento legítimo, aos olhos da

[46] "Those who work most closely resembles non-commercial sexuality generally ocuppy a place of higher status than those engaged in less mystified forms of sex work". (Original)

sociedade. Entretanto, a introdução de mais elementos emocionais nas relações entre prostitutas e clientes exige das primeiras um maior esforço de demarcação dos seus limites em relação ao afeto e a intimidade com os homens com que se relacionam. O depoimento abaixo, de uma acompanhante "de luxo", é revelador nesse sentido:

> Eu sou uma guria que vou conversar contigo sobre o que tu quiser porque eu estou antenada nas coisas, não sou alienada, é isso entendeu? Se tu gostar de mim e quiser me levar para algum evento, tu pode me levar, tu não vai passar vergonha, eu não sou "piriguete", eu não recebo eles com roupa de puta, isso eles falam muito. Tipo agora eu estou aqui de pijama e de cabelo preso, mas meu cabelo está sempre arrumado, eu estou sempre maquiada, eu recebo de vestido, nada vulgar, salto alto, assim, e é uma coisa diferente, sabe? É isso que eu ofereço para eles, por isso que eu cobro mais. (Flávia– Moema, SP)

1.8 Trabalho relacional e trabalho emocional

A partir da ascensão das namoradinhas dentro da prostituição, podemos observar que este grupo, especificamente, precisa realizar um esforço maior para a demarcação e separação entre as relações pessoais e profissionais. Na prostituição popular, onde a intimidade é quase sempre ausente do programa, é mais fácil para aquelas mulheres determinarem quem são seus amigos, clientes e namorados. As namoradinhas, por outro lado, com um programa mais íntimo e afetivo, as relações podem se confundir mais facilmente, fazendo com que as prostitutas tenham um esforço maior em organizar suas relações afetivas e profissionais. A isso chamamos *trabalho relacional,* que é o esforço feito para, com cada cliente, delimitar suas vidas pessoal e profissional, e para definir qual intimidade pode ser oferecida ou não (ZELIZER, 2005, p. 30).

Dessa forma, o *trabalho relacional* é uma tarefa mais simples em contextos da prostituição popular, uma vez que a maioria dos programas transcorre numa atmosfera mais ou menos impessoal e mercantil, e na maioria das vezes, as relações são mediadas apenas pelo dinheiro.

Por outro lado, baseado nas informações que colhi em campo, acredito que uma prostituta namoradinha (como as que se anunciam pela internet, por exemplo) que trabalhe em sua casa, que receba muitos presentes e que possua alguns *habitués*, tem mais dificuldade em estabelecer limites entre a vida pessoal e profissional, entre clientes, amigos, namorados e

habitués: nesse contexto o trabalho relacional, a demarcação de fronteiras afetivas pode ser mais complexa e sutil.

Em nossos contextos atuais, as relações ente prostitutas e clientes podem compreender diferentes tipos de serviço, de intimidade e de formas de pagamento. Os tipos de interações dependem muito do espaço em que elas estão acontecendo, como ambientes mais apressados e impessoais (como a região da Rua dos Guaicurus, para dar o exemplo de Belo Horizonte) ou espaços mais íntimos (como as mulheres que trabalham em *privês* e se anunciam pela internet, por exemplo). Por outro lado, múltiplas relações também podem existir num mesmo espaço, apesar de – pelo menos teoricamente – seguirem um determinado padrão. Uma única prostituta pode estabelecer laços diferentes com diversos clientes num mesmo espaço: ela pode atender num mesmo dia clientes desconhecidos e *habitués*, por exemplo.

As prostitutas consideram (FRANÇA, 2011; BIGOT, 2009; SACRAMENTO, 2006) diferenças de intimidade com clientes em seu trabalho. Por outro lado, também concordam que é essencial estabelecer limites entre o que é pessoal e o que é profissional, ou seja, o que pode ser compartilhado com alguns clientes. Dessa forma, existem variações individuais em relação ao que é considerado pessoal e profissional, e há uma constante variação desses limites. As fronteiras entre espaços de intimidade e espaços profissionais podem se confundir em alguns contextos, como na prostituição de luxo e entre as namoradinhas, por exemplo, onde comumente as mulheres atendem os clientes em casa, nos seus quartos, os mesmos lugares em que dormem, descansam e guardam seus objetos: essas tem um *trabalho relacional* mais árduo a fazer.

Em suma, quanto mais intimidade o programa compreende, como é o caso da maioria das interações entre namoradinhas e clientes, mais difícil será o trabalho relacional, ou seja, a separação mais ou menos clara da vida pessoal e da profissional. Entretanto, apesar de dificultar estes processos de diferenciação, essa intimidade é parte importante do processo de mistificação pelo qual passa o trabalho sexual, na tentativa de uma diversificação de suas ofertas e na transformação do programa em interação mais ou menos legítima aos olhos da sociedade. Zelizer (2005) define intimidade como confiança, compartilhamento de segredos, de saberes e informações, e atenção por parte dos indivíduos na interação.

Uma das contribuições mais importantes a este debate foi dada por Arlie Hochschild (2003), em *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*, ao criar o conceito de *trabalho emocional.* Esse conceito se relaciona às profissões onde uma parte de suas

atividades se relaciona com a geração, no outro, de sentimentos e emoções. Este debate é importante para nós porque o trabalho das namoradinhas compreende, quase sempre, a expectativa de uma relação mais íntima e afetiva, com elementos que transcendem o sexo.

Este conceito foi concebido para descrever o esforço feito pelos trabalhadores de alguns setores para dominar e organizar as suas emoções e as emoções daqueles que estão em contato, como clientes ou subordinados. Hochschild baseia a sua teoria no estudo que realizou com aeromoças e cobradores de dívidas: enquanto as primeiras deveriam ser amáveis, sorridentes, tranquilas e protetoras para deixar os passageiros mais à vontade e transformar o voo numa experiência mais agradável, os últimos deveriam se mostrar rudes, intimidadores e mal-educados para negociar com os maus pagadores (HOCHSCHILD, 2003).

Dessa forma, a performance emocional, junto das competências técnicas e acadêmicas, passa a ser um fator importante para a contratação dos trabalhadores, sobretudo em alguns setores onde o trabalho envolve um contato mais direto e íntimo com os clientes (para além das aeromoças, que já citamos, podemos lembrar das funcionárias de salão de beleza, babás e cuidadoras de idosos, enfermeiras, entre muitos outros ofícios, sobretudo os relacionados ao *care*, que debateremos mais adiante).

Essa atuação emocional, entretanto, funcionará melhor se for vivida o mais sinceramente possível, e não for apenas simulada. As necessidades dos clientes (como os da prostituição) fazem com que a superficialidade das emoções ou seu fingimento deixem de ser suficientes para a interação, sendo cada vez mais exigida uma vivência cada vez mais sincera, *autêntica*, na medida do possível (BERNSTEIN, 2008), das emoções. O depoimento abaixo revela como uma namoradinha reflete sobre a relação entre a autenticidade e a noção de exclusividade que o cliente quer:

> [Namoradinha é] uma menina que eles podem ficar saindo mais vezes, é uma menina que dá mais atenção, por exemplo, eu tenho um cliente que ele sai comigo, e automaticamente depois que a gente sai, a gente sai pra jantar, eu não cobro pra jantar. Porque ele tem um horário fixo comigo toda semana. E às vezes ele vem duas vezes por semana, então é isso. Ou é um cliente que te dá uma jóia, sabe? Só que tu tem que dar uma atenção especial, sempre que ele te mandar mensagem, se ele quer um horário e tu já marcou com outra pessoa, você tem que dar um jeito de tentar encaixar ele naquele horário, entendeu? Então, o perfil namoradinha também, é uma menina mais carinhosa, é uma menina que conversa mais, não é tão mecânico. É uma menina que consegue... Que sai com menos. Na cabeça deles, sai com menos, porque assim, eu posso receber 8 homens aqui, todos os 8, pode ser 10 da noite, ele vai achar que é o

> primeiro do dia. E você tem que fazer com que ele ache que é o primeiro do dia. 'Ah, como foi teu dia?', 'Nossa, uma correria, faculdade trabalho', 'Não trabalhou hoje?', 'Não, não deu tempo de trabalhar, está ruim, sabe?', porque eles querem acreditar nisso, tem que estar sempre tirando o lixo [do banheiro], não pode... Deus me livre aparecer uma camisinha ali pra eles, né? Então é isso, é esse perfil assim. (Raquel – Moema, SP)

Entre as prostitutas, aquelas que trabalham de forma mais íntima (como as acompanhantes de luxo, *call girls*, *escort girls* e outros grupos de namoradinhas) precisam exibir uma performance emocional mais *autêntica* do que as prostitutas que trabalham nas ruas ou nas "zonas boêmias", cujos programas são mais rápidos e impessoais, transcorrendo em lugares que não proporcionam possibilidade de uma maior intimidade entre cliente e mulher.

Muitos autores, como Lever e Dolnick (2010) e Sacramento (2006) defendem que as prostitutas não vendem intimidade e afeto, mas sim a *ilusão* deles, e que o trabalho das namoradinhas é apenas teatral. De toda forma, ainda que isso seja verdade, uma boa parte do trabalho emocional dessas mulheres consiste em manter viva essa ilusão, ou de transformá-la numa "fantasia" (LEVER, DOLNICK, 2010, p.188). O cliente pode ver essa interação como uma fantasia ou como uma relação sincera.

Nos dois casos cabe então à prostituta corresponder às suas expectativas, fazendo com que a interação seja o mais real e íntima possível, se preocupando em tornar as experiências recíprocas, ou ao menos fingir bem esta reciprocidade, durante o tempo em que estão juntos, daí a *autenticidade demarcada* de Bernstein (2007): a relação é íntima, "autêntica", durante suas restrições no tempo e no espaço.

Dessa forma, este *trabalho emocional* (HOCHSCHILD, 2003), que capta as expectativas emocionais dos clientes e procura respondê-las, relaciona-se ao não menos necessário *trabalho relacional* (ZELIZER, 2005), que consiste em organizar a interação, estabelecendo alguns compromissos e também alguns limites (como o tempo ou, mais dificilmente, o nível de intimidade autorizado). Quanto mais trabalho emocional a ser realizado e quanto mais ele depende da autenticidade para funcionar, mais difícil fica o trabalho relacional, uma vez que a prostituta precisa mergulhar cada vez mais seu próprio *self* na interação, tendo assim dificuldades para separar vida pessoal e profissional.

Wendy Chapkis (1993), ao discutir o trabalho emocional entre as prostitutas, afirma que

> Usando as ferramentas fornecidas por Hochschild, é possível repensar a suposição de que o trabalho sexual inevitavelmente destrói a vida emocional do trabalhador. O trabalho sexual não é mais 'pacto com o diabo' (em que a "alma" é trocada pela fortuna mundana) do que qualquer outra forma de trabalho emocional. As trabalhadoras do sexo podem assumir os mesmos riscos que os outros envolvidos no trabalho emocional. Claramente, realizar o trabalho emocional, incluindo o trabalho sexual, pode afetar negativamente a vida emocional do trabalhador. Mas não há mais razões para esperar que o efeito seja necessariamente e simplesmente destrutivo. Hochschild descreve três posições possíveis para os profissionais que trabalham com a emoção encararem seu trabalho. O primeiro é uma identificação completa com as demandas do trabalho que, ela adverte, leva a se queimar. O segundo é uma separação consciente, mas culpada, de aspectos da própria forma das exigências emocionais do trabalho, produzindo culpa decorrente da crença de que tal divisão representa insinceridade. E, finalmente, pode haver uma separação positiva de aspectos do próprio self e do papel a cumprir: 'o trabalhador se distingue de seu ato, não se culpa por isso, e vê o trabalho como exigindo a capacidade de agir' (HOSCHISCHILD, 1983, p.44). Em outras palavras, Hochschild sugere que o perigo não reside na separação dos papéis, mas em uma identificação muito próxima deles. (CHAPKIS, 1993, p. 78-79 – tradução minha[47])

Uma importante contribuição empírica ao debate sobre intimidade, mistificação e trabalho emocional e relacional, sobretudo nos contextos das namoradinhas, foi dada por Katherine Frank (2002), ao entrevistar clientes de clubes de strip-tease nos EUA. Ela destaca que, depois de algum tempo de frequência nesses ambientes, os clientes começavam a considerar entediante a dinâmica do local, baseada apenas na nudez das mulheres. Dessa forma, passavam a buscar relações mais íntimas e profundas com as dançarinas, procurando descobrir seus nomes verdadeiros e outras informações pessoais.

A autora destaca que os depoimentos dos clientes nos permitem refletir sobre o prazer procurado por estes homens a partir da busca de algum afeto ou emoção mais ou menos diferentes das habituais relações meramente sexuais e profissionais. Ainda que esses homens

[47] "Using the tools provided by Hochschild, it is possible to rethink the assumption that sex work inevitably destroys the emotional life of the worker. Sex work is no more a pact with the devil (in which the 'soul' is exchanged for worldly fortune) than any other form of emotional labor. Sex workers may be assumed to run the same risks as others involved in emotional labor. Clearly, performing emotional labor, including sex work, can negatively effect the emotional life of the worker. But there is no more reason to expect taht the effect is necessarily and simply destructive. Hochschild outlines three possible stances for emotion laborers to take toward their work. The first, is complete identification with the demands of the job which, she warns, leads to burn-out. The second is a conscious but guilty separation of aspects of the self form the emotional demands of the work, producing guilt arising from the belief that such a divisiona represent insincerity. And lastly, there can be a positive separation of aspects of the self from role : 'the worker distinguishes herself from her act, does not blame herself for this, ans sees the job as positively requiring the capacity to act' (HOSCHISCHILD, 1983, p.44). In other words, Hochschild suggests that the danger lies not in the separation from role, but in too close an identification whit it". (Original)

saibam que as dançarinas estão ali a trabalho, numa relação profissional, eles esforçam-se para atrair sua atenção e também querem que elas se sintam atraídas por eles.

Frank (2002) destaca que esses clientes possuíam um intenso desejo de sentirem-se diferentes dos outros homens. Dessa forma, uma característica dessas interações seria uma constante confusão entre os limites da realidade e da encenação. Assim como os homens queriam ter acesso a intimidade dessas mulheres, através da revelação de informações privilegiadas, as dançarinas também valorizavam essas relações e forneciam informações (não necessariamente verdadeiras) para eles, uma vez que sabem que serão, nessas interações, mais bem remuneradas e que o cliente poderá passar mais tempo com elas.

Este processo é bem evidente em nossos contextos de namoradinhas, sobretudo nas boates mais refinadas das regiões mais ricas de São Paulo e Belo Horizonte, onde a negociação e a interação entre clientes e prostitutas envolve um processo razoavelmente longo que compreende diálogos, danças e sedução. As mulheres se esforçam nesses ambientes para que os clientes se sintam mais "especiais", introduzindo elementos de intimidade na relação. Nesses ambientes, o citado *trabalho relacional* (ZELIZER, 2005) também pode ser mais complexo, uma vez que faz parte do trabalho e da própria concorrência com as colegas oferecer algo diferente aos clientes, na forma de uma interação mais íntima e personalizada.

1.9 A diversidade das formas de mistificação

As possibilidades de mistificação da prostituição são enormes. Entretanto para que essa mistificação aconteça, é necessário adicionar mais intimidade e afeto nas interações entre aqueles que oferecem serviços sexuais e aqueles que os contratam, como é comum nos programas realizados pelas namoradinhas. Um exemplo que me chama a atenção há algum tempo é a proliferação de sites que promovem encontros entre jovens e suas *sugar mommas*[48] nos Estados Unidos e na Europa.

[48] *Sugar mommas* ou *sugar mamas* são mulheres acima dos quarenta anos, divorciadas ou viúvas, que saem com jovens de classe mais baixa. Há um contrato implícito em que essas mulheres introduzem esses jovens a jantares e festas caras, recebendo sexo em troca. No Brasil esses jovens aproximam-se de nosso conceito de *gigolô.*

Um dos sites mais famosos, *Seeking Arrangement*[49], possui como slogan "Relações com benefícios mútuos". Este sítio, assim como diversos outros, norte-americanos e europeus sobretudo, operacionalizam o encontro entre *sugar mommas* ou *sugar daddys* e *sugar babies*, rapazes e moças dispostos a fazer o papel de gigolô. Os sites funcionam de forma parecida com o *facebook*, onde as pessoas podem criar perfis com fotos e informações e convidar outras para se encontrar.

É interessante observar que não há, em nenhum desses sites, menção à palavra "prostituição" ou qualquer outro termo conexo. Entretanto, as definições dos perfis dos usuários deixam implícito que se trata de um site de serviços sexuais:

> O que é um Sugar Daddy ? Homens e mulheres de sucesso que sabem o que querem. Eles estão no controle, e gostam de companhias atrativas ao lado. Dinheiro não é um problema, uma vez que eles são generosos quando se trata de sustentar um sugar baby.
>
> O que é um Sugar Baby? Pessoas atraentes procurando pelas coisas finas da vida. Eles apreciam viagens exóticas e presentes. Sugar Babies tem experiência num estilo de vida luxuoso, e encontram pessoas ricas frequentemente.
>
> (seekingarrengement.com – tradução minha[50])

Muitas namoradinhas utilizam não apenas este site, mas vários outros canais na internet e aplicativos de celular para encontrar clientes dentro dessas formas mais disfarçadas de trabalho sexual. Algumas, por exemplo, revelaram preferência por frequentar boates de dança e shows que não possuem relação com a prostituição. Nesses espaços elas abordam homens que lhes parecem mais dispostos e ricos, e estabelecem com eles uma interação que procura estabelecer mais intimidade. Muitas preferem contar que o encontro será pago apenas quando já se dirigem à saída da boate.

Carrier-Moisan (2015), ao analisar a atuação das prostitutas/namoradinhas que procuram os *gringos* em Ponta Negra, Natal, também observa que o objetivo final de sua abordagem não é apenas o programa (já devidamente recheado de afetos, emoções e demais simulacros

[49] www.seekingarrangement.com (acesso em outubro de 2017)
[50] "What's a Sugar Daddy? Sucessful men and woman who know what they want. They're driven, and enjoy attractive company by their side. Money isn't an issue, thus they are generous when it comes to supporting a Sugar Baby. What's a Sugar Baby? Attractive people looking for the finer things in life. They appreciate exotic trips and gifts. Sugar Babies get to experience a luxurious lifestyle, and meet wealthy people on a regular basis". (Original)

relacionais), mas também o engajamento num relacionamento duradouro. No final das contas, o propósito da interação é fazer do cliente um namorado, que possa convidá-la a morar na Europa.

Há, claro, muitos desentendimentos entre as pessoas que se envolvem nessas interações, uma vez que não há um *contrato explícito* entre "clientes" e namoradinhas. Entretanto, pensando no debate realizado por Bernstein (2007), Chapkis (1997), Frank (2002), Roux (2011), e Carrier-Moisan (2015), se esse contrato fosse explícito a atividade seria estigmatizada. Os contratos estritamente mercantis ou profissionais não são bem vistos ou bem remunerados em nossos contextos mais atuais. A prostituição em sua forma mais popular recairia na clássica discussão de Simmel:

> A natureza do dinheiro se assemelha à natureza da prostituição. A indiferença com que presta qualquer uso, a infidelidade com que deixa todos, a falta de vínculos com qualquer um, sua completa objetivação que exclui qualquer afeto e o torna adequado como um meio puro - tudo isso sugere uma analogia poderosa entre ele e prostituição.
>
> (SIMMEL, 1971, p. 122 – tradução minha[51])

Esta definição é exatamente a antítese do nosso contexto atual. Agora, as mulheres desses ambientes procuram fugir à "indiferença", à "infidelidade", tão moralmente atacadas, através da mistificação da prostituição. Por meio da ideia de namoradinha, elas conseguem descolar sua imagem da já desgastada ideia de "mulher pública", da "meretriz", e o fazem através da transformação do programa num espaço de troca de intimidades e pela imitação de relacionamentos legítimos, além de cada vez mais descolaram-se dos espaços físicos tão estigmatizados de prostituição (tais como as ruas ou zonas boêmias) para buscar seus clientes no mundo virtual (WEITZER, 2010; BERNSTEIN, 2007).

[51] "The nature of money resembles the nature of prostitution. The indifference with which it lends to any use, the infidelity with which it leaves everyone, its lack of ties to anyone, its complete objectification that excludes any attachment and makes it suitable as a pure means – all this suggests a portentous analogy between it and prostitution". (Original)

1.10 Os habitués e a mistificação através da imitação de relacionamentos legítimos

Voltando ao nosso contexto, os programas realizados pelas mulheres de diversos espaços de prostituição das cidades que pude observar[52] podem seguir alguns *scripts*: alguns se desenvolvem de forma impessoal e mecânica, dentro de uma lógica totalmente racionalizada, regida pelo tempo e pelo dinheiro, nos quais a intimidade e as emoções parecem estar ausentes. Outros, como os realizados pelas namoradinhas, porém, abrem espaço para encontros mais íntimos, com a presença de afetos e prazeres mais ou menos recíprocos, ainda que uma certa lógica profissional esteja mantida.

Neste último caso é mais comum que esse tipo de interação, mais íntima e personalizada, se realize com clientes mais frequentes, com os quais as mulheres desenvolvem laços mais ou menos profundos, íntimos e duradouros, facilitando a emergência de emoções e deixando de lado por algum tempo as lógicas mercantis e racionais da atividade: os *habitués*[53].

Ainda que a maioria dos clientes comumente faça programas com mais de uma prostituta, é comum observar, mesmo na prostituição popular, como nos hotéis da zona boêmia, a presença de homens que fazem sexo regularmente com apenas uma prostituta (FRANÇA, 2011, p.130). Esses clientes gostam ou sentem-se mais a vontade com alguma mulher específica e vêm aos hotéis com certa frequência. Muitas prostitutas valorizam esses *habitués*, uma vez que eles são mais confiáveis, previsíveis e menos instáveis e violentos, lhes pagam mais que o normal e são, em geral, mais afetivos (FRANÇA, 2011, p. 131).

Ainda de acordo com Marina França (2011), Roux (2008), Carrier-Moisan (2015) e Sacramento (2006) as relações entre prostitutas e *habitués* podem durar muito tempo, às vezes até anos. O tipo de interação pode continuar num padrão comercial e impessoal, apesar de ser facilitado pela intimidade, repetição e conhecimento mútuo, ou pode evoluir para algo mais íntimo e afetivo. Dessa forma, as práticas, os sentimentos e as trocas econômicas podem se tornar mais complexas.

[52] Estou citando observações feitas em trabalho anterior (COSTA, 2013) e também no trabalho de Marina França (2011, p. 130), além das minhas observações etnográficas feitas em Belo Horizonte e São Paulo, entre 2016 e 2017, as quais detalharei melhor nos próximos capítulos.

[53] *Habitué* é um termo que criei. As prostitutas costumam se referir a esses homens como "cliente fixo" ou "fixo". Algumas também se referem a eles como "namorado", mas numa entonação carregada de ironia.

Essas relações com *habitués* trazem um menor desgaste físico, uma maior previsibilidade e um ganho financeiro melhor para as prostitutas, o que pode explicar seu esforço para fidelizar clientes. Esse esforço, como já dissemos no inicio desse capitulo, consiste em sair do padrão pré-definido de programa e ofertar uma interação mais personalizada, íntima e afetiva ao cliente (BERNSTEIN, 2007; CHAPKIS, 1997; BIGOT, 2009; FRANÇA, 2011; ROUX, 2008; BIGOT, 2009; SACRAMENTO, 2006, entre outros).

O conceito de namoradinha pode nos ajudar aqui também. Incorporar este personagem possui várias vantagens em relação à imagem clássica da prostituição, sobretudo nos contextos mais pobres e populares. Assumir esse papel pode colocá-la mais distante das condenações morais da sociedade, ao transformar o programa num simulacro de relacionamento. Além disso, sendo namoradinha ela propõe um programa diferente, mais íntimo e afetivo, sendo mais bem remunerada. Por fim, as performances como namoradinhas poderão facilitar a transformação de clientes ocasionais em *habitués*, através de programas que promovem uma interação mais íntima.

Como nossos contextos de prostituição são muito heterogêneos, parece existir uma especificidade própria ao trabalho e ambiente de cada prostituta (ou seja, a forma como ela trabalha, suas preferências profissionais, entre outros fatores) assim como um processo de personalização das relações com alguns clientes, na expectativa de fidelizá-los. Por outro lado, também parece haver uma forte padronização dos programas na prostituição popular, não somente na região da Rua dos Guaicurus[54] (para citar apenas o caso belorizontino, por enquanto), mas em diversos outros espaços de prostituição da capital, de modo que as relações entre clientes e prostitutas também pode seguir padrões mais ou menos homogêneos, respeitando as estruturas e rotinas desses ambientes.

A aprendizagem de técnicas e a rotina de trabalho ajudam a facilitar os programas e o contato com os clientes dentro dos esquemas e rotinas desses espaços, criando barreiras físicas e afetivas que auxiliam a prostituta a proteger sua intimidade. Entretanto, nos contextos atuais de prostituição, a partir da introdução de mais intimidade nas interações, sobretudo as que envolvem as namoradinhas, esses limites são quebrados com certa frequência (PASINI, 2000; FRANÇA, 2011), fragilizando-se ou modificando-se, na medida em que se criam empatia e atração por um determinado cliente, transformando a natureza do programa e fazendo surgir aí novas relações.

[54] Como discute, por exemplo, França (2011).

As relações entre clientes e prostitutas, as regras dentro das quais se processam essas relações e o desenvolvimento dessas interações dependem da forma como essas mulheres realizam seu trabalho: horários, práticas, locais, remunerações. O espaço onde o trabalho é realizado tem um peso crucial para a organização dessas relações, que podem ser majoritariamente impessoais e mercantis, como nas zonas do centro da cidade; ou mais íntimas e afetivas, como nas boates e privês da zona sul, onde a rotina de trabalho permite interações mais intensas e íntimas às namoradinhas e seus clientes.

Mesmo na prostituição popular que possui, via de regra, programas mais simples, rápidos e impessoais, como no caso dos hotéis de prostituição da região da Rua dos Guaicurus (para ficar apenas no exemplo belorizontino, por enquanto), e mesmo não havendo uma determinação evidente que obrigaria as prostitutas a terem contato mais íntimo com os clientes, os altos preços das diárias, a concorrência e a necessidade de uma maior rentabilidade dos programas levam essas mulheres a desenvolverem relações mais intensas com os clientes e, na medida do possível, agirem como namoradinhas, com o objetivo de agradá-los de forma mais personalizada e de, consequentemente, fidelizá-los, garantindo assim, através deles, uma maior previsibilidade econômica e a garantia de programas com menor risco (FRANÇA, 2011).

O diálogo abaixo, entre duas prostitutas da *zona boêmia* de Belo Horizonte, deixa bem claro as vantagens dos clientes fixos para mulheres da prostituição popular:

> Suelen: Eu tinha muitos fixos. Que vinha uma vez por semana, duas vezes na semana... Tem aqueles do interior que vem pra cá... Às vezes eles falam “me dá seu número. Quando eu vier [a BH] eu te ligo, porque às vezes eu venho aqui e não te acho”. Aí ele já tem o numero pra ligar.
> Karen: Se eles gostarem e a gente agradar ele bem, eles respeitam a vontade da gente, aceitam transar com camisinha... Aí é bom demais.
> Suelen: Mas tem uma coisa. Eles confundem. Quando eles vão fazer pernoite com a gente querem ficar a noite inteira beijando, abraçando e falando “ai amor quero namorar você”. Igual um de Divinópolis que eu conheci aqui no hotel, trabalhava no correio. Eu fiz um pernoite com ele na semana passada, ele me deu 350 reais. Só que ele é bonzinho, só quer ficar beijando, querendo namorar...
> Karen: Tem uns que cismam que querem morar com a gente, fala “eu vou tirar você daqui”, fica insistindo. Nesses casos, é até chato falar sabe, mas a gente tem que falar a verdade: esses casos a gente tem que aproveitar”.

> _ Outro dia um ligou "o amorzinho, eu vou depositar pra você um dinheirinho, dia 30 eu recebo". Eu falei "pode depositar. Se quiser depositar uns quinhentinhos tá bom"...
> (Grupo Focal – Guaicurus, abril de 2017)

1.11 A Prostituição enquanto care[55]

Partindo da ideia de que a prostituição nas últimas décadas vem se transformando e compreendendo cada vez mais aspectos que demandam envolvimento afetivo e mais intimidade, chegamos ao debate sobre como alguns setores do mercado sexual passaram a relacionar-se a um conjunto de atividades associadas ao cuidado (*care*). Assim, em alguns dos nossos contextos de prostituição o trabalho envolve emoções, intimidade e algum tipo de envolvimento "legítimo", assim como as outras profissões relacionadas ao *care.*

Este debate é importante para nós, sobretudo na abordagem das namoradinhas, porque muitos depoimentos colhidos entre essas prostitutas mostram que as grandes questões profissionais envolvidas no trabalho sexual estão próximas dos conflitos existentes em outras formas de trabalho onde o contato com o outro e a presença de uma dimensão emocional e íntima suscita um esforço mais elaborado de reflexão sobre este mesmo trabalho e suas consequências: são essas as atividades ligadas ao *care.*

As trabalhadoras de diversos setores relacionados ao cuidado com o outro, como babás, cuidadoras de idosos, enfermeiras (e prostitutas) elaboram repertórios para interagir com os clientes e responder às suas vontades de forma mais íntima e personalizada[56]. Ao mesmo tempo, fazem isso procurando manter uma determinada distância, organizada a evitar a intimidade excessiva e a determinar uma separação de sua vida pessoal e profissional: *trabalho relacional* (ZELIZER, 2005). Esse difícil equilíbrio é uma características das atividades relacionadas ao *care.*

Cuidadoras de idosos ou babás, por exemplo, representam bem este dilema, uma vez que, no senso comum, não devem apenas ser competentes do ponto de vista técnico e profissional. Devem também "amar" aquele que está sendo cuidado, da forma mais autêntica possível,

[55] Utilizarei, a partir de agora, a palavra inglesa *care* como sinônimo de cuidado e também como um universo relacionado às profissões, em sua maioria essencialmente femininas no imaginário popular, relacionadas ao cuidado com o outro. Utilizo *care* no lugar de "cuidado" por tratar-se de uma palavra já consagrada no debate sociológico fora do mundo anglófono e que possui sentidos que vão além de sua tradução em português. Assim como *accountability* nas ciências políticas, traduzir *care* seria empobrecer as possibilidades sociológicas desta expressão.

[56] Hirata (2000); Hochschild (2003); Parreñas (2010), entre outras.

dando a ele o máximo de carinho e afeto, ao mesmo tempo que cuidam para que estes que estão sendo cuidados não confundam as coisas. Assim, uma babá, ao mesmo tempo que cuida da criança com competência técnica e também dá carinho, precisa deixar claro para ela que *não é a mãe dela*. Muitas vezes essa demarcação de limites é difícil.

No caso das namoradinhas, este dilema também se impõe frequentemente, uma vez que, num programa regido pela *girlfriend experience*, cada vez mais íntimo e desligado de seus limites mais comerciais e temporários, a mulher precisa fazer uma esforço paradoxal, ao dar de si intimamente cada vez mais ao cliente, na forma de uma performance emocional e sexual convincente, que compreenda carinho, conversa, intimidade e reciprocidade sexual; ao mesmo tempo que também precisa demarcar, com este mesmo cliente, alguns limites de seu corpo, de sua intimidade, de seu tempo e de práticas que deseja ou não realizar, cuidando para que esse processo de traçar limites não soe como uma repreensão e que o cliente não se sinta rejeitado.

Rahcel Parreñas (2010), cujo trabalho etnográfico em Tóquio já citei anteriormente, procura expandir as noções de *care* para compreender neste universo o trabalho sexual também. Para ela, o trabalho das prostitutas pode ser considerado como parte das atividades de cuidado porque o trabalho das acompanhantes filipinas em boates japonesas envolve a maioria das características que são usualmente compreendidas como parte do *care:*

> Ajustando os entendimentos tradicionais do care, o trabalho das acompanhantes implica a interação face a face, resulta no bem-estar do cliente e, finalmente, melhora as capacidades humanas do destinatário com o fortalecimento da masculinidade do cliente. Enquanto o trabalho da acompanhante está em conformidade com as noções tradicionais de trabalho de care, seu reconhecimento como trabalho de care também expande nossos pontos de vista condicionais. Fazemos isso incluindo o trabalho sexual na categoria de trabalho de care e colocando essa atividade na esfera pública.
>
> (PARREÑAS, 2010, p. 2 – tradução minha[57])

Com essa afirmação, Parreñas causou uma polêmica dentro do debate sobre *care* nas ciências sociais. Para a autora, no contexto japonês o trabalho das acompanhantes nada mais é do que

[57] "Fitting traditional understandings of care, the work of hostesses entails face-to-face interaction, results in the enhanced well-being of the customer and lastly improves the human capabilities of the recipient with its enforcement of the customer's masculinity. While hostess work conforms to traditional notions of care work, its recognition as care work also expands our conditional views. It does so by including sexual labor in the category of care work and placing care work in the public sphere. " (Original)

um "flerte comercial" (PARREÑAS, 2010, P. 7). Nos clubes, o flerte é sustentado por uma performance servil, na qual Parreñas vê uma estratégia de fortalecimento da masculinidade dos clientes.

Além disso, a autora não vê sentido em enquadrar a atividade das *hostesses* dentro das definições clássicas de prostituição, tais como utilizam o governo japonês e filipino: *"o ato ou prática de se engajar em relações promíscuas, especialmente por dinheiro".* (PARREÑAS, 2010, p. 9 – tradução minha[58]). De acordo com esta definição, o "flerte comercial" não poderia ser considerado como prostituição, uma vez que, na enorme maioria das vezes, não envolve sexo.

Através dos depoimentos das acompanhantes fica clara a natureza diferente do trabalho das filipinas nesta boate em Tóquio:

> Conforto. É chamado de trabalho de conforto. Devemos confortá-los. Nós estamos lá para alguém se apoiar, então eles têm um amigo. Aqui no Japão, todos estão trabalhando e ficando sozinhos. Eles não estão com suas mães. Então, se eles vão ao o-mise [bar] do filipino, eles pensam que têm seus amigos lá, sua família. Nas Filipinas, é diferente. Se os homens vão ao clube, eles fazem sexo. Mas esse não é o caso no Japão. É diferente. Não é um bordel. (Depoimento de um acompanhante. PARREÑAS, 2010, p. 10-11 – tradução minha[59])

Parreñas afirma que, além do flerte, as *hostesses* também realizam outras atividades na boate que podem configurar serviços de *care*. São o que ela chama de *table work* (servir os drinks, acender cigarros, etc.), *sexual work* (na maioria das vezes apenas provocação), *entertainment work* (jogos e distrações) e, por fim *boundary work*. Sobre este último, a autora lança mão da noção de *trabalho relacional* de Zelizer (2005), ou seja, o processo de diferenciação das relações sociais: as acompanhantes se esforçam para, apesar de toda a intimidade e mistificação de suas performances, mostrar aos clientes seus limites.

[58] "The act or practice of engaging in promiscuous sexual relations especially for money" (Original)
[59] "Confort. It is called confort work. We are to confort them. We are there for someone to lean on, so they have a friend. Here in Japan, everyone is working and staying alone. They are not with their mothers. So, if they go to the *o-mise* of the filipino, they think that they have their friends there, their family. In the Philippines, it is different. If the men go to the club, they get sex. But that is not the case in Japan. It is different. It is not a brothel." (Original)

Em seu trabalho, as acompanhantes, sobretudo as namoradinhas, através de um sutil trabalho relacional (ZELIZER, 2005) determinam os limites da intimidade que o cliente terá. De acordo com Parreñas, a maioria mantêm relações "platônicas" com quase todos os clientes, selecionando alguns poucos para serem seus "namorados" (PARREÑAS, 2010, p. 16), que passam a ser candidatos a alguma intimidade sexual. Esse trabalho de delimitação da intimidade é delicadíssimo, na medida em que os clientes não podem perceber que estão sendo rejeitados:

> No clube os clientes constantemente avançam sexualmente sobre as hostesses, geralmente esperando que elas não cedam a esses avanços, mas que os desviem timidamente. (PARREÑAS, 2010, p.16 – tradução minha[60]).

Essas dificuldades na realização do trabalho relacional no universo do *care* são sentidas constantemente dentro da prostituição, inclusive nos meios populares, onde muitas mulheres não compreendem o *care* como parte de sua atividade. Aquelas que aí trabalham comentam[61] sobre o trabalho de atenção e assistência que realizam, destacando tanto a repugnância quanto o prazer que esse trabalho pode gerar.

Para França (2011) elas se queixam pouco do trabalho sexual-mecânico e reclamam muito mais do contato com desejos, sofrimentos, afetos e emoções dos clientes. Para a maioria esse contato é muitas vezes extenuante, ao contrário das namoradinhas que, apesar de muitas vezes também acharem difícil o trabalho mais íntimo com o cliente, estão mais acostumadas a esse tipo de interação.

No programa, em nosso contexto contemporâneo cada vez mais transformado pelos clientes numa experiência mais intensa e íntima (BERNSTEIN, 2007; BIGOT, 2009; SACRAMENTO, 2006; entre outros) as prostitutas participam dos desejos dos clientes e procuram encarnar um personagem que eles idealizaram. Elas procuram ajudá-los a se libertar dos problemas e tensões do cotidiano, para ajudá-los a trazer à tona suas fantasias, reduzindo

[60] "at the club, customers constantly extend sexual advances to hostesses, usually expecting hostesses not to concede to these advances but to coyly deflect them" (Original).
[61] Marina França (2011) cita esse discurso das prostitutas do baixo centro de Belo Horizonte.

ansiedades e complexos[62]. Nesse sentido, a *experiência de namoradinha* se relaciona frequentemente às dinâmicas relacionadas ao *care.*

Para os clientes, o programa pode ser um espaço de acolhida e liberdade, onde podem fazer o que lhes é vetado em outros ambientes. Para isso, o trabalho da prostituta, sobretudo no caso das namoradinhas, parece exigir um intenso esforço interpretativo e de discrição. Essa discrição e o envolvimento emocional nos diversos trabalhos de *care* (inclusive a prostituição) criam uma mistura complexa entre o que é e o que não é profissional e pessoal, entre identidades pessoais e profissionais, que muitas vezes aparecem embaçadas nas interações, tornando o trabalho relacional nessas atividades cada vez mais complexo.

O mundo profissional é caracterizado no senso comum como o espaço da racionalidade e da impessoalidade: aí os afetos não poderiam estar presentes ou, se presentes, não poderiam ser expressos. Entretanto, nas atividades relacionadas ao *care*, é esperado certa medida de afeto das trabalhadoras no exercício de suas atividades. Essas ambiguidades são reforçadas pelo fato de que um grau de intimidade e afeto pode ser inclusive essencial para o bom desenvolvimento dessas atividades, como nos casos já citados das cuidadoras de idosos, babás (HOTHSCHILD, 2003) e também prostitutas, sobretudo no caso das namoradinhas.

O debate sobre a prostituição enquanto atividade de *care* ganhou novo fôlego em 2011 com o lançamento do documentário *Scarlet Road*[63], que conta a história de Rachel Wotton, prostituta australiana que se especializou no atendimento a clientes com deficiências físicas e mentais. Ela pertence à Associação Australiana de Trabalhadoras Sexuais e, a partir do ano 2000 promoveu a aproximação entre seu grupo de prostitutas e a organização de pessoas com deficiência.

A partir dessa iniciativa foi criado o "*Touching Base Comittee*[64]", com o objetivo de debater o comércio sexual relacionado às pessoas com necessidades especiais e as condições de trabalho dessas mulheres. Em 2014 este comitê foi reconhecido pelo governo de Nova Gales do Sul (região australiana onde a prostituição já era legalizada) como associação de interesse

[62] Sacramento (2006) comenta sobre a possibilidade de a prostituição atual, em alguns espaços mais afetivos e íntimos, servir como oportunidade para a retirada da *couraça* da sexualidade dentro do contexto da masculinidade hegemônica, proporcionando a esse homem, novas experiências e um maior autoconhecimento e reflexividade sobre sua sexualidade.

[63] Dirigido por Catherine Scott e lançado por *paradigm films* o filme foi apresentado no festival de Sydney em junho de 2011. Ganhou alguns prêmios e foi exibido na assembléia legislativa da Australia, em Camberra, por ocasião de debates relacionados ao tema. Está disponível no Youtube (https://www.youtube.com/watch?v=DMXjc_Ow4mg).

[64] http://www.touchingbase.org/ (acesso em outubro de 2017).

comunitário, recebendo auxilio governamental para a tarefa de distribuir informação e suporte aos clientes deficientes e às prostitutas que realizam este serviço.

Inicialmente Wotton recusou a proposta do filme, mas depois aceitou, afirmando que seu trabalho vai muito além do fornecimento de sexo somente, se aproximando do contexto do *care*:

> Parte da minha razão de fazer o filme foi limpar a mentalidade 'nós x eles'. Nós estamos todos a um acidente de carro de estar na mesma posição que esses caras. Amanhã, todos poderíamos sair do coma e não podermos comer, e muito menos fazer sexo ou nos tocar. O que eu digo às pessoas é imaginar a próxima vez que você faça sexo ou se masturba ter que ligar para sua mãe e fazer com que ela organize tudo para você... As pessoas com deficiência querem ser vistas como seres inteiros. Pense sobre a importância da sua sexualidade em relação à forma como você é percebido. Essas pessoas não são vistas assim, para que você possa imaginar como isso as faz sentir.
>
> (Entrevista para o Sydney Morning Herald, 28/11/2011[65] - tradução minha[66])

Na Europa e nos Estados Unidos este debate também está bastante ativo, sobretudo a partir do lançamento do filme "*The Sessions*"[67], em 2013. Este filme de Ben Lewin, apesar de ficcional, é baseado na história real do poeta americano Mark O'Brien, que procura iniciar sua vida sexual sob condições muito difíceis, no início dos anos 1990, uma vez que possuía rara doença que o obriga a estar ligado a um pulmão de aço vinte e duas horas por dia.

Alguns países europeus como a Holanda, Dinamarca, Alemanha e Suíça já possuem legislações relativas a este tema, contando também com diversas associações de prostitutas e deficientes ligados ao tema. Na França, país que atualmente promove uma forte repressão à prostituição, um relatório favorável à regulamentação do comércio sexual ligado ao universo das pessoas deficientes foi lido na assembleia nacional em 2011, mas o governo se opôs e o projeto foi engavetado.

Durante meu trabalho de campo pude encontrar algumas prostitutas, sobretudo *namoradinhas*, que trabalhavam com clientes que possuíam deficiências diversas. Elas possuíam uma visão

[65] http://www.smh.com.au/entertainment/tv-and-radio/sexual-healing-20111124-1nxkc (acesso em outubro de 2017).
[66] "Part of my reason for doing the film was to wipe away the 'us and them' mentality. We're all one car accident away from being in the same position as these guys. Tomorrow we could all wake up out of coma and not be able to eat let alone have sex or touch ourselves. What I say to people is imagine the next time you go to have sex or masturbate having to call your mum and have her organise it all for you... People with disabilities want to be viewed as whole beings. Think about how important your sexuality is to how you are perceived. These people aren't seen like that, so you can imagine how that makes them feel" (Original).
[67] http://www.imdb.com/title/tt1866249 (acesso em outubro de 2017).

sobre sua atividade que se distanciava das ideias que povoam grande parte do trabalho sexual e se viam como "terapeutas", que prestavam um serviço muito próximo do *care*. Mesmo as namoradinhas que não possuíam clientes com deficiência também compartilhavam algumas ideias relacionadas ao *care*, como o depoimento abaixo, obtido em campo, revela:

> Eu acho que se a garota de programa voltasse o trabalho mais para uma coisa mesmo de terapeuta, uma terapeuta mesmo, uma pessoa que você vai chegar, vai expor ali uma coisa que você queira fazer, ela vai melhorar. Eu acho que a única diferença mesmo é a questão da medicação. Ao invés de eu medicar com remédio ou indicar alguma coisa, eu vou tratar com carinho, o sexo é totalmente consequência. Até mesmo porque muita gente vem querendo anal 'Eu quero anal, quero pegar você de tudo quanto é jeito, e não-sei-o-que', faz o básico que vai te servir, o cara gosta, é simples, é tudo muito simples. É por isso que eu percebo que realmente falta o básico para as pessoas. Porque eu estou trabalhando há 6 anos só com o básico, absolutamente com o básico. Então, isso quer dizer que nem o básico as mulheres estão dando em casa. E isso poderia ajudar, poderia essas próprias garotas com a própria experiência dela ajudarem essas mulheres? Poderiam, porque uma terapeuta não poderia ajudar ela nesse sentido. Uma garota de programa pode. Então eu vejo ainda, eu vejo um futuro maravilhoso ainda para a prostituição, quando ela deixar de ser a prostituição de hoje em dia, quando ela passar a ser uma coisa mesmo, porque já está mais que comprovado que ajuda em boa parte de problemas. (Yasmin - Jardins, São Paulo).

1.12 Nova performance sexual num novo contexto de prostituição

Apesar de termos destacado até o momento as características menos sexuais da prostituição, sobretudo entre as namoradinhas, obviamente seu caráter estritamente sexual não deixa de ter importância. Dessa forma, a performance sexual das prostitutas continua sendo um dos aspectos mais importantes do programa. Isso pode parecer óbvio, mas como destaquei antes, em alguns contextos pós-industriais de prostituição (BERNSTEIN, 2007), nem sempre o caráter sexual do programa é sua característica mais importante. De toda forma, ainda que em alguns programas a performance sexual seja algo secundário, ela continua sendo condição *indispensável* para o desenvolvimento da atividade da prostituta.

Dessa forma, um debate importante sobre a emergência de novos contextos de prostituição é que ele traz consigo novas demandas e serviços sexuais. De acordo com Bernstein (2007, p. 170) no contexto industrial de prostituição, bem comum no século XX, as prostitutas

"vendiam" "penetrações heterossexuais e sexo oral" A partir da ascensão de novas formas "pós-industriais" de prostituição, as prostitutas passam a oferecer uma *"lista diversificada e especializada de serviços e produtos sexuais (imagens, performances, atos)"* (BERNSTEIN, 2007, p. 170 – tradução minha[68]).

Assim, Marina França (2011, p. 257) (e outros como WEITZER, 2010; BERNSTEIN, 2008; FRANK, CARNES, 2010; BIGOT, 2009; SACRAMENTO, 2006) destaca que os clientes frequentemente criticam as prostitutas que fazem sexo de forma mecânica ou excessivamente racionalizada, elogiando aquelas que se esforçam na performance dos afetos, emoções e também das sensações sexuais. Algumas mulheres são elogiadas por terem "orgasmos" durante os programas.

Dessa forma, a performance da prostituta, sobretudo entre as namoradinhas, passa a ser orientada para a maximização do prazer do cliente (e não apenas a otimização de seu tempo, por exemplo), além de fornecer uma experiência mais íntima e intensa, como podemos observar no depoimento de um cliente, presente num fórum de internet:

> [o cliente conclui, depois de descrever o programa]
> Vamos então as notas da transa:
> Corpo: 9,5 (só não dou 10 pois nota máxima é sinal de que não há o que melhorar! Bonita e gostosa pacas)
> Entrega: 9 (mesmo sendo um privê no qual temos que regular o volume de gemidos, acho que ela poderia participar um pouco mais mostrando que está se excitando e sentindo prazer)
> Higiene: 10 (sempre perfeita! Depilada, lisinha, pêlos apenas onde as fotos do BHModels [site de prostituição] indicam (...))
> Oral dedicado: 10 ((...) delicioso!)
> Beijo: 10 (se entregou de uma maneira bem natural)
> Geral: 9,5 (mantenho a nota, mas acho que em breve poderemos chegar em 10 pois a cada dia que nos vemos a tara aumenta e a satisfação também)
> Presentinho: 250,00 por 1h de sexo sem regulagem, sem incômodos, sem toques de celular... Estamos combinando já uma festinha com uma das meninas que moram com ela no privê. Deve sair ainda essa semana. Daí trago o relato para vocês, caros colegas. (Depoimento em "Acompanhantes MG - site GPGuia[69])

[68] "heterossexual intercourse or receptive oral sex"; "diversified and specialized array of sexual products and services (images, performances, acts)" (original)

[69] O GPGuia é um nos inúmeros fóruns de clientes na internet. Lá, as mulheres são avaliadas e categorizadas, recebendo notas e comentários. Muitos clientes afirmam, no próprio site, consultá-lo antes de marcar o programa. Chama a atenção como grande parte do debate nestes fóruns gravita em torno de aspectos não apenas sexuais dos programas, como a "entrega", a autenticidade ou a simpatia das prostitutas (Bigot, 2009; Frank, 2010, Weitzer, 2010).

Nesse depoimento, que se refere a um serviço de nível econômico mais elevado, podemos observar muitas ideias que estamos discutindo, como a experiência de namoradinha e a *autenticidade demarcada*, ambas de Bernstein (2007). Ainda chama a atenção como, além do programa, toda uma série de outros aspectos, tais como o corpo, a higiene e a simpatia ou "entrega/dedicação/engajamento" são avaliados. Assim, pode-se perceber também como o grau de exigência de alguns grupos de clientes é mais alto em relação a variáveis sexuais e extrassexuais, fazendo com que as namoradinhas desse mercado tenham que mobilizar muito mais habilidades e performances do que mulheres de outros espaços (como a Guaicurus e demais zonas boêmias, por exemplo).

Esses clientes discutem entre si, sobretudo em espaços virtuais (FRANÇA, 2011; BIGOT, 2009), sobre as performances das mulheres nos programas. Esses programas geralmente consistem em três atos: o sexo oral, o sexo vaginal e, mais raramente, sexo anal. Entretanto, França (2011) discute as relações afetivas e sexuais num único espaço de prostituição de Belo Horizonte (a Rua dos Guaicurus), o que pode nos levar a perguntar sobre como esses atos sexuais no programa se distribuem em formas mais ou menos padronizadas de se prostituir pelos diversos outros espaços de Belo Horizonte. Entre as prostitutas de luxo e namoradinhas, por exemplo, a frequência e tipologia desses atos permanece a mesma? Será que a partir da emergência de novas formas de prostituição as demandas sexuais se alteraram? São questões que discutiremos nessa tese, sobretudo nos próximos capítulos.

Alguns estudos sobre prostituição[70] confirmam uma grande demanda por sexo vaginal nos mais diversos espaços de prostituição, tais como ruas, zonas e boates. Tanto o coito vaginal quanto o sexo oral são indicados por esses autores como as formas mais comuns de sexo na prostituição. De acordo com França (2011, p. 266), a maioria dos programas da região da rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, acontecem segundo um script antigo e ainda hegemônico: uma *chupadinha*[71] e três posições sexuais. As mulheres que praticam atos que vão além desse programa básico o tarifam de forma diversa.

Em outros espaços de prostituição, sobretudo entre as namoradinhas, pode-se observar uma maior diversificação dos programas, com a presença de outros atos sexuais de forma mais frequente, como o sexo anal, por exemplo. Mesmo nas zonas da Rua dos Guaicurus, apesar desse clássico modelo de programa, descrito há pelo menos trinta anos (FREITAS, 1985),

[70] Como o de França (2011), Pryen (1999), Pasini (1995), Gaspar (1985), Weitzer (2010), Porter, Bonilla (2010).
[71] Termo usado pelas prostitutas locais para se referir ao sexo oral.

existe espaço para a realização de atos sexuais que escapam desse paradigma mecânico e heterossexual, como comentarei mais adiante.

Minha ideia é que a partir da diversificação do mercado sexual e da emergência das namoradinhas, novas formas de sexo dentro dos programas também apareceram. Dessa forma, me chamou a atenção como se processam os programas, a partir de seus atos e práticas em vários espaços de prostituição, e como esses outros modelos de relacionamento sexual podem abrir espaço para o surgimento de intimidade, afetos e relacionamentos entre prostitutas e clientes, além de outra vivência da sexualidade de ambos.

A relação sexual, num programa do contexto das namoradinhas é acompanhada de uma série de performances secundárias, comumente ausentes no sexo praticado nos espaços de prostituição popular: beijos, toques, carinhos, e outros atos que demonstram intimidade. Alguns clientes apreciam o carinho que algumas mulheres os dispensam. O beijo na boca, por tanto tempo excluído das interações prostitucionais, pode ser pedido e negociado, mesmo em espaços hegemonicamente mais impessoais, como a Guaicurus (FRANÇA, 2011, p. 206).

Entretanto, Letícia Tedesco (2008) em obra sobre a prostituição no baixo centro de Porto Alegre, destaca que, apesar de tantas mudanças, na prostituição popular esses limites ainda são bem demarcados. Ela afirma que

> [...] um controle é, na verdade, exercido pela mulher prostituta que diferencia relações afetivas de profissionais. Não é por outro motivo que muitas gurias me disseram que "gozar com o cliente é acidente de trabalho", ou seja, não deveria acontecer. É mais um interdito somado a muitas outras práticas como, por exemplo, beijar na boca e dormir (passar a noite) com o cliente. (TEDESCO, 2008, p. 97).

Beijar o cliente é uma decisão pessoal, embora fortemente influenciada pelos diferentes espaços de atividade das prostitutas (como na prostituição de luxo, onde o beijo se tornou quase obrigatório na atividade). Naturalmente, a inclusão do beijo no programa parece bastante plausível para as namoradinhas e em ambientes que proporcionam maior intimidade e, consequentemente, maior remuneração, como comentamos acima.

As prostitutas de "alto padrão" e as namoradinhas dificilmente conseguem evitar o beijo, visto que ele faz parte da performance mais "básica" que se espera de uma mulher num ambiente

onde os clientes esperam uma experiência baseada na *experiência de namoradinha* de Bernstein. O depoimento abaixo, presente num fórum da *web*, demonstra bem essa situação.

> A foda foi boa, beijos na boca sem regulagem, o oral também é muito bom, sem te apressar, estilo namoradinha, de fato parecia que eu tava com uma namorada, pra quem gosta do perfil é uma. Ela e meio tímida, mas interage se você puxar assunto. (Depoimento de cliente, Forum GPGuia - internet)

Este depoimento nos faz retomar a discussão que fizemos sobre a sexualidade masculina na modernidade e as motivações dos clientes ao contratarem uma prostituta. Os modelos de comportamento que ligam a sexualidade masculina ao padrão hegemônico tradicional (GIDDENS, 1995; CONNELL, 1995), no qual o homem parece estar interessado apenas no 'alívio das pulsões sexuais", parecem não dar conta dessa nova visão dos clientes em relação ao conteúdo do programa. Os autores que analisam a masculinidade como um conceito em constante transformação (SACRAMENTO, 2006) explicam de forma mais concreta esse fenômeno.

Tanto na região da Rua dos Guaicurus e demais espaços de prostituição popular quanto em outros espaços de prostituição mais ou menos refinada e cara, a maioria dos programas parece transcorrer dentro da "normalidade" moral-sexual, com demandas razoavelmente convencionais da parte dos clientes. Entretanto, há também uma série de práticas marginais, fora das normas, que implicam o uso de outras partes do corpo ou diferentes formas de interação entre prostituta e cliente. Essas práticas marginais referem-se, em sua maioria, aos fetiches diversos dos clientes e, sobretudo, um grande tabu entre esses fetiches, que é a penetração anal dos clientes pelas prostitutas.

A primeira vista, pode parecer uma demanda isolada, mas é frequente a ponto de estar presente em inúmeros relatos de mulheres que trabalham, por exemplo, na região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte (FRANÇA, 2011, p. 270). Aí, dentro do antigo bastião do modelo heterossexual e viril das classes populares, surgiram curiosos fenômenos, que ainda carecem de uma observação cuidadosa e debate acadêmico, como o aumento da oferta de fetiches sexuais. Acredito que esses fenômenos corroboram nosso raciocínio de que no contexto contemporâneo de prostituição, sobretudo no caso das namoradinhas que,

diferentemente das formas mais simples de trabalho sexual, pode envolver uma oferta cada vez mais diversificada e personalizada de serviços sexuais.

Nos últimos anos houve na região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte (para ficar apenas num exemplo mais próximo) uma proliferação de prostitutas que exibem, em seus quartos, bem à vista, um infindável sortimento de pênis de materiais diversos, sobretudo plástico e borracha. Marina França (2011) em sua tese sobre o trabalho na região da Guaicurus destaca esse fenômeno curioso:

> Várias trabalhadoras do sexo aceitam realizar a penetração anal nos clientes, ainda que não estejam sempre satisfeitas de o fazer ou ainda que elas não a façam com qualquer cliente. Os acessórios sexuais são frequentemente expostos à vista nos quartos; sua exposição facilita a identificação das mulheres que fazem esse tipo de programa como especialistas em acessórios sexuais. Elas podem ter um ou vários desses acessórios, de diferentes tamanhos. Priscila possui vários e diz que os utiliza muito, principalmente o maior, de vinte e nove centímetros. (FRANÇA, 2011, p. 291 - tradução minha [72])

Para a autora, mesmo na zona boêmia é difícil saber se as práticas passivas dos clientes são mais ou menos demandadas do que em outros espaços de comércio sexual e, se esse for o caso, as razões para essa demanda. A forte associação entre passividade sexual e homossexualidade indica como é difícil para esses homens admitirem publicamente o interesse por essas práticas. As prostitutas também destacam a confusão e a vergonha que esses atos causam nos clientes, antes, durante e depois dos programas, e a forma como essas práticas são marginalizadas e ocultadas dentro desses ambientes.

Esta prática e outros fetiches diversos se fazem presentes mais frequentemente em outros espaços de prostituição, de uma forma muito mais livre da que ocorre nos espaços de prostituição popular, com seus habituais tabus e estigmas. A partir do raciocínio de Bernstein (2007) e do trabalho de campo realizado, pude observar que, nos contextos de prostituição das *namoradinhas* as demandas sexuais dos clientes e as práticas oferecidas pelas prostitutas podem ser mais diversificadas, fugindo ao antigo padrão de sexo oral e vaginal (quase sempre apressado e impessoal) que é comum às *regiões morais*.

[72] "Plusieurs travailleuses du sexe acceptent de réaliser la penetration anale sur les clientes, bien qu'elles ne soient pas toujours satisfaites de le faire ou qu'elles ne le fassent pas toutes a n'importe quel cliente. Les godemichés sont souvent exposés à la vue dans les chambres; leur exposition facilite l'identification de femmes qui font ce type de passe, tout comme les plus specialistes en godemiché. Elles peuvent avoir un ou plusieurs de ces gadgets, de diferentes tailles. Priscila en a plusieurs et dit qu'elle les utilize beaucoup, principalement le plus grand, de vingt-neuf centimetres" (original)

2 – Breve Panorama da Prostituição Popular em Belo Horizonte e São Paulo

2.1 Introdução - "Região Moral" e Prostituição "moderna-industrial"

Regiões de prostituição popular, como a Rua dos Guaicurus em Belo Horizonte, ou as regiões da Estação da Luz ou do Largo Treze de Maio (Santo Amaro), em São Paulo, são marcadas por interações entre clientes e prostitutas muito impessoais e essencialmente mercantis. O que Bernstein chama de "prostituição moderna-industrial" (2007) se encaixa bem nesses contextos: programas muito simples, rápidos e baratos, que visam o "alívio rápido das necessidades sexuais" (BERNSTEIN, 2007, p.170 – tradução minha[73]), concentrada em "zonas boêmias", distritos da "luz vermelha", criminalizada ou reprimida pelo Estado e controlada por uma diversidade de agentes, cafetões, cafetinas, gerentes, entre outros.

Mesmo muitos anos antes da discussão levantada por Bernstein[74], alguns autores no Brasil, como Rago (1985), Gaspar (1985), Freitas (1985) e Bacelar (1982), já haviam estudado a prostituição das classes populares, antigamente também chamada de *baixo meretrício*. Esses trabalhos possuem muitas informações que, apesar do tempo passado, continuam válidas, tais como a dinâmica de trabalho nesses lugares, além da pobreza e da exploração que marcam estes espaços.

Entretanto, como já discuti no início desta tese, me interessa o que estes trabalhos *ignoraram* naquela época: a possibilidade do surgimento dos afetos e emoções na prostituição popular, além das dificuldades relacionadas, nesses espaços, a emergência desses sentimentos. Ou, dizendo de outra forma: há *namoradinhas* na prostituição popular? Se sim, como elas conseguem, dentro de tantas limitações e precariedades desses espaços, oferecer a *experiência de namoradinha* aos seus clientes?

Esta ainda é uma lacuna considerável na "sociologia da prostituição" e há poucos trabalhos que abordam esse assunto nos espaços de prostituição popular, como a tese de Marina França *Intérêts, Sexualité et Affects dans la Prostitution Populaire* (2011), e o artigo de Ronald

[73] "Quick sexual release" (Original).
[74] E alguns outros autores que se dedicaram a estudar a prostituição popular nos anos 2000, como Porter e Bonilla (2010), nos EUA, ou Marina França (2011), no Brasil, por exemplo.

Weitzer, *Sex Work: Paradigms and Policies* (2010), por exemplo, e que são minhas principais referências para interlocução neste capítulo.

O que chamei de *"dinâmica da intimidade",* os afetos, a intimidade e as emoções que marcam a *experiência de namoradinha*, em geral não fazem parte da lógica da prostituição nos espaços mais pobres e simples da prostituição e, quando surgem, dão origem a conflitos. Esses desentendimentos têm relação com o que a pesquisadora sueca Kajsa Ekman (2013) chama de "paradoxo do comprador":

> [O cliente], ao mesmo tempo quer que a prostituição exista e não exista: Ele quer ser capaz de comprar sexo, mas não quer que a mulher se comporte como se estivesse sendo paga pelo ato sexual. O cliente quer que a prostituição exista, mas não quer que ela se pareça com prostituição. (EKMAN, 2013, p.103 – tradução minha[75])

Este paradoxo fica evidente em muitos programas feitos por clientes que, estando nesses lugares pela primeira vez, ainda não conhecem a dinâmica de funcionamento das regiões de prostituição popular e esperam uma proximidade maior com as mulheres que trabalham aí. Assim, eles podem se surpreender com a impessoalidade e pressa com que a maioria dos programas acontece nesses espaços.

A discussão que faço sobre a prostituição popular se aproxima deste paradoxo: quais são as possibilidades de afeto, emoção e reciprocidade nas relações entre homens e mulheres na prostituição popular? O que pensam prostitutas e clientes sobre qual deve ser o conteúdo do programa? Por fim, será que as formas de prostituição mais afetivas (o que se convencionou chamar de *girlfriend experience*) estão influenciando a performance profissional das mulheres da prostituição popular? Ou seja, é possível ser *namoradinha* na prostituição popular?

2.2 A região da Rua dos Guaicurus – Belo Horizonte

Entre os diversos espaços de prostituição em Belo Horizonte, a região da Rua dos Guaicurus talvez seja o mais conhecido. Sua fama ultrapassa as fronteiras de Belo Horizonte e a fama do

[75] "He both wants and doesn't want prostitution to be work. He wants to be able to buy sex, but he doesn't want the woman to behave as if she is being paid to perform the act. The buyer wants prostitution to exist, but he doesn't want it to resemble prostitution". (Original)

local faz-se presente não só na capital, mas também no imaginário do interior. Na literatura mineira, a Guaicurus é uma referência importante, a partir da obra *Hilda Furacão,* de Roberto Drummond. É um tradicional local de prostituição na capital há, pelo menos, cinquenta anos e reúne todo tipo de gente. De certa maneira, a região da Rua dos Guaicurus forma o que Park (1984) chamaria de "região moral".

Park, no texto clássico *The City : Suggestions for investigation of human behavior in the urban environment* (1984 [1925]), afirma que uma região moral pode ser o lugar na cidade onde a presença das prostitutas e a concentração de bordéis e outros estabelecimentos ligados à atividade é amplamente reconhecida pela sociedade. Para esse autor, nesses espaços imperam uma série de símbolos, códigos morais e práticas marginais, não apenas ligadas à prostituição, mas ao desvio em geral (PARK, 1984, p.45). É necessário ser iniciado nas regras dessa região para ser aí aceito e poder transitar sem problema. Essas regiões morais são, em geral, *hiperterritorializadas*, e suas fronteiras simbólicas costumam ser bem demarcadas, como podemos ver nos *ghettos* gays e nas zonas boêmias.

Esse termo, em Belo Horizonte, remete à época de fundação da cidade e de seus primeiros tempos, uma vez que nesse local estava concentrada a vida noturna da cidade. A prostituição nessa região passou por fases distintas, desde os ricos cabarés do inicio do século XX até os hotéis de prostituição da atualidade. Apesar das mudanças e do deslocamento da prostituição para outras áreas da cidade, uma parte da região central de Belo Horizonte continua sendo conhecida como "zona boêmia" ou "baixo centro". Clientes e mulheres a chamam simplesmente de "zona".

A região da Guaicurus possuía 23 hotéis em funcionamento (em janeiro de 2017), além de dois cinemas pornográficos, duas casas de *striptease* e dois estabelecimentos de cabines eróticas[76]. Existe uma flutuação no número desses estabelecimentos, uma vez que alguns fecham e reabrem depois com alguma frequência[77].

Poucos hotéis possuem um letreiro com nome na entrada. Alguns são identificados apenas como "hotel" e outros não têm qualquer identificação. Podem ser reconhecidos pelas entradas estreitas, pela presença de um porteiro, um aparelho detector de metais e pelo constante sobe e

[76] São estabelecimentos que possuem várias cabines com televisões individuais, que exibem filmes pornográficos.

[77] Enquanto estive realizando trabalho de campo nessa região (final de 2015, 2016 e 2017), estavam funcionando os seguintes hotéis: Cristal, Pérola Negra, Brilhante, Pensão Mineira, Novo Hotel, Catete, Onda Livre, Concord, Magnífico, Requinte, Cine, Vereda, Mirage, São Paulo, Lírio, Nova América, Rio Branco, Privê, Stilus, Rubi, Olho de Tigre, Monalisa e Diamante. Esses últimos quatro eram hotéis de travestis, exclusivamente.

desce de homens em suas escadas (daí seu apelido: “sobe-desce”). Os hotéis funcionam nos andares superiores de prédios dos anos 50/60 que, em geral, possuem três pavimentos. No térreo funcionam diversos comércios, tais como atacadistas, lanchonetes, bares e estacionamentos. O acesso aos hotéis é feito por escadas compridas e estreitas, o que dificulta o movimento em momentos de grande fluxo.

Internamente os hotéis têm praticamente o mesmo aspecto, diferindo unicamente no estado de conservação de suas instalações. Possuem corredores estreitos, em geral mal iluminados e mal ventilados, onde impera um forte cheiro de produtos de limpeza e de desodorizantes de ar, com muitos quartos enfileirados. Nas portas desses quartos, sobretudo nos hotéis mais decadentes, é comum observarmos a presença de toalhinhas bordadas com os “nomes de guerra” da mulher que ali trabalha. Os quartos são pequenos, equipados geralmente com uma cama e um lavabo. Em alguns hotéis um pouco melhores, como o Cristal ou Pérola Negra, com estrutura melhor e mais bem conservada, os quartos possuem banheiro com chuveiro, em outros, somente lavabo e o banheiro é compartilhado no corredor.

Para diminuir o calor (quase não há janelas nos corredores e nos quartos as janelas são pequenas ou estão sempre fechadas) foram instalados ventiladores nas paredes. Nos quartos é comum haver alguma personalização da decoração feita por sua ocupante: podem ser recortes de revistas, quadros ou cartazes de cantores ou atores. As mulheres também equipam seus quartos com aparelhos de som e diversos acessórios eróticos.

Nos hotéis onde o valor do programa é mais alto (como o Cristal, por exemplo) as instalações estão mais conservadas e há alguns “luxos” como ar condicionado, bares e televisões nos corredores. Nos hotéis mais baratos (como o Nova América, por exemplo) há um pouco de sujeira nas áreas comuns, os quartos são menores e mais abafados, as paredes estão mofadas e as instalações estão mais degradadas.

Há um intenso comércio dentro do hotel e muitos vendedores acompanham os clientes escada acima nesses estabelecimentos. Vende-se de tudo, como *marmitex* de almoço, biscoitos e refrigerantes, cerveja, açaí com frutas, *lingerie*, cosméticos, acessórios sexuais, como preservativos, géis lubrificantes, entre muitos outros produtos. Existe também um intenso (porém discreto) comércio de drogas ilegais, sobretudo cocaína e maconha, cujo odor pode ser sentido em quase todos os hotéis.

Nos corredores as prostitutas sempre deixam as portas dos quartos entreabertas (quando as portas estão fechadas, está acontecendo um programa ou a mulher não está presente/disponível). Algumas ficam na porta observando ou conversando com os clientes, precariamente vestidas ou nuas. Outras ficam deitadas em suas camas, de costas para a porta, ou atrás dela, o que obriga os clientes a entrarem no quarto para negociar o programa.

Em muitos quartos há música em volume alto e algumas mulheres dançam levemente enquanto combinam programas. Outras assistem televisão ou leem jornais e revistas. Também é comum vê-las conversando com as vizinhas de corredor, e muitas vão aos outros quartos para conversar em momentos de folga.

Essa camaradagem nos salta aos olhos em alguns hotéis e é possível observar certo *sprit de corps* entre as mulheres que trabalham aí, sobretudo nos momentos de chegada e saída do trabalho. Muitas chegam ou vão embora juntas, comentando sobre a vida em casa ou sobre como o trabalho decorreu naquele dia. Em geral, parecem ser próximas e solidárias umas às outras. Emprestam roupas, maquiagens e geralmente zelam pela segurança das companheiras de trabalho. Esse comportamento mais "corporativo" não é algo fácil de ver em outros espaços de prostituição[78], como discutiremos mais adiante.

A postura, o vestuário e a maquiagem dessas mulheres varia muito entre os diferentes hotéis, mas algo que pode ser observado em todas as prostitutas nesses hotéis é um marcante ar *blasé*. Esta postura é muito evidente e parece ser um pouco artificial. Uma vez que negociam seus programas ou são observadas pelos clientes estão sempre com um semblante que, para não iniciados, pode indicar um profundo desprezo pelo lugar e pelas pessoas dali, postura que muitas vezes não se reflete dentro do quarto e nem fora do horário de trabalho.

Essa postura *blasé* é uma forma de explicitar aos clientes como o trabalho acontece ali, mostrando que o programa será impessoal, mecânico e que ela não possui interesse em estabelecer nenhuma forma de intimidade com os homens que circulam por ali. As prostitutas que trabalham na Região da Rua dos Guaicurus afirmam que uma das vantagens do trabalho nos hotéis é exatamente a distância estabelecida com os clientes. Blanchette e Silva (2009), ao analisarem as prostitutas dos espaços mais populares do Rio de Janeiro, chamados pelos pesquisadores de *fast foda*, também afirmam que:

[78] Sobretudo entre as namoradinhas, chama a atenção a forma bastante individualista na qual o trabalho é realizado. Algumas informantes chegaram a afirmar que não conheciam *nenhuma outra* profissional do sexo.

> embora a modalidade *fast foda* exija muito mais parceiros que outras modalidades de prostituição, ela exige muito menos envolvimento social ou emocional entre a prostituta e o cliente, e muitas mulheres a preferem exatamente por isso. (BLANCHETTE, SILVA, 2009, p. 45)

A negociação do programa envolve uma rápida conversa sobre as práticas sexuais a serem feitas, o tempo e o valor. Se o acordo for aceito por ambos, o cliente entra e a porta é fechada. Senão, o cliente dirige-se a outra porta e a mulher continua com a porta aberta. O valor depende basicamente das práticas a serem realizadas e do tempo de duração do programa. Na região da Rua dos Guaicurus há uma espécie de "programa padrão": "*Três posições e uma chupadinha",* que consiste em sexo oral e duas ou três posições sexuais, sempre com preservativo, e tempo limitado a dez ou quinze minutos, no máximo. Embora os preços variem entre os hotéis, esse programa padrão é o mesmo. Outras práticas ou um tempo maior envolvem mais negociação, prévia ou durante o programa.

Este programa, em geral muito impessoal e distante, é a própria antítese da *experiência de namoradinha* oferecida aos clientes em outros espaços de prostituição, uma vez que, salvo exceções, o que é permitido aos clientes nas interações da prostituição popular é um acesso muito restrito, em termos de práticas e de tempo, a algumas partes do corpo da mulher. Rosto, boca, cabelos, pescoço, colo, seios e diversas outras partes estão, em geral, fora de seu alcance. As prostitutas costumam deixar tão claro os seus limites e a distância em relação à intimidade do cliente, que muitos homens afirmam que muitas vezes não há sequer um "clima" para a realização do sexo, uma vez que essas interações são quase sempre muito tensas e até hostis.

O valor do programa padrão é estipulado pelo hotel e varia de um estabelecimento para outro. Na região, pode variar entre dez reais (nos hotéis mais baratos) até 50 reais (nos mais caros), o que não impede que esse preço suba de acordo com os combinados feitos com o cliente. Esse é um valor de referência, que é respeitado como limite mínimo, mas as prostitutas são livres para negociar seu valor acima disso. Esse valor mínimo é rigorosamente vigiado pelos gerentes. Se a mulher cobrar abaixo desse preço o hotel pode expulsá-la, sob a alegação de que ela baixa o nível do lugar.

Há, em geral, muita liberdade para que as mulheres barganhem durante o programa, explorando as lacunas deixadas durante a negociação com o cliente. Dessa forma, pode não ficar claro o tempo e o conteúdo do programa que se referem ao preço combinado. Assim, já

durante o programa, a prostituta propõe novas atividades ou lembra o cliente de que ele, de alguma forma, está excedendo os combinados (tempo e conteúdo), tendo assim que pagar a mais.

> Geralmente [entre] as meninas é comum pedir antes quando o cara entra combinando o valor de muito tempo [de programa]. Comigo já aconteceu, tipo a pessoa fala 'ah, vamos fazer um programa de...' vamos supor um valor mais alto do que a gente cobra na maioria das vezes, que é 15, 20 reais: 'ah vou fazer um de 100, 200 reais, vou ficar tanto tempo'... Aí como já aconteceu de alguém não pagar ela, aí ela fica esperta: 'ah, mas isso aí você tem que me dar antes'. [...] Por que eles não chegou num consenso de tempo e do valor estabelecido entre tempo e sexo. Aí eles querem tentar inverter a favor deles, lógico. Como também nós queremos inverter o trem ao nosso favor 'ah vai ficar o maior tempão'... Principalmente esses de meia hora, aí com 10 minutos o cara acaba: 'ah não, acabou', e dispenso ele. (Suelen, Guaicurus-BH)

Há muitos homens que frequentam o local unicamente para observar as mulheres e passar o tempo. Esses aparecem geralmente nos horários de maior movimento, na hora do almoço e no fim da tarde. Por volta de meio-dia os hotéis se enchem com homens que parecem estar ali fazendo a *siesta*, apenas esperando para voltar ao seu trabalho. No fim da tarde há muitos outros que flanam nos hotéis enquanto esperam seus ônibus, que possuem pontos na região. Essa atitude de "não-cliente", de *voyeur,* enerva as prostitutas, que consideram que esses homens atravancam o local e atrapalham seu trabalho.

A grande circulação de clientes permite que as prostitutas façam, em geral, muitos programas por dia. Especialmente em determinados períodos (como o início do mês, com o pagamento de salários) e com prostitutas mais "bonitas" e "novas" (ou seja, novidade num hotel, recém-chegadas), é possível obter altos valores (acima dos R$500 diários, descontando a diária), oriundos não só do preço do programa, mas de sua quantidade.

Uma vez que têm que pagar uma diária[79] aos gerentes dos hotéis pelo uso dos quartos, as prostitutas precisam realizar certo número de programas para, a partir de um determinado valor (da diária a ser paga, em média entre R$50, nos hotéis mais baratos, e R$200, nos mais caros), começarem a "lucrar". Exceto a diária, elas não precisam pagar nenhuma porcentagem ou valor aos donos dos hotéis. Entretanto, algumas prostitutas afirmaram que no final do mês,

[79] Uma curiosidade é que essa diária não se refere a uma "diária", mas a um período que vai das 8h às 16h ou das 16h às 20h. Embora a maioria das mulheres só trabalhe em um desses períodos, há algumas que preferem trabalhar da manhã até a noite, precisando, portanto, pagar duas diárias.

quando o movimento cai, é comum que muitas prostitutas não consigam pagar o valor da diária. Além disso, prostitutas cujos programas são mais baratos também tem dificuldades para saldar suas dívidas com os donos dos hotéis.

Nos hotéis não há, em geral, qualquer vínculo trabalhista oficializado entre as prostitutas e os gerentes. A relação parece ser mais comercial, na qual a mulher aluga um quarto e o utiliza para atender seus clientes. No entanto, é fácil perceber que as características do hotel tem influência sobre o trabalho das prostitutas. Elas sempre afirmam que sua relação com o hotel refere-se somente ao pagamento da diária, mas existem recomendações passadas pelos proprietários e gerentes sobre sua conduta (tais como aparência, proibição do uso de drogas) que, caso não sejam cumpridas, podem resultar na expulsão da mulher do hotel.

Além disso, há outros vínculos criados entre gerentes e prostitutas. Sobretudo para aquelas que trabalham no mesmo hotel há muito tempo, algumas até mesmo durante anos, vão surgindo amizades e relações de interesse mútuo não apenas com o cliente, mas também com todo o *staff* desses hotéis. Muitas mulheres e gerentes passam a confiar mais uns nos outros, surgindo daí uma intensa troca de favores e a possibilidade de pagar a diária *fiado*.

Esses gerentes, assim como a equipe que trabalha nesses hotéis, formam a "face visível" das relações de trabalho na região. Em geral são homens já com certa idade, muitos acima dos cinquenta anos, que possuem larga experiência em trabalhos relacionados à prostituição. Alguns foram *leões de chácara*[80] que ascenderam em sua carreira, enquanto outros possuem ligações familiares com os donos desses hotéis. Há também dois ou três hotéis que possuem gerentes mulheres, antigas prostitutas que ascenderam à estes postos.

As mulheres que trabalham na região da Rua dos Guaicurus formam um grupo mais ou menos heterogêneo. Há muitas mulheres que vieram de outros estados e há também uma grande diferença (entre hotéis) de idade e estética, ficando os estabelecimentos mais decadentes com as mulheres mais velhas, ou que fogem do padrão estético. Dentro da região há uma clara mobilidade descendente, onde as prostitutas, quando vão envelhecendo, vão "caindo" para estabelecimento cada vez mais degradados, onde os programas são cada vez mais baratos. Cressey (2008 [1932]) descreve um processo semelhante em *The Taxi Dancehall*, relacionando a falta de beleza e juventude à decadência profissional. Comentarei mais detalhadamente sobre isso mais adiante.

[80] "Leão de chácara" é uma expressão, mais ou menos antiga, para designar seguranças de prostíbulos.

A região da Rua dos Guaicurus vem passando por uma série de transformações, uma vez que passou a ser frequentada por outros grupos sociais em alguns momentos do ano, como o Carnaval e a Virada Cultural[81]. Além disso, existem há muitos anos alguns projetos de iniciativa da Prefeitura Municipal para a "revitalização" do local, que incluiria novas atividades nesse espaço, o que talvez forçasse o êxodo das prostitutas, como aconteceu na região da Luz, em São Paulo, durante seus projetos de revitalização. Atualmente há um intenso diálogo entre e PBH, as associações de prostitutas[82] e de donos de hotéis[83], além da polícia e de empresários interessados na região. Por enquanto, quase nada se definiu[84].

De toda forma, essas disputas políticas em torno da região continuam emergindo de tempos em tempos, corroborando de certa forma a ideia de Bernstein (2007) sobre a atuação paradoxal dos Estados em relação ao mercado sexual, reprimindo o "baixo meretrício" ao passo que tolera outras formas mais "refinadas" e discretas de prostituição.

[81] A Virada Cultural é um evento anual, realizado pela Prefeitura Municipal. Este evento dura 24h e vários palcos com atrações musicais são distribuídos pela cidade, alguns em locais "incomuns" para este tipo de evento, como a Rua dos Guaicurus.

[82] Há, na Guaicurus, a APROSMIG (Associação das Prostitutas de Minas Gerais), uma espécie de "sindicato", que já existe há alguns anos. Há também um grupo mais recente e mais ativo, as *Filhas da Luta*, organização que conta com o apoio da Pastoral da Mulher.

[83] Existe também uma organização patronal, a AARG: Associação dos Amigos da Guaicurus, que reúne os proprietários e gerentes de hotéis.

[84] https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/02/19/interna_gerais,848627/projeto-tenta-revitalizar-famosa-zona-boemia-no-centro-de-bh.shtml (reportagem de 19/10/2017)

Mapa 1 - A Região da Guaicurus[85]

A Praça Rio Branco, mais conhecida como Praça da Rodoviária, área de trottoir *bastante decadente, está marcada em amarelo. Como dissemos, é uma região frequentada por usuários de crack e moradores de rua, sendo utilizada por prostitutas mais velhas e que não possuem mais condições de pagar as diárias dos hotéis de prostituição. Estes hotéis da região estão marcados de rosa, e distribuem-se, sobretudo, pelas Ruas dos Guaicurus, São Paulo, 21 de abril e Avenida Santos Dumont. Os da Avenida Santos Dumont, representados na parte de baixo do mapa, onde se vêem as estações do MOVE (com telhados cinza) são ocupados por travestis, sobretudo. Os Hotéis do início da Rua dos Guaicurus e os da Rua 21 de Abril são os que possuem estrutura melhor e programas mais caros. Em contrapartida, aqueles localizados na Rua São Paulo e no cruzamento desta com a Guaicurus são os que possuem instalações mais decadentes e programas mais baratos.*

[85] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps*. Sem escala.

2.3 A região da Luz – São Paulo

O que chamo que "Região da Luz", no centro de São Paulo, compõe-se basicamente de três grupos de mulheres e espaços de *trottoir*, muito próximos: Há as que trabalham no Parque da Luz, uma pequena área muito agradável e arborizada ao lado da Pinacoteca. Há também as mulheres que trabalham na própria Estação da Luz, sobretudo nas duas entradas principais (que se abrem para a Rua Mauá e a Praça da Luz) e na passarela dentro da estação, de onde é possível observar todas as linhas de trem e metrô embaixo. Por fim, há também as mulheres que ficam no final da Avenida Cásper Líbero, do outro lado da Estação da Luz e de alguns pequenos hotéis. Embora este último espaço seja o mais degradado, com grande presença de moradores de rua e já adjacente à chamada "Cracolândia", os pequenos hotéis daí servem a todas as prostitutas dessas três áreas.

Esses hotéis, apesar de muito decadentes, são testemunhas dos tempos áureos que a região viveu, sobretudo no início do séc. XX, com o desenvolvimento do transporte ferroviário. A Estação da Luz tornou-se um ponto de referência importante na cidade naqueles tempos, e atraía o comércio e a vida noturna. A Rua Mauá era lugar de *footing* e de lojas refinadas. As décadas de 1920 e 1930 constituíram o auge, com a construção da Pinacoteca e do Museu de Belas Artes, consolidando a região como referência na vida cultural e social da cidade.

A partir dos anos 1950 e 1960 vemos a decadência da região. Com o desenvolvimento do transporte rodoviário as empresas importantes da região se deslocaram para outras áreas em ascensão na cidade, como a Avenida Paulista. A Estação foi integrada ao sistema de trens suburbanos e a Praça Júlio Prestes, muito próxima dali, abrigou a rodoviária durante mais de vinte anos, fazendo da região um *lugar de passagem*, o que foi um passo importante para sua degradação. Instalou-se a "boca do lixo", um espaço ligado ao cinema marginal e à pornochanchada, além do florescimento dos bordéis e da prostituição de rua. Com o fim da Ditadura Militar e a liberação dos filmes com sexo explícito, a pornochanchada morreu e, a partir dos anos 1990 o crack se alastrou pela da região da Luz e dos Campos Elíseos, problema que persiste (FRUGOLI, SPAGGIARI, 2010).

Entretanto, a *região moral* paulista, espaço de marginalidade e desvio, além de tradicional deságue libidinal da cidade (PARK, 1984), vai muito além da Luz: Ela é imensa e complexa. Com uma breve caminhada através da Avenida Ipiranga, e desta até a Praça da República e ao Largo do Arouche, ou com um rápido passeio pela Avenida Rio Branco até o Largo do

Paissandú, e deste para a Avenida São João[86], podemos ver uma imensa quantidade de estabelecimentos relacionados ao comércio sexual: bordéis, privês, cinemas pornôs, cabines eróticas, clubes de *striptease*, casas de massagem, entre outros, além de *trottoir* de mulheres e travestis durante a noite. Nesta tese, eu restringi minha análise aos arredores da Estação da Luz por causa das minhas limitações de tempo e recursos, mas acredito que esses outros espaços, por pertencerem à prostituição popular, compartilham muitas características em comum com a Luz.

Tanto as prostitutas do parque, quanto da estação ou da Avenida Cásper Líbero formam um grupo razoavelmente homogêneo: têm entre trinta e sessenta anos e todas que pude entrevistar são mães. Além disso são, em sua maioria, negras ou mestiças e estão fora dos padrões estéticos vigentes (acima do peso, idosas, etc.). A abordagem dos clientes e os programas também são muito parecidos. Por fim, parece haver uma rotatividade dessas mulheres entre esses três espaços adjacentes. Não são espaços isolados uns dos outros. Nas minhas observações, em janeiro de 2017, a degradação do ambiente e as características das mulheres me chamaram a atenção:

> Os arredores da Estação da Luz apresentam muita degradação, com usuários de crack, mau-cheiro e camelôs. Entre a estação e a Av. Cásper Líbero, há alguns pequenos hotéis/motéis, com algumas mulheres nas portas. Atravessando a estação chega-se ao Parque da Luz. Há aí algumas mulheres se prostituindo, com idade um pouco mais avançada, entre trinta e sessenta anos. Havia, às 9h30, quatro mulheres no parque. Imagino que possa haver mais, já que estava chovendo. Os clientes também circulam, sendo homens muito simples e mais pobres (pelo jeito e pelas roupas), além de um pouco mais velhos, por volta dos cinquenta, sessenta anos, na maioria. [...] Voltei à Luz às 16h. Não chovia mais. O parque estava lotado de mulheres, mais de vinte, e muitos homens também, sentados nos bancos, conversando e circulando. No parque havia muitas famílias com crianças no playground, todas chinesas ou bolivianas. (Caderno de Campo, 11/2/2017)

As prostitutas da região da Luz em geral já trabalharam em outros espaços de prostituição da cidade, e parecem estar no fim de sua carreira. Aliás, esta é uma expressão que ouvi muito na região, tanto de clientes quanto de mulheres: "a Luz é fim de carreira", o que significa que, enquanto para as mulheres o trabalho na região é o que "sobrou" para fazer num momento em que a idade e a beleza já não contribuem muito para o sucesso profissional, enquanto para os

[86] Provavelmente os lugares mais conhecidos da prostituição popular no centro de São Paulo atualmente são os prédios localizados no número 563 da Avenida São João e no número 69 da Rua dos Andradas, na região do Largo do Paissandú.

clientes é uma forma de dizer que é uma região com mulheres "velhas e feias", cujo programa é barato. No Fórum GPGuia é comum os clientes se referirem à região da Luz como "dragolândia" que só possui "coroas BBW[87]".

Essa ideia de "fim de carreira" vai além do caráter econômico, embora não o exclua. Para Blanchette e Silva (2009), estes espaços de prostituição que concentram mulheres mais velhas, negras e pobres, em convivência com viciados e moradores de rua, são chamados pelos clientes de *"trash".* Ganham esse nome, não apenas pelo baixo valor dos programas, mas pelo fato de a atividade decorrer em ambientes muito degradados, desde os espaços públicos em que são feitos os contatos até os hotéis onde se realizam os programas. De fato, no principal site que analisei para produzir esse estudo, o *Fórum GPGuia*, a prostituição do centro da cidade (tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte) estava no *link*/categoria *"trash".*

As mulheres que fazem ponto no parque da luz se vestem de forma discreta e, para um observador menos atento, podem se misturar aos frequentadores do local. Já as que trabalham na passarela da Estação e na Rua Mauá se vestem de forma mais caraterística e sensual, com minissaias e maquiagem mais carregada. Em geral, elas não abordam os clientes, que tomam a iniciativa nas negociações, que costumam ser rápidas. Após breve aceno e aproximação, discutem preços e práticas e, caso estejam de acordo, dirigem-se aos hotéis, separadamente, poucos metros um do outro, e só voltam a se falar no balcão desses estabelecimentos.

Os hotéis em que são realizados os programas são, de fato, muito degradados, e concentram-se no encontro da Avenida Cásper Líbero com a Rua Mauá. São pelo menos cinco pequenos hotéis nesse trecho (há outros espalhados pela região), todos datando dos anos 1940 ou 1950. Além de antigos e degradados, não possuem as mínimas condições de higiene e segurança: A fiação elétrica está exposta, os corredores são mal iluminados e o mofo impera. Entretanto, para clientes e prostitutas essa precariedade se traduz num preço baixo para a utilização desses espaços. O valor médio varia de dez a vinte reais pelo quarto, por meia hora.

Não há, em geral, relações trabalhistas entre os donos e gerentes desses hotéis e as mulheres que trabalham na região, ou seja, apesar de muitas vezes se conhecerem, os donos e gerentes desses hotéis se eximem de qualquer problema que possa ocorrer nos quartos durante os programas. Podem também, como é comum na região da Rua dos Guaicurus, existir relações

[87] *Big Beautiful Woman* ou *Big Butt Woman* no jargão pornográfico.

de amizade e interesse mútuo entre o *staff* dos hotéis e as mulheres, mas a maioria das relações entre esses dois grupos costuma ser distante e profissional.

Não há cafetinagem extensiva na região, embora eu imagine que possa haver alguma rede que cobre por segurança e pelos pontos de prostituição, tanto dentro do parque quanto nos arredores da estação. Apesar de as entrevistadas não tocarem nesse assunto, não pude observar nenhuma cobrança de dinheiro por segurança nem ninguém que parecesse realizar esse papel. Como os programas acontecem geralmente durante o dia e o Parque e a Estação da Luz são lugares bem policiados, parece não haver grandes problemas relacionados à segurança. De toda forma, as mulheres são, em geral, muito livres tanto para decidir seu horário de trabalho quanto o preço de seus programas.

O programa, assim como é comum em outras regiões de prostituição popular, costuma ser rápido e impessoal, com as prostitutas procurando ganhar mais na quantidade do que na interação mais pessoal com cada cliente. O conteúdo do programa é, em geral, o padrão da prostituição popular em todas as zonas boêmias: sexo oral, seguido de duas ou três posições sexuais, sem grandes inovações.

Como eu disse anteriormente, as mulheres são, em geral, bastante livres para negociarem tanto os valores quanto as práticas sexuais que farão com os clientes, e não é raro que um ou outro programa saia do *script*, e envolva alguma fantasia sexual, sexo anal ou até algo próximo à *experiência de namoradinha*, possibilidade que ocorre, sobretudo, com alguns *habitués*. O valor, como Blanchette e Silva (2009) já indicaram há quase dez anos, continua girando em torno de um real por minuto. A maioria dos programas varia entre vinte e trinta reais, por períodos de, no máximo, meia hora.

Assim como em outros espaços da prostituição popular, as mulheres costumam deixar algumas lacunas durante a negociação com os clientes para que possam, já com o programa em andamento, renegociar preços e práticas. Freitas (1985) já havia identificado, há mais de trinta anos atrás, essa prática na zona boêmia de Belo Horizonte. Pois bem, ela continua viva e eficaz. Dependendo da personalidade e dos desejos do cliente, além da estratégia da prostituta, o programa pode durar muito mais, além de se tornar mais complexo, rendendo uma remuneração melhor.

Em um dia bom, as mulheres da região podem fazer até dez programas, embora, dependendo do movimento, essa quantidade possa cair muito. É comum, sobretudo no fim do mês, ou em

dias de frio ou chuva, que muitas mulheres façam um ou dois programas ou até voltem para casa sem terem ganhado dinheiro nenhum. A região, apesar de sua degradação, possui fluxo grande de pessoas: A Estação da Luz atende a duas linhas de metrô e duas linhas de trens suburbanos, além de ser rota de muitas linhas de ônibus. Além disso, há um pujante comércio popular na região.

A maioria dos clientes circula por esse espaço durante o dia, sendo a noite um espaço frequentado por travestis, moradores de rua e viciados em crack, com muitos registros de violência. Sendo assim, os homens procuram as prostitutas da Luz até, no máximo, seis da tarde, quando o parque fecha e o entorno da estação começa a esvaziar também. O horário de maior fluxo masculino parece ser na hora do almoço e no começo da tarde, provavelmente por causa da pausa no trabalho que esses homens realizam. É comum ver muitos clientes com uniformes da construção civil, de serviços públicos, do comércio e de outros estabelecimentos da região, como cartórios, oficinas e cooperativas de *motoboys*.

Como afirmei anteriormente, a maioria dos programas costumam ser rápidos e impessoais, embora haja espaço para o que Blanchette e Silva (2009) chamaram de *amores estratégicos*, ou seja, as relações com *habitués*, que podem se revestir de um caráter mais íntimo e menos comercial. No parque da Luz é possível observar que, em alguns bancos, clientes e prostitutas parecem se conhecer há muito tempo, e a negociação transcorre de forma mais leve e íntima. Muitos clientes passam pela região para rever suas "amigas" e contar as novidades. Há relações que atravessam os anos e que trazem conforto afetivo aos homens e auxílio financeiro às mulheres.

Durante meu campo percebi que há, tanto na Luz quanto em outros espaços de prostituição popular, muitas brechas para o surgimento, mais ou menos restrito, da *experiência de namoradinha* e outras interações mais íntimas e complexas com os clientes, embora a enorme maioria dos encontros se processe na *dinâmica da distância*, com poucas possibilidades de intimidade e reciprocidade sexual. Nesse sentido, o grupo de clientes *fixos*, de *habitués*, faz parte de um universo mais restrito e privilegiado dentro do "baixo meretrício", gozando de uma série de interações muito mais próximas, íntimas e sinceras que a massa de homens não possui acesso.

Apesar do relativo sucesso que algumas poucas prostitutas conseguem na região da Luz, a maioria das mulheres enfrentam muitas dificuldades financeiras (uma vez que estão "no fim de carreira") e ainda têm que encarar um cotidiano muito violento, sobretudo as que

trabalham nas imediações da Avenida Cásper Líbero. Porter e Bonilla, pesquisadores americanos, em *The Ecology of Street Prostitution* (2010), destacam a relação íntima e tristemente comum entre a prostituição de rua, o abuso de drogas, a exposição às DST's (sobretudo à AIDS) e às agressões em alguns contextos daquele país, tanto por parte dos agentes do Estado, quanto dos clientes, colegas, "namorados" e *dealers* locais. Para as prostitutas da Luz as perspectivas não são diferentes.

A região vem sofrendo transformações por causa da ação do Estado nos últimos anos. A partir do projeto "Nova Luz" (entre 2005 e 2013[88]) e outros tantos projetos de "revitalização" da região, assim como da vizinha "Cracolândia", a prostituição vem morrendo. O "Nova Luz" compreendeu, entre outras coisas, a restauração da Pinacoteca, além da inauguração da Sala São Paulo, uma sala de concertos, e do Museu da Língua Portuguesa (SPAGGIARI, RODRIGUES, FONSECA, 2012). Essas mudanças trouxeram para a região um novo fluxo turístico e, consequentemente, um reforço no policiamento, o que afugentou prostitutas e clientes. Antes de dezembro de 2015, quando o Museu da Língua Portuguesa ficou destruído após um incêndio, quase não havia prostitutas no parque às sextas-feiras, dia de eventos no museu e maior fluxo de turistas e policiais.

Esta postura dos governos municipal e estadual em relação ao centro de São Paulo, assim como os eventos que vem acontecendo na Região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, corroboram a opinião de Bernstein (2007) sobre a ambiguidade das ações estatais. Se por um lado há uma forte repressão à prostituição popular, *indoor* ou na rua, há uma curiosa falta de vontade em combater formas de trabalho sexual de mais *status*[89]. Este é um padrão que pode ser observado desde os anos 1990 na Europa e nos Estados Unidos e que agora parece estar cada vez mais presente no Brasil. Nesta tese, quando, no próximo capítulo, abordo o trabalho das namoradinhas e das demais mulheres envolvidas com formas mais "luxuosas" ou "refinadas" de prostituição, fica evidente a benevolência e a *vista grossa* do Estado em relação a este setor do mercado do sexo.

---

[88] http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/01/prefeitura-de-sp-afirma-que-projeto-nova-luz-e-tecnicamente-inviavel.html (Em 2013 o projeto foi abandonado, embora hoje em dia ainda existam iniciativas do poder público mais voltadas à Cracolândia do que a Luz)

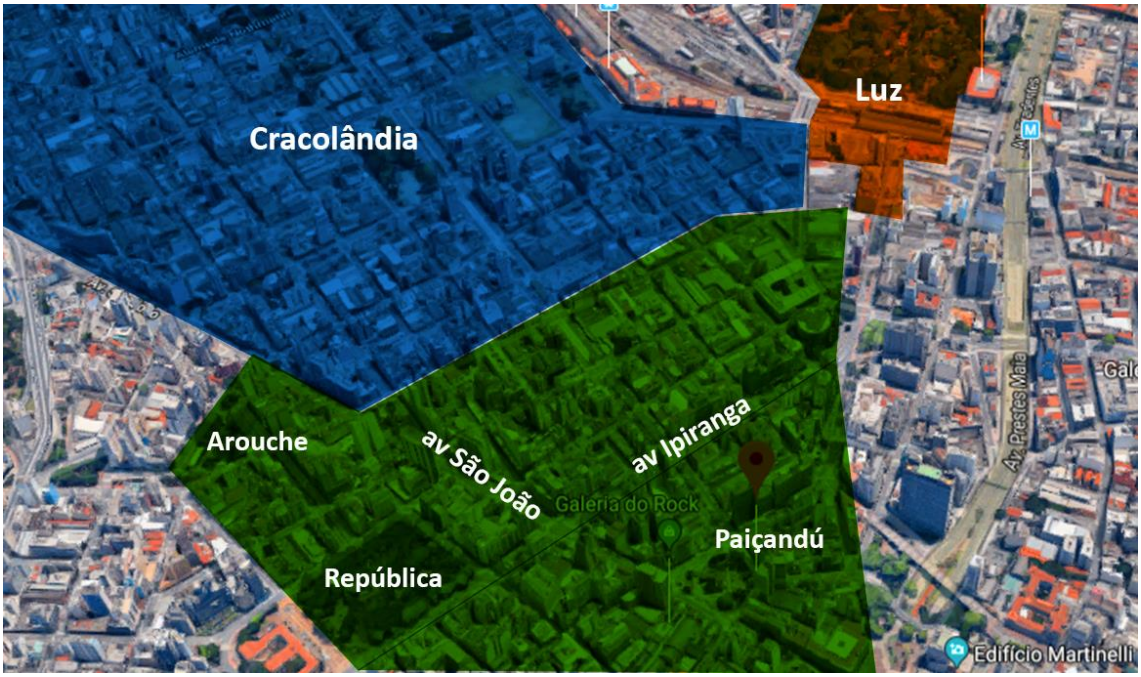
[89] Um dos raros casos de repressão à prostituição de alta classe foram os eventos recentes que culminaram no fechamento do Bahamas Club, boate de alto luxo em São Paulo, cujo dono é Oscar Maroni, personagem bastante pitoresco. Em pouco tempo o estabelecimento já estava reaberto.
http://www1.folha.uol.com.br/colunas/redesocial/2017/05/1888168-em-biografia-oscar-maroni-se-lanca-ao-planalto-de-putaria-eu-entendo.shtml

Mapa 2 - A Região da Luz[90]

Em amarelo pode-se observar as áreas de trottoir: o Parque da Luz, a passarela dentro da Estação de trem e o início da Avenida Cásper Líbero. Como dissemos, em geral são os mesmos grupos que circulam entre essas três áreas, embora haja mulheres que fiquem apenas no parque. A Avenida Cásper Libero possui uma paisagem muito mais degradada que os dois outros espaços, sendo um espaço de prostituição compartilhado entre mulheres e travestis. Em rosa, estão os hotéis onde os programas são realizados, localizados no início da Avenida Cásper Líbero e também na Rua Mauá. Em azul, a "cracolândia", bem próxima da região. Embora esteja bem demarcada neste mapa, os limites da "cracolândia" são muito fluidos, e é comum observar o fluxo de viciados em crack também na região da Luz, teoricamente fora dos limites da "cracolândia oficial".

[90] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps*. Sem escala.

Mapa 3 - A Região da Luz no Contexto da *Zona Moral* do Centro de São Paulo[91]



Como discuti anteriormente, a região da Luz (cor laranja) é apenas uma parte da geografia do mercado do sexo/zona moral em São Paulo (cor verde). Nos bairros centrais da cidade há uma grande profusão de estabelecimentos relacionados à prostituição, como cinemas pornográficos, casas de massagem, cabines eróticas, bares de strip tease, entre outros locais, localizados, sobretudo no eixo formado pelas Avenidas Ipiranga e São João, além da região do Largo do Paiçandú, do Largo do Arouche e da Praça da República, essas duas últimas muito conhecidas por representarem os principais locais do ghetto gay da cidade, onde as mulheres que se prostituem dividem espaço com travestis e michês. A cracolândia (cor azul) aqui aparece mais ampliada do que a "cartografia oficial" organizada pela polícia e pela prefeitura reconhece. Desta forma a área da "cracolândia" é representada para além da região dos Campos Elíseos, e compreende bairros adjacentes onde há forte fluxo de drogadictos.

[91] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps*. Sem escala.

2.4 A região de Santo Amaro – São Paulo

Quando comecei o trabalho de campo na cidade de São Paulo eu não tinha conhecimento da existência da prostituição na região de Santo Amaro. Só descobri este espaço por causa do meu contato com as irmãs oblatas, uma congregação de freiras católicas que realiza trabalhos diversos junto das prostitutas[92]. Elas possuem "obras sociais" em Belo Horizonte, Santo Amaro (SP), Salvador e Juazeiro, na Bahia. Dessa forma, a partir do contato com as irmãs de caridade, pude conhecer um pouco da dinâmica do trabalho sexual nessa região da cidade de São Paulo. Nessa região, especificamente, as irmãs criaram o "Projeto Antônia", que se ocupa em colocar as prostitutas em contato com os órgãos de assistência social da prefeitura e de fornecer informações sobre cuidados com a saúde e cidadania[93].

Santo Amaro é uma região bastante distante do centro de São Paulo, embora ainda pertença a esse município, e possui uma subprefeitura. Compõe-se basicamente de bairros de classe média baixa e de indústrias. Entretanto, a região de prostituição que aqui chamo de "Santo Amaro", é espacialmente mais restrita. Concentra-se nas proximidades do Largo Treze de Maio, bem no centro da região, e é um lugar que concentra muito comércio popular (atacadistas, lanchonetes, camelôs) e também uma região onde se concentram muitos transportes públicos (estação de metrô, conexões de linhas de ônibus, pontos iniciais de linhas suplementares de micro-ônibus). Enfim, a primeira impressão que tive é que este é um lugar de passagem.

Pode-se considerar esta região como uma *região moral*, uma vez que concentra muitas prostitutas e também outros "desviantes", como muitos moradores de rua e viciados em drogas. Entretanto, em comparação com outras zonas boêmias como a região da Rua dos Guaicurus em Belo Horizonte e a região da estação da Luz, no centro de São Paulo, a prostituição é menos explícita. Há meia dúzia de privês, pelo menos dez boates e uma praça onde as prostitutas ficam durante a tarde e a noite. A diferença básica entre boates e privês é que os últimos funcionam apenas durante o dia, até o início da noite, enquanto as primeiras funcionam apenas no turno noturno. Além disso, o trabalho nos privês não envolve, em geral, o uso de bebidas alcóolicas e nem shows de *striptease*, e a dinâmica das negociações e programas é bastante apressada, lembrando o "fordismo prostitucional" da região da Rua dos Guaicurus.

---

[93] Na seção metodológica discuto melhor minha relação com as irmãs oblatas e o trabalho que elas realizam.

A dinâmica de funcionamento dos privês lembra um pouco o esquema de trabalho que impera nas regiões e prostituição popular e que representam, *grosso modo*, a antítese da *girlfriend experience*: os programas são rápidos e impessoais, os estabelecimentos são degradados e sujos e as mulheres são muito são mal remuneradas. Os privês são conhecidos pelos clientes da região como *"vintão",* uma vez que R$ 20,00 é o preço-base dos programas nesses locais.

Os privês são casas adaptadas para a prostituição em escala industrial. Dessa forma, a arquitetura da residência é modificada para que haja um longo corredor no qual as mulheres e os clientes se encontram e negociam esses programas. No final desse corredor há alguns quartos, muito exíguos e abafados, geralmente sem janelas. O que caracteriza os privês externamente é um detalhe que passa despercebido para aqueles que ignoram os códigos da prostituição: os números da residência são exageradamente grandes, ocupando quase metade do muro. Isso diferencia o estabelecimento das outras casas da região, além da pequena aglomeração de homens nas portas.

Os horários de funcionamento também se parecem com os da região da Guaicurus, com as mulheres trabalhando em dois turnos, de 9h às 14h e de 14h às 23h. Entretanto, a remuneração é diferente. Enquanto na região da Guaicurus a mulher paga uma diária ao dono do hotel e fica livre para negociar seus programas, nos privês de Santo Amaro o preço é fixo (em geral R$ 20,00) e 50% de cada programa fica com o gerente da casa. O primeiro programa do dia também fica para a casa, integralmente, a título de "taxa de manutenção".

Em janeiro de 2017 pude fazer as algumas observações sobre um privê da região:

> Minipink, av. Barão do Rio Branco, 719 – É um inferninho. Os homens fazem fila na porta e no corredor, extremamente apertado. Esse corredor tem a forma de um 'T'. No final dele ficam os quartos. O programa custa vinte reais. Uma mulher que parece ser a gerente grita e apressa os homens: 'vai conhecendo e escolhendo!' As mulheres vão passando no corredor e beijando os homens no rosto, enquanto se apresentam. Nem as mulheres nem os homens parecem ligar muito para esse contato. É algo bem mecânico, que serve para aproximar e estabelecer negociações. Alguns homens, como um motoboy que reparei, já estavam com a nota de R$20 na mão. (Caderno de Campo, 20/1/2017)

As boates, por outro lado, funcionam de forma diferente, muito parecido com as boates mais simples do centro de Belo Horizonte, que ficam nas imediações da zona boêmia. Ao contrário dos privês, elas possuem placas com seus nomes e funcionam majoritariamente à noite. Os

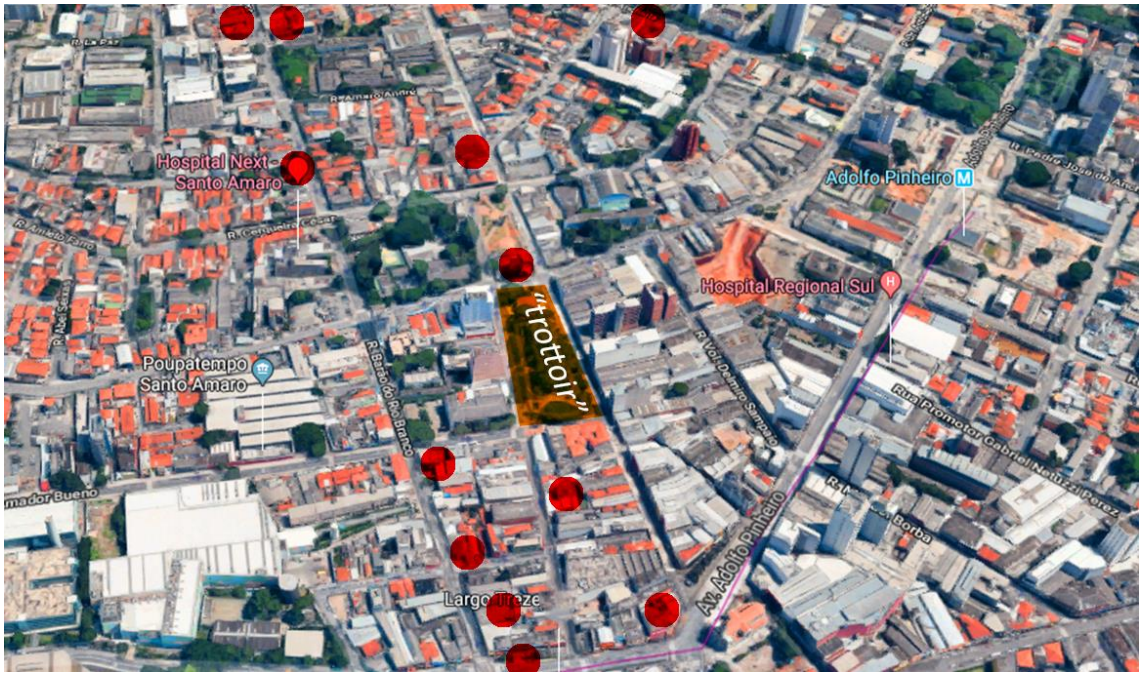
clientes sobem uma pequena escada, guardada por um segurança e chegam a um salão onde há mesas, sofás, um bar e um pequeno palco para apresentações de *striptease.* As mulheres aí se encarregam de "seduzir" o cliente e fazê-lo beber alguns drinks, antes de realizar o programa. As bebidas são centrais para o funcionamento e para o lucro da casa, e as mulheres são pressionadas pela gerência a beberem (sendo bancadas pelos clientes) ou a fazê-los beber. Os preços das bebidas alcóolicas são, como é comum nas boates, extorsivos.

Há diferenças nos preços e na estrutura das casas. Enquanto algumas são bem organizadas, limpas e arejadas, outras são abafadas e decadentes, com preços dos programas mais baixos e mulheres mais distantes dos padrões estéticos. Os programas custam em média R$ 50, e são realizados em pequenos quartos no fundo das boates, e o cliente paga "a chave" para a utilização desses ambientes. Todo o pagamento é feito para a gerência, que depois do expediente repassa os valores, às mulheres, descontados "a chave" e outras pendências financeiras que a mulher tiver com a boate.

Nos arredores da Praça Floriano Peixoto, uma região repleta de pontos de ônibus, há também algumas mulheres que se prostituem, sobretudo durante o dia. Este espaço parece ser o ponto final da carreira de uma prostituta da região, concentrando mulheres acima dos quarenta anos, egressas das boates ou dos privês. Nesta praça as mulheres fazem contato com os clientes e, combinado o programa, dirigem-se a pequenos hotéis nos arredores. O cliente encarrega-se de pagar o programa (em média R$30) e o quarto do hotel (em média R$20). Os programas são bem simples e rápidos, se enquadrando bem na *dinâmica da distância*, e dificilmente clientes e prostitutas passam mais que quinze ou vinte minutos dentro dos quartos.

Apesar da impessoalidade e da rapidez dos programas que são realizados pelas prostitutas que trabalham tanto na praça quanto nos privês e boates, há sempre algum espaço para interações mais íntimas com os *habitués.* Prostitutas desses três espaços (privês, boates e praça) afirmaram possuir alguns clientes fixos, com quem podem contar em momentos de dificuldade financeira. Os programas com esses homens tendem a ser diferentes da massa de programas realizados nessa região, envolvendo certo grau de *experiência de namoradinha*, com mais intimidade e um relaxamento em relação à algumas regras do trabalho, como o beijo ou a vigilância estrita à duração do programa.

Mapa 4 - A Região de Santo Amaro[94]



O mercado do sexo em Santo Amaro é mais amplo que as regiões citadas anteriormente (Guaicurus e Luz) e gravita entre a Estação de Metrô Largo Treze, representada pelo último círculo vermelho abaixo no mapa, e a Praça Floriano Peixoto e a Avenida João Dias, esta última representada pelos três círculos vermelhos na parte superior do mapa, que representam três privês e boates nessa avenida. Os círculos vermelhos representam os principais privês e boates da região, mas sua localização é aproximada. A região marcada com a cor amarela é a Praça Floriano Peixoto, área de trottoir e principal "carrefour" de transporte público da região.

[94] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps.* Sem escala.

2.5 A trajetória profissional das "meretrizes" e suas condições de trabalho

A investigação sobre as trajetórias profissionais das *meretrizes* é importante no contexto desta tese porque pude observar que, apesar de todas as dificuldades que a maioria dessas mulheres possui para ascender econômica e socialmente dentro dos espaços de prostituição popular, muitas delas descobriram em suas experiências profissionais que atuar como *namoradinha* pode ser um fator de diferenciação dentro de um contexto de muita concorrência e gerar mais renda.

Além disso, oferecer a alguns de seus clientes, apesar de todas as limitações de tempo e espaço, uma *experiência de namoradinha* pode ajudá-la a criar mais facilmente uma carteira de clientes fixos, o que traz mais certezas financeiras a médio e longo prazo. Dessa forma ela poderá cultivar, com o passar do tempo, uma série de *amores estratégicos* (BLANCHETTE E SILVA, 2009) que poderão, além de ajudá-la com generosos presentes, criar mais contatos sociais.

As prostitutas do "baixo meretrício" formam, nesses três espaços discutidos (Luz, Santo Amaro e Guaicurus), um grupo razoavelmente homogêneo. Não são, em sua maioria, muito jovens, passando dos 30 ou 40 anos, em muitos casos[95]. Na sua enorme maioria não são brancas, e alguns autores (como CARRIER-MOISAN, 2015, por exemplo) discutem esta *racialização* da prostituição popular: dentro da prostituição há uma clara estratificação profissional e racial, com as prostitutas negras ocupando, com raras exceções, os espaços mais desfavorecidos da atividade.

A extração social dessas mulheres também é homogênea, com todas as entrevistadas oriundas de famílias pobres, e muitas vindas de regiões pobres do país. Na região da Rua dos Guaicurus, por exemplo, é muito comum encontrar mulheres do norte de Minas Gerais e também da Baixada Fluminense, procurando alguma ascensão social nas zonas. Em Santo Amaro, em consonância com a massa de trabalhadores pobres de São Paulo, é muito comum ver prostitutas que vieram do Nordeste.

Blanchette e Silva (2009) discutem em seu *paper* os motivos da entrada das mulheres na prostituição, em particular nos espaços populares. Apesar de não terem encontrado (assim como eu também não pude ver em meu trabalho de campo) mulheres que foram forçadas a

[95] Uma exceção à esse padrão pode ser encontrado em dois ou três hotéis da região da Guaicurus, como o Cristal ou o Brilhante, que concentram mulheres mais jovens e programas um pouco mais caros do que os outros hotéis.

entrar na atividade, eles afirmam que a escolha feita por essas mulheres nasce de um contexto profissional em que as outras opções são muito ruins (BLANCHETTE E SILVA, 2009, p. 15). Sem uma boa formação acadêmica e sem recursos para investir em formação profissional, sobram as essas mulheres tarefas muito pouco qualificadas e mal remuneradas: Caixas de supermercado, manicures, domésticas, babás.

Dessa forma, a prostituição, mesmo em suas formas mais simples e mal pagas, aparece para essas mulheres como uma forma de conseguir alguma ascensão social. O trabalho sexual é, para elas, uma forma de trabalho muito melhor que as outras opções que são colocadas dentro de suas limitadas possibilidades. Mesmo na prostituição popular, o trabalho sexual costuma ser muito mais rentável que outras profissões, possui horários mais flexíveis (o que é fundamental para a maioria das mulheres, que são mães), além de não requerer quase nenhuma formação profissional (BLANCHETTE E SILVA, 2009, p.16).

> Eu não trabalho com outra coisa nem se o pagamento for melhor. Porque eu não quero ter que cumprir horário, não sei se o meu patrão vai chegar de bom humor, se a mulher dele dormiu de calça jeans (risos), se ele vai ser grosso comigo. Eu já trabalhei no comércio e é uma merda. Chefe chato, cliente chato, ônibus lotado, e tudo isso pra ganhar mil reais no fim do mês. Pra mim não dá. Prefiro fazer meus programinhas mesmo, eu mesmo faço meu horário, o dia que não acordo bem eu não vou, tenho tempo pra levar meus meninos na escola, fazer o dever de casa com eles. (Karen, Guaicurus-BH)

Apesar das vantagens do trabalho sexual relatadas pelas mulheres entrevistadas, essa carreira dificilmente dá a maioria dessas prostitutas uma vida muito melhor do que se tivessem escolhido outras atividades. Em geral as mulheres da prostituição popular parecem viver com o mesmo nível de vida de outras mulheres dos bairros periféricos. O sonho da ascensão social só é atingido por mulheres que, desde o início de sua carreira planejam muito bem sua estratégia profissional e seus objetivos, ou por aquelas que exercem um trabalho sexual mais qualificado e menos estigmatizado, dentro do esquema de *experiência de namoradinha*.

Maria, uma prostituta de 25 anos que trabalha na região da Rua dos Guaicurus percebeu que o trabalho nos hotéis era pouco valorizado e não atendia os seus anseios de ascensão social e de conquistas materiais. Assim, ela passou a trabalhar em boates, mas não gostou do sistema de trabalho (que envolvia noites sem dormir e o consumo de bebidas alcóolicas) e finalmente

descobriu um site no qual passou a se anunciar como namoradinha. A partir daí sua remuneração melhorou e ela passou a oferecer um programa mais "qualificado":

> Lá [nos hotéis da Guaicurus], as meninas se sentem mal por estar ali, porque é barato e qualquer um vai, então elas já carregam isso com elas. Elas ficam brigando com o cliente , dizendo que a culpa é do cliente, mas o cliente só vai lá porque elas estão né? Se a gente não tivesse lá a gente não tava ouvindo aquilo todo dia. [...] Olha, dentro do hotel, atualmente, eu já trabalhei no hotel durante muito tempo, então eu já tenho alguns clientes. Então eu faço alguns programas porque eu faço algumas outras coisas, eu faço massagens... Então eu faço menos programas hoje, prefiro ter clientes melhores que me encontram pela internet, mas eu já cheguei a fazer bem mais programas. (Maria, Guaicurus-BH)

Essas possibilidades de ascensão social podem ser frustradas pela rápida decadência profissional que marca estes espaços de prostituição. Apenas as mais jovens e bonitas conseguem uma remuneração melhor. E em pouco tempo, com o desaparecimento da juventude, por volta dos trinta anos, elas passam por um forte processo de declínio profissional.

Na região da Rua dos Guaicurus é comum ver este processo, com mulheres que, quando jovens, passaram pelos hotéis mais valorizados da região e hoje, já passados os trinta anos, se encontram em hotéis mais decadentes e com programas mais baratos, ou seja, abaixo do padrão da maioria dos hotéis, que é de R$30 a R$40. Este processo pode durar muitos anos, até que a mulher desemboca, já depois dos seus quarenta ou cinquenta anos, no Hotel Nova América, lugar muito insalubre, onde as diárias são mais baratas, assim como os programas, passando raramente de vinte reais. Outra opção costuma ser a Praça da Rodoviária, região muito degradada, onde não precisam pagar para realizar seu *trottoir*.

Na região da Luz e de Santo Amaro esse processo não me pareceu ser interno, como acontece nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus. Esses espaços configuram o "fim da linha" num contexto mais amplo da prostituição na cidade, atraindo prostitutas mais velhas e profissionalmente decadentes de outras regiões e cidades. Paul Cressey (2008 [1932]), numa obra clássica sobre salões de dança nos EUA dos tempos da Depressão, *The Taxi Dancehall*, afirma que, como a beleza e a forma física eram fundamentais para as *dancers*, o avanço da idade envolvia necessariamente a decadência profissional.

À medida que as prostitutas dos espaços populares vão perdendo sua juventude duas possibilidades aparecem: o abandono da atividade e a migração para espaços mais populares, como a Luz ou Santo Amaro, por exemplo. No caso do grupo analisado por Cressey, as dançarinas brancas do *Taxi Dancehall* acabavam migrando, com o passar do tempo, para estabelecimentos mais baratos, frequentados por imigrantes ou afroamericanos.

A prostituição nos espaços mais populares é exercida, em geral, de forma bastante precária e insalubre. Com a exceção de uns poucos ambientes, em quase todos os estabelecimentos do mercado do sexo nas regiões da Rua dos Guaicurus, da Luz e de Santo Amaro são muito decadentes. Um cliente, ao descrever um programa realizado num privê de Santo Amaro, relata

> Os quartos são grandes e bem iluminados, mas as camas estão horríveis, com colchões rasgados e sem lençóis. Cada GP [garota de programa] fica com um lençol na bolsa e forra na hora que entramos. (Postagem GPGuia "Área Trash SP)

Além da insalubridade do trabalho, outra importante característica desses espaços é a exploração que permeia as relações de trabalho. Na prostituição popular há, diferentemente dos espaços ligados à internet e às namoradinhas, uma série de mediações realizadas por gerentes, cafetões, seguranças, etc. Isso faz com que as mulheres tenham uma importante parte de seus rendimentos apropriada por esses intermediários, fenômeno mais raro entre as *namoradinhas* e *acompanhantes* que trabalham, em sua maioria, por conta própria.

Blanchette e Silva (2009), numa importante discussão sobre a exploração do trabalho sexual no Rio de Janeiro, destacam que a exploração na prostituição popular se faz presente de quatro formas: na ocupação do lugar (por exemplo, ser obrigada a pagar uma diária para um hotel), na mediação entre ela e o cliente (por exemplo, através do trabalho dos gerentes de hotéis e de algumas formas de divulgação), no oferecimento de segurança (por exemplo, através do trabalho do *staff* dos hotéis e boates) e, por fim, no fornecimento dos materiais necessários à realização do trabalho (por exemplo, preservativos, lençóis, toalhas, etc.).

Nos espaços de prostituição popular que pude observar, essa exploração de terceiros aparece, mas com algumas variações. Há sistemas de trabalho diferentes. Enquanto na região da Rua dos Guaicurus a mulher precisa pagar uma diária para a gerência do hotel, independentemente da quantidade de programas feitos; nos privês de Santo Amaro uma parte substancial de *cada programa* vai para a gerência. Já nas boates de Santo Amaro, assim como nas existentes no

centro de Belo Horizonte, há o pagamento de *porcentagens* do programa, bem menores, e o estabelecimento ganha mais com a venda de bebidas alcóolicas e o aluguel de quartos.

Numa comparação rápida, os privês de Santo Amaro me pareceram os locais mais insalubres e exploradores, uma vez que o primeiro programa realizado pela mulher no dia é tomado integralmente pela gerência, e os próximos programas são taxados em 50%. Além disso, o preço é fixo (R$20 em 2017), e não há muito espaço para barganhas e negociações com os clientes durante o programa, uma vez que o tempo é muito curto e o pagamento é realizado na gerência.

Por outro lado, vejo os hotéis da região da Rua dos Guaicurus como espaços onde a exploração é um pouco menor, já que o pagamento das prostitutas à gerência se resume apenas à diária. Se a mulher é jovem e bonita tem a possibilidade de lucrar muito com os programas, mais na quantidade do que na "qualidade" e ainda tem liberdade de negociar livremente seus preços, embora haja um limite mínimo estabelecido pelos hotéis. À medida que fica mais velha surgem os problemas que já discutimos: o preço dos programas cai e torna-se difícil pagar a diária.

As prostitutas da região da Luz vivem, apesar de sua penúria material, uma condição muito mais livre dos que os dois espaços citados acima. Na região da Estação da Luz elas, em princípio, não precisam pagar nada à cafetões, gerentes ou qualquer outro agente intermediário de seu trabalho. Os clientes as procuram no espaço público, negociam o valor do programa e dirigem-se a hotéis, cuja despesa fica a cargo deles.

É difícil tirar uma conclusão mais categórica sobre os rendimentos das mulheres da prostituição popular, uma vez que há grandes variações dentro desses espaços, tanto em termos de exploração quanto em termos de rendimentos. Mariele, por exemplo, que trabalha num dos melhores hotéis da região da Guaicurus afirma ganhar valores mais altos. Entretanto deve-se destacar que ela ainda é bastante jovem, e está na atividade há apenas um ano. Ou seja, considerando as dinâmicas profissionais da prostituição popular, ela está no "auge" de sua carreira. Apesar disso, ela repete a constatação, comum à esses espaços, de que a crise econômica tem prejudicado seus ganhos:

> Dá uma grana boa, se souber trabalhar direitinho, de 8h às 23h, você consegue tirar mais de R$1.000. Mas como está a crise um pouco, então está [pior]... Eu tirava R$1.000 todo dia, agora eu tiro R$700, R$800, deu uma caída bastante. Mas isso eu

> tirava R$1.000 só em um horário, que era de 8 as 4 da tarde, eu já estava com R$1.000 e já com a minha diária de R$200 paga. R$200, R$1.000 livre pra mim. Hoje não, hoje pra mim ganhar R$700, R$800, eu tenho que ficar até 23h horas trabalhando, entendeu? (Mariele – Guaicurus-BH)

Ao passo que vemos o sucesso financeiro de Mariele expresso acima, pudemos ver um pouco antes as dificuldades das mulheres mais velhas da região, que já não conseguem pagar as diárias dos hotéis mais baratos da região, sendo obrigadas a se deslocar para uma área ainda mais degradada, a Praça da Rodoviária, onde deságuam as mulheres em fim de carreira, batalhando programas de R$10 ou R$15, em meio a consumidores de *crack* e moradores de rua.

O segredo do sucesso de Mariele, descrito acima é a alta rotatividade dos clientes, comum nos espaços de prostituição popular. A circulação de clientes é muito intensa e, apesar de haver muitos *voyeurs*, que gostam de flanar por esses espaços, atrapalhando um pouco o comércio sexual, ainda assim há muitos clientes diariamente. Na região da Rua dos Guaicurus e nos privês de Santo Amaro algumas mulheres afirmaram fazer, em determinados períodos do mês (como a época de pagamento de salários) de vinte a trinta programas por dia. No caso da Luz, esse número é mais baixo, girando em torno de dez programas, no máximo, diariamente. Mariele, refletindo sobre seu percurso profissional, afirma:

> Eu já trabalhei em uma boate lá em Sete Lagoas [interior de Minas Gerais]. Mas não foi muito bom não. Aqui é mais, dá mais dinheiro que boate. Porque aqui o programa é mais rápido, e tem muito movimento, não é parado igual a boate. Aqui não, aqui entra um, sai outro, entra... E na boate tem essa [de beber com o cliente]. É, doses [de bebida], essas coisas. Não compensa. Aqui eu pago R$200 todo dia, o que você fazer, o lucro é seu. (Mariele – Guaicurus-BH)

Os casos de violência também parecem ser mais comuns à prostituição popular do que em outros espaços de trabalho sexual. Uma das explicações para isso é a própria exposição dessas mulheres, presentes nas ruas ou em zonas boêmias, muito estigmatizadas, e a presença de outros atores sociais violentos nesses espaços, como pequenos traficantes.

Em meu trabalho de campo observei que a violência nesses espaços mais populares e degradados é vista de forma muito banalizada, como se fosse condição *sine qua non* da prostituição (PRYEN, 1999). Por outro lado, nos espaços de prostituição de mais prestígio e

riqueza, com as namoradinhas e acompanhantes da zona sul de São Paulo ou de Belo Horizonte, os casos de violência acontecem, mas, além de raros, são tratados com muita gravidade.

Diante desses contextos de exploração, estigma e violência, muitas mulheres lançam mão de estratégias para melhorar sua condição, fazendo programas "por fora", sobretudo a procura de *habitués* mais generosos e abonados que os que elas possuem nos hotéis. Entretanto, essa estratégia parece funcionar melhor com mulheres mais jovens e em início de carreira, e que – geralmente – já tiveram experiências em outros espaços, como as boates, que possuem um conhecimento mínimo sobre as dinâmicas da prostituição na internet e que, sobretudo, consigam oferecer a esses clientes mais ricos e exigentes uma *experiência de namoradinha* que se tornou praticamente regra nesses espaços. Para a maioria, com pouca bagagem cultural, mais velhas, com menos vantagens estéticas e precárias conexões sociais, essa tática não está disponível.

O que chamo aqui de "vantagens estéticas" refere-se, sobretudo, à aparência (rosto, corpo, cabelos, cor de pele, etc.) da prostituta e o que ela pode lhe trazer, no sentido de facilitar ou dificultar seu trânsito pelo mercado sexual. Por exemplo, uma mulher que esteja acima do peso ideal dos nossos padrões estéticos terá mais dificuldade de se colocar no universo das *namoradinhas*, uma vez que este é um espaço onde a estética é o fator mais primordial para a busca por clientes (ao contrário das regiões de prostituição popular, onde o preço muitas vezes é mais importante). Outro bom exemplo a ser citado pode ser a dificuldade das mulheres negras, muitas com cabelos crespos, de se colocarem no mercado das *namoradinhas*, uma vez que este é um universo bastante segregado, do ponto de vista racial.

3 – Breve Panorama da Prostituição "de luxo" e das *Namoradinhas* em Belo Horizonte e São Paulo

3.1 A Prostituição "pós-industrial" no Brasil

Apesar de ser discutido na literatura sociológica anglo-saxônica há pelo menos vinte e cinco anos, o conceito de *experiência de namoradinha* no Brasil é relativamente novo. Alguns autores como Sacramento (2006), França (2011) e Carrier-Moisan (2015), por exemplo, discutiram este conceito nos últimos anos, mas esta temática ainda representa apenas uma pequena parte das investigações sociológicas sobre a prostituição, que tem se concentrado em outras questões, como a violência e o estigma que marcam o mercado sexual.

Blanchette e Silva (2009) num mapeamento de pontos de prostituição no Rio de Janeiro caracterizam a "*experiência de namoradinha*" a partir de duas características fundamentais: o cliente paga a mulher para passar mais tempo com ela do que o que seria normal num programa comum. Além disso, o sexo pago se assemelha a um relacionamento, com beijos, reciprocidade sexual e mais intimidade.

Esta definição é útil para nós na medida em que ressalta duas das principais características desta dinâmica de trabalho sexual, diferenciando-a da prostituição popular: em primeiro lugar a visão de clientes e acompanhantes sobre o tempo que passarão juntos e as práticas que realizarão é bem difusa, podendo conceber, por exemplo, viagens e jantares. Em seguida, observamos que o programa transcorre de forma muito mais íntima, com beijos, conversas e, inclusive, a possibilidade de reciprocidade sexual, ou seja, que ambos possam alcançar o orgasmo, algo muito raro nos estratos mais pobres do mercado sexual.

Entretanto, não gostaria de afirmar aqui que as transformações do século XXI inauguraram a *experiência de namoradinha* no Brasil ou no mundo. Muito antes do aparecimento desse tema nos estudos sobre prostituição já havia uma grande possibilidade de interações entre homens e mulheres em que o dinheiro, a intimidade, o afeto e a troca sexual se misturavam: desde as cortesãs e gueixas, de períodos muito antigos, passando pela emergência da prostituição nos países industrializados e suas possibilidades, mais ou menos limitadas de envolvimento afetivo, até as *call-girls* e *dancers* americanas dos anos 1930 e 1940, já existiram muitas relações entre prostitutas e clientes que não se encaixavam no padrão do sexo puramente comercial, rápido e impessoal, tão comum ao imaginário social sobre este universo.

No Brasil, mais especificamente, desde tempos passados já existiam inúmeras formas de interação entre homens e mulheres que misturavam interesses afetivos e econômicos, sendo difíceis de caracterizar – de forma literal – como prostituição. É o caso, para citar apenas um exemplo de nossa extensa literatura ficcional sobre o tema, das *teúdas e manteúdas*, amantes-prostitutas tão comuns a obras consagradas como *Tieta do Agreste* ou *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado.

Essas relações se encaixariam no que Paola Tabet (2004) chama de *continuum econômico-sexual*, ou seja, interações nas quais há interesses sexuais e econômicos mútuos, como num casamento por interesse, por exemplo; ou no que Blanchette e Silva (2009) chamam de *amores estratégicos*, ou seja, num relacionamento afetivo visando ganhos econômicos, como a maioria dos relacionamentos entre prostitutas e seus *habitués*.

Na sociologia, desde os tempos dos estudos de Simmel, pioneiro no assunto, já se falava das – raras na época – possibilidades afetivas da prostituição. No Brasil, Margareth Rago (1985), por exemplo, em sua obra sobre as prostitutas no Brasil do início do século passado, já destacava como muitos encontros entre as "polacas[96]" e seus clientes se distanciavam do padrão existente na época, podendo compreender mais intimidade e dar origem a relacionamentos.

Kempadoo (2004), por exemplo, ao analisar historicamente a prostituição nas ilhas do Caribe, destaca que, desde a colonização dessa região por ingleses, franceses e espanhóis, já existiam inúmeras formas de "transações sexual-econômicas" entre mulheres e homens como, por exemplo, um extenso sistema de concubinagem, na qual as mulheres nativas serviam de amantes e donas de casa para os europeus. Além disso, a autora aponta os complexos relacionamentos afetivos e econômicos entre senhores de escravos e mulheres negras, algo que também foi bem comum no Brasil colonial.

Entretanto, a novidade da obra de Bernstein[97] (2007), tão central para esta tese, é que, a partir das transformações que a prostituição sofreu nos últimos trinta anos, a "experiência de namoradinha" passou a ser um modelo *hegemônico* em alguns contextos dos países desenvolvidos, como o caso de São Francisco, nos Estados Unidos. Para ela, a pressão das

[96] As prostitutas cariocas eram chamadas de "polacas" no início do século XX porque uma parte significante delas era estrangeira, sobretudo russas, que haviam fugido da Revolução de 1917 e dos posteriores conflitos em seu país, conseguindo viajar com passaportes da recém-criada Polônia.

[97] Aqui cabe um parêntese importante: Bernstein (2007) não é pioneira neste debate. Já nos anos 1970 e 1980 há alguns poucos trabalhos importantes que tentaram compreender as facetas mais íntimas e afetivas do trabalho sexual, como os artigos de Cohen (1982), MacCannel (1973), Rasmussen e Kuhn (1976) e Vandersypen (1977).

novidades informacionais, como a internet, as mudanças nos perfis dos clientes e a ambiguidade da ação estatal (ao mesmo tempo reprimindo algumas formas de prostituição e tolerando outras) determinaram a decadência de formas mais simples e estigmatizadas de prostituição, sobretudo concentradas nas *regiões morais* das grandes cidades e influenciou a ascensão das namoradinhas, outro contingente de trabalhadoras sexuais de extração social e métodos de trabalho muito distantes das primeiras.

Apesar de me basear na teoria desenvolvida por Bernstein (2007), há reservas a serem feitas na aplicação de suas ideias ao contexto brasileiro. Dessa forma, não quero afirmar aqui que a prostituição de rua ou das zonas populares no Brasil está em decadência ou está cedendo espaço para as namoradinhas. Porém, o que me saltou aos olhos durante meu trabalho de campo foi o surgimento de novos espaços e modelos de prostituição que, há dez ou quinze anos atrás não possuíam muita relevância no mercado do sexo em nossas metrópoles. Por enquanto, nas metrópoles brasileiras, esses novos grupos de namoradinhas convivem com a prostituição popular, havendo, inclusive, um discreto fluxo de mulheres e clientes entre esses dois universos, como discutirei adiante.

Apesar de sua força e representatividade numérica dentro do mercado do sexo, a prostituição popular vem sendo continuamente atacada pelo Estado de diversas formas: projetos de "revitalização" das *zonas boêmias*, operações policiais, mandatos judiciais de fechamento das casas de prostituição, entre outras ações que já discuti no capítulo anterior. Isto demonstra que, apesar de parecer cedo para afirmar que a prostituição popular está – como afirma Bernstein (2007) nos contextos do primeiro mundo – em decadência, é provável que estejamos assistindo ao início deste processo, que beneficia os espaços de namoradinhas e outras formas mais discretas de prostituição, em detrimento das outras formas mais pobres e estigmatizadas de trabalho sexual.

Um exemplo da força do fenômeno da *experiência de namoradinha* no Brasil pode ser observado na evolução dos sites relacionados à prostituição. Apesar de alguns, como o *Fórum GPGuia* (que abrange todo o país) e o *BHModels* (onde acompanhantes de Belo Horizonte se anunciam) terem quase vinte anos de existência, foi somente na última década que arrancaram em número de acessos e volume de informações[98]. Além disso, os aplicativos de celular para

[98] Obviamente isso também tem relação com a própria expansão e popularização da internet no Brasil.

encontros, como o *Tinder*[99] (hoje muito utilizado pelas namoradinhas), são mais recentes ainda, e possuem um potencial ainda enorme a ser explorado pelo mercado do sexo.

Para Sylvie Bigot (2009), as transformações que aconteceram no mercado sexual no primeiro mundo e que, consequentemente, chegam com certo atraso ao mundo subdesenvolvido, determinaram a ascensão do que ela chama de *escorting* (acompanhantes/namoradinhas) como uma das mais importantes formas de trabalho sexual, embora não tenha eliminado outras formas de prostituição. Para ela, numa definição mais detalhada que a de Blanchette e Silva (2009), esse modelo baseia-se na discrição, na mediação entre clientes e prostitutas feita pela internet, na participação de mais mulheres das classes médias na atividade, além de ser uma forma que essas mulheres encontraram de viver uma sexualidade mais livre, ao mesmo tempo em que cultivam relacionamentos afetivos e econômicos, o que, muitas vezes, borra os limites entre suas vidas pessoais e profissionais. É exatamente isso que podemos ver entre as namoradinhas do Brasil.

3.2 As namoradinhas de Belo Horizonte

A primeira dificuldade de localização geográfica das namoradinhas nas grandes cidades brasileiras é sua invisibilidade espacial: elas não ocupam nenhum espaço específico visível, nenhuma *zona moral*, e se espalham pelas cidades, embora possam ser encontradas mais concentradas em um ou outro bairro. Além disso, costumam ser tão discretas que a própria população desses bairros costuma desconhecer a presença dessas prostitutas ali. Aqui em Belo Horizonte é possível encontrá-las em todas as regiões da cidade, embora elas estejam concentradas, sobretudo, em dois espaços: no centro e na zona sul.

As namoradinhas que pude entrevistar estavam concentradas em dois bairros, sobretudo: a Serra e a Savassi. Entretanto, é possível encontrá-las, como disse, em quase todos os bairros da cidade. Porém, quanto mais caro é o programa, maior a chance de que elas estejam situadas nos bairros da zona sul ou adjacentes: Serra, Savassi, Buritis, Santo Antônio, Santa Efigênia, Lourdes, Estoril, entre outros.

---

[99] O *Tinder* chegou ao Brasil em 2013.
http://epoca.globo.com/vida/vida-util/tecnologia/noticia/2013/10/btinderb-o-novo-aplicativo-de-paquera.html

A escolha desses bairros está ligada aos seguintes fatores: proximidade com potenciais clientes, moradores desses bairros ou funcionários de empresas ali instaladas; uso da infraestrutura do bairro para fazer contatos com clientes e trabalhar como, por exemplo, restaurantes, boates, hotéis e motéis; por fim, pode ser uma estratégia para se descolar do conjunto mais amplo de prostitutas, uma vez que estão em bairros "finos", são "de alta classe" e "discretas": o estigma não se materializa, uma vez que, geralmente, elas não são vistas como prostitutas pelas pessoas desses bairros.

A região da Serra, para servir de exemplo, concentra muitas mulheres que trabalham em privês, sobretudo coletivos, ou seja, quando três ou quatro namoradinhas alugam um apartamento e organizam uma espécie de cooperativa, dividindo as despesas da casa e a manutenção das áreas comuns. Apesar dessa organização coletiva, cada uma possui um quarto para atender seus clientes e seu lucro é individual. São prédios mais antigos, que possuem apartamentos mais amplos com três ou quatro quartos, além de sala e cozinha, quase todos localizados na Rua do Ouro ou em suas imediações, próxima à Avenida Afonso Pena.

A região da Savassi, por outro lado, é a preferida daquelas que não trabalham em privês, e utilizam-se da rede hoteleira do bairro para atender seus clientes. Algumas moram nas proximidades, enquanto outras trabalham (em outra atividade) ou estudam na região, que concentra muito comércio e grande fluxo de pessoas, mas, diferentemente do centro da cidade, não é vista como uma região decaída ou degradada, o que pode valorizar financeiramente o trabalho dessas acompanhantes. Mais adiante discutirei sobre a escolha do trabalho em privês ou a utilização de hotéis e motéis para o atendimento.

As mulheres que trabalham em privês no centro, apesar de também se apresentarem como namoradinhas, costumam ter programas mais curtos (de meia hora, por exemplo) e baratos (entre R$ 100 e R$ 150). Localizam-se em grandes prédios comerciais, como alguns situados na Rua São Paulo ou na Rua Tupis, por exemplo, e trabalham em salas alugadas em conjunto com colegas. Em geral essas salas são subdivididas com divisórias plásticas e há também a oferta de massagens. Além da internet, muitas se anunciam em jornais, como os classificados do *Super Notícia*, um tabloide popular, que custa R$0,50, o que atrai outro segmento masculino, sem acesso ou intimidade com a *web*.

Há, claro, diferenças sociais e econômicas entre esses dois grupos de namoradinhas. Aquelas que poderíamos chamar de "prostitutas de luxo" são, majoritariamente, muito jovens (menos de 25 anos), brancas, com formação universitária (concluída ou em curso), vindas de famílias

de classes médias, com pouca ou nenhuma outra experiência profissional e apenas uma de minhas informantes era mãe. Por outro lado, as namoradinhas do centro possuem mais características em comum com suas colegas da prostituição popular (inclusive muitas são oriundas desses espaços): são mais miscigenadas, um pouco mais velhas (entre 25 e 30 anos), sem formação acadêmica, vindas do interior e de famílias mais pobres, além de já terem experimentado algumas experiências profissionais não qualificadas, como o trabalho em salões de cabelereiro e supermercados. São, em sua maioria, mães, assim como suas colegas da *zona boêmia*.

Dessa forma, apesar de estarem espalhadas pela cidade e de possuírem locais de trabalho diferentes (salas comerciais, privês, hotéis e motéis), parece haver uma divisão mais fundamental entre esses dois grupos de namoradinhas, as do centro da cidade, sobretudo egressas das boates do centro e da região da Rua dos Guaicurus, a procura de um modelo de trabalho melhor, menos estigmatizado e mais rentável; e as localizadas em bairros mais ricos, que nunca experimentaram outras formas de trabalho sexual e cuja *experiência de namoradinha* representa sua primeira e única forma de prostituição, muitas vezes ocasional.

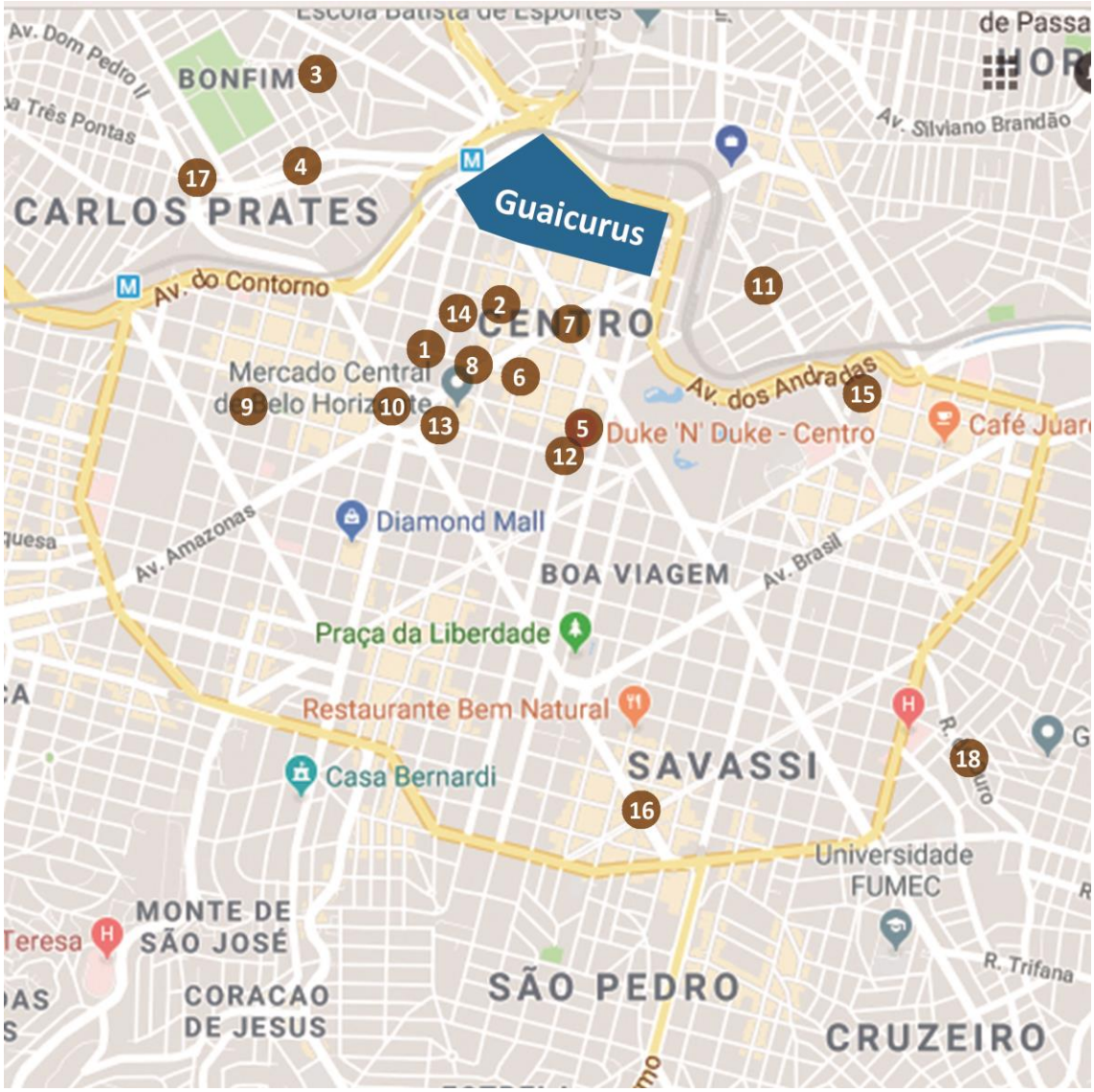
Sheila, minha informante-chave na região da região da Rua dos Guaicurus estava passando por este processo de busca de um trabalho sexual melhor remunerado e menos estigmatizado durante sua colaboração com essa pesquisa. Ela vinha de uma família pobre e possuía apenas o ensino médio completo. No entanto, era ainda muito jovem, bonita e bem relacionada: possuía uma série de amigas e clientes que gravitavam entre outros espaços de prostituição.

Assim, durante o período em que convivemos mais proximamente (entre abril de 2016 e junho de 2017) ela, apesar de ainda fazer programas nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus, passou a se anunciar pela internet e começou a ter clientes diferentes da maioria dos homens da *zona boêmia*. Eles queriam ter, com ela, a *experiência de namoradinha,* e pagavam bem mais por isso. A partir daí Sheila passou a trabalhar cada vez menos nessa *zona moral* e passou a fazer programas em menor quantidade, mas mais bem remunerados e longos, em hotéis e motéis do centro e da zona sul. Ela chegou à conclusão que as prostitutas de Copacabana estudadas por Blanchette e Silva também chegaram: “ganha-se muito mais como namorada do que como puta” (BLANCHETTE E SILVA, 2005, p.278), ideia que justifica, para muitas prostitutas dos espaços mais pobres do mercado sexual, a busca pelo trabalho dentro da *girlfriend experience*.

As namoradinhas da zona sul, por outro lado, são, em sua maioria, oriundas das classes médias e sem experiências de trabalho sexual em outros espaços, muitas com ensino superior ou se esforçando para terminarem seus cursos universitários ou técnicos, e cobram valores mais altos que suas colegas do centro. De toda forma, apesar das diferenças de preços e de condições de trabalho, a atividade que estes dois grupos de namoradinhas exercem e as expectativas dos clientes sobre o programa estão dentro da *girlfriend experience* (BERNSTEIN, 2007), com uma ou outra variação.

A seguir estão apresentados dois mapas, com a localização dos dois grupos citados de namoradinhas: aquelas que trabalham em regiões mais centrais e que possuem preços mais baixos em comparação ao segundo grupo, que se localiza nas regiões mais ricas da cidade e que possuem preços mais altos. O valor do programa das primeiras varia entre R$100 e R$200 por 1h de atendimento, enquanto o valor cobrado pelas namoradinhas "de luxo" varia entre R$250 e R$500 por um "encontro" de 1h30, em geral. Esses valores foram obtidos através da análise dos tópicos do Fórum GPGuia na seção "Acompanhantes MG" que, apesar do nome, trata quase somente de mulheres que trabalham em Belo Horizonte. Em janeiro de 2017 havia, aproximadamente, 2200 tópicos de discussão sobre namoradinhas nesta cidade, dos quais analisei 20% para descobrir os citados valores de referência.

Mapa 5 - Namoradinhas das áreas mais centrais de Belo Horizonte[100]



A Região Moral de Belo Horizonte está marcada em azul, e compreende não apenas os hotéis da Rua dos Guaicurus e adjacências, mas também a região da Praça da Rodoviária. Os círculos numerados entre 1 e 18 são as regiões onde se concentram os privês utilizados por namoradinhas cujo preço-base é menor que R$200 por 1h de programa. As localizações são aproximadas. Os pontos de maior concentração são:

[100] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps*. Sem escala.

1. *Rua dos Tupis, próximo à Praça Raul Soares;*
2. *Rua São Paulo, próximo à Praça Raul Soares;*
3. *Bairro Bonfim;*
4. *Avenida Pedro II, entre o Bairro Bonfim e a Avenida Catalão;*
5. *Rua da Bahia, entre Av. Afonso Pena e Av. Contorno;*
6. *Entorno da Galeria do Ouvidor;*
7. *Entorno da Praça Sete de Setembro;*
8. *Avenida Amazonas, entre Praça Sete e Praça Raul Soares;*
9. *Barro Preto, próximo ao Fórum Lafayette;*
10. *Entorno da Praça Raul Soares;*
11. *Floresta, no entorno da Av. Contorno;*
12. *Edifício Maletta;*
13. *Edifício JK;*
14. *Entorno do Shopping Cidade;*
15. *Entorno do Hospital Militar;*
16. *Região da Praça da Savassi;*
17. *Bairro Carlos Prates;*
18. *Bairro Serra, na Rua do Ouro e adjacências.*

Há outras concentrações de namoradinhas fora das regiões centrais representadas no mapa, como na região da Avenida Portugal, na Pampulha e no Bairro Cachoeirinha, na região norte, por exemplo. Há também algumas prostitutas localizadas na região do Shopping Del Rey, no Caiçara, mas comparadas à concentração das regiões acima, representam um grupo bem menor.

Outro ponto interessante é que, apesar de não estarem massivamente localizadas em regiões de maior status, como a Savassi, essas namoradinhas tampouco se localizam na região moral mais conhecida da cidade, afastando um pouco o "estigma geográfico" que poderia lhes afetar.

Além dos privês, este grupo também utiliza motéis para atendimento dos clientes. Em Belo Horizonte, a maioria destes motéis se localiza nos grandes eixos viários da cidade, como o Anel Rodoviário e as Avenidas Cristiano Machado ou Raja Gabaglia, por exemplo, que não estão representadas no mapa.

Mapa 6 - Namoradinhas das regiões com mais *status* de Belo Horizonte[101]

A região moral de Belo Horizonte está marcada em azul e compreende não só a região da Rua dos Guaicurus, mas também a Praça da Rodoviária e adjacências. Os círculos numerados entre 1 e 24 são as regiões onde se concentram os privês utilizados por namoradinhas cujo preço-base é maior que R$250 por 1h ou 1h30 de programa. As localizações são aproximadas. Os pontos de maior concentração são:

1. *Entorno da Praça da Savassi;*

[101] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps.* Sem escala.

2. *Bairro Serra, sobretudo o trecho da Rua do Ouro que fica próximo ao hospital Lifecenter;*
3. *Bairro Santo Antônio, Rua Carangola e adjacências;*
4. *Bairro Buritis, próximo à Avenida Raja Gabaglia;*
5. *Região da confluência das avenidas Raja Gabaglia e Barão Homem de Melo;*
6. *Bairro Grajaú, próximo à Av. Contorno;*
7. *Bairro Gutierrez, próximo à Av. Contorno;*
8. *Bairro Lourdes, próximo à Praça da Liberdade;*
9. *Bairro Santa Efigênia, próximo à Av. Contorno;*
10. *Bairro Floresta, próximo à Av. Contorno;*
11. *Confluência da Avenida Bias Fortes com Av. Álvares Cabral;*
12. *Bairro Carlos Prates, próximo à Av. Pedro II;*
13. *Bairro Anchieta, próximo ao Mercado Distrital;*
14. *Bairro Funcionários, próximo à confluência da Av. Afonso Pena com Av. Getúlio Vargas;*
15. *Entorno da Confluência entre Av. Afonso Pena e Av. Contorno (Região de trottoir noturno);*
16. *Entorno da Rua Timbiras com Rua São Paulo;*
17. *Bairro Santo Agostinho, próximo à Assembléia;*
18. *Bairro Cidade Jardim, próximo ao encontro da Av. Contorno;*
19. *Bairro Sion, próximo à Avenida Uruguai;*
20. *Bairro São Pedro, próximo à Av. Nossa Senhora do Carmo;*
21. *Entorno do Shopping Cidade;*
22. *Edifício Maletta;*
23. *Barro Preto, próximo ao Fórum Lafayette;*
24. *Entorno da Rua da Bahia com Rua dos Carijós;*

É interessante observar que, apesar de algumas concentrações de namoradinhas se localizarem em regiões mais centrais, como o Edifício Maletta ou o entorno do Shopping Cidade, a grande maioria das namoradinhas localizam-se na Zona Sul, não apenas do ponto de vista geográfico, mas também do status, ocupando bairros como o Sion, Santo Antônio, Savassi, Serra ou Lourdes. Das vinte e quatro concentrações de namoradinhas apresentadas no mapa, dezoito se localizam em bairros de alto status. Essas namoradinhas também podem utilizar motéis e hotéis para seus atendimentos, mas estes se localizam, em geral, nos grandes eixos viários, não representados no mapa.

3.3 As namoradinhas de São Paulo

Seria muito difícil definir de forma mais precisa os locais de prostituição das namoradinhas paulistanas, porque elas estão espalhadas por todas as regiões da cidade. Mas, a exemplo de Belo Horizonte, há uma divisão básica visível, sobretudo nos preços cobrados, entre as mulheres que possuem privês no Centro, ou em bairros de classe média, como a Barra Funda, a Liberdade ou a Vila Mariana, por exemplo; e aquelas que estão localizadas em bairros mais ricos da cidade, sobretudo nos Jardins, no Itaim-Bibi e em Moema.

As prostitutas-namoradinhas que trabalham em bairros mais centrais da cidade compartilham com suas colegas belorizontinas algumas características: apesar de também trabalharem na lógica da *girlfriend experience*, podem oferecer programas mais rápidos (como meia hora, por exemplo, o que é muito malvisto por suas colegas mais "refinadas", porque são programas mais "artificiais": o tempo curto dificulta o desenvolvimento da *experiência de namoradinha*) e mais baratos, ao passo que também se instalam, na maioria das vezes, em grandes prédios comerciais. Além do anúncio em sites de acompanhantes, elas também costumam publicar anúncios em jornais e em seções eróticas de sites locais, como o "Portal Vila Mariana[102]".

Apesar de se situarem em bairros mais centrais ou de classe média, o que as diferencia em matéria de *status* de suas colegas do mercado das "acompanhantes de luxo", é interessante observar que, apesar de não trabalharem em bairros vistos como "ricos" ou "refinados" como os frequentados por suas colegas da zona sul, elas tampouco compartilham o mesmo espaço da *região moral* da cidade, mantendo distância das regiões mais estigmatizadas do mercado sexual, como a Estação da Luz ou o entorno das avenidas Ipiranga e São João. Há a exceção da região da Praça da República, tradicional espaço de *trottoir* de michês, mulheres e travestis, e onde é possível encontrar alguns privês de namoradinhas, sobretudo especializados em massagens eróticas.

Já aquelas namoradinhas que se situam nesses citados bairros de mais prestígio também se anunciam como tal, mas seu trabalho condiz mais fielmente com as características da *"experiência de namoradinha"* dos autores que já discutimos: São programas longos, em geral entre 1h30 e 2h no mínimo (também há oferta de *pernoites*), com a presença de práticas mais íntimas, como o beijo, o sexo oral realizado pelo cliente na mulher ou o acesso livre ao

[102] www.portalvilamariana.com

corpo da acompanhante, entre outras características, que discutiremos com mais detalhe adiante. Além disso, seus programas são mais caros e, nessa área, o preço mínimo por hora era, em média, de R$ 250.

Nesses bairros essas acompanhantes trabalham, sobretudo, em *flats*, localizados em prédios residenciais ou hotéis, que alugam esses espaços por temporada. Um *flat* lembra uma quitinete, mas com um pouco mais de espaço e refinamento. Geralmente se compõem de uma sala, uma pequena cozinha anexa, um banheiro e um quarto bastante amplo. Essas prostitutas se anunciam apenas pela internet, e buscam sites mais "exclusivos" e de prestígio, com preços de anúncio mais proibitivos e regras mais rígidas para os ensaios fotográficos, como o *Club Model* ou o *SPLove*[103].

A escolha desses bairros também parece seguir a mesma lógica que expus anteriormente para as namoradinhas belorizontinas: esses lugares estão próximos dos potenciais clientes, na sua maioria homens mais velhos e de maior poder aquisitivo. Além disso, são bairros que oferecem uma boa estrutura para práticas que vão além do programa e que são continuamente negociadas, como jantares ou passeios no shopping. Por fim, são bairros identificados no senso comum, pela suposta *finesse* de seus habitantes, afastando o efeito do estigma, desde que a prostituta consiga manter uma imagem pública de "mulher decente", o que não é difícil (RUBIN, 2017). Em fevereiro de 2017, sentado no *lobby* de um hotel repleto de *flats* de namoradinhas/acompanhantes, depois de uma entrevista, fiz as seguintes observações:

> Raquel aceitou fazer a entrevista e foi extremamente solícita o tempo todo. Ela atende em Moema, num Flat (Hotel x), na Avenida x. O bairro é rico ou de classe média alta, e parece ser o preferido pelas acompanhantes de luxo, junto do Itaim e dos Jardins. Não há o menor sinal de estigma em relação ao trato dos funcionários com as mulheres daqui e os empregados do hotel também me trataram de forma muito educada. Este hotel parece ser repleto de garotas de programa e em poucos minutos duas jovens moças já se sentaram no lobby esperando alguém. Há também uma família no lobby que parece não ter a menor ideia do que fazem as mulheres que circulam ali. A primeira moça já saiu, enquanto a segunda espera um uber. Tem no máximo 22 anos e é muito bonita. Entretanto, se veste de forma bem casual: short jeans e camiseta. Cabelos presos. Pode ser que vá ao salão? Vestida assim casualmente, nada denuncia sua condição de garota de programa. Porém, como Raquel afirmou, moças muito jovens e com muito dinheiro despertam desconfiança no comércio. Ela acha que as funcionárias do salão que ela frequenta desconfiam de sua atividade, uma vez que gasta rios de dinheiro lá semanalmente (tem apenas 20 anos).

[103] www.clubmodel.com.br; www.splove.com.br

> [...] É curioso como eu passei a evitar a palavra 'prostituta' nas entrevistas e como elas se envergonham quando eu falo de 'trabalho sexual'. (Caderno de Campo, fevereiro de 2017)

Tenho consciência da lacuna que deixo nesta análise sobre as acompanhantes-namoradinhas da cidade de São Paulo, uma vez que há inúmeras outras áreas de concentração *de namoradinhas* que não pude conhecer, por restrições de tempo e recursos. Entretanto, acredito que essas duas "concentrações de namoradinhas", uma mais central e menos "refinada" e outra localizada *grosso modo* na zona sul com ofertas de serviços mais qualificados e caros, podem nos dar uma noção das dinâmicas profissionais que permeiam esses espaços, ainda muito pouco estudados no Brasil.

A seguir estão apresentados dois mapas, com a localização dos dois grupos citados de namoradinhas em São Paulo: aquelas que trabalham em regiões mais centrais ou que possuem menos *status*, como bairros de classe média, e que possuem preços mais baixos em comparação ao segundo grupo, que se localiza nas regiões mais ricas da cidade e que possuem preços mais altos.

O valor do programa das primeiras varia, em geral, entre R$100 e R$250 por 1h de atendimento, enquanto o valor cobrado pelas namoradinhas "de luxo" varia entre R$250 e R$600 por um "encontro" de 1h30, em média. Esses valores foram obtidos através da análise dos tópicos do Fórum GPGuia na seção "Acompanhantes SP". Em janeiro de 2017 havia, aproximadamente, 8800 tópicos de discussão sobre namoradinhas nesta cidade, dos quais analisei 20% para determinar os citados valores de referência. As concentrações de namoradinhas se referem não apenas a privês e *flats*, mas também a motéis e hotéis utilizados por clientes e prostitutas para os programas, dos quais se destacam, por exemplo, o Hotel Lido e o Hotel Glória, na região da Liberdade, por exemplo, acessíveis pela Estação Vergueiro do Metrô.

Todas as namoradinhas deste primeiro grupo, que possuem programas um pouco mais baratos, estão próximas às estações de Metrô, que estão indicadas no mapa. Em todos os casos é possível acessar, a partir do metrô, seus *flats* e *privês* a pé, o que parece ser fundamental neste estrato de prostituição. Indiquei então estas estações destacando que os hotéis, *flats* e privês estão em seu entorno, nunca a mais de dez minutos de caminhada. As localizações no mapa estão aproximadas;

Há alguns outros grupos de namoradinhas deste grupo localizadas em outros lugares da cidade que não estão representados no mapa, como o Bairro de Santana, por exemplo. Mas em comparação com todo o grupo, representam exceções. Ao contrário de Belo Horizonte, onde os motéis se encontram nos grandes eixos viários da cidade, em São Paulo eles se localizam próximos ao metrô, sobretudo (apesar de alguns também se localizarem em grandes avenidas).

A *região moral* paulista está representada em azul, e compreende uma grande área composta pelo entorno da Estação da Luz, a Cracolândia, os eixos da Avenida Ipiranga e São João, além do Largo do Paissandú, o Largo do Arouche e a região da Praça da República. Com exceção desta última, nenhum grupo de namoradinhas se localiza na *região moral*.

É importante destacar que, assim como acontece nos tópicos de discussão sobre as acompanhantes e namoradinhas de Belo Horizonte, o local de atendimento não é citado no título da discussão, que contém o preço aproximado do programa, as práticas realizadas por aquela mulher e a "nota" calculada pelo fórum de acordo com as opiniões de clientes expressas ali. Entretanto, apesar de não aparecer no "cabeçalho" do debate cibernético, o local de atendimento é fundamental para a escolha dos clientes e é sempre destacado por eles em seus depoimentos, ressaltando os pontos positivos e negativos da região.

Sobre o local de atendimento das namoradinhas, os homens que debatem no fórum consideram como pontos positivos: a proximidade a estações de metrô (sobretudo para aquelas que possuem programas um pouco mais baratos) ou a facilidade para estacionar carros, como a existência de vagas na rua ou na garagem do prédio (para aquelas "de luxo"); a discrição do edifício, se ele é ou não reconhecido pela vizinhança como local de prostituição (o ideal é que não seja); a abordagem do porteiro e dos demais funcionários do prédio (se cobram a apresentação de documentos de identidade para entrar, por exemplo). Por fim, o luxo, refinamento e a higiene das instalações, elogiando sempre *flats* e privês bem limpos e organizados.

Mapa 7 - Namoradinhas das áreas mais centrais e de classe média de São Paulo[104]

Locais de concentração:

1. *Metrô Consolação;*
2. *Metrô Jabaquara;*
3. *Metrô Vergueiro e Metrô Liberdade;*
4. *Metrô Butantã;*
5. *Metrô Belenzinho;*
6. *Metrô Tatuapé;*
7. *Metrô Trianon/MASP;*
8. *Metrô República;*
9. *Metrô Lapa;*
10. *Metrô Vila Mariana;*
11. *Metrô São Joaquim;*
12. *Metrô Paraíso.*

[104] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps.* Sem escala.

Mapa 8 - Namoradinhas das áreas de mais *status* (zona sul) em São Paulo[105]

Diferentemente de suas colegas que cobram menos pelos programas, as namoradinhas "de luxo" estão mais concentradas na cidade, ocupando bairros de mais status. No caso deste grupo, cujos preços de programa têm como patamar mínimo os R$250, a localização próxima ao metrô não é fundamental (embora ainda possa ser importante), como no grupo anterior, uma vez que a maioria dos clientes acessa estes privês e flats de carro. Desta forma, a preocupação com a proximidade a grandes avenidas e a disponibilidade de vagas de estacionamento é mais importante.

A região moral paulista está representada em azul e compreende, como dissemos, uma grande área composta pelo entorno da Estação da Luz, a Cracolândia, os eixos da Avenida Ipiranga e São João, além do Largo do Paissandú, o Largo do Arouche e a região da Praça

[105] Mapa elaborado por mim, a partir de anotações em Caderno de Campo, com base no *Google Maps.* Sem escala.

da República. Nenhum grupo de namoradinhas "de luxo" se localiza na região moral ou sequer próxima dela.

Apesar de haver outros pequenos grupos espalhados pela cidade, como na Barra Funda ou nas imediações do Tatuapé, praticamente todas as namoradinhas "de luxo" moram e/ou trabalham nas doze concentrações abaixo:

1. *Bairro Moema, sobretudo próximo à Av. Ibirapuera;*
2. *Itaim-Bibi, próximo à confluência das avenidas Cidade Jardim e Nove de Julho;*
3. *Jardins, concentradas nas ruas Haddock Lobo, Al. Campinas, Al. Santos, Al. Lorena e Rua Pamplona, nas adjacências da Avenida Paulista;*
4. *Bairro Jardim da Glória, próximo do Parque da Independência;*
5. *Avenida Ricardo Jafet, próximo deste mesmo Parque;*
6. *Bairro Bela Vista, nas imediações da Avenida Major Diogo;*
7. *Bairro Paraíso, no entorno da confluência das avenidas Paulista com Brigadeiro Luís Antônio;*
8. *Bairro Consolação, próximo à confluência da Rua da Consolação com Av. Paulista;*
9. *Bairro Bela Vista, do lado oposto da Avenida Paulista, próximo ao MASP;*
10. *Bairro Vila Mariana, próximo às estações de metrô Ana Rosa e Santa Cruz;*
11. *Bairro Bela Cintra, próximo à Rua da Consolação;*
12. *Bairro Pinheiros, nas imediações da Avenida Faria Lima.*

3.4 A trajetória das namoradinhas e suas condições de trabalho

Diferentemente das suas colegas da prostituição popular, as namoradinhas tanto em Belo Horizonte quanto em São Paulo, formam um grupo mais homogêneo do ponto de vista etário. Pude ter contato, entre entrevistas gravadas e conversas mais ou menos informais, com pelo menos vinte e cinco garotas de programa desse "modelo" de trabalho, e nenhuma tinha mais do que 30 anos. A maioria, inclusive, tinha por volta dos 25 anos, ou um pouco menos. De toda forma, mesmo as que tinham mais que 25 anos mentiam a idade, uma vez que o conceito de namoradinha parece envolver, necessariamente, a juventude e certo "amadorismo" da garota de programa:

> Minha idade de verdade? 25. Porque no site eles sempre colocam três anos a menos. Todas as meninas que estão lá tem três anos a menos. No site eu tenho 22. (Michele, São Paulo-Moema)

Esse "amadorismo" parece ser fundamental na atuação das namoradinhas, na medida em que ser muito jovem e aparentar falta de experiência no trabalho sexual remetem à mistificação que permeia esse grupo. Na dinâmica da *experiência de namoradinha,* os clientes procuram alguém que não seja uma "profissional do sexo", mas alguém que, por exemplo, seja uma estudante realizando programas ocasionais. Obviamente aquelas que já possuem experiência suficiente e que ja passaram dos vinte e cinco anos precisam mentir a respeito de sua carreira e sua idade. Claro que há namoradinhas com mais idade, algumas até com o epíteto de *"MILF*[106]*"*, mas são, sem dúvida, uma minoria.

Racialmente, também há um padrão muito evidente. Todas as minhas informantes (exceto uma) eram brancas, com um padrão estético que remete muito ao europeu: cabelos muito lisos e pele muito clara. É comum que muitos "nomes de batalha[107]" em sites de anúncios terminarem com os adjetivos "gaúcha" ou "catarinense", em clara referência ao imaginário que permeia a composição racial desses estados. Apesar de haver algumas negras e mestiças entre as namoradinhas das regiões mais centrais da cidade, elas são praticamente inexistentes

[106] *"MILF"* é uma expressão oriunda do universo pornográfico, que significa *"Mother I'd like to fuck"*, ou seja, *"Mãe que eu gostaria de foder"*, e serve para designar prostitutas entre os 35 e 45 anos. É o equivalente a "*balzaquiana"* no mercado do sexo.

[107] Essa expressão é mais comum na prostituição popular, para designar o nome com o qual a mulher trabalha. Entre as acompanhantes/namoradinhas também são usados nomes falsos, mas nunca ouvi delas essa expressão.

na prostituição de luxo. Dessas, pude conhecer apenas uma mulher negra, Yasmin, que trabalhava nos Jardins (SP) e foi informante-chave na pesquisa.

A extração social parece divergir, de acordo com o grupo de namoradinhas que olhamos. Entre as do centro e de bairros de classe média, como a Liberdade, por exemplo, é comum a presença de mulheres que vieram do interior, de famílias mais pobres e com pouca formação acadêmica, já tendo gravitado em algumas profissões não qualificadas e na prostituição popular. Muitas são mães. Por outro lado, nos bairros mais ricos, todas as mulheres que tive contato eram egressas de famílias das classes médias, com a grande maioria frequentando algum curso superior ou já com essa formação. Algumas inclusive planejavam a pós-graduação. A maioria não teve outras experiências profissionais e apenas uma de minhas informantes era mãe.

O debate sobre a maternidade aqui é interessante porque ela pode determinar muito a entrada dessas mulheres neste mercado. Como Carrier-Moisan (2015) discute, no caso das prostitutas que se relacionam com *gringos* em Natal-RN, a maternidade é um dos grandes motivos para a inserção no mercado sexual, além de sustentar o discurso que sustenta a distinção dessas prostitutas em relação às outras, com menos "moral", uma vez que não se prostituem "por necessidade", mas "por luxúria".

No caso das namoradinhas, a questão da maternidade aparece de forma mais definitiva para aquelas que trabalham nas regiões mais centrais das cidades e que, apesar de também trabalharem no modelo de *girlfriend experience*, tem o trabalho menos remunerado que suas colegas dos bairros de zona sul. A maioria depende do trabalho sexual para o sustento dos filhos e da casa e já teve experiências – ruins – na prostituição popular. No caso das acompanhantes "de luxo", a inserção no mercado do sexo aparece como uma alternativa para atingir outros objetivos materiais e, sobretudo, acadêmicos:

> Estou nessa há bastante tempo. É que eu não fico direto. Volto para fazer outras coisas, daí quando aperta financeiramente, que eu corro para [o trabalho sexual]... Até porque quando eu transferi a faculdade, a minha faculdade era pública, e agora eu estou fazendo particular, então tem isso né... É bem caro. (Ludmilla, Moema-SP)

Como fica expresso no depoimento acima, no caso das acompanhantes/namoradinhas "de alta classe", é comum também terem realizado (ou ainda realizarem) prostituição ocasional, com

alguns poucos clientes *habitués*, para custear seu estudo ou complementar alguma renda que já possuem. Outras já têm o trabalho sexual como atividade principal e não possuem nenhuma fonte de renda extra. É interessante como todas deste grupo colocaram como objetivo principal do trabalho sexual a conclusão dos estudos. Entre as garotas de programa deste grupo que pude acompanhar, vi (formadas ou em curso): duas veterinárias, uma economista, duas enfermeiras, uma farmacêutica e uma psicóloga, entre outras formações.

No caso das acompanhantes que trabalham nas regiões mais centrais da cidade, pude observar que, diferentemente de suas colegas da zona sul, elas possuíam um perfil mais "batalhador", (no sentido de ter que trabalhar mais por remunerações menores) do que suas colegas de estratos mais altos, e estavam num processo mais acentuado de ascensão social. Além de já terem experiências em outras profissões pouco qualificadas, a maioria também era oriunda de modelos menos qualificados de trabalho sexual, como as boates mais baratas do centro dessas cidades ou até mesmo a prostituição popular. Conseguiram ascender graças à sua juventude, às suas características estéticas e uma boa rede de contatos. Como o caso de Cláudia, por exemplo:

> Eu prefiro trabalhar pela internet, sem dúvidas. Quando eu comecei eu passei um tempo trabalhando na rua, perto de motéis. Mas era muito difícil, muito cliente louco, muita briga, muita droga... Depois eu trabalhei em boate e é muito complicado... Boate você tem que chegar, e outra, tem uma concorrência muito grande com as colegas. E tem umas meninas que também não gostam de ver outra menina mais bonita, sabe? E já fica olhando de cara feia, e não é isso que você quer, você está lá para trabalhar e acaba te desconcentrando um pouco. Então pela internet é muito melhor, porque o cliente marca com você, você encontra com ele no local, hotel, motel, chegou lá, entrou, passou 1h30 com ele, 2h, acabou, cada um para o seu lado e você já está livre, tem o dia inteiro livre e sai. Além disso, eu acho mais seguro. (Cláudia, Liberdade-SP)

A trajetória de Cláudia é comum à maioria das acompanhantes que trabalham nas regiões centrais de Belo Horizonte ou São Paulo. Elas tiveram experiências ruins na prostituição popular e nas boates, por causa da insalubridade, dos riscos, da baixa rentabilidade e da exploração nesses espaços. Dessa forma, com algum esforço, conseguiram contatos para trabalhar como namoradinhas, na maioria dos casos em um sistema parecido com uma cooperativa. Ou então trabalham de forma autônoma. Essas últimas, mais independentes, preferiram não se associar a colegas para montar privês e, como não conseguiram um

"fôlego" financeiro suficiente para ter seu próprio *flat* ou apartamento, utilizam a estrutura de hotéis e motéis para atender os clientes.

Em Belo Horizonte a maioria dos hotéis utilizados pelas namoradinhas situam-se no centro da cidade ou nas imediações da Savassi, enquanto os hotéis onde os programas se realizam localizam-se, sobretudo, nos grandes eixos viários da cidade, como as Avenidas Barão Homem de Melo e Raja Gabaglia, além do Anel Rodoviário e das rodovias que dão acesso às saídas para Vitória e o Rio de Janeiro[108]. No caso de São Paulo, os hotéis e motéis utilizados pelas namoradinhas podem ser encontrados em toda a cidade, mas concentram-se na Liberdade, na Bela Vista, no Tatuapé, Jardins e na Vila Mariana, e se situam sempre próximos às estações do Metrô[109].

Luísa afirma que o trabalho em hotéis é interessante para ela porque, além de não ter despesas com lugar pra trabalhar, ela ainda pode contar com uma rede de proteção dos funcionários dos hotéis em caso de agressão ou algum outro evento desagradável:

> O [nome do hotel] é o mais procurado. Mas tem quem saiba aprontar lá também, eu procuro marcar lá... Porque assim, quando o cara começa a me sondar 'Pode ser em outro hotel?', 'O [nome do hotel] é mais fácil'. Tipo, eu não dou para ele entender que eu estou desconfiada, mas eu fico sondando. Se o cara não quer marcar nesses lugares que as meninas geralmente se encontram, está querendo aprontar. Esse que me deu calote, ele gosta de encontrar as meninas em um hotel que elas não têm o costume. E eu tenho certeza que as funcionárias do hotel, elas têm esquema com ele, elas sabem. Elas sabem, porque eu já cheguei, mas eles ficaram na saia justa. "Quero cópia do documento desse cara, quero a ficha dele". Elas me deram e nisso eu joguei na net. Falei 'que se foda'. (Luísa, Liberdade-SP)

A maioria das namoradinhas "de luxo" trabalha em *flats* ou apartamentos em prédios residenciais ou hotéis. Como comentei anteriormente, são espaços pequenos, mas de muito bom gosto estético o que, de acordo com elas, agrega valor ao seu trabalho, além de aumentar a discrição da atividade. Como são prédios e hotéis de uso misto, a acompanhante e seus clientes não costumam ser importunados, já que quase sempre passam despercebidos. Apesar dessas vantagens, esta é a forma mais cara de trabalho, uma vez que, além do aluguel do *flat*, a mulher também precisa arcar sozinha com todos os materiais que precisa para trabalhar:

---

[108] Alguns motéis de destaque citados por namoradinhas (entrevistas) e clientes (fórum): *Le Monde*, *Le Baron*, *Dallas*, *Sunset*, *Cavalo Branco*, *Fantasy*, *Agatha*, *Lips*, *Seasons*, todos localizados nos eixos viários citados.

[109] As principais estações de metrô citadas por clientes e namoradinhas foram: *Ana Rosa, Santa Cruz, Tatuapé, Vergueiro, Saúde, Liberdade, Trianon-MASP, Jabaquara, República e Paraíso.*

toalhas, roupas de cama, café e lanchinhos, preservativos, géis lubrificantes e outros acessórios sexuais, além de material para banheiro (escovinhas de dente, sabonetes e shampoos descartáveis, etc.). A preparação e a organização do ambiente são fundamentais para um bom desenvolvimento da *experiência de namoradinha*:

> Ao chegar eu subi umas escadas e encontrei um quarto e banheiro muito bem equipado, a organização do local dela é impecável, toalhas lacradas, água mineral para beber, gel, pente, enxaguante bucal, quarto bacana, cama boa, iluminação e ventilação ótimas. Tive a sensação que uma namorada minha estivesse me aguardando chegar lá e preparou tudo nos mínimos detalhes. (Depoimento no Fórum GPGuia – AcompanhantesSP)

Apesar das vantagens trazidas pelo trabalho em *flats* e *privês*, pode haver alguns problemas com estes locais: alguns edifícios com maior presença de namoradinhas já começaram a ficar, sob a ótica dos clientes, "manjados", ou seja, reconhecidos pela vizinhança como espaços de prostituição, atraindo a atenção de outras pessoas para estes locais, antes muito discretos, do mercado sexual. Além disso, alguns prédios exigem dos clientes que passem por certa burocracia para acessar estes locais: os porteiros podem exigir documento de identidade deles, assim como hotéis que possuem *flats* podem pedir que eles preencham fichas de identificação, o que os irrita constantemente:

> Vi as fotos da [nome da namoradinha] e gostei. Flat manjado na av. Ibirapuera, sempre bastante movimentado por sinal (o que é uma merda), burocracia básica, preenche ficha e sobe. Ao abrir a porta gostei do que vi, garota alta, genética europeia, esbelta, quadril alto, olhos claros, simpática. (Depoimento no Fórum GPGuia – AcompanhantesSP)

Yasmin, minha informante-chave dentro desse universo, trabalhava num *flat* na Alameda Campinas, nos Jardins, a duas quadras da Avenida Paulista, num lugar muito bem localizado, tanto do ponto de vista do *status*, se encontrando numa das regiões mais ricas da cidade, mas também do ponto de vista prático, uma vez que seu *flat* podia ser facilmente acessado a partir da estação de metrô Trianon/MASP ou de carro, visto que as vagas de estacionamento eram abundantes na rua e também no estacionamento subterrâneo do prédio.

Como comentei anteriormente, seu *flat*, apesar de ser tão exíguo quanto uma quitinete, possuía uma decoração muito requintada, com eletrodomésticos e mobília muito bonitos, e oferecia uma série de confortos aos clientes, como ar condicionado ou banheira. Além disso, o quarto era muito espaçoso e de decoração de muito bom gosto estético, o que, segundo ela, agregava muito valor ao preço de seu programa, e facilitava a realização de programas dentro da *experiência de namoradinha.*

Entretanto, depois de algum tempo trabalhando aí, ela passou a fazer uma autocrítica do sistema de *flats*, o que a levou a abandonar este local algum tempo depois de sua colaboração com esta pesquisa:

> É como se fosse assim: você começa como empacotador num supermercado. Aí você tá la, é empacotador, de repente você investe um pouco mais num curso de caixa, aí você vira caixa... aí você investe em roupas um pouco melhores, porque você é caixa, aí depois você investe um pouco mais e vira gerente, e vai... Então é mais ou menos isso, a menina começa num grau e vai investindo ali... no corpo, no local... Você vai investindo pra tentar ter um lucro maior. Mas acontece que esse investimento acaba sendo um gasto muito alto, que te prende ali de uma forma que você acha que tá ganhando mais mas em compensação você tá gastando muito mais. Então isso não rende. Então chega nesse estágio que eu tô, já vim pra São Paulo, já tenho um flat, já anuncio independente, já tô num estágio assim legal pra ter lucro... Mas não tenho... Acaba que vira uma ilusão, aí a pessoa que chega nesse estágio ou ela vai parar de investir 'não, já investi demais e todo mundo falava que ia melhorar e não melhorou... eu vou parar ou não vou investir em mais nada' ou eu fico do jeito que tá e continuo nessa corda bamba e fico só pra pagar conta e arcar com meus investimentos da vida... Então essa é a parte ruim, porque de mês a mês vai variar bastante. Tem mês que você tem um lucro maior, um outro mês... É isso. E talvez seja por isso que você vá migrando de lugares, porque, por exemplo, agora janeiro e fevereiro já é um mês que você sabe que vai vir menos, então talvez se você for para o nordeste, onde vão ter turistas, talvez você lucre um pouco mais. (Yasmin, São Paulo - Jardins)

O sistema de *privês* compartilhados é comum entre as acompanhantes que trabalham nas regiões mais centrais e também entre as namoradinhas das regiões mais ricas da cidade, representando uma opção menos dispendiosa, uma vez que são coletivos. Entretanto, há diferenças, sobretudo no luxo oferecido. Enquanto aquelas que se situam na Rua São Paulo, em Belo Horizonte, ou na Liberdade, em São Paulo, trabalham em salas comerciais (que elas chamam de *privês*) muito simples, com pouca decoração e com divisórias de plástico entre os "quartos"; suas colegas da zona sul dessas cidades habitam apartamentos mais amplos, e

apenas a cozinha e a sala são compartilhadas com as colegas. Em geral possuem um quarto e banheiro de uso exclusivo.

Os valores dos programas variam muito e a renda mensal dessas mulheres é muito difícil de estimar, uma vez que há flutuações mensais em seus rendimentos. De toda forma, as namoradinhas das regiões mais centrais têm programas um pouco mais baratos (entre R$ 100 e R$150), apesar de serem elevados em comparação com os preços praticados na prostituição popular. Já as acompanhantes da zona sul colocam preços mais elevados em seus programas, que também costumam ser mais longos: entre R$250 e R$500 por 1h ou 1h30, no mínimo, com o cliente. Entretanto, como já dissemos, os gastos dessas últimas são mais elevados, o que rebaixa seu lucro no fim do mês, o que, em alguns casos, aproxima os dois grupos em termos de rendimentos líquidos.

4 – Estigma e Mistificação

4.1 Estigma na prostituição popular e algumas estratégias de mistificação

Os casos de violência e de exploração que comentamos no capítulo referente à prostituição popular são apenas algumas das facetas destes espaços, relacionadas ao intenso estigma que ronda estes setores do mercado sexual. Além da brutalidade que caracteriza as *zonas boêmias*, há ainda a exploração, a degradação dos espaços, a convivência com o tráfico e o abuso de drogas (PORTER, BONILLA, 2010), entre outros problemas.

Em fevereiro de 2017 uma cena me chamou a atenção na Estação da Luz:

> Eu estava na plataforma da estação, de onde é possível ver os trens e metrôs partindo, alguns metros abaixo. Aquela plataforma não tinha muita utilidade para os passageiros da estação, uma vez que servia apenas para ligar um lado ao outro da estação e facilitar a vida dos pedestres que caminhavam no sentido Cásper Líbero – Parque da Luz, ou o contrário. Havia seis prostitutas nessa plataforma, esperando prováveis clientes, todas na faixa dos quarenta anos. De repente começou uma gritaria na porta da estação, logo na frente do parque. Corri lá e vi alguns meninos com uniforme escolar, em média com 12-14 anos, jogando pedras numa das mulheres que estavam na estação e se dirigia ao parque. Enquanto jogavam as pedras os meninos gritavam "puta! puta!". A moça apressou o passo e na entrada do parque um guarda municipal interviu. (Caderno de Campo, 11/2/2017)

Este episódio é um retrato aparentemente banal do estigma nesse espaço de prostituição. Blanchette e Silva (2009) quando discutem o conceito de "prostituição *trash"*, expressão muito comum entre clientes, em particular nos meios da internet, afirmam que essa ideia não se relaciona apenas aos baixos valores cobrados pelos programas nesses espaços mas, sobretudo, às péssimas condições de desenvolvimento do trabalho sexual: a degradação dos hotéis, as agressões físicas, calotes, furtos, convivência com viciados, entre outros problemas.

Além dos problemas mais estruturais desses ambientes, precisamos destacar também que são espaços *historicamente reconhecidos* como lugares de prostituição. O caso da região da Rua dos Guaicurus é emblemático nesse sentido. É uma *região moral* (PARK, 1984) cuja "fama" ultrapassa Belo Horizonte. Não só prostitutas e clientes do interior de Minas Gerais reconhecem este espaço como mercado sexual, mas também muitas pessoas de outros estados, que visitam a região para se engajar no trabalho sexual ou à procura dele.

Dessa forma, a prostituição é historicamente estigmatizada, fazendo parte do imaginário social que circunda esses espaços. Outro fator importante, discutido por Chapkis (1997) é que o trabalho sexual nesses espaços é explícito e possui características bastante mercantis, ou seja, é uma prostituição pouco *mistificada*. Dessa forma, com o perdão da cacofonia, *a prostituição parece ser prostituição*, perdendo muito valor financeiro, ou seja, quanto mais evidente é o comércio sexual, mais estigmatizado ele é. O inverso também é verdade, ou seja, quanto mais o programa é *mistificado*, disfarçado na forma de "relacionamento legítimo", de "sexo bom" (RUBIN, 2017), menor será sua condenação social.

No caso das namoradinhas, como discutiremos adiante, há um intenso esforço em disfarçar sua condição de prostituta, no nível das palavras (trocam a expressão "prostituta" por "acompanhante", por exemplo), mas também nas práticas realizadas (disfarçando elementos mais mercantis e racionais do programa, como a contagem do tempo, por exemplo), transformando o programa numa interação menos explícita do ponto de vista comercial e, consequentemente, mais aceitável socialmente, parecendo uma das expressões do *"sexo bom"* de Rubin (2017).

Os clientes internalizam esses preconceitos e os transmitem às prostitutas em suas interações. Muitos clientes não pagam ou agridem as mulheres que trabalham aí porque acreditam que *elas não merecem nenhum respeito* (BIGOT, 2009), uma vez que são "putas".

> Teve um caso que o cara [não queria pagar pelo programa] falou assim "Ah, mas você é puta!' Eu falei "sou, mas você não tá no direito de fazer isso... Eu tô me sentindo incomodada, você podia se retirar por favor". Ele não saiu! Aí eu peguei, abri a porta e fiquei do lado de fora falando "por favor!" mas tremendo de medo. (Suelen, Guaicurus-BH)

Por causa do intenso estigma que marca esses espaços de prostituição, muitas mulheres desenvolvem discursos de distinção ou de justificação para sua participação na atividade. Entre as histórias contadas pelas mulheres da prostituição popular pode-se ver, por exemplo, o apelo à maternidade (CARRIER-MOISAN, 2015), às necessidades materiais, à pobreza, ao nojo em relação aos clientes, entre outras narrativas.

Outra estratégia importante de redução do estigma entre as *meretrizes* das regiões populares é sua inserção – ainda que muitas vezes ocasional – no mercado das *namoradinhas*, fazendo programas mais mistificados e melhor remunerados: desta forma, conseguem exercer uma

prostituição *menos explícita*. Uma de minhas informantes-chave, Sheila, havia compreendido que a melhor saída para as condenações morais que rondavam as mulheres que trabalhavam nos hotéis do *baixo centro* belorizontino era exercer a prostituição dentro da dinâmica de *namoradinha*, de forma mais discreta, fazendo programas em hotéis e motéis com clientes que eram, em sua maioria, *habitués*.

4.2 A quase ausência de estigma entre as namoradinhas e suas estratégias de mistificação

Como discuti anteriormente, uma parte importante do estigma que atinge as mulheres da prostituição popular advém de sua marginalização histórica e da posição moral incômoda na qual se inserem as prostitutas destes espaços, uma vez que realizam uma atividade que, na maioria das vezes, é explícita em seu caráter sexual e mercantil. Ou seja, o problema é que na maioria dos espaços do mercado sexual, as prostitutas são vistas como tal, o que representa um problema dentro da mentalidade social (RUBIN, 2017).

Em relação às namoradinhas é possível observar um intenso esforço para mistificar a atividade, utilizando-se de diversas ferramentas, como o cuidado com a escolha dos termos a serem utilizados para sua caracterização, o discurso de distinção em relação aos outros espaços do mercado do sexo, além da negação da condição de prostituta, entre outras estratégias de diferenciação. Nesta seção vou discutir um pouco dessas estratégias.

A dinâmica relacionada ao trabalho das namoradinhas deriva, em grande parte, do "paradoxo do comprador", expressão criada por Kajsa Ekman (2013) para descrever a visão dos clientes da alta prostituição: o cliente quer "ser capaz de comprar sexo, mas não quer que a mulher se comporte como se estivesse sendo paga pelo ato sexual". (EKMAN, 2013, p.103). Este conceito possui proximidade com o que Bernstein (2007) chama de "autenticidade demarcada", ideia mais ou menos antiga que vem sendo discutida desde os anos 1970 com, por exemplo, MacCannel (1973) e sua "autenticidade encenada" (*staged authenticity*).

Este autor, ao discutir o mercado turístico, afirma que quando os agentes de turismo possuíam atitudes puramente comerciais, frias e distantes com seus clientes o interesse deles reduzia-se. Dessa forma, o processo de profissionalização do turismo nos países desenvolvidos envolveu uma "personalização do serviço", uma forma de "autenticidade encenada" onde as relações econômicas são camufladas para parecer que estão baseadas em outras trocas sociais

(MACCANNEL, 1973, p.600). Este também é o centro do debate de Hochschild (2003), sobre as aeromoças, quando ela afirma que o objetivo principal da atividade é atuar de forma mais *emocional* em relação aos clientes, oferecendo a eles, além de seus préstimos, também simpatia, acolhimento e carinho.

No caso das namoradinhas esta autenticidade demarcada fica patente em alguns depoimentos, como o de Flávia, que trabalha num *flat* em Moema, e de Yasmin, que também estava baseada em um *flat* nos Jardins, em São Paulo:

> É, porque tem que encarnar um personagem, né? Eu encarnei a minha Flávia Gaúcha então assim, o que eu decidi? Como eu vendo a minha Flávia Gaúcha? Cliente diz assim 'Ah, mas R$500 o que tu faz de especial?', não é o que eu faço de especial, é como eu vou te tratar, entendeu? (Flávia, Moema-SP)

> Porque eu sou muito... Eu sou uma ótima profissional por uma, duas horas. Passou disso, eu já não quero mais dar atenção para ninguém, aí marcar pernoite, marcar viagem, tem que ser uma coisa bem combinada... Uma pessoa bem que eu tenha certeza que eu vou conseguir passar mais de um dia com ela, porque se eu não conseguir, eu vou devolver o dinheiro e vou embora. Então, nesse caso, eu perco muito dinheiro com isso, porque, às vezes até 3 horas "Você fica 3 horas?" Eu já penso assim... É 1 hora. Eu faço até 2 horas. Mais que isso, eu viro outra pessoa. Daí é R$500 duas horas. (Yasmin, Jardins-SP)

Como estes depoimentos revelam, esta *autenticidade demarcada* (BERNSTEIN, 2007) ou *encenada* (MacCANNES, 1973) caracteriza-se, no trabalho das namoradinhas, como uma personalização do programa, pelo tratamento especial e íntimo que o cliente vai receber. Entretanto, todas as minhas informantes fizeram coro ao segundo depoimento, destacando as dificuldades de se manter essa interação mais "autêntica" e íntima por muito tempo.

O programa ideal dentro da *experiência de namoradinha* é aquele no qual a intimidade, o afeto e a reciprocidade sexual sejam bem demarcados no tempo e no espaço. Quando isso não é possível, por exemplo, nos casos em que o cliente paga para a acompanhante passar a noite ou viajar com ele, o processo se torna muito mais complexo, podendo gerar uma intimidade excessiva e incômoda para a prostituta, ou revelando a artificialidade daquela relação, o que também não é desejável.

Os programas realizados dentro da lógica de *autenticidade demarcada* (BERNSTEIN, 2007) se parecem pouco com as imagens clássicas do senso comum do que seriam as interações

entre clientes e prostitutas. Em um espaço de tempo mais ou menos limitado, ambos se envolvem no programa de uma forma mais íntima do que, por exemplo, a maioria das interações, puramente sexuais-mecânicas, da prostituição popular. Assim, mulheres e homens podem se engajar, a partir da chegada destes últimos ao *flat*, por exemplo, em atos que revelam certo desprendimento aos limites do trabalho sexual. É comum, por exemplo, que tomem banho juntos, que bebam algo ou façam um lanche; muitos programas envolvem massagens ou longas conversas. É importante lembrar que, na maioria das vezes, essas práticas não foram negociadas, fazendo parte do que ambos consideram como "básico" em um programa.

Essas interações se aproximam de um simulacro de relacionamento que, ainda que limitado no tempo e espaço, possui algum grau de sinceridade ou de autenticidade. Assim, essas relações se aproximam do que Gayle Rubin (2017) chama de "bom sexo", dentro do *continuum* moral que povoa o senso comum. Este sexo, portanto, parece mais normal, saudável ou natural do que outras relações sexuais mediadas apenas pelo dinheiro e pelo "alívio das pulsões".

Já que não é possível mudar as concepções sociais a respeito do trabalho sexual, às prostitutas só restam duas alternativas: ou elas assumem o estigma e procuram retirar dele alguma vantagem, advinda de sua condição marginal, ao controlar as interações com os clientes a seu favor (GOFFMAN, 1988; FREITAS, 1985); ou elas negam, na medida do possível, sua condição de prostituta e procuram obter vantagens a partir desta distinção. Como afirma Chapkis,

> Enquanto todas as prostitutas lutam com o estigma social ligado ao comércio sexual, nem todas são penalizadas com este "estigma de puta". Aquelas que trabalham de forma mais próxima [em relação à intimidade com os clientes] se colocam em relações que se parecem menos com o comércio sexual e geralmente ocupam um status mais elevado do que aquelas que se aproximam de formas menos mistificadas de trabalho sexual. (CHAPKIS, 1997, p.104 – tradução minha[110])

Esta mistificação em relação à natureza do trabalho sexual e a distinção em relação às colegas que se prostituem de forma "menos discreta" é realizada pelas prostitutas de luxo ou

[110] "While all sex workers struggle with the social stigma attached to the sale of sex, not all are equally burdened with the whore stigma. Those who work most closely resembles non-commercial sexuality generally ocuppy a place of higher status than those engaged in less mystified forms of sex work". (Original)

namoradinhas de diversas formas. Há uma diferenciação geográfica e espacial: as "acompanhantes" não estão na *região moral* das nossas metrópoles; elas não se veem (em muitos casos) como prostitutas e rejeitam esta expressão e suas derivadas: a palavra *prostituta* lhes causa mal-estar; há também um esforço em estabelecer uma diferença *moral* entre elas e as prostitutas dos espaços populares: elas não são *putas,* são mais "qualificadas" moral e profissionalmente.

Há também outra distinção, de ordem econômica: cobram mais caro e possuem uma vida financeiramente mais tranquila que suas colegas mais pobres; academicamente também estabelecem diferenças: afirmam ser "universitárias", fazendo programas para pagar os estudos. Por causa disso, muitas afirmam prostituir-se apenas ocasionalmente, enquanto duram os estudos. Em relação aos serviços oferecidos, também se distinguem, como mais qualificadas: elas se concebem como terapeutas, massagistas, cuidadoras, enquanto as suas colegas "só fazem sexo". Por fim, sentem-se superiores porque possuem clientes "selecionados", homens – em tese – mais qualificados moral e economicamente.

Como discuti anteriormente, o fato de as namoradinhas não se concentrarem num determinado espaço geográfico da cidade, reconhecidamente marginal, como as *zonas morais,* é um fator importante de diferenciação deste grupo das demais prostitutas. Os mapas que elaborei com a localização de namoradinhas por Belo Horizonte e São Paulo explicitam bem este fenômeno. O fato de se localizarem nestes bairros mais ricos e "refinados" da cidade também colabora para esta distinção, na medida em que, como destacarei mais adiante, as coloca em contato com uma clientela mais distinta formada, em sua maioria, por homens mais ricos do que os clientes de suas colegas das regiões de prostituição popular.

Outro aspecto importante desta distinção são os estabelecimentos, residências e edifícios onde acontecem os programas. Estes locais não se parecem com locais de prostituição e só é possível perceber a atividade a partir de um olhar mais treinado, de cliente, pesquisador ou prostituta. Os *flats* e *privês,* por exemplo, se localizam em prédios residenciais ou de uso misto, junto com escritórios, ou ainda estão localizados dentro de hotéis, cuja maioria dos hóspedes sequer imagina que possam ser usados por prostitutas.

Os *privês,* que podemos encontrar em bairros como Serra e Santo Antônio em Belo Horizonte, ou Moema e Jardins, em São Paulo, se encontram em prédios residenciais menores, e a convivência entre moradores e namoradinhas é muito boa. Às vezes há desconfiança da vizinhança, que pode achar estranha a movimentação anormal de visitas

masculinas a uma "república" de moças (é a principal desculpa usada). Podem acontecer conflitos, como demonstra o relato abaixo:

> Olha, nunca aconteceu de um vizinho me 'olhar torto', mas já teve um problema muito sério que não foi meu, foi de uma amiga com um cliente. Ela tem um temperamento mais forte que o meu, e teve problemas com o cartão do cliente. E tipo assim, era cliente... Não era cliente de 1 hora, foi um cliente que, ele ia passar uma pernoite, ele pagou ela a pernoite direitinho, depois ele resolveu ficar mais horas, e essas horas excedentes, quando ela foi passar o cartão, não passou, ela teve um problema. Eu deixaria ir embora, afinal ele já tinha dado muito dinheiro pra ela, mas ela na hora de sangue quente e tudo, ele também começou a ser 'o debochado', acabou dando polícia, e aí algumas pessoas no prédio descobriram, mas ninguém nunca falou nada comigo nem me olhou diferente não, mas a gente já recebeu um bilhetinho, falando que era uma pouca vergonha e tudo, mas assim, foi só um bilhete que a gente recebeu. Assim, já passou um tempo, então creio eu que se a síndica não entrou em contato é porque realmente não tem problema nenhum, e eu acho que as pessoas não se sentem tão incomodadas, até porque apesar de ser um prédio muito familiar, e tem muitos idosos, até pela localização e valor de aluguel não é um prédio para gente jovem. Novo aqui é só quem é filho ou neto, mas nunca aconteceu do esposo de alguém vir bater aqui não. Eu também acredito que é muito pela discrição. Não rola som alto, não rola gritaria, visitas aqui, a gente procura receber só gente bem chegado. Eu já recebi primo meu, amigos poucos e íntimos, mas é uma coisa tipo 'Ai, vou sair com algum amigo, ai, passa aqui em casa, então para a gente ir juntos?', aí passa aqui, entra aqui às vezes fica aqui meia hora enquanto eu me arrumo e a gente desce. (Natália, Belo Horizonte - Serra)

Entretanto, apesar de alguns poucos casos conflituosos, em geral as namoradinhas trabalham num esquema que envolve muita discrição, e se preocupam – como também fica evidente no relato – com o barulho emitido durante o sexo, com o fluxo de pessoas no apartamento e evitam qualquer ato que possa denunciar a sua condição. Dessa forma sua atividade é, na maioria das vezes, ignorada pelos demais moradores. No caso de serem descobertas, como Natália e suas colegas, costumam ser toleradas, uma vez que trabalham com muita discrição.

Do ponto de vista terminológico, também há uma forte distinção, uma vez que as namoradinhas procuram evitar expressões que comumente caracterizam o mercado do sexo. Em muitas entrevistas com mulheres deste grupo, quando eu citei expressões como "prostituição" ou "trabalho sexual", essas palavras foram recebidas com estranheza. Quando, ao me encontrar pela primeira vez com uma informante, eu a informei que minha pesquisa era sobre a prostituição ela se levantou e foi embora, dizendo "eu faço programa, mas não sou puta".

Essa rejeição pelos epítetos que marcam o trabalho sexual deriva do esforço feito por essas mulheres na substituição dessas expressões por outras, mais amenas, que possam reduzir o estigma ligado à atividade. Dessa forma, as informantes usavam com muita frequência as expressões "acompanhante", "acompanhante de luxo", "*call girl",* "ficha rosa[111]" e "namoradinha". As namoradinhas do centro de Belo Horizonte, por exemplo, costumavam usar, além de "acompanhante", também os termos "massagista" e "GP" (garota de programa).

Para além das palavras que nomeiam a atividade, muitos termos que são utilizados nas interações entre clientes e namoradinhas também passam por este processo de mistificação. Dessa forma, muitas vezes o valor a ser pago pelo programa é chamado de "cachê" ou "presentinho". Os próprios programas podem ser chamados de "encontros" e os clientes de "namorados", "amigos", "parceiros", entre muitos outros termos.

Para Carrier-Moisan (2015), a escolha dos termos utilizados pelas mulheres envolvidas no mercado sexual tem relação com as noções de *respeitabilidade* que vão sendo construídas, sobretudo pelas prostitutas que ocupam estratos superiores dentro deste mercado. Este é um processo de distinção que faz com que se aprofunde, em muitos lugares (como em Ponta Negra, Natal (RN), estudado por Carrier-Moisan) o fosso que separa a prostituição popular do trabalho sexual "de luxo". Este "fosso" diz respeito à renda, às condições de trabalho, aos clientes, mas também compreende diferenças simbólicas, como as palavras na definição da atividade.

No depoimento abaixo, Yasmin, namoradinha localizada nos Jardins, em SP, que foi minha informante-chave nessa cidade, faz uma reflexão interessante sobre o uso dos termos dentro da prostituição "de luxo". Ela, diferentemente de todas as outras informantes dentro do universo das namoradinhas, foi a única a ressaltar o caráter estritamente "profissional" de sua atividade, e a necessidade de suas colegas reconhecerem isso:

> [Se você] falar 'garota de programa' elas morrem! Nossa senhora, não pode! Aí eu fico pensando: esse cara que sai com ela, ai ele sai comigo, ele gosta de mim, ele repete varias vezes comigo, esse cara quando for falar pra um amigo dele ele vai falar que você é puta, garota de programa ou ele vai falar que você é acompanhante, 'ficha rosa'? Não vai... Por mais que ele te dê presente, por mais que ele te trate bem, que seja seu amigo, na hora do reconhecimento, ele não vai te dar o reconhecimento. [...] Então as garotas têm a falsa ilusão de que elas são as 'chefes', e não são, elas são

[111] "Ficha rosa" é um termo recente utilizado para designar modelos que, além de trabalharem com moda, também fazem programas. Ou o contrário.

> funcionárias da 'empresa prostituição', só que elas nunca vão se colocar como funcionarias, porque a vida já machucou tanto, ela já são tão menosprezadas e tudo mais, que pra se sentir um pouco melhor ela tem que se colocar de outra forma: 'eu sou acompanhante, eu sou empresária, eu sou top'. No mesmo nicho tem essas divisões: 'eu não me misturo porque eu sou a top, não vou me misturar com a outra que cobra 100 reais, porque eu sou top'. (Yasmin, Jardins-SP).

Apesar da clareza de sua visão em relação às distinções criadas dentro do mercado sexual, Yasmin representa uma exceção dentro do universo das namoradinhas. Ela era, durante a época de sua colaboração com esta pesquisa, uma prostituta com uma visão muito "politizada" deste universo e muito interessada em refletir sobre o mercado sexual e sua posição dentro dele. Durante nossa convivência como pesquisador e informante-chave ela se interessou pela discussão que eu fazia nesta tese porque acreditava que minhas informações poderiam ajudá-la em um projeto pessoal, de caráter mais "profissionalizante", que era criar um grupo de namoradinhas e buscar mais qualificação técnica, como cursos de massagens, etc.

Dessa forma, ao passo que muitas prostitutas dos espaços populares, mais ou menos (dependendo da época e do lugar) organizadas em associações políticas e sindicais, estão procurando, desde os anos 1980, resgatar a ideia de que o trabalho sexual é um *trabalho*[112], ressaltando termos como "profissional do sexo" ou "trabalhadoras sexuais[113]"; outras, nos espaços mais "refinados" do mercado sexual estão preocupadas em borrar essas definições, distanciando-se da ideia de *trabalho*, de *ofício*, utilizando-se de termos mais ambíguos (Chapkis, 1997), como "*namoradinha*" ou "*acompanhante*".

Esse processo discursivo pode desembocar na própria negação da prostituição (como o caso que citei, da informante que desistiu da entrevista ao ouvir que eu estudava "prostituição") ou, pelo menos, na ideia de que o trabalho sexual é apenas *ocasional*, realizado em busca de um objetivo específico que, no caso da maioria das namoradinhas, é acadêmico.

Todas as minhas informantes dentro do universo das namoradinhas mais "refinadas", da zona sul, (aqui não incluo as que trabalhavam no centro das cidades que, em geral, não tinham essa formação) possuíam ensino superior completo ou estavam cursando algum curso numa faculdade. Como quase todas estavam matriculadas em universidades privadas, a prostituição

[112] Há pelo menos quarenta anos, um dos principais *slogans* das associações de prostitutas dos Estados Unidos é *"Sex Work is Work"* (Trabalho Sexual é Trabalho).

[113] Esta luta política, no Brasil, culminou com a inclusão da categoria "profissional do sexo" no Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho (MTE) em 2002.

era a forma que tinham de pagar suas mensalidades ou empréstimos estudantis (como o FIES, por exemplo).

Claro que este fato também funcionava como elemento de distinção dentro do mercado sexual, uma vez que, além de se colocarem como "universitárias" em relação à massa de prostitutas dos estratos mais populares, elas também possuíam, ou afirmavam possuir, um prazo determinado (pelo menos no discurso) para abandonar a prostituição:

> Ah não, é só até a residência [em veterinária], até eu ganhar meu primeiro salário da residência, aí adeus. Vou ter que me acostumar com menos, porque eu vou ganhar menos, mas OK. (Mariana, Savassi-BH)

Por terem, em sua maioria, uma formação universitária e, dessa forma, poderem transitar com mais facilidade em outros espaços sociais sem serem identificadas apenas como prostitutas, as namoradinhas se veem como superiores às outras mulheres envolvidas no mercado sexual, sobretudo na prostituição popular, que possuem conexões sociais mais restritas, além de precisarem lidar diariamente com o preconceito, a violência e a pobreza.

"As outras" prostitutas, pelo seu estigma e suas dificuldades diárias, são vistas pelas namoradinhas com certo desprezo, uma vez que, para elas, este grupo "não tem moral", na medida em que se envolve sempre (em sua visão) com grupos marginais. Em contraposição a este universo, visto como "caótico", "pobre", "violento", elas se colocam numa posição muito mais confortável, se considerando como "tranquilas", "normais":

> Porque quando se fala em garota de programa, eu logo penso naquela mulher que não tinha recurso nenhum, que pegou a bolsinha e disse 'olha eu não tenho mais o que fazer e vou pra rua'. E isso não é uma função que eu exerço. (Yasmin, Jardins-SP).

Outra distinção importante que opera entre as namoradinhas em contraposição às prostitutas dos espaços mais populares diz respeito à natureza do trabalho realizado, na medida em que as primeiras consideram que sua atividade é muito mais qualificada do que a das prostitutas mais pobres. Nesse sentido, muitas namoradinhas traçam essa linha divisória entre si e as

"outras", não apenas em termos econômicos ou simbólicos (como as palavras usadas), mas também em relação ao que é oferecido aos clientes.

O relato abaixo, de uma namoradinha que se especializou em massagens eróticas e "com final feliz[114]" é bem revelador, nesse sentido.

> O que eu faço é bem diferente de um programa, que a menina abre as pernas e 'acabou', então é bem diferente. Para você ser massagista, você tem que ser cursada, tem vários cursos, você tem que ser treinada por outro massagista de anos já. (Diana, República-SP)

Esta imagem da prostituta não qualificada, que "só abre as pernas" é bastante comum entre as namoradinhas, que tendem, como Diana, a se conceberem, para além da imagem de namoradinha, também como "massagistas", "acompanhantes", "terapeutas", e outros termos que nos remetem ao universo do *care*, ou seja, do cuidado com os clientes e sua saúde e bem-estar.

Essas imagens relacionadas ao *care* são muito comuns entre as namoradinhas, tanto do centro das cidades quanto das áreas da zona sul. Todas as minhas informantes relacionavam alguns aspectos de seu trabalho ao cuidado com os clientes, considerando que essas interações "faziam bem" a eles (PARREÑAS, 2010). Elas afirmavam isso não apenas em relação às facetas sexuais dos programas, mas também a outras práticas oferecidas, como a escuta atenta aos problemas dos clientes e as massagens realizadas. O depoimento abaixo revela muito dessas concepções:

> Então pra mim o que acontece quando a pessoa entra, nessa 1h30, é que tem que ser uma sessão de terapia, eu me vejo como uma terapeuta, só que ao invés de receitar um remédio eu vou receitar sexo, para aliviar a pressão. Então eu gosto de começar identificando como o cara é, se o cara é tímido, se não, qual foi a reação dele quando eu abri a porta, tudo vai acontecendo. Eu vou tentando me adequar pra fazer com que aquela terapia dê certo. Se no meio do caminho eu perceber que eu não vou ser uma boa terapeuta pra ele eu prefiro encerrar... porque ele tem que sair daqui melhor do que entrou, mesmo que seja só pra conversar, mesmo que seja uma coisa que ele não esperava ouvir. Por exemplo esses caras que eu não concluo o trabalho eu explico

[114] Há uma imensa diversidade de massagens oferecidas, tanto por namoradinhas quanto por massagistas: tântricas, eróticas, tailandesas, suecas, etc. A maioria dessas massagistas costuma manter certa distância do cliente, ao contrário das namoradinhas, que podem oferecer "massagem com final feliz", ou seja, que envolva sexo, masturbação ou sexo oral.

> porque, eu falo os erros da pessoa. E eu acho isso importante porque as vezes o cara vem aqui procurando sexo mas não era o sexo que ele queria... e ele achava que ele aliviaria com sexo, mas ele queria outra coisa. Então eu preciso identificar que outra coisa ele precisa além disso. Então aqui acontece tudo, acontece muita conversa, acontece sexo também, mas a essência do que tem que acontecer é sair daqui aliviado como se fosse uma terapia mesmo. (Yasmin - Jardins, São Paulo).

O alto valor de seus serviços, sua publicidade em sites e a intensa discrição que marca sua atividade, aliados a uma localização mais privilegiada na cidade, em bairros e edifícios mais ricos fazem com que as namoradinhas tenham, majoritariamente, clientes mais ricos ou, como elas afirmam, mais "selecionados". O acesso a este grupo de clientes também funciona como forma de distinção, uma vez que estes homens são vistos como "tranquilos", "generosos" e "carinhosos", em contraposição à péssima imagem que elas possuem dos clientes da prostituição popular. O trecho abaixo, de uma namoradinha do Itaim-Bibi, em São Paulo, exemplifica bem essa visão.

> Atingi um público bem seleto pro site. Só que eles começaram a reclamar então eu estava preferindo atender menos, com uma qualidade melhor, e cobrando mais. Só que esses clientes, eles estão sempre em busca de novas meninas, então por mais que eles gostem de ti, eles vão sair contigo no máximo quatro vezes, então eu acabei baixando o valor pra R$400, agora, e daí também é um valor bom, porque as meninas cobram entre R$250 e R$300, então o cliente no site vai pagar R$400 e R$500 é um cliente diferente. É um cliente cheirosinho, queridinho, te traz presente, te dá caixinha [gorjeta], e é um cliente que fica mais tempo. Então a gente cobra a hora, mas fica 1 hora e meia, já vai para R$600, duas horas, fica R$800. (Juliana, Itaim-Bibi-SP)

Outra distinção importante que elas operam, em relação aos clientes é o fato de que possuem, em sua maioria, muitos *habitués*, e desenvolvem com estes relações diversas, de parceria, carinho, confiança, ao passo que, em sua visão, as prostitutas dos espaços populares "vão com qualquer um", "transam com todo mundo". Yasmin é categórica em relação a este aspecto:

> Se você falar 'garota de programa' na mesma hora vai surgir na sua cabeça uma mulher que fica com vários desconhecidos. Mas isso não acontece, só vêm os mesmos clientes, é um casamento. (Yasmin - Jardins, São Paulo).

Dessa forma, observamos que as namoradinhas conseguem, de diversas formas, operar distinções em relação às outras prostitutas e ao próprio mercado sexual para se colocarem em

um lugar moralmente mais confortável (RUBIN, 2017) aos olhos dos clientes e do resto da sociedade. Apesar dessas estratégias de distinção falharem às vezes, revelando o caráter comercial e artificial de seu trabalho, na maior parte do tempo essas ferramentas operam muito bem, dando pouca margem à contestações morais por parte de clientes e outros agentes em contato com esse grupo (vizinhos e família, por exemplo).

5 – A Dinâmica dos Programas entre as *Meretrizes* e as *Namoradinhas*

5.1 A dinâmica dos programas na prostituição popular

Os programas nos espaços de prostituição popular costumam transcorrer, em sua grande maioria, na *lógica da distância*, ou seja, de forma bastante impessoal e rápida, uma vez que as mulheres, em geral, não têm interesse em saber nada sobre a maioria dos clientes e não querem se envolver com eles (até porque as condições nas quais o programa ocorre costumam ser muito precárias), além de procurarem fazer o máximo de programas por dia. Dessa forma, quanto mais rápido, melhor.

Embora a negociação entre clientes e prostitutas aconteça com base no tempo a ser pago, a regra geral é que o programa acaba assim que o cliente chega ao orgasmo, mesmo se isso significar que "sobrou" tempo. Caso contrário, se o cliente não obtém prazer, na enorme maioria das vezes o programa também acaba e o cliente é "convidado a se retirar", ou alguma nova negociação é feita, no sentido de dar mais prazo àquele homem em troca de uma remuneração melhor.

Como o rápido orgasmo do cliente é o objetivo primário do programa, muitas prostitutas desenvolveram uma série de técnicas para acelerar este processo. Essas técnicas são passadas entre colegas de trabalho ou desenvolvidas durante o passar do tempo nesses espaços. Por exemplo, muitas informantes afirmaram que durante o sexo, pressionam com as mãos a região pélvica do cliente, e garantem que isso acelera o processo. Outras desenvolveram técnicas de pompoarismo[115], que também podem, segundo elas, fazer o programa durar menos.

Algumas preferem se dedicar mais ao sexo oral, deixando que o cliente as penetre já quando está quase chegando ao clímax, fazendo com que o sexo dure, muitas vezes, poucos segundos. Esta técnica traz riscos, uma vez que muitos clientes atingem o orgasmo apenas com o sexo oral (o que seria ótimo para as prostitutas, na medida em que reduziria seu desgaste físico), mas isto pode gerar muitas reclamações e conflitos, uma vez que os clientes podem se sentir lesados e enganados por ela.

---

[115] Técnicas milenares de exercícios dos músculos pélvicos que permitem às mulheres "apertar" ou "soltar" o pênis com a vagina durante a penetração.

Além da pressa e da impessoalidade, os programas também são marcados por práticas sexuais mais simples e limitadas. No caso da Rua dos Guaicurus, o padrão "*três posições e uma chupadinha"* se impõe há décadas. Esse padrão se estende aos outros espaços, com uma ou outra variação. Erika, prostituta de 25 anos que trabalha em um dos hotéis desta região, oferece uma variação deste programa "básico", mas que ainda conserva sua essência:

> "Programa de R$30: Quatro posições, "sarrada", chupada e peitinho liberado." (Erika, Guaicurus-BH)

Apesar de alguma diferença entre os programas propostos, todos são marcados pela limitação clara de práticas permitidas e a existência de um tempo – curto – pré-determinado pela mulher, ou seja, são programas que, como já dissemos, representam a antítese da *girlfriend experience*, que abordarei com mais detalhes mais adiante. Às vezes, podem ser oferecidas outras práticas, mas ainda (na maioria das vezes) bastante limitadas.

> Tem cliente que paga mais, tem cara que dá R$30 mesmo, depende, entendeu? Se quiser fazer mais coisas, tipo dar beijinho nos peitinhos é R$10 a mais, puxar cabelo, tudo isso é R$10 a mais. E você vai ganhando uma graninha a mais. (Mariele, Guaicurus-BH)

Qualquer demanda que escape do padrão comum e heterossexual do sexo (como fetiches que comentamos anteriormente) é encarado de forma irônica ou com desconforto pelas mulheres desses locais (FRANÇA, 2011, p. 259). Algo que também costuma causar certo incômodo é o desejo de reciprocidade sexual que alguns clientes possuem, ou seja, quando alguns homens se esforçam para dar prazer às prostitutas, sobretudo através do sexo oral:

> Uma vez eu tava com um cliente e ele começou a cobrar de mim: 'você é uma mulher, você não sente nada não?' Começou a me falar cada coisa, e eu falei assim: 'Quem veio em busca de prazer? Foi você. Não foi eu que paguei lá na frente pra fazer amor não, foi você. Então você faz o que você quiser, porque não fui eu que paguei. Se eu tivesse pago o programa com você, você tinha obrigação de fazer o que eu tava com vontade, porque eu tava pagando'. Ele queria que eu me realizasse sexualmente! Eu falei, 'quem tem que se realizar é você, não eu. Não se preocupe comigo'. Então acontece esses casos... E é bem difícil de a pessoa estar numa situação dessa. Tem que saber o que vai falar. Tem que até fingir que tá sentindo alguma coisa por ele. [...] Ele

> queria que eu sentisse uma coisa por ele que eu não tava sentindo. Então eu disse: 'eu não sou sua esposa, eu sou uma garota de programa, entenda'. Ele entendeu. (Roberta, Santo Amaro-SP)

Este depoimento exemplifica bem esse conflito. O cliente quer que a prostituta o corresponda sexualmente ou que ao menos o programa pareça uma relação minimamente autêntica, recíproca, ou seja, algo próximo à *experiência de namoradinha*. Entretanto, na lógica local, essa exigência não faz muito sentido, já o que o programa costuma ser pensado apenas em termos mercantis e cronológicos, envolvendo – em geral – pouca intimidade com os clientes.

Essa postura impessoal, *blasé*, é bastante comentada pelos clientes, não só nos depoimentos que recolhi entre as mulheres, mas também ocupa uma parte considerável das discussões em fóruns virtuais que debatem o trabalho sexual na prostituição popular, como o *GPGuia.* Apesar de considerarem essa impessoalidade como algo normal nos programas da prostituição popular, um "defeito" que é compensado pelo baixo valor dos programas, os clientes às vezes se surpreendem quando esta distância em relação a eles adquire traços quase hostis:

> Dessa vez a figura tava numa má vontade que só... cara de bunda, conversava mecanicamente, trocava de posições muito rápido e, dependendo travava a metida, sem falar que ficava dizendo as posições que queria fazer... 'vem por cima, de ladinho, etc'... porra, quem está pagando, sou eu ou ela??? Quando fui falar com ela, ela disse que ela que mandava ali e se eu não tivesse gostando era só ir embora. Fiquei puto, mas pra não jogar fora meus trinta reais me concentrei naquela bunda pra gozar rápido, enquanto ela continuava reclamando. (Depoimento - GPGuia "Área Trash BH)

As interações entre clientes e prostitutas, como fica explícito no relato acima, são marcadas por diversos atos de impessoalidade, burocracia e conflito que muitas vezes são minimizados por ambos, já que consideram isso "normal" dentro desse universo. Por exemplo, é muito comum que, ao entrarem no quarto, os clientes sejam obrigados ficarem nus diante das prostitutas e são convidados a pendurarem suas roupas em algum prego ou cabide mais ou menos distante da cama. Isso acontece por dois motivos: primeiramente as prostitutas querem limpar (com lenços umedecidos) e analisar a genitália daquele homem, em busca de algum sinal visível de DST's. Muitos, com machucados, verrugas ou qualquer sinal estranho são dispensados imediatamente do quarto.

Em segundo lugar, manter a roupa do cliente à distância garante mais segurança, uma vez que armas e drogas estarão, dessa forma, distantes da cama e do alcance deles. Esta estratégia também pode ser útil para humilhá-lo em caso de conflitos ou batidas policiais. Estando nu, aquele cliente cederia imediatamente às exigências da prostituta diante de alguma discussão. Os clientes, por sua vez, destacam no fórum que essas experiências não são agradáveis, mas as consideram como parte do universo da prostituição popular.

Este tipo de programa, baseado na distância, na impessoalidade e até mesmo numa certa hostilidade em relação aos clientes, configura o padrão das interações entre as prostitutas e clientes nos espaços estudados. Bigot (2009) e Lever e Dolnick (2010), por exemplo, ao analisar as interações entre clientes e prostitutas dos espaços de *fast sex* na França e nos EUA, relatam que este tipo de programa é comum porque as mulheres não querem envolvimento nenhum com estes homens, além de estarem constantemente com pressa. Além disso, para elas, como a maioria dos clientes vê o corpo feminino como um objeto, ou uma mercadoria a ser consumida (BIGOT, 2009, p. 3) eles não se importam, na maioria das vezes, com essa impessoalidade.

No Brasil, Blanchette e Silva (2009), em um estudo sobre a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, caracterizam esta forma de trabalho como *fast foda*, e afirmam que ela se concentra no centro da cidade e na Vila Mimosa, justamente os lugares mais simples e baratos da prostituição local. Além disso, eles apontam uma conexão, ao menos na concepção dos clientes entre o *fast foda* e as áreas *trash.* A ideia presente nessa última expressão é de um local de prostituição onde o sexo seja barato, as mulheres estejam fora dos padrões estéticos e os locais para a realização do sexo sejam extremamente insalubres.

Depois das minhas observações em campo posso fazer esta relação também. Os hotéis da região da Rua dos Guaicurus, a região da Luz e de Santo Amaro são regiões de *fast sex* ou *fast foda* (BLANCHETTE E SILVA, 2009), sendo consideradas pelos clientes como *trash:*

> Guaicurus é pra meter e sair fora, nada de namorico!
> (Postagem GPGuia "Área Trash MG – Comentários da Zona")

> Dei uma passada nesse antro das promoções. Assim que cheguei via a 'fila da alegria'. A escolhida foi uma mulatinha, acho que o nome dela era Tamara, mas não tenho certeza. Mulata corpo mais ou menos em dia, cabelos na altura dos ombros. No quarto o programa foi 'basicão', mas eu só queria aliviar mesmo então foi positivo. Ficou de quatro o programa inteiro. Saída rápida na hora do almoço. (Postagem GPGuia "Área Trash SP")

Um atendimento impessoal e frio já é esperado pelos clientes que, na maioria dos casos, como o descrito acima, querem só "aliviar" mesmo. Por isso, algumas vezes, eles se surpreendem quando o atendimento sai um pouco da impessoalidade, envolvendo um pouco de intimidade e simpatia, por exemplo.

> Tomando umas ali na [avenida] acabei dando uma passada nesse antro ontem à tarde. Tava bem movimentado. Como sempre uma balbúrdia, aquela velha gritando. Muitas meninas com muita roupa devido ao frio e a famosa fila da alegria. A escolhida foi uma morena de nome Mila, uns 35 anos, corpo condizente com a idade. No quarto o programa foi basicão, mas sem aquela burocracia chata. A mulher se esforça pra ser simpática. (Postagem GPGuia "Área Trash SP")

Apesar dessa constante impessoalidade da prostituição popular, muitos programas saem deste *script* e podem envolver práticas diferentes ou podem sugerir mais intimidade, dependendo das condições do local e da identificação entre mulher e cliente, aproximando-se da *experiência de namoradinha.* Entretanto, dependendo do ambiente onde os programas são feitos, essa possibilidade é muito limitada. O relato abaixo, ocorrido num privê extremamente degradado da região de Santo Amaro (SP) é um bom exemplo da surpresa com que os próprios clientes encaram a transformação de uma interação impessoal numa relação mais íntima:

> Depois de comer a Simone, saí tomei uma breja... no meio da breja começou outro toró de chuva ai o buteco começou a encher de gente e ferver de calor, terminei a breja e pedi outra, e fiquei bebendo depois pedi mais uma devo ter ficado no buteco mais ou menos uma horinha e uns quebrados, a chuva parou e o calor voltou, puta tempo escroto, voltei pro [privê], lá encontrei uma branquinha cabelo preto bem lisinho achei gatinha em relação ao lugar, cara de poucos amigos, porém foda-se queria usar seu corpo mesmo. No quarto ela se mostrou mais simpática, o corpo uma delicia, barriga lisinha, rostinho lindo, chupou na capa com pouca qualidade e eu mesmo pedi pra parar assim que o pau endureceu. Coloquei ela de bruços e bombei gostoso, teve uma hora que eu vi que ela tava curtindo cheguei na nuca da bandida e comecei a beijar ela foi curtindo e se soltando, virou de frente e veio me beijar e respondi ' quem diria que essa foda meia boca ia virar uma foda estilo namoradinhos?' Gozei nessa posição mesmo. (Postagem GPGuia "Área Trash SP")

5.2 Girlfriend experience na prostituição popular: possibilidades e dificuldades

Como já dissemos anteriormente, a grande maioria dos programas da prostituição popular é rápida e impessoal, e os limites da relação ficam bem claros durante a negociação e a interação entre cliente e prostituta. Paola Tabet (2004) afirma que as relações que implicam uma "troca econômica-sexual" podem se constituir num grande *continuum* cujas extremidades seriam o casamento e a prostituição.

No primeiro, as trocas econômicas e sexuais estariam muito misturadas e mistificadas, sendo difícil diferenciá-las; enquanto no segundo, sobretudo na *dinâmica da distância* que rege as interações na prostituição popular, as trocas estariam mais explícitas, sendo negociadas em termos de duração, serviços, remuneração, entre outras variáveis. Dessa forma, o serviço sexual na prostituição popular estaria claramente separado de outras atividades que podem acompanhá-lo, como o amparo emocional e afetivo.

Marina França (2011), ao discutir as possibilidades de afeto e de intimidade nos programas da região da Rua dos Guaicurus, destaca as barreiras colocadas pelas mulheres durante seu trabalho para a preservação de sua intimidade durante os programas. Da mesma forma, para ela, a grande maioria dos clientes tampouco está interessada em criar laços de intimidade e afeto com as prostitutas dos hotéis, fazendo com que o programa transcorra dentro de uma lógica mais impessoal. Outro fator que contribui para essa dinâmica de trabalho é a grande circulação de clientes e a banalização dos programas (FRANÇA, 2011, p. 80).

Kajsa Ekman cita uma frase comum na prostituição popular e muito simbólica para descrever a mentalidade profissional das mulheres nesse espaço: "eu escolhi vender minha vagina" (EKMAN, 2013, p.86) revelando assim uma total separação entre o *self* e o comportamento profissional. Blanchette e Silva (2009) ressaltam essa distância e lembram que ela é vista, pela maioria das mulheres da prostituição popular como uma *vantagem* desse tipo de trabalho.

Uma das formas na qual essa impessoalidade se traduz é a negação do beijo na boca com a maioria dos clientes e a restrição ao acesso a determinadas partes do corpo da prostituta, como os seios ou o pescoço, por exemplo. Kempadoo (2004), por exemplo, em sua discussão sobre o trabalho sexual na Guiana, na República Dominicana, em Belize e no litoral colombiano,

afirma que "várias partes do corpo são definidas como fora dos limites para o cliente, comumente seios e lábios" (KEMPADOO, 2004, p. 61 – tradução minha[116]).

O depoimento abaixo ilustra os limites que a mulher impõe ao cliente, ao mesmo tempo admite que, ao flexibilizar esses limites, dando acesso a outras partes de seu corpo e proporcionando mais "carinho" e intimidade aos homens, ela ganha uma vantagem em relação às suas colegas, sobretudo em espaços onde precisam disputar a atenção dos clientes, como as boates ou privês, por exemplo.

> Pra falar a verdade, eu nunca beijei nem nunca beijo... Quando eu tava na noite querendo ganhar um dinheiro e tinham muitas mulheres mais jovens, mais bonitas [concorrentes], eu falei 'se eu não agradar esse cara eu não vou ganhar é nada'... Então eu fingia que gostava dele, mas só na hora de fazer o programa... Mas na hora de sair ele queria beijar, aí não dá ne? Por se um cara tão carente, eu não acreditava que era verdade. Será que uma pessoa vai gastar todo o seu dinheiro num local e não ter um pingo de carinho? Porque ele não tá ali de graça. Ele tá pagando horrores, uma agua mineral é 10, 20 reais, na noite... Quanto não gasta? Desde o momento que entra até o quarto, bebida... Então eu acho que o pessoal merece ter um pouco de carinho e atenção também. Mas mesmo assim, quase ninguém beija né? Porque não pode ter envolvimento com o cliente. O pessoal se apega... até se apaixona pelo cliente. (Luciana, Santo Amaro-SP)

De toda forma, França (2011) destaca que, a despeito dessa impessoalidade comum, os hotéis da região da Rua dos Guaicurus – apesar de todas as suas limitações – se prestam mais ao aparecimento de relações afetivas do que as ruas, onde os programas tendem a ser mais rápidos ainda, sendo realizados muitas vezes em carros ou na rua, dificultando o surgimento de qualquer laço entre clientes e prostitutas.

Assim, embora nos hotéis a intimidade não faça parte da dinâmica da maioria dos programas, França afirma que

> A forte concorrência [com as colegas], o aluguel dos quartos e a necessidade de multiplicar a quantidade de programas para ganhar dinheiro leva as prostitutas a se engajarem no uso de boas-maneiras em relação à clientela (FRANÇA, 2011, p.83 – tradução minha[117]).

[116] "[...] various parts of the body are defined as off-limits to the client, commonly a woman's breasts and lips." (Original)
[117] "[...] la forte concurrence, le loyer des chambres et le besoin de multiplier le nombre de passes pour gagner l'argent mènent les prostituées à s'engager dans le déploiement de bonnes manières vias-à-vis de la cientèle" (Original)

Esse engajamento tem como objetivo principal *fidelizar* clientes e formar um grupo mais ou menos fixo de *habitués*, para garantir programas mais rentáveis e seguros, com homens vistos por elas como "tranquilos e generosos". O depoimento abaixo ilustra bem a importância desses *amores estratégicos* (BLANCHETTE, SILVA, 2009):

> Sim, tem alguns que fica fixo. Ah tem uns que é bom, são pessoas que tratam bem, tem uns que tratam com carinho, que até convida pra ir pra algum lugar, um restaurante. Tem um relacionamento comum, que dá presente. Tem muitas mulheres que é mais bem tratada que a própria esposa. Mantém um sistema de fazer programa, mas tipo um relacionamento. Do mesmo jeito que tem uns que são violentos, tem outros que ficam... Não tratam como garota de programa, mas como mulher mesmo. Com respeito, com carinho... (Grupo Focal – Santo Amaro, maio de 2017)

Dessa forma, a montagem de uma "carteira de clientes" fixos é interessante não só no contexto dos hotéis da região da Rua dos Guaicurus, mas também entre aquelas que pude conhecer na *zona moral* paulista. Entretanto, apesar das vantagens econômicas que acompanham a relação com os *habitués*, há sempre o problema, expresso nesses últimos dois depoimentos, da confusão (feita, sobretudo pelo cliente) entre as esferas profissional e pessoal, com propostas de namoro e casamento sendo feitas frequentemente pelos clientes.

Guidroz (2010) ressalta que as mulheres da prostituição popular possuem uma visão do trabalho baseada, sobretudo, em suas possibilidades financeiras e seus aspectos mais mercantis. Dessa forma, na maioria das vezes, a intimidade ou as práticas que vão além do sexo são vistas por essas mulheres como uma forma de tornarem seu trabalho mais rentável, embora, para a maioria delas, essas práticas não são vistas como *parte* do trabalho, mas sim um *extra.*

França (2011) afirma que as mulheres da região da Rua dos Guaicurus qualificam o "trabalho emocional" realizado como um "não-trabalho" (FRANÇA, 2011, p.95). Assim como as atividades relacionadas ao *care* (PARREÑAS, 2010) que podem ser realizadas por essas mulheres, tais como massagens, escuta e o oferecimento de um "ombro amigo", tampouco são vistas como parte da dinâmica do trabalho. Em resumo, para as mulheres da prostituição popular, o que escapa à performance sexual é visto de forma ambígua, sendo considerado como "dinheiro fácil" e como causador de desgaste psicológico, uma vez que sua intimidade

fica muito exposta, assim como a convivência com os problemas, dramas e sentimentos dos clientes também é exaustiva. O depoimento a seguir é bastante representativo desta concepção:

> E ele fala assim: 'poxa você me deixou bem, toma aqui um dinheiro pra você'. E larga um bom dinheiro ali... Então a gente infelizmente tem que falar, tem que dar atenção, escutar, pra ganhar uma graninha. Eu acho um saco ter que ficar aturando esses caras, mas afinal de contas a gente paga uma diária cara daquela, com essa crise... Aí quando encontra um peixe desse, tem que segurar mesmo. (Suelen, Guaicurus-BH)

5.3 A dinâmica dos programas das "namoradinhas"

Como já discuti em trechos anteriores deste trabalho, a grande maioria dos programas das namoradinhas e seus clientes é realizada em uma dinâmica muito íntima e personalizada, com a performance afetiva da mulher e suas práticas sexuais sendo continuamente adaptadas aos desejos destes homens. Dentro dessa *experiência de namoradinha* existem poucos limites em relação a práticas realizadas ou ao corpo da mulher, sendo aceitos toques, abraços, beijos, massagens e conversas. Nessa lógica, *ser namoradinha* é oferecer ao cliente um programa mais "meigo", mais "carinhoso", sobretudo em contraposição à rispidez da maioria das prostitutas dos espaços mais populares.

> É. Eu acho que é uma coisa mais meiga. É uma pessoa... Isso que eu estou falando do toque, de fazer uma massagem, abraçar, dependendo da higiene do cliente, eu não tenho problema em beijar, em sentir o corpo dele, não tem esse problema, e outra, enquanto for a hora dele, eu nem fico olhando celular, essas coisas. É o tempo dele, entendeu? Porque eu já dividi apartamento sim com outras pessoas e eu sei que a grande maioria cobra ali aquele valor R$150, R$200, mas ela está interessada em fazer o cliente gozar e pôr pra fora, e o meu estilo já é mais... Sabe como que ele está... Eu também pergunto na sinceridade 'Com o quê que você trabalha?', eu sempre pergunto essas coisas na sinceridade, e quando eu não entendo a profissão da pessoa, eu pergunto 'Nossa, mas o que é que essa profissão faz?' (Vanessa, Serra-BH)

Dentro dessa lógica, o objetivo das namoradinhas é transformar o programa numa emulação de relacionamento, ou seja, clientes e prostitutas se esforçam em mistificar o programa, apagando ao máximo seu caráter comercial. Nesse sentido, jantares, viagens, passeios e presentes possuem um papel fundamental para a sustentação dessa ideia. Essas práticas são

importantes porque fazem o programa "fluir" de forma mais natural, transcorrendo como um encontro casual, por exemplo.

Dessa forma, as práticas que vão além do sexo – realizadas, sobretudo, com *habitués* – são fundamentais para o trabalho das namoradinhas porque facilitam a criação de uma *mise-en-scène* de relacionamento, uma vez que criam oportunidades para a conversa, o flerte e, sobretudo, abrem espaço para o cliente exercitar suas capacidades como *sedutor*, fortalecendo sua autoestima (FRANK, 2009).

> Namoradinha é quando eles querem sair pra jantar, eles já falam "olha como você se comporta", sabe? Como se fosse a namorada deles mesmo, como se tivesse muito tempo, aquele carinho em público... é isso que eles querem. E também quando não vai sair, é chegar e dar carinho demais pra eles, não só chegar e já ir pra parte sexual. (Vanessa, Serra-BH)

Existe um grande esforço, de ambas as partes, para que o programa transcorra da forma mais espontânea possível. Entretanto, muitas vezes este esforço pode falhar e, quando a interação não flui naturalmente, ambos podem considerar a interação "forçada" (para citar um termo usado neste universo). Isso quer dizer que, em algum momento, ficou claro o "profissionalismo" da namoradinha. O ideal é que os encontros aconteçam como poderiam transcorrer entre outros casais que se encontram, saem para jantar, passeiam, entre outras práticas, com a relação sexual sendo a conclusão deste processo de sedução e envolvimento.

Por exemplo, após a negociação pelo *Whatsapp,* o cliente espera ser recebido pela namoradinha em seu *flat*. Ela geralmente o espera vestida de forma sensual, mas não nua: este comportamento pode evocar a pressa da mulher e seria considerado pelos clientes como "forçado", no sentido de apressar o programa e retirar dele um pouco de sua "naturalidade" e mistificação. Se o cliente ou a mulher deitam-se na cama diretamente após o início da interação, isto também seria considerado "forçado".

O ideal é que ela o convide para sentar-se um pouco no sofá, ofereça uma cerveja ou um café, para, através da conversa, "desvendar" um pouco da personalidade do cliente e também permitir a ele que "a seduza", para, só então, convidá-lo a tomar um banho e ir para o quarto. Obviamente muitos programas, dependendo do perfil do cliente, podem conter apenas sexo,

realizado de forma rápida e impessoal, mas estes representam apenas exceções dentro do universo das namoradinhas.

> Eu gosto de colocar [no anúncio] 'namoradinha' porque justamente a namoradinha você não vai ter uma coisa 'forçadona' aqui. Você já vem sabendo que vai ser uma coisa mais pra menos do que pra mais. Então como eu tenho essa coisa de ser diferente, de ser de uma forma que eu goste, então pra mim é um encontro mesmo. É como se fosse assim 'ah, conversei com um cara no *tinder*, e a gente saiu, foi para um restaurante, tudo o mais, e agora chegou na hora dele me deixar em casa e eu vou convidar ele pra subir'. É mais ou menos assim que eu encaro. (Yasmin - Jardins, São Paulo)

Este depoimento é revelador porque Yasmin ressalta a importância de haver espaço para a "sedução", antes do sexo. Ao contrário dos espaços de prostituição popular, onde "tempo é dinheiro" e o objetivo é "despachar" o cliente o mais rápido possível, fazendo com que ele chegue ao orgasmo rapidamente, entre as namoradinhas é natural que o programa dure mais, uma vez que este processo de conversa, sedução, massagens, pode demorar muito tempo. A maioria de minhas informantes raramente realiza programas de menos de 1h30, e reconhece que o sexo costuma ocupar apenas uma fração desse tempo.

Nesse estrato da prostituição, um programa que envolva somente sexo é malvisto, pelo seu caráter puramente mecânico. As namoradinhas veem este tipo de interação como típica da prostituição popular (aquelas que já trabalharam nesses espaços têm, inclusive, condições de estabelecer essas comparações), caracterizando-a como "artificiais demais".

> Namoradinha? Estilo namoradinha? É quando você chega, você dá um selinho, você fala 'Oi amor, está bem? E aí, como foi?' sabe? Não puta, na cama, aquela coisa mecânica, só chegar e sexo, não. É aquele negócio que eu te falei, dar atenção, carinho, perguntar, abraçar, beijar, deitar no ombro, isso. (Letícia, Centro-BH)

Dessa forma, algumas práticas comuns na prostituição popular, como a cobrança antecipada pelo programa, são também muito censuradas entre as namoradinhas. Técnicas comuns nos espaços mais pobres da prostituição, como retirar a roupa do cliente e pendurá-la em lugar visível antes da relação sexual (para garantir a segurança, no caso de haver armas ou drogas nos bolsos); analisar sua genitália (a procura de eventuais DST's); limpar seu pênis com

lenços umedecidos antes do sexo oral ou colocar o preservativo antes do programa começar são considerados pelas namoradinhas como atos que "quebram o clima", retirando do programa seu "véu" de mistificação e de simulação de um encontro fortuito e sincero.

Outros elementos mais profissionais do mercado do sexo também contaminam a naturalidade e a mistificação com a qual a *experiência de namoradinha* deve transcorrer. Um exemplo disso é a discussão sobre o preço do programa: entre as namoradinhas e seus clientes a negociação explícita de valores é um verdadeiro tabu e a pechinha é vista como uma imperdoável indelicadeza. Espera-se, inclusive que, além de não negociar ou reclamar do preço, o cliente ofereça, ao final do programa, um valor a mais, a título de gorjeta, que essas prostitutas chamam de *caixinha*.

> Eu não baixo meu preço. Meu jogo de cintura é o seguinte 'olha, meu cachê é R$400 a hora', eu falo várias vezes. Se eu vejo que o cliente realmente quer marcar, mas ele quer mais barato, eu digo 'olha amor, o que eu posso fazer por ti é o seguinte: fico até 1h30 contigo, passou de 1h30 o preço dobrado. Fico até 1h30 pelo preço de 1 hora, pra gente se conhecer', é o que eu falo. Porque alguns pedem pra abaixar, é lamentável. Tem vezes, que assim, eu falo, tem meninas que não falam, tem amigas minha que param de responder e... Eu digo assim 'olha, eu acho elegante da tua parte, procurar uma menina que cobra o valor que tu pode pagar. O meu valor é esse, estou fazendo o meu trabalho, meu valor é esse e o que eu faço é isso'. (Flávia, Moema-SP)

Quando o programa transcorre de forma mais "natural", quando a mistificação se sustenta e as performances de prostitutas e clientes não revelam as características mais mercantis do programa, ambos consideram que "rolou química". Esta expressão foi citada por quase todas as informantes, além de ser utilizada por dezenas de clientes em seus depoimentos no Fórum GPGuia. Esta "química" representa, então, a chave para um programa bem-sucedido, na medida em que permitiu uma interação mais próxima, mais recíproca e, na medida do possível, autêntica, apesar de limitado no tempo e no espaço (BERNSTEIN, 2007).

O que clientes e namoradinhas chamam de "química" é, sobretudo, uma identificação mútua, que envolve simpatia e (supostamente) desejo sexual das duas partes. A partir dessa identificação o programa vai, em geral, transcorrer de forma mais próxima possível da *experiência de namoradinha*. Muitas vezes, porém, clientes e prostitutas não conseguem desenvolver esta "química", por diversos motivos, como o desagrado com a aparência física do outro ou o desempenho sexual de uma das partes. Nesses casos, pode haver alguma

dificuldade, algum "ruído", para usar uma expressão delas, no desenvolvimento desta interação. De toda forma, a maioria dos programas acontece dentro das expectativas de clientes e prostitutas, "rolando", então, "uma química".

> Pela questão do 'namoradinha'. É, se a pessoa estiver... Eu acho assim, eu acho que quando o cara vai contratar, depende do que ele quer no dia. 'Hoje eu quero um sexo selvagem, hoje eu quero receber carinho, hoje eu quero uma coisa dominadora!', e a pessoa que, geralmente, vê o meu perfil e vê os relatos dos caras, já identificam que é um perfil para ser 'namoradinha'. Se vem e comprova que realmente rolou química, que foi namorada, todas as vezes que ele quiser aquele perfil, não sei se eles vêm sempre só em mim, mas que vêm comigo direto vêm. Mas eu acho que todas as vezes que eles querem uma 'namoradinha' vêm em mim. Aí fica uma coisa específica. (Isabela, Centro-BH)

Esta discussão sobre a "química" que deve estar presente na *girlfriend experience* nesses espaços da prostituição nos leva ao debate sobre em que nível as namoradinhas vivem as experiências e emoções dentro do programa. Como discuti na *Revisão Bibliográfica*, entre os autores que investigaram este grupo de prostitutas existem duas posições bem claras: por um lado, Sacramento (2006), em seu estudo sobre a prostituição na fronteira entre Portugal e Espanha, segue o raciocínio de Goffman (1982 apud SACRAMENTO, 2006, p. 170), ao afirmar que, embora as emoções, o orgasmo, o carinho e a intimidade podem estar presentes no trabalho sexual, sobretudo entre as namoradinhas, as prostitutas vivem estas experiências num nível "de fachada", de "máscara" (Sacramento, 2006, p.173) na maioria das vezes.

Por outro lado, Hochschild (2003) e Bernstein (2007) defendem que a maioria das interações relacionadas ao *trabalho emocional* – como os programas das namoradinhas – são vividas pelas mulheres de forma mais profunda, e o que elas expressam na maioria dessas interações não é apenas uma "emoção de fachada" (SACRAMENTO, 2006), mas um "sentimento" (BERNSTEIN, 2007), mais "autêntico" e vivido mais intimamente. Essa é uma discussão importante, mas para mim foi difícil de investigá-la em campo, na medida em que as perguntas feitas em relação a este assunto pareceram, para a maioria das informantes, *íntimas demais*, sobretudo quando feitas por um pesquisador homem e registradas em um gravador[118]. De toda forma, foi possível tirar algumas conclusões.

[118] Comento mais sobre essa dificuldade nas *Reflexões Metodológicas.*

Em meu trabalho de campo pude ouvir das informantes relatos que as colocam ora em um campo mais "superficial", alinhando-se às informantes de Sacramento (2006), ora em um campo mais "autêntico", alinhando-se às namoradinhas de Bernstein (2007). Acredito que estas possibilidades de vivência mais íntima ou mais artificial das interações com os clientes partem das escolhas individuais de cada prostituta, que decide *o quanto vai dar de si* em determinada relação, considerando uma série de fatores, como a identificação pessoal com o cliente, o local no qual é realizado o programa, o tempo disponível, entre outras variáveis.

Dessa forma, algumas informantes disseram não viver quase nada num campo mais íntimo, enquanto outras afirmaram experimentar de forma mais profunda quase todas as suas interações. Outras afirmaram que isso depende muito do cliente: com alguns, ela pode preferir uma postura de mais distância, embora ainda tenha que fazer um grande esforço para parecer "autêntica"; com outros escolhe se "entregar" mais.

Júlia, uma jovem namoradinha que encontra seus clientes em hotéis da Savassi, em Belo Horizonte, é bastante categórica em relação ao nível de envolvimento que possui com os clientes. Ela afirma que, apesar dos esforços feitos pelos clientes para que ela se envolva mais intimamente no programa e chegue ao orgasmo, não consegue se envolver com a maioria deles neste nível, e procura manter apenas uma fachada convincente (SACRAMENTO, 2006):

> Eles esperam que seja sincero, que seja algo real. Olha, te falar que, cada 10 [clientes] é apenas 1 ou 2 [com os quais alcanço o orgasmo] entendeu? Até porque eu acho que o prazer tá muito relacionado com o sentimento. Então a gente não consegue ter sentimento por uma pessoa que você conheceu há 5 minutos, há 10 minutos... Acho que muitos não querem só receber, eles querem ver a mulher tendo prazer. [...] A gente tenta convencer... (Júlia, Savassi-BH)

Já Gabriela, namoradinha situada nos Jardins, em São Paulo, revela que tem um envolvimento muito grande com a maioria dos clientes, compartilhando informações pessoais, aceitando dormir com eles e alcançando o orgasmo na maioria dos programas. Para ela não há problema em estabelecer interações com este nível de intimidade.

> De cada 10 [clientes], [com] 8 [atinjo o orgasmo]. Assim, acontece. Tem cara que só goza depois que você gozar. Não sei se ele precisa se afirmar também, sei lá, mas tem outros que é legal mesmo. Tem um cara que eu atendo, ele é bem gente boa, e já faz um tempinho já que a gente sai. E assim, normalmente ele pede uma hora, mas eu fico três horas com ele toda vez, não consigo ir embora antes, porque é muito bom. E eu falo para ele 'Eu não sei como eu tenho coragem de te cobrar', porque eu acho que saio muito mais feliz que ele, é sensacional, então, eu não tenho, eu não fico me privando 'ah, isso é uma relação...', não, se tiver bom lá e vamos mesmo, vamos. (Gabriela, Jardins-SP)

Algumas informantes afirmaram que um programa vivido de forma mais íntima pode, inclusive, facilitar o trabalho, uma vez que elas consideram penoso organizar continuamente uma "fachada" ou um "teatro" para alguns clientes mais exigentes. Dessa forma, o programa ideal seria, para elas, uma relação na qual os dois viveram seus sentimentos e sensações sexuais da forma mais natural possível, deixando assim o trabalho mais fácil:

> Já que a gente deitou na cama aqui, vamos tentar aproveitar, né? E eu acho que é até melhor, porque, isso para qualquer tipo de relação, seja no trabalho ou fora do trabalho, se a pessoa ver que tu tá tendo prazer, tudo melhora, então isso é bom, entendeu? Tu não precisa fingir que tu gozou, entendeu? É bom isso, e é bom pra mim também, porque assim, claro, é uma coisa assim, como a gente vai falar? Tem dias que não acontece, hoje, por exemplo, tu passa o dia inteiro só te estimulando, te estimulando, te estimulando, e tu não chega em um orgasmo, isso é muito ruim, sabe? Tanto para o homem quanto para a mulher, então tem seu lado ruim, mas se tu tentar relaxar e aproveitar, porque tem clientes muito legais, tem clientes que te fazem massagem, trazem óleo para massagem, aí trazem óleo do Marrocos, porque viajou para Marrocos, sabe? Então, tipo, tu vive muitas coisas diferentes, entendeu? (Flávia, Moema-SP)

Dentro deste debate sobre a vivência das emoções e sensações sexuais em um nível mais ou menos íntimo e sincero, acredito que as duas posições teóricas e etnográficas representadas, em seus extremos, por Sacramento (2006) e sua teoria da "fachada" e Bernstein (2007) sustentando uma experiência mais "profunda e íntima", são válidas, e pude ter contato com informantes que sustentaram opiniões alinhadas a estes dois espectros. Entretanto, apesar de ter sido um tema de difícil abordagem nas entrevistas, podemos afirmar que, como os depoimentos demonstram, há namoradinhas que podem se situar dentro desses dois grupos.

Uma pista importante para identificar a forma de trabalho considerada ideal dentro da *experiência de namoradinha* é observar o que as namoradinhas e clientes chamam de

“programa ruim”. Estes encontros considerados negativos são aqueles em que não foi possível criar intimidade suficiente, fazendo com que o programa transcorresse de forma mais ou menos artificial. Todas as minhas informantes reafirmaram a importância de “criar uma conexão especial” com o cliente antes do sexo, de promover a conversa, fazer algumas perguntas e ajudar aquele homem a, por exemplo, relaxar.

Entretanto, muitas vezes isso não foi possível, ou porque não houve empatia, ou porque o cliente era tímido demais e não conversa ou não olha nos olhos de sua namoradinha. Nesses casos essa “conexão” fica estabelecida de forma apenas precária, transformando o programa numa experiência menos autêntica, tanto por parte das mulheres quanto dos clientes.

> Eu sempre tenho um programa que eu penso ‘nossa, esse programa foi uma bosta!’, e programa que eu considero ‘bosta’, é quando não teve olhar, quando não teve nem uma conexão, quando foi uma coisa vazia, sabe? E às vezes isso acontece, até com bastante frequência. (Natália, Serra-BH)

Os clientes também reclamam quando a artificialidade de um programa vem à tona. O depoimento abaixo, descrevendo o atendimento de uma namoradinha, é muito interessante nesse sentido, porque o cliente em questão não considera que o programa tenha sido ruim, mas afirma que a prostituta foi, em alguns momentos, “profissional demais”, ao negar o beijo de língua, por exemplo.

> Saí com a [...] há tipo uma semana. Atende num flat no Buritis - o acesso ao prédio foi tranquilo, só falar o número do apê com o porteiro. O apartamento tem 2 quartos - ela divide com outra menina, e o banheiro fica fora do quarto que ela atende. O atendimento dela é super profissional - profissional até demais, pro meu gosto. Ela não beija muito - fica só no selinho, sem colocar língua. O corpo dela é uma parada fora de série - exatamente igual as fotos - magra, barriga lisinha, peitos perfeitos, piercing no umbigo e a buceta com uma pequena penugem, ruiva igual o cabelo. A bunda é bem legal também, na medida certa. Caí de boca a princípio, e acho que ela tava curtindo até algum momento, quando pediu preu parar e foi me chupar. Ela chupa muito gostoso - lambe as bolas, engole o pau todo. Ponto alto do pg. Depois fomos meter - peguei ela D4 e foi uma visão ducaralho aquela tatuagem, a buceta bem apertadinha e gostosa. Eu durei pouco e como nosso santo não bateu muito só gozei uma e vazei. Tô ‘positivando’ o programa, apesar do profissionalismo extremo dela me irritar um pouco, haha. Mas ela é idêntica às fotos, e bem gostosa. (Postagem GPGuia - “Acompanhantes MG”)

Como comentei anteriormente, uma das concepções mais fundamentais acerca da *experiência da namoradinha* é a existência de certo "amadorismo" por parte da mulher. É claro que esse amadorismo é, na maioria das vezes, "fachada", e os próprios clientes têm consciência disso. Este é um dos motivos pelos quais as namoradinhas devem possuir, quase que obrigatoriamente, menos de trinta anos: uma prostituta acima dessa idade seria, inexoravelmente, "profissional demais". Apesar dos clientes possuírem a consciência de que esse amadorismo pode ser forjado, eles se incomodam quando isso fica evidente em um programa (EKMAN, 2013).

Isso pode acontecer, por exemplo, quando características mais profissionais aparecem no programa: determinar com exatidão o tempo do programa e o encerramento deste; negar acesso a determinadas partes do corpo; realizar posições e práticas sexuais "pré-determinadas" e não aquelas surgidas na empolgação do momento, não aceitar fazer sexo oral sem preservativo, entre outros fatores.

Entre as reclamações mais comuns nas postagens de clientes no Fórum GPGuia, podemos destacar dois temas, muito recorrentes: "profissionalismo excessivo", expresso nas formas citadas acima, e "falta de reação" aos estímulos realizados pelos clientes. Isso parece a eles uma séria falta de autenticidade durante os programas. Uma imagem comum que aparece em relatos de programas ruins é a comparação com uma "boneca inflável":

> [Nome], loira,1,60 m, seios médios, estilo menininha.
> Atendimento muito sem graça e de maneira apressada. Não sorri e sem nenhuma reação na cama, parecia uma boneca inflável. Oral péssimo, nota zero.
> Não faz anal, não beija. 300 reais desperdiçados.
> Não indico: furada total.
> (Postagem GPGuia "Acompanhantes MG")

Podemos ver que a *experiência de namoradinha* envolve altas expectativas dos clientes em relação à performance afetiva e sexual das prostitutas, colocando sobre essas uma série de pressões relacionadas a naturalidade e a intimidade na qual deve transcorrer o programa (Bernstein, 2007). Na maioria dos casos essas expectativas são correspondidas, através de uma atuação muito personalizada das namoradinhas. Entretanto, como revelam muitos depoimentos, muitas vezes essas expectativas são frustradas pela falta de intimidade e reciprocidade no programa.

As namoradinhas refletem muito, durante suas experiências profissionais, sobre essas expectativas dos clientes. A maioria das informantes afirmou que elas baseiam-se nos seguintes fatores: ser correspondido em relação aos seus esforços para promover a intimidade no programa (como oferecer presentes, por exemplo) e em relação à resposta de sua parceira diante de seus esforços para lhe dar prazer sexual (como a realização de sexo oral nela); e "ficar a vontade", que consiste no relaxamento dos limites do programa, em relação ao tempo e às práticas permitidas.

Em relação às expectativas de reciprocidade do cliente, as namoradinhas demonstram certa dificuldade em lidar com alguns clientes que podem levar esses desejos *longe demais*, cruzando alguns limites estabelecidos. Por exemplo, aqueles que ofertam presentes, com o objetivo de transformar o programa numa experiência mais íntima e sincera. Aqui é importante lembrar que o presente não configura parte do pagamento e não promove nenhum desconto no preço a ser pago pela relação.

Por que esses clientes oferecem presentes? Carrier-Moisan (2015) e Frank (2002) afirmam que os presentes são um esforço dos clientes em duas direções: primeiramente eles buscam, através do objeto que oferecem, mistificar a relação, fazendo surgir elementos relacionados à, por exemplo, seu esforço de sedução. Além disso, eles também buscam, através de ato de presentear, sentirem-se especiais, diferentes dos outros clientes. Procuram, assim, uma relação mais exclusiva (FRANK, 2002).

Apesar de serem bem recebidos pelas namoradinhas, os presentes oferecidos podem ser um sinal de que aquele cliente está, muito provavelmente, confundindo as coisas. É plausível considerar, nesses casos, que ele já se considera alguém mais especial para aquela acompanhante do que realmente é. Dessa forma, as namoradinhas precisam aceitar o presente ao mesmo tempo em que tentam, de forma muito sutil, deixar mais ou menos claro que aquela ainda é uma relação comercial sem, claro, ofender ou ferir os sentimentos nutridos por aquele cliente (PARREÑAS, 2010).

Michele, uma jovem namoradinha que trabalha em um *flat* no bairro de Moema, em São Paulo, relata que, apesar de muito lucrativos, os presentes costumam gerar aborrecimentos a ela, na medida em que muitos clientes podem considerar o presente como parte do pagamento ou podem considerar que, graças a ele, poderão passar mais tempo que o combinado pelo programa:

> Eu recebo muito presente caro... muito presente. E é triste porque você não tem que querer impressionar uma pessoa que você vai simplesmente passar por ela... Você tem que impressionar sua mulher, você vai investir no que você quer de verdade... Aí muitos dão presente e choram no valor, olha que loucura. Às vezes se alguém pregunta "ah você gosta de que?" eu [falo que] nem gosto, porque sei que isso vai acabar influenciando no cachê, no horário, vai querer passar muito do horário, porque se sente já no direito de entrar na sua vida. (Michele, Moema-SP)

Outra questão que se coloca nos contextos da *experiência de namoradinha* é o constante desejo, por parte da grande maioria dos clientes, de reciprocidade sexual, ou seja, a exigência de que as prostitutas também tenham "sensações" sexuais assim como eles. Este desejo, além da expectativa dos clientes pelo orgasmo – autêntico ou forjado, mas que convença – da prostituta, se concretiza na centralidade que o sexo oral realizado por esses homens ganhou dentro desse espaço.

Todas as informantes afirmaram que é muito grande o número de clientes que pedem, muitas vezes ainda durante o contato telefônico, para realizar sexo oral em suas parceiras. Esta prática, de tão desejada, passou a ser *praxe* no universo das namoradinhas. Muitas delas, no início da atividade, se surpreenderam com a quantidade desses pedidos pelos clientes e aquelas que não se sentem à vontade para realizá-la acabam tendo grandes dificuldades no trato com eles.

A centralidade do sexo oral realizado pelos clientes dentro dos programas é uma das grandes novidades sexuais da *experiência de namoradinha* em relação às outras dinâmicas da prostituição. Entretanto, apesar da importância deste fenômeno, ainda são raras as discussões sociológicas sobre quais são as práticas sexuais mais comuns dentro desta dinâmica de trabalho.

Um dos poucos trabalhos a discutir o assunto é o *paper* de Lever e Dolnick "*Clients and Call Girls: Seeking sex and intimacy"* (2010), onde as autoras relatam que 17% dos clientes das acompanhantes americanas realizaram sexo oral nelas, em comparação a apenas 4% entre os clientes de prostitutas que trabalham nas ruas[119]. Resultado compreensível, considerando as condições de trabalho de cada grupo, embora eu acredite que, pelo menos nos espaços das namoradinhas que pude observar, este número parece ser muito maior.

[119] Esta tabela encontra-se na página 25.

Yasmin, minha informante-chave, conta que este tipo de demanda é extremamente comum e realizado por quase todas as namoradinhas que conhecia, embora para muitas isto represente um incômodo:

> Tem uns que perguntam até antes de vir se podem fazer sexo oral, eu falo que pode. Porque fiquei sabendo, por clientes mesmo, que tem muita mulher que não deixa, de jeito nenhum. Já ouvi de colegas também que elas não gostavam. Eu, desde que não esteja usando o dente, assim, eu aceito.
> (Yasmin, Jardins-SP)

Todas as informantes relacionaram esta prática à exibição de virilidade e à busca por aprovação sexual por parte dos clientes. Isto corrobora, por exemplo, o argumento de Bigot (2009) de que o programa, dentro do contexto das namoradinhas, pode servir à reafirmação de um abalado papel de dominação sexual. Estes depoimentos também fazem referência à ideia de Frank (2002) de que os clientes buscam relações sem risco de rejeição sexual (FRANK, 2002, p. 110). A reflexão de Michele, namoradinha de Moema, São Paulo, segue esta linha de raciocínio:

> É, porque eles se sentem 'O cara', porque ele fez uma profissional do sexo gozar, entendeu? Ele fez um oral que ela elogiou, ela elogiou o oral. Porque isso tem, o homem, eu não sei porque tem isso, o homem está ali te chupando, ele está com aquele olhinho assim, parecendo um jacarezinho, esperando uma aprovação, ele está ali, e se tu não fala nada, se tu não demonstra nada ele para e te pergunta 'Tá bom? É assim?', então tu tem que falar, então esse tipo de cliente tu tem que estar o tempo inteiro falando que ele é maravilhoso, que o pau dele é maravilhoso, senão ele não...
> (Michele, Moema-SP)

Os depoimentos das namoradinhas sobre esta centralidade que o sexo oral feito pelos clientes nelas nos trazem outra questão importante, que também demarca as fortes diferenças entre esse grupo e suas colegas dos espaços de prostituição popular: na *experiência de namoradinha* praticamente não existem limites no acesso a partes do corpo da prostituta. Tudo pode estar franqueado ao cliente: boca, pescoço, cabelos, seios, ânus e até a possibilidade de receber sexo oral, algo muito raro na prostituição popular.

Este acesso quase total ao corpo da mulher, que na prostituição popular está disponível apenas a raros *habitués* ou aos namorados e cônjuges (KEMPADOO, 2004), na prostituição das namoradinhas passou a representar *o básico* dentro do programa. A necessidade de realizar um programa que "flua" da forma mais natural e íntima possível faz com que restrições ao

corpo ou a práticas determinadas sejam vistas como ações que "quebram o clima", deixando a interação mais mecânica.

Para que o programa transcorra de forma mais natural, há também um esforço das namoradinhas em deixar o cliente sempre muito "à vontade" o que, para elas, significa relaxar as regras do programa. Por exemplo, se o cliente deseja tomar banho antes da relação sexual isto lhe é permitido, ainda que provavelmente poderá atrasar a conclusão do programa, ultrapassando um pouco do tempo combinado inicialmente. Aos clientes também são oferecidas todas as facilidades de *toilette*, antes e depois do sexo, para que ele possa, por exemplo, seguir dali para o trabalho ou para sua casa. Escovas de dente, desodorantes, shampoos e toalhas representam, inclusive, uma importante despesa para as namoradinhas que trabalham em *privês* ou *flats.*

> Então a gente tem todo esse custo, o cliente não paga o hotel no caso, ele vem aqui e ele só paga um valor já com tudo incluído, a camisinha, a água que ele for tomar, o que ele quiser tomar, as toalhas, tem tudo ali. Se tu olhar meu banheiro tem shampoo para ele sem cheiro, desodorante sem cheiro, sabonete masculino, tem lenço para eles, tem *Listerine* com copinho de café, tem tudo. É para ficar bem à vontade mesmo. (Vanessa, Serra-BH)

Naturalmente, com tantos elementos que ultrapassam a natureza sexual do programa, é compreensível que este seja mais longo do que a maioria das interações entre as prostitutas e clientes da prostituição popular, por exemplo. Nenhuma das minhas informantes afirmou gostar de trabalhar com programas de menos de 1h ou 1h30. Para elas, este é o tempo mínimo para conseguirem oferecer aos clientes a *experiência de namoradinha*.

Dessa forma, entre as namoradinhas, o programa "padrão" possui, em média, 1h30, sendo sempre muito flexível em relação ao seu final, dependendo da agenda daquele dia. Por exemplo, se não tiver outro cliente marcado para um horário muito próximo ao final do programa, uma namoradinha estará sempre aberta à extensão deste programa, na forma de novas práticas sexuais ou de natureza afetiva ou de cuidado, como conversas e massagens. Isso, claro, será tarifado devidamente, embora esta negociação deva ser feita da forma mais sutil possível, para "não quebrar o clima".

> Igual tem muito cara que, às vezes, fica querendo 'ah, você não faz meia hora?', eu não gosto de trabalhar com meia hora, não vou dizer 'nunca fiz', mas não gosto mesmo. Eu gosto de cobrar R$150 pela hora, porque? Eu gosto de tratar o cliente bem, que é como eu falei, o site é a coisa que eu mais gosto de trabalhar, então eu procuro fazer uma massagem, procuro conversar, e aí, se eu ficar trabalhando com meia hora, o cara, além dele me pagar menos, ele não vai voltar, entendeu? Porque foi só sexo, e sexo você encontra em qualquer lugar, e pagando então ne? Aí então eu procuro... Aí eu vou, viro e falo assim "Ah, mas eu não gosto de nada corrido", aí eu acabo conseguindo convencer de vir e ficar uma hora. E aí tem cliente que às vezes quer alguma coisa diferente e paga um pouco mais. Aí a gente combina de acordo com o que ele quer. (Júlia, Savassi-BH)

O argumento levantado por Júlia para justificar a duração de seus programas é importante porque deixa claro a natureza da *experiência de namoradinha*: programas muito curtos podem conter apenas sexo, o que banaliza e desqualifica o programa, sobretudo financeiramente. Dessa forma, para que seja possível a introdução desses elementos extrassexuais na interação, é fundamental que haja mais tempo com cada cliente (BLANCHETTE E SILVA, 2009).

Outra característica que nos chama a atenção nesses programas é o desejo, por parte dos clientes, de experimentá-lo da forma mais dedicada possível. Por exemplo: as principais reclamações de clientes de namoradinhas no Fórum GPGuia dizem respeito, direta ou indiretamente à (falta de) dedicação daquela mulher na interação. Dessa forma, configura falta grave para estes homens qualquer ato que dê a entender que ela não está totalmente envolvida naquela interação. Atender o celular ou checar mensagens no W*hatsapp* durante o programa, ficar conferindo o horário, ou estar atenta a qualquer coisa que não seja o cliente estão entre ações que atrapalham a *experiência de namoradinha.*

> Então os clientes que eu fiquei, eles sempre retornam, pelo fato de não ser aquela coisa "mecânica". Porque tem muitas meninas que eles falam que ficam olhando a hora toda hora o celular, trata muito assim, na maioria das vezes, com grosseria... coloca o cliente contra a parede. Isso é muito ruim, eles não retornam, só vão uma vez. Aí então o segredo é tratar muito bem. Eles sempre retornam. (Letícia, Centro-BH)

É de se esperar que interações tão íntimas com os clientes causem desgastes afetivos e psicológicos nas namoradinhas. Diferentemente de suas colegas dos espaços de prostituição popular, a principal reclamação entre aquelas prostitutas relacionadas à *girlfriend experience*

é – para usar as expressões que elas utilizaram – a intensa "troca de energia" com os clientes (FRANÇA, 2011, BARRETO, 2008).

Esta "troca de energia" torna difícil a separação entre as esferas pessoal e profissional durante o trabalho das namoradinhas. Não quero aqui afirmar que esta demarcação de limites é sempre fácil para as prostitutas dos espaços populares, mas como a maioria de seus programas transcorre numa *dinâmica da distância*, elas são confrontadas com essas questões de forma menos frequente.

No caso das namoradinhas, essa "mistura" decorre do envolvimento exigido pela maioria dos clientes. Como já comentei, para muitos homens é oferecida apenas uma *fachada*, uma *máscara* durante a interação. Entretanto, para muitos outros, ou por empatia ou por exigência destes, a relação acontece em um nível muito mais íntimo, podendo gerar situações muito delicadas. Por exemplo, como separar orgasmos "estritamente profissionais" de outros, de escopo "íntimo e sincero"?

Este tipo de inquietação marcou minhas entrevistas dentro deste universo, revelando que, para a maioria das namoradinhas, o contato tão intenso com os clientes trazia, na maioria das vezes, sentimentos de culpa e de ressentimento. Isto derivava, para elas, da conclusão de que, na *experiência de namoradinha*, elas estavam sempre "se expondo demais" a clientes que, na maioria das vezes, não eram confiáveis o suficiente para, por exemplo, guardar os seus segredos.

> Porque é meio paradoxal assim. [Desgaste] físico não é sempre, porque também às vezes não dá tempo, às vezes o cara vai, pá [faz sexo rapidamente], pronto acabou. É muito rápido, é bem difícil d'eu falar 'nossa, estou cansada'. Mas emocionalmente é meio assim, porque eu, na minha vida pessoal, já tinha minha sexualidade bem definida, eu saio mesmo, se eu tiver com vontade eu faço mesmo, mas a convivência com os caras, a energia deles... Fica difícil separar as coisas. Às vezes eu fico meio confusa por causa da minha filha. Para quem é mãe é complicado entendeu? Por mais que eu pense que não estou fazendo nada de errado, que eu não estou machucando ninguém, não estou roubando ninguém, por um lado eu fico 'nossa, é complicado', entendeu? Então, às vezes bate uma 'bad', mas depois OK, vamos continuar com isso porque eu preciso *me formar*. (Ludmilla, Moema-SP)

Dessa forma, o cliente ideal para muitas namoradinhas seria, paradoxalmente, aquele que deseja apenas sexo. Isto é excelente para ela porque ele pagará pela *experiência de*

namoradinha, mas não desfrutará dela completamente, poupando-a do desgaste que pode ser gerado pelo contato com sua intimidade. Para muitos desses clientes, que desejam apenas sexo – na maioria das vezes bem simples e rápido – dentro desta dinâmica de prostituição, a *girlfriend experience* traduz-se no básico: esperam que as acompanhantes sejam educadas e os tratem bem, apenas. Em geral retiram-se rapidamente após atingirem seus objetivos sexuais, trazendo alívio para as namoradinhas que, nesse caso, foram poupadas de "misturar energias" com eles.

> Que eles conversam, variam, tem uns que conversam uma hora inteira e vão embora, te pagam e voltam, e te indicam para amigos e te levam para jantares e para eventos e pagam o valor que tu pede para isso, tem os que se apaixonam, tem muitos tipos... O que eu gosto de verdade, é o cliente que entra, transa, paga e vai embora. Pra mim é o melhor. Porque não tem tanta troca de energia, não me desgasta. (Isabela, Centro-BH)

Entretanto, apesar de reconhecerem que o atendimento aos clientes que apenas fazem sexo é menos desgastante, há um grupo – reduzido – de clientes cujo problema é, ironicamente, *fazer sexo demais*. Este grupo se compõe de clientes mais jovens, que querem, sobretudo, mostrar uma invejável performance sexual e dar uma prova de virilidade às namoradinhas, trazendo a elas um desgaste mais físico que, como dissemos, não ocorre com a maioria dos outros clientes, que demandam delas de forma mais afetiva e psicológica do que sexual:

> Os mais velhos são os melhores clientes. Também, incomoda menos, mais fácil de lidar. A molecada quer fuder até o último centavo. Mas por site é difícil encontrar menino novo, muito difícil. Geralmente são os caras casados e tal, que têm um cargo legal em uma empresa, que podem fugir no meio da tarde, e a molecada geralmente me procuram os mais novos, mas é muito difícil, na boate tem mais, a molecada é mais boate. (Juliana, Itaim-Bibi-SP)

Como Juliana ressalta, a "molecada" representa um grupo pequeno entre seus clientes, uma vez que os valores de seus programas são proibitivos (R$400 por 1h30). Nas boates, por onde ela passou no início de sua carreira, antes de se tornar uma namoradinha com contatos mediados pela internet, este grupo era mais numeroso porque os programas eram mais baratos. Como discutirei na seção *"quem são os clientes"*, este grupo mais jovem representa uma minoria no universo dos homens que procuram pela *experiência de namoradinha*, uma

vez que preferem programas estritamente sexuais ou não possuem dinheiro suficiente para pagar pelos programas das acompanhantes.

Um risco que as namoradinhas correm em interações tão íntimas com os clientes é despertar paixões neles. O curioso é que, para muitas dessas mulheres, um bom programa é aquele no qual elas fazem "aflorar" as paixões dos clientes podendo, dessa forma, transformá-los em *habitués* e explorá-los economicamente (BLANCHETTE E SILVA, 2009). Essa estratégia é utilizada por quase todas as minhas informantes, embora apenas uma delas se dispôs a falar abertamente sobre isso, uma vez que, aos olhos de clientes e prostitutas, parece uma atitude desonesta:

> Eu sou um pouco 'filha da puta', no sentido de... Eu procuro deixar os caras bem apaixonados, sabe? Tipo, para eles grudarem mais em mim e eu conseguir tirar mais coisas deles. É a estratégia que eu uso porque o mercado que está foda. Não está tendo uma frequência de procura, então, com certeza eu tenho que conservar os que me tratam bem. Eu trato eles bem. (Juliana, Itaim-Bibi-SP).

O que Juliana afirma faz parte da prática de todas as namoradinhas com as quais pude conversar. Entretanto, todas as outras informantes tiveram muitas reservas ao admitir que "fazer o cliente se apaixonar" pode fazer parte da *experiência da namoradinha*. Ora, isto seria, inclusive para estes clientes, o desenvolvimento esperado de um relacionamento tão mistificado como outras relações "legítimas": as pessoas se encontram, se conhecem, fazem sexo, eventualmente se apaixonam e, por fim, estabelecem uma relação afetiva.

Entretanto, clientes e namoradinhas têm consciência de que este nível de envolvimento trará dificuldades a ambos: para os primeiros, além do sofrimento amoroso, provavelmente sairão lesados financeiramente. Para as últimas, há as dificuldades relacionadas à separação de suas vidas pessoal e profissional e a consequente exposição de sua intimidade, além do padecimento afetivo, se for o caso.

Do ponto de vista racional, porém, desenvolver este sentimento nos clientes é perfeitamente compreensível, na medida em que, apaixonados, esses homens poderão ser muito mais generosos tanto no pagamento dos programas quanto na oferta de presentes. Esta estratégia não é nova e já foi discutida por, por exemplo, Blanchette e Silva (2009) e Carrier-Moisan

(2015), que perceberam a existência desses *amores estratégicos* também em espaços de prostituição popular.

Como as namoradinhas despertam a "paixão" de seus clientes?

Dentro da lógica da *experiência de namoradinha,* não é necessário fazer grandes esforços para que os clientes se apaixonem, uma vez que as interações são mais íntimas, muitas vezes bastante sinceras, gerando empatia e podendo durar muito tempo, no caso dos *habitués.* Basta que, dentro dessa dinâmica de trabalho, alguma namoradinha caia nas graças de determinado cliente e pronto: ele se tornou mais um *habitué*. Não quero aqui afirmar que todos os *habitués* das namoradinhas são apaixonados por elas, mas uma parte significativa, sim. Isto é muito interessante para elas, na medida em que facilita o controle das interações com eles e pode gerar muitos ganhos financeiros.

A quantidade de clientes apaixonados parece ser tão grande que os frequentadores do Fórum GPGuia cunharam um termo para designar homens que, estando "encantados" demais com as namoradinhas, fazem relatos dos programas excessivamente laudatórios, esquecendo de tecer críticas ao trabalho delas: são os "BOP" (*Baba-Ovo*[120] *de Puta*). Esses "BOP" formam um grupo numeroso, e são ridicularizados com frequência nesse ambiente virtual.

Além dos elogios – sinceros ou não – à performance sexual dos clientes, da intimidade e do carinho com que são tratados e da sensação de exclusividade que permeia o programa, outra estratégia que considero interessante para o "encantamento" desses homens é a manutenção dos laços virtuais com clientes e *habitués*. Dessa forma, as namoradinhas procuram, sobretudo através do *Whatsapp,* manter sempre vivo o contato com estes homens, através do envio de fotos, de piadinhas ou de pedidos de notícias. Em fevereiro de 2017 pude experimentar este tipo de contato, que registrei em caderno de campo:

> O curioso caso da 'mala postal erótica': Algumas moças, depois de se recusarem a participar da pesquisa (tudo bem) passaram a me enviar mensagens eróticas frequentes pelo whatsapp, com fotos e vídeos, além de pedidos de notícias, dizendo que 'estou sumido'. Parece ser coisa mais ou menos padronizada, uma espécie de 'mailing' de clientes, talvez para chamar sua atenção, talvez para manter vivos vínculos virtuais com os habitués. (Caderno de campo, maio de 2017)

[120] "Baba-Ovo" é uma gíria comum no Sul e Sudeste brasileiro e significa "puxa-saco", alguém que procura elogiar e agradar excessivamente alguém.

Entretanto, este "despertar das paixões" de alguns clientes, apesar de rentável para as namoradinhas, pode ser perigoso, uma vez que elas podem perder o controle da relação ao serem surpreendidas por clientes ou *habitués* ciumentos, revoltados ou violentos. São comuns, por exemplo, a ação de *stalkers*[121] que podem colocar em risco a discrição de seu trabalho:

> Já aconteceu de botarem detetive atrás de mim, que se apaixonou, já aconteceu de me achar em rede social, me ameaçar, contar para a minha família se eu não quisesse ficar com ele, acontece. E eles sempre acham que são especiais o suficiente pra saber da tua vida, sabe? Tem que selecionar bem pra quem tu vai falar ou não. Eu já sou meio pé atrás assim, então o meu nome de trabalho é Flávia, quando eles querem muito saber eu digo 'é Fernanda', já falo outro nome que também não é o meu, porque então eu acho que, nisso tudo, nesses cinco anos, tem três ou quatro que sabem meu nome de verdade, foram pessoas que me ajudaram muito, não posso reclamar, são uns três ou quatro mesmo. (Flávia, Moema-SP)

As questões citadas por Flávia no depoimento acima representam um grande dilema das mulheres envolvidas na *experiência de namoradinha* uma vez que esta dinâmica de trabalho envolve quase sempre um grau maior de exposição da intimidade da acompanhante, na busca por um atendimento mais íntimo e personalizado (FRANK, 2002). Nesse sentido, ela muitas vezes abre mão de uma série de regras que, em outros espaços de prostituição, são fundamentais para a manutenção de sua segurança pessoal, como não trazer clientes à sua casa ou não revelar seu próprio nome.

Dessa forma, ser namoradinha pode envolver a exposição a alguns riscos no contato com estes clientes que, se estiverem apaixonados e frustrados por terem vivido este sentimento com uma prostituta ou terem sido rejeitados por ela, podem investir contra a segurança pessoal e o segredo que a maioria das acompanhantes mantém. É um risco considerado por muitas como parte do trabalho, como os "ossos do ofício".

Nessa *dinâmica da intimidade* na qual trabalham as namoradinhas, com tanto espaço para conexões mais íntimas com os clientes e o relaxamento das regras do trabalho, também passou a haver mais espaço para a negociação e a realização de fetiches e fantasias sexuais dos clientes, algo mais raro na prostituição popular (FRANÇA, 2011). Essas práticas encontram mais espaços nestes estratos superiores da prostituição, e são vistas com mais

---

121 *"Stalker"* é um termo derivado do jargão da informática, que designa alguém que perscruta a vida de outrem na *web*, fazendo ameaças e chantagens.

naturalidade pelas acompanhantes que, em sua maioria, se interessam pela sua alta lucratividade.

Aos clientes – e, sobretudo, aos *habitués* – a *experiência de namoradinha* pode fornecer as condições ideais para a realização dessas práticas, uma vez que essas acompanhantes realizam o trabalho sexual com mais discrição e sigilo que suas colegas da prostituição popular, além de estabelecerem muitas vezes relações mais longas e com mais confiança. Os locais nos quais acontecem os programas, motéis e hotéis, por exemplo, também podem colaborar para este processo, uma vez que permitem que o programa seja realizado de forma mais personalizada e discreta.

Entretanto, apesar da grande demanda pela realização de fetiches sexuais e de sua alta rentabilidade, muitas namoradinhas consideram que o espaço dos *flats* e dos privês não é adequado para este tipo de atendimento, uma vez que, dependendo do cliente e da prática realizada, isto poderia envolver, por exemplo, uma maior emissão de sons, o que poderia revelar a sua condição de prostituta por exemplo ou, no mínimo, causar embaraço aos outros hóspedes.

Como já comentei anteriormente, as namoradinhas prezam muito pela discrição do seu trabalho e se esforçam para passarem despercebidas nos locais onde atendem seus clientes. Dessa forma, realizando estas fantasias sexuais ou não, há sempre uma intensa preocupação com, por exemplo, os sons emitidos pelo casal durante os programas. Flávia, uma namoradinha que estava situada em um *flat* de uma famosa rede de hotéis em Moema, São Paulo, reflete sobre este tema:

> Tem muito [fetiche], mas acontece que o fato de eu estar em um hotel, eu não consigo realizar. É mais limitado, então, quando eu saio do meu local eu cobro uma taxa, então o cliente já paga mais para mim, e para fazer o que eles querem, eles vão pagar mais o motel, então às vezes não podem pagar todo esse valor, sabe? Mas não é que eu não queira, ou que eu não faça, é porque aqui eu não consigo fazer alguma coisa, né?
> [entrevistador] como é realizar essas fetiches?
> É porque o cliente fica fiel a ti. Tem uma posição que ele te olha, como se tu tivesse dominando ele, ele tem um respeito por ti. Tem cliente que chega a te chamar de tudo que é coisa assim, de dona, como se ele fosse teu escravo, te pede para que tu o chame de escravo, ele é o teu escravo. Tu é minha dona, tu é minha rainha, tu é minha *dominatrix*, então eles têm isso, sabe? Então são clientes que ficam, porque, por exemplo, eu tinha um cliente, ele era juiz, e o fetiche dele era qual? Eu tinha que estar com um salto, eu tinha que botar o salto no pescoço dele, afundar ele banheira enquanto ele se masturbava, e contar até 10 segundos, e ele gozava, e eu tirava ele. Na

> outra semana, eram 15 segundos, 20 segundos e assim ia indo. Esse era o fetiche dele, entendeu? Eu tinha que xingar ele. “Tu ficou 10 segundos mas tu pediu para sair”, sabe? Então, tipo, são coisas loucas que aparecem, e eles têm essa relação assim, são fiéis, eles não estão nem aí se estão saindo com outra pessoa ou se tu não está, eles são fiéis a ti. (Flávia – Moema, SP)

Apesar de todas as dificuldades práticas derivadas da realização dessas fantasias sexuais, muitas namoradinhas são atraídas pela sua altíssima rentabilidade. Como Flávia expõe no depoimento acima, além de serem programas muito caros, os clientes tendem a se tornar *habitués*, uma vez que a oferta destes serviços é relativamente escassa dentro do mercado sexual. Yasmin, por exemplo, durante nossa convivência no trabalho de campo, estava buscando qualificação técnica para se dedicar totalmente ao universo das fantasias sexuais, tornando-se *dominatrix*. Para ela, além do lucro maior que pode ser obtido com a realização destas práticas, a ausência de sexo na maioria destes programas também é um atrativo, reduzindo seu desgaste físico:

> Então eu acabo perdendo muito dinheiro com isso, principalmente com dominação. Muita gente associa essa minha objetividade e tudo o mais com eu dominar e eu nunca aceitei, já perdi boas propostas porque não vou me submeter a fazer uma coisa que eu não sei. Ganhando bem mais, porque fetiches acaba que o valor é completamente diferente, e deixa um pouco essa coisa... Aí o sexo vai acabar ficando um pouco de lado, porque muitos fetiches não são sexuais. (Yasmin, Jardins-SP)

Dentro da mesma *dinâmica da intimidade* e das grandes possibilidades que essas interações mais íntimas e personalizadas proporcionam, outra prática rara na prostituição popular também está largamente disponível no universo das namoradinhas: o *ménage a trois*. Isto acontece pelos mesmos motivos que contribuem para a diversificação das práticas sexuais neste universo: programas mais longos, espaços mais confortáveis e discretos, flexibilização de algumas regras de trabalho, entre outras variáveis. Como poderíamos esperar, os clientes exigem, dentro da lógica da *girlfriend experience*, muita autenticidade das duas mulheres envolvidas, o que deve se traduzir na naturalidade no transcorrer do programa, na interação entre elas e com o cliente, da forma mais natural e sincera possível.

> TD realizado com a dupla Mara e Rose[122]. Ela é bem objetiva pra marcar, e acredito que espera o mesmo das pessoas. Acho q algumas pessoas podem confundir essa atitude com grosseria, mas entendi como a comunicação ia fluir. Flat no [...], burocracia de anotar documento antes de subir. Normal.Quando abrem a porta do apto, Mara e Rose me recepcionam só de lingerie e já me dão beijos e abraços. Começamos bem!
> Batemos um papo pra quebrar o gelo, fui pro banho e ao sair vi que as duas já me esperavam na cama. Me convidaram pra juntar-me a elas. A partir daí foi só alegria.
> [descreve a relação sexual]
> Acho importante mencionar que as duas estavam super limpas, cheirosas e lisas em todas as regiões. Ponto positivo pra higiene!
> Sobre as garotas: a Mara é alta (1,70), corpo estilo gostosona (fiel às fotos), loira, bonita, com algumas tatuagens, tímida e muito carinhosa. Gostei dela ficar abraçada e passando a mão pelo meu corpo enquanto conversávamos. A Lorena tem a mesma altura e é mais magrinha, gostosa e bonita como nas fotos. Ela gosta bastante de falar, mas achei o papo interessante, então não me incomodei. Como dupla, elas se completam muito bem. São bem sincronizadas e me fizeram sentir como se fosse o centro do mundo enquanto estávamos juntos. Achei a transa muito boa e fui embora já com vontade de voltar.
> (Postagem Fórum GPGuia - Acompanhantes SP)

O relato acima, postado por um cliente no Fórum GPGuia como avaliação positiva do atendimento das namoradinhas é, apesar de sua extensão, um resumo bastante fiel às características da *experiência de namoradinha*. Mesmo num contexto sexualmente diferente da maioria dos programas das acompanhantes, ou seja, envolvendo três pessoas, podemos observar a importância, por exemplo, da conversa, do acolhimento das namoradinhas, de seu "envolvimento" no programa e da reciprocidade sexual presente nele. Dessa forma, mesmo se tratando de uma orgia, os clientes esperam de suas namoradinhas uma performance mais íntima e dedicada, como se eles, ao invés de terem flertado e seduzido uma namoradinha, tivessem seduzido duas. No fim de seu testemunho, este cliente faz referência à intimidade criada durante o programa, à conversa que aconteceu, antes e depois do sexo, além do carinho e da atenção com que foi tratado, sentindo-se o "centro do mundo".

Esta expressão utilizada nos leva a observar como este depoimento está eivado de referências ao universo pornográfico, começando pela própria prática do sexo a três, com as moças o esperando na cama, passando por cenas muito típicas deste tipo de filme, como o sexo oral realizado em dupla. Não quero aqui afirmar que esta prática necessariamente serve sempre a reforçar o ego masculino, mas este testemunho nos remete, como discutirei mais adiante, ao

[122] Apesar de não usarem seus nomes verdadeiros, troquei aqui os nomes das namoradinhas para evitar qualquer associação que poderia ser feita com alguns detalhes (também omitidos) informados pelo cliente.

programa organizado como um ato de reforço à virilidade masculina (Bigot, 2009) e uma demonstração das capacidades de sedução daquele homem (Frank 2002).

5.4 Determinando limites de forma sutil

Como a maioria dos programas ocorre de forma muito íntima, muitas *namoradinhas* têm dificuldades em estabelecer limites, tanto entre suas vidas pessoal e profissional quanto em relação ao nível de intimidade que o cliente terá com elas. Assim, demarcar o tempo do programa, por exemplo, é uma tarefa bastante delicada, uma vez que este ato pode "quebrar o clima", evidenciando um caráter mais profissional ou mercantil da relação.

Na medida em que vão adquirindo mais experiência neste universo as namoradinhas vão desenvolvendo técnicas para determinar alguns limites dentro do programa sem, no entanto, deixar transparecer esse esforço. Essas técnicas se parecem muito com as desenvolvidas pelas acompanhantes japonesas estudadas por Parreñas (2010), que precisam, de forma muito sutil, impedir avanços sexuais de seus clientes nos clubes em que trabalham, ao mesmo tempo em que criam neles a ilusão de seu sincero interesse.

Um bom exemplo deste esforço é descrito por Vanessa, uma namoradinha que trabalha na Serra, em Belo Horizonte, que descreve como faz para que o cliente vá embora após a expiração de seu tempo no programa sem, contudo, ofendê-lo ou "quebrar o clima":

> Eu regulo. Eu disfarço, tipo assim estou lá e está dando, primeiro que normalmente nunca é o tempo certo 'Ó, deu, vamos', o cara está conversando, eu termino de ouvir o que ele está falando, 'Ah, vou tomar um banho tá?', 'Beleza', vai tomar um banho, aí na volta eu já coloco minha roupa e ele já se toca. Mas eu tenho minhas outras atividades, eu tenho a minha vida, o cara paga pelo meu tempo, a maneira como ele vai usar o meu tempo é uma escolha dele, então deu a hora, Adeus, entendeu? Por outro lado, se o papo estiver bom, eu não tiver compromisso, não tiver atrasada com nada na minha vida eu fico lá e vou, entendeu? (Vanessa, Serra-BH, abril de 2017)

Este depoimento traz duas informações importantes sobre os programas dentro da *experiência de namoradinha*: primeiramente observamos o esforço de Vanessa para, após o sexo, demonstrar ao cliente que seu tempo acabou, avisando que vai tomar um banho e colocando

suas roupas. Entretanto, em nenhum momento ela anuncia, de forma categórica, o final do programa. Outro aspecto interessante é a afirmação de que, muitas vezes, o programa sequer tem tempo definido, podendo se prolongar dependendo da conexão estabelecida com o cliente e dos compromissos que ela tem, ou não, após o programa. Todas as informantes destacaram essa possibilidade de extensão do programa, dependendo do contexto.

É claro que essa extensão do tempo não será um presente ao cliente. Este programa mais longo que o combinado pode ser lucrativo para as namoradinhas, mas como realizar essa negociação sem "quebrar o clima"? Flávia, namoradinha de Moema, São Paulo, revela uma estratégia interessante:

> Ah sim, facilita [ter máquina de cartão], porque assim, já aconteceu do cliente marcar uma hora, e assim isso é uma coisa que eu não sei como lidar, 'teu tempo encerrou', como tu avisa? Como tu faz? 'Teu tempo acabou', como tu fala isso pro cliente? Sabe? Então tu tem que ter todo um jeitinho pra ir botando a tua roupa, perguntando se ele quer uma água, alguma coisa, levantando, pra ver o que ele fala, mas às vezes, nem isso adianta. E tu fala 'bom, vou dar mais meia hora', então ele fica, às vezes, meia hora a mais, eu tenho que cobrar essa meia hora a mais. Então já aconteceu do cliente reclamar 'não, mas tu não me avisou que deu uma hora', e eu falei 'Olha querido, desculpa, mas já aconteceu deu avisar um cliente e ele achar indelicado', então eu realmente não sei como agir. Se eu falo é indelicado, se eu não falo é indelicado também, ele acha que minha postura foi errada, que daí tem que pagar mais R$200. Só que assim, uma coisa, eu não sei se isso é eu que trabalho muito com horário, com muito tempo, tu percebe, tu sabe a hora que tu chegou, tu sabe, tu tem uma noção de tempo, sabe? Seja 30 minutos, 40 minutos, entendeu? Mas também tem muito cliente que nem fica 1 hora. Esse mesmo que veio agora, que eu disse que ia atender, ele chegou 7h40 e saiu 8h05, 8h10, e normal, pagou o preço de uma hora, e não reclamou, ele mesmo levantou, então tem clientes assim que estão acostumados a sair. Mas tem outros que tu tem que ter jogo de cintura, e isso é uma coisa que eu ainda tô levando. Às vezes eu recebo um esporro, às vezes 'Ok', às vezes não, e nesse ponto, eu acho que a máquina de cartão faz a diferença, porque [se] ele [falar] 'Não, eu vim com o dinheiro de uma hora', 'Tá, então passa no cartão o restante', sabe? (Flávia, Moema-SP, maio de 2017)

Este relato é revelador ao demonstrar como clientes e namoradinhas consideram "indelicado" discutir preços e tempo de duração do programa, assim como consideram complicado determinar peremptoriamente o final de um programa. Dessa forma, a máquina de cartões de crédito ou débito pode facilitar a questão, ao proporcionar uma saída para os clientes que ficaram mais que o tempo combinado e trouxeram apenas a quantia exata de dinheiro. Como é de se esperar, esta uma das principais fontes de conflito entre namoradinhas e clientes. Aliás, é interessante observar que a maioria dos conflitos ocorridos durante essas interações derivam

da falta de negociação explícita sobre tempo e as práticas a serem realizadas. Por outro lado, se essa negociação for explícita demais, a *experiência de namoradinha* perde um pouco de seu encanto.

Como já discuti anteriormente, minha informante-chave entre as namoradinhas, Yasmin, é uma exceção dentro deste universo, uma vez que possui uma visão muito profissional de sua atividade. Apesar desta atitude ajudá-la a organizar melhor sua rotina de trabalho, determinando horários, práticas e valores de forma mais profissional e rígida, ela admite que este seu "profissionalismo" excessivo contribui para afastar muitos clientes, que consideram este comportamento como inadequado dentro do que esperam da *experiência de namoradinha*.

> Eu sou toda cheia de regrinhas, tem muito homem que não vem, talvez até por isso eu mantenho sempre os mesmos [habitues], até porque , pelo meu perfil muitos nem chegam.... Porque você vai encontrar menina que vai atender "oi amor...." e vai me ligar e eu [vou atender] "oi". É diferente, então já vai afastar um pouco mais. Se todo mundo agisse assim, igual meu horário fixo, melhorou muito pra mim e para os caras, porque eles já sabem que, 1h30 da tarde, por exemplo ele pode ligar pra ver se eu posso às 14h, "vou ver se ela tá livre", é muito mais fácil do que ter que marcar com duas horas de antecedência, aí acontece N coisas nessas duas horas, aí o cara cancela... Então se a menina trabalha dessa forma... Gente, a gente é uma empresa! Vamos deixar que o pessoal se adeque. (Yasmin, Jardins-SP)

Apesar das dificuldades que a maioria das namoradinhas possui para organizar com clareza os limites de suas vidas pessoal e profissional dentro de interações, em geral, muito íntimas e mistificadas com os clientes, pude observar alguns hábitos e técnicas utilizados por elas para demarcar melhor essas esferas. Os hábitos mais comuns são: a utilização de dois celulares, o bloqueio virtual de homens que importunam, a organização de um horário de trabalho e a rejeição a dormir com os clientes. Outras duas questões não são unanimidade, e despertaram acaloradas discussões sobre os limites da intimidade oferecida: os convites para viagens e a dispensa, com alguns clientes, do uso do preservativo nas relações sexuais.

Todas as minhas informantes possuíam dois celulares. Esta é uma forma muito eficaz de separar sua vida pessoal de seu trabalho, uma vez que, em seu celular "para o trabalho" elas não forneciam informações que fossem comprometedoras, como a foto de seu rosto, por exemplo. Outra questão importante é que hoje a maioria dos celulares fazem cruzamentos de

dados dos contatos que possuímos. Dessa forma, se temos o número de alguém em nossa lista de contatos, muito provavelmente esta pessoa aparecerá como "sugestão" para inclusão em outras redes sociais, como o *Facebook* ou o *Instagram*. Nas raras vezes em que usaram apenas um número para trabalho e para a vida pessoal, minhas informantes tiveram grandes problemas por causa dessa função dos telefones, uma vez que os clientes, ao possuírem seus números em suas agendas telefônicas também ganhavam acesso automático às suas redes sociais.

Outra grande vantagem de possuir dos aparelhos de telefone é que, sempre que desejam descansar, o celular para o trabalho pode ser desligado, cortando assim qualquer contato com os clientes, uma vez que essa é a única forma que eles possuem para falar com a namoradinha. Entretanto, deixar o celular desligado por muito tempo pode trazer prejuízos, uma vez que os clientes, sobretudo os *habitués*, esperam um contato contínuo e respostas rápidas às suas demandas por atenção:

> Eu cheguei de viagem no aeroporto de Congonhas 8 horas da manhã e eu liguei meu telefone que estava desligado o final de semana inteiro, então eu liguei o telefone e tinha 256 conversas, aí que eu vi a tua mensagem, que eu acho que te respondi nesse horário, e que eu fui respondendo, e tinha clientes bravos, porque não conseguiram falar e tinham clientes assim, que já são meus clientes, que já vieram outras vezes também, então, acho que como eu não trabalhei final de semana, hoje meio que veio bastante assim. (Michele, Moema-SP)

Com o surgimento de aparelhos celulares mais modernos, há também a opção de utilizar apenas um telefone celular e dois *chips*, com números diferentes. Entretanto todas as entrevistadas afirmaram preferir a separação *física* entre os celulares (apesar das dificuldades advindas de portar dois aparelhos ocasionalmente) para que esses limites fiquem mais claros. Por exemplo, quando saem com um cliente, elas carregam consigo apenas seu celular de trabalho, para evitar que qualquer informação sobre si caia nas mãos de algum homem mais curioso.

Entretanto, é comum que muitas namoradinhas forneçam seus números de celular pessoal para alguns *habitués*, dando a estes uma sensação de grande exclusividade. Alguns desses clientes, depois de algum tempo de relação passam a exigir o acesso ao celular pessoal de sua namoradinha, para poderem ter um contato mais frequente, sobretudo quando ela passa

períodos com o outro telefone desligado. Esta prática de desligar o telefone celular e ficar um tempo incomunicável é tão comum que várias namoradinhas me ofereceram seus números pessoais para organizarmos as entrevistas, uma vez que consideravam grande a chance de ficarem "*offline"* durante alguns dias ou horários específicos, sobretudo nas madrugadas e no domingo.

Esses períodos que elas passam "*offline"* tem relação com o estabelecimento de horários de trabalho que, dependendo do caso, podem ser bem rígidos. Quase todas as minhas informantes possuíam períodos em que ficavam indisponíveis aos clientes e que dedicavam a outras atividades, como o cuidado com filhos ou os estudos. Entretanto, muitas exceções eram abertas, sobretudo para alguns *habitués* mais insistentes e generosos.

Uma das regras mais comuns sobre o estabelecimento de um horário de trabalho para as namoradinhas era a rejeição ao atendimento após as 22h. Muitas haviam tido experiências ruins com clientes bêbados ou drogados que as procuraram de madrugada e, desde então, recusam-se a atender nesse horário, desligando seus telefones. O horário de maior atividade para as acompanhantes é, definitivamente, o período que se estende do fim da manhã até o final do horário comercial, e todas as minhas informantes trabalhavam nesse intervalo entre, aproximadamente, 10h e 18h. Obviamente este horário se relaciona com a necessidade da maioria dos clientes de possuir um bom *álibi* – no caso o trabalho – para este tipo de encontro extraconjugal, no caso dos clientes que são casados.

> [Meu horário é] definido sim, de segunda à sexta eu foco das 10 às 22, é prioridade. É, na verdade, esse foi um dos motivos que eu só atendo até as 22 h. Às 22h eu tenho que estar saindo do trabalho, ou seja, se o cliente não fechou no trabalho de 8h às 14h ou até às 22h, ou das 21h às 22h, às 22h eu não vou atender. Porque depois desse horário, eu acho que são clientes que já beberam, são clientes que podem ter cheirado [cocaína], tu não sabe. Então para me resguardar, eu escolhi um horário entre as 10h horas, que já pega o horário do almoço, é um horário comercial, que atende homens casados, que é mais o que eu quero mesmo. E eu não sirvo bebida alcóolica também e já mandei embora gente que eu vi que estava drogada, falei 'Olha, tu me desculpa, não vou te cobrar nada, mas eu preciso que tu vá embora, se retirar porquê...' tenho muito cuidado. (Mariana, Savassi-BH)

Outra estratégia de definição de limites que possui relação com o uso inteligente dos aparelhos celulares é a possibilidade de *bloquear*[123] alguns homens, clientes fixos, de ocasião ou potenciais que, por diversos motivos, importunam as namoradinhas. As principais razões para ser bloqueado no *Whatsapp* por uma namoradinha são: ser insistente demais, demandar informações excessivas sobre o conteúdo do programa, pedir fotos de rosto pelas mensagens, pechinchar ou, finalmente, confundir os limites e o escopo da relação, como é comum acontecer com aqueles que se apaixonam.

Muitos dos que são "bloqueados" pelas namoradinhas são chamados por elas de "chatos", porque são insistentes, curiosos demais ou *pechinchadores*, o que, como já discutimos, é considerado como uma grave "deselegância". Outros, chamados de "punheteiros", são bloqueados porque pedem material pornográfico, como fotos e vídeos eróticos, que elas raramente enviam (a não ser para alguns *habitués*). Estes homens são rapidamente "bloqueados" e "deletados" dos telefones porque demoram muito para concluir a negociação sobre o programa, ou sequer a concluem e, dessa forma, tumultuam as interações que são muito numerosas nesses aplicativos.

> Apesar de gostar muito de conversar, eu gosto de conversar pessoalmente, agora o *WhatsApp* pra mim... Aí quando o cara já vem com muito papo assim, eu já vejo as vezes que o cara não quer marcar, então, hoje, eu já consigo reconhecer. Mas tem muito cara que enrola sim. Tem cara que, como eu não apago muito meu histórico de conversa, só quando eu preciso mesmo apagar, aí eu excluo o aplicativo todo e baixo de novo, porque é muita conversa para apagar, aí tem cara que, às vezes, por curiosidade estou vendo o papo dele e eu lembro vagamente que eu já falei com ele que eu olho, tem conversa de 5, 6 dias, que o cara chama, chama, pergunta as mesmas coisas, sobre valor, local e não agenda. Aí quando eu já vejo que tem umas 5, 6 vezes, aí eu já bloqueio, porque eu sei que se já perguntou 5, 6 vezes, não veio, não vai vir, né? (Natalia, Serra-BH)

Outro grupo também numeroso de clientes que são sumariamente excluídos do contato com as namoradinhas são aqueles que levam a *experiência de namoradinha* longe demais, apaixonando-se e fazendo inúmeras propostas de namoro ou de casamento. Curiosamente, o aparecimento dessas propostas é considerada por essas acompanhantes como sinal de sucesso de suas estratégias de sedução. Entretanto, nesses casos elas precisam fazer um trabalho sutil

[123] Quase todos os principais aplicativos de troca de mensagens por celular, como o *Whatsapp*, o *Telegram*, ou o *Messenger*, ligado à conta do *Facebook*, possuem funções de bloqueio de contatos, impedindo totalmente as possibilidades de contato com a pessoa em questão.

de demarcação de limites (PARREÑAS, 2011) ao mesmo tempo em que sustentam as ilusões amorosas destes homens.

Blanchette e Silva (2005) discutem essa estratégia entre as prostitutas da boate *Help*, em Copacabana, no Rio de Janeiro, destacando que, para muitas, o objetivo final das interações com seus clientes pode ser, inclusive, o estabelecimento de uma relação afetiva real, como namoro ou casamento para, dessa forma, deixarem o país. Como elas afirmaram aos pesquisadores, *"ganha-se muito mais como namorada* [no sentido literal] *do que como puta"* (BLANCHETTE E SILVA, 2005, p.278).

> Não, eu tenho doze clientes [fixos]. É doze, porque um agora parou, se apaixonou muito, queria sair de casa, largar a mulher, eu disse 'filho, fica onde tu tá', e bloqueei ele aí então diminuiu agora, mas estou procurando um outro pra substituir. (Júlia, Savassi-BH)

Como discutimos no início desta tese, o desenvolvimento de relacionamentos *reais* com clientes (que, doravante, serão ex-clientes) pode ser o objetivo de muitas prostitutas em contextos diversos de *girlfriend experience* (CARRIER-MOISAN, 2015; ROUX, 2011). No caso das namoradinhas de Belo Horizonte ou de São Paulo esta realidade não é diferente, e todas as minhas informantes afirmaram ter vivido relacionamentos com ex-clientes. Elas afirmaram que parte substancial desses relacionamentos acontece apenas por interesse econômico, sobretudo com homens bem mais velhos e ricos. Entretanto muitas admitem também terem, em alguns momentos, se apaixonado e experimentado relações mais sinceras que, para elas, causaram certo sofrimento afetivo ao serem rompidas. Mais adiante discutirei os dilemas e conflitos surgidos nesses relacionamentos.

Outra decisão importante, relacionada à separação mais clara de suas vidas pessoal e profissional, tomada por muitas namoradinhas é a recusa a fazer *pernoites*, ou seja, a dormir com os clientes. Esta é uma estratégia quase unânime em outros espaços de prostituição, como nas *zonas boêmias* das grandes cidades (FRANÇA, 2011; TEDESCO, 2008). Entretanto, como poderíamos esperar nesse universo da *experiência de namoradinha*, para muitas acompanhantes dormir com o cliente é uma prática que pode estar disponível e é bastante rentável, apesar de haver muitas reservas a serem consideradas.

Entre minhas informantes, a maioria evitava ao máximo dormir com os clientes, salvo raras exceções, sobretudo com *habitués* mais antigos, afetuosos e generosos. É fácil entender a natureza desta recusa: passar a noite com o cliente é uma prática que levanta sérias questões relacionadas à segurança da acompanhante. Será que ele dormirá também enquanto eu durmo? Será que ele é violento?

Além disso, dormir com os clientes coloca também questões relacionadas ao desgaste físico, psicológico e afetivo deste trabalho: Será que ele vai querer fazer sexo durante muito tempo? Se eles dormissem a maior parte do tempo esta prática seria mais aceita, sem dúvida, uma vez que é rentável: Uma *pernoite*, para a maioria das minhas informantes, não custa menos de R$800. Entretanto, muitos clientes desejam fazer sexo durante muitas horas, ou querem conversar e expor seus problemas às acompanhantes com mais calma. Todas essas práticas podem causar, compreensivelmente, exaustão física e mental nas namoradinhas.

Apesar deste desgaste e do possível cansaço com que saem dessas interações, o problema principal da *pernoite* para as namoradinhas é a "troca excessiva de energia", para citar uma expressão comum entre elas, ou seja, o contato prolongado com a intimidade do outro. Todas as acompanhantes que tive contato afirmaram que o risco dos clientes "confundirem as coisas" nessas relações é grande, sobretudo quando eles são "afetivamente indigentes" (SACRAMENTO, 2006), ou seja, quando não possuem outra fonte de afeto além das namoradinhas. É o caso, por exemplo, de muitos "coroas" (homens acima dos quarenta ou cinquenta anos), viúvos, divorciados ou excessivamente tímidos.

Entretanto, não apenas para os clientes a *pernoite* pode representar confusões entre as esferas pessoal e profissional da vida. Muitas namoradinhas afirmaram que, ao passar a noite com clientes que consideravam mais "interessantes" (mais jovens, bonitos ou com performance sexual satisfatória), se colocaram numa "zona cinzenta" em relação a seus sentimentos, correndo o risco de também se apaixonarem. Além disso, algumas se incomodam com as *pernoites* porque as veem como uma "invasão" de sua intimidade e de seu horário de descanso:

> Não, não durmo não, nem a pau. Porque isso tem a ver com a minha vida pessoal, eu não durmo com ninguém. Não gosto de dormir, é um espaço meu. É porque eu sou... Não gosto. E também eu jamais vou deixar minha filha em casa para poder trabalhar. Jamais. (Thaís, Centro-BH)

Aquelas namoradinhas que atendem clientes em seus *flats* e *privês* possuem, como é de se esperar, mais dificuldades na demarcação de limites pessoais no trato com estes homens. Receber tantos clientes em suas residências, deixá-los utilizar o banheiro e acolhê-los em suas camas, onde elas depois dormem, descansam ou assistem filmes, pode ser penoso para a maioria das acompanhantes.

Como discuti anteriormente, a maioria das namoradinhas que utilizam hotéis e motéis para atender seus clientes o fazem pela falta de condições financeiras para organizarem seus próprios espaços de atendimento, como os *flats* ou *privês*, afinal, atender nesses locais é lucrativo e também gera muito *status* entre as acompanhantes e clientes. Entretanto, muitas se recusam a ocupar esses espaços porque consideram que aí é mais difícil separar suas vidas íntimas de seu trabalho. Luísa, que utiliza alguns hotéis nas imediações da estação de metrô Vergueiro, em São Paulo, para atender seus clientes, possui uma visão bem crítica dos *flats*:

> E fica cheiro do cara, e é pentelho, não dá. A energia da pessoa ali. Para mim, é o ambiente de dormir. Tem as '*bambambam*' [namoradinhas com mais status] que ainda têm a capacidade de alugar um flat para atender e mora em outro lugar, mas sei lá. Tem menina que faz isso. Mas aí ela geralmente atende em dupla no flat, mas isso sempre dá 'B.O.' [problemas com os clientes]. Os caras reclamam. Os caras no flat sempre reclamam, porque a toalha não está lacrada, porque o sabonete não é líquido. (Luísa, Liberdade-SP)

Outra temática que divide as namoradinhas quando refletem sobre a demarcação de limites com os clientes são os frequentes convites que recebem para viajar com eles. Apesar de extremamente lucrativas, do ponto de vista financeiro e também no estabelecimento de novos contatos sociais, essas interações trazem algumas dificuldades no trato com os clientes e a maioria das acompanhantes considera que sua intimidade fica "exposta demais".

Flávia, namoradinha de Moema, São Paulo, considera as viagens muito lucrativas, uma vez que, além de ter todas as despesas pagas pelo cliente, cobra dois mil reais pela "diária" durante esses passeios. Ela possui clientes *habitués* extremamente ricos e bastante generosos, por isso considera melhor cultivar relações mais íntimas com um grupo menor e mais seleto de clientes fixos do que ter que se relacionar sexualmente com um número maior de homens.

Entretanto, ela reconhece que trabalha no limite máximo da *experiência de namoradinha*, e a maioria das suas relações com estes *habitués* são bastante confusas.

Acompanhantes como Flávia, de alto *status* dentro desse universo, estabelecem relações com alguns homens que podem ultrapassar muito a *autenticidade demarcada* de Bernstein (2007) e fazem com que o conceito de *experiência de namoradinha* não dê conta de explicar suas interações com esses clientes. Dessa forma, elas estabelecem, *grosso modo*, relações de concubinagem (KEMPADOO, 2004) com eles, ou seja, relações afetivas reais eivadas de interesses financeiros, nas quais quase todos os limites profissionais e íntimos ficam completamente borrados.

A desvantagem dessas relações é que estes homens costumam exigir exclusividade total de suas acompanhantes, fazendo com que elas quebrem muitos vínculos que possuíam com outros clientes fixos, uma vez que, por exemplo, estes *habitués* não aceitam que elas portem, nas viagens, seus telefones celulares "profissionais". Entretanto, apesar dessas desvantagens, os ganhos financeiros destes acordos são muito atraentes.

> Por exemplo, quinta feira tem um cliente meu que já marcou comigo. Ele falou comigo hoje, ele é casado, e ele mora em Alphaville [SP], ele vai chegar de viagem, vou encontrar ele no Heliponto e a gente vai almoçar de helicóptero no Rio de Janeiro. Então tem. Eu estava saindo com uma pessoa, que ele é casado, e a gente ficou sete meses juntos, e ele estava cobrindo todas as minhas contas, e me pagava um valor mais alto, por encontro eu recebia R$2.000, tirando que ele pagava o meu aluguel, IPVA do meu carro, ele resolvia o que eu precisasse, o que eu pedia pra ele, ele me dava, sabe? Então é o que eu te disse, é um perfil de clientes diferentes. Então por isso que tu nunca sabe. Já chegou cliente meu aqui de Havaianas, tu não dá nada pra ele, e ele é dono da terceira maior empresa de plásticos que tem no Brasil, sabe? Nem mora em São Paulo, mora fora, sabe? E eu sempre viajo com ele. Porque se a menina ficar só cobrando R$400, R$500 sempre, não dá, entendeu? Não tem como. Por isso que eu faço pernoite, que tu cobra R$1.500, a diária para viajar é R$2.000, então quando eu encontro um cliente assim, tipo esse meu que a gente viaja, eu dizia para ele que não estava mais atendendo. Aí você tem que fazer um outro jogo, mas acho que vale mais a pena, eu prefiro, do que todo dia ter que atender dez clientes por dia. Compensa mais. (Flávia, Moema-SP)

Uma vantagem dessas viagens é que, na maioria das vezes, elas não envolvem grandes demandas por sexo mas, sobretudo, por companhia. Isto deriva do fato de que a maioria destes clientes mais ricos e mais velhos que fazem convites para estes passeios estão mais interessados na "exibição" de sua acompanhante para seus colegas, numa mostra de

"juventude" ou virilidade ou apenas querem uma companhia agradável e "refinada" para aproveitarem suas férias, por exemplo.

> Já viajei. Foi bacana. Foi recente até. Foi em outubro do ano passado, eu fui para Recife, e de Recife eu fui de carro para o Rio Grande do Norte, Natal. Foi bem legal, foi genial, o cara não fazia questão de ficar transando, 'dava uma' no dia e já era, viajei pra caramba, comi camarão... Ele é um pouco mais velho, mas é maior gente boa, companhia boa, uma pessoa que anda do meu lado e você vai falar assim 'é namorada, não é uma garota de programa do lado do cara'. (Yasmin, Jardins-SP)

Entretanto, como discutimos, as viagens podem levantar questões complexas sobre a exposição da intimidade da acompanhante, assim como sua segurança. Além disso, é necessária muita confiança no cliente que faz o convite, além de ser desejável que o conheça mais intimamente uma vez que seria muito penoso ter que conviver durante muitos dias com alguém que seja, por exemplo, pouco higiênico, ou "tagarela".

> Eu faço viagem pequena só, porque eu sou muito receosa, não gosto de ir pra muito longe ou pra lugar que eu não conheça com cliente, por mais que seja um cliente fixo, mas eu tenho um que ele gosta muito de ir às vezes para uma pousada, alguma coisa, mas sempre perto assim. E ele também, ele é legal, porque se o cara não for muito legal, não tiver muita química e você viajar com ele fica complicado... Passa muito tempo junto, é obrigado a conviver... Mas também é difícil eu confiar em alguém, assim, pra isso. (Isabela, Centro-BH)

A temática das viagens é complexa para as namoradinhas uma vez que essas interações são um exemplo do *trabalho emocional* (BERNSTEIN, 2007) levado ao seu limite, uma vez que numa viagem a intimidade é intensa e a relação pode durar muitos dias, podendo gerar conflitos através desta longa convivência forçada. Dessa forma, na grande maioria das viagens não é possível *demarcar autenticidade*, como sugere Bernstein (2007), fazendo com que o esforço para demonstrar naturalidade e reciprocidade na relação seja mais intenso por parte da namoradinha. A não ser que ela tenha sentimentos *reais* por aquele cliente, o que tornaria o trabalho de *acompanhá-lo* mais fácil, obviamente.

Por outro lado, toda a "implosão" dos limites profissionais e pessoais das namoradinhas durante essas viagens pode ser muito vantajosa não só, como dissemos, do ponto de vista

financeiro, uma vez que pode-se ganhar muito bem por esse serviço; mas também do ponto de vista da mistificação (CHAPKIS, 1997) essas interações podem ser interessantes, uma vez que durante as viagens as relações entre cliente e namoradinha são vistas, por ambos e pelo entorno social, como relacionamentos legítimos, desde que sejam cumpridos alguns requisitos mínimos: primeiro, que a namoradinha seja "refinada" o suficiente para acompanhar seu cliente em jantares e reuniões profissionais. Segundo, que não haja uma grande diferença de idade entre a acompanhante e seu cliente, o que poderia gerar dúvidas e insinuações do círculo social deste último.

O filme "*Um Alguém Apaixonado*" (2012), do diretor Abbas Kiarostami, deixa claro este último dilema: um professor universitário, já muito idoso, contrata uma jovem namoradinha para jantar e lhe fazer companhia. A relação entre os dois não envolve sexo e, no dia seguinte, este senhor dar uma carona para jovem até a faculdade. Entretanto, a imensa diferença de idade entre os dois desperta, durante todo o filme, a desconfiança de várias pessoas com as quais o casal se encontra, inclusive do namorado desta jovem que, apesar de inicialmente imaginar se tratar de uma relação entre neta e avô, depois descobre o verdadeiro arranjo entre os dois.

Outro tema muito delicado relacionado aos limites de intimidade organizados pelas namoradinhas diz respeito ao uso ou não do preservativo, sobretudo com clientes *habitués*. Obviamente, para a enorme maioria dos clientes, o sexo é oferecido apenas com o preservativo, e tentativas de realizá-lo sem proteção são negadas peremptoriamente. Entretanto, para um grupo menor e mais seleto, esta alternativa está em negociação, uma vez que estes *habitués* procuram obter, como contrapartida de sua generosidade material, uma intimidade e exclusividade muito maior do que a que é oferecida aos outros clientes.

> Claro que transa [sem camisinha], algumas sim, claro. Com alguns clientes sim. Esse daí que me dava o vinho e chocolate, eu transava com ele sem camisinha. Ele ficava doido. Por isso que ele fala: você faz 'isso com todo mundo?' não.
>
> [Entrevistador] Isso é uma outra tarifa?
>
> Não. Tipo assim, os agrados 'por fora', compensam. Sim, eu saía só com ele mesmo. Com outros não. Que mentira! [as namoradinhas que negam fazer sexo sem preservativo] estão mentindo, que mentira, tudo mentirosa. As meninas mentem. Se engradecem, engrandecem muito mesmo, mentira, hoje em dia não tá dando para usar camisinha, é mentira. *A não ser que ela viva só disso, o dia inteiro.*
>
> (Yasmin, Jardins-SP)

Como Yasmin deixa claro em seu depoimento, não há um "preço" a ser cobrado pela relação sexual sem preservativo. Esta prática pode ser uma forma de retribuição a raros clientes muito íntimos e generosos. Kempadoo (2004), em sua investigação sobre a prostituição no Caribe, afirma que, com este grupo mais seleto de *habitués* tudo pode estar disponível à negociação, ao contrário do conjunto maior de clientes comuns, com os quais são estabelecidos limites mais rígidos sobre a intimidade da namoradinha.

Dessa forma, há programas em que o preservativo pode ser dispensado porque a relação de intimidade e confiança com determinado *habitué* é muito avançada. Claro que este homem tem consciência de que este acesso a uma prática tão rara terá um – alto – preço a ser pago. Entretanto, em nenhum momento isto é negociado de forma explícita. Além destes *habitués* nos quais repousa grande confiança e expectativa a respeito de sua generosidade, que se traduzirá em presentes e outros "agrados" mais frequentes (como o pagamento de aluguéis ou, como Flávia afirmou anteriormente, no pagamento do IPVA de seu carro, por exemplo), há também aqueles clientes que suscitaram sentimentos reais das namoradinhas e que, muitas vezes, se tornarão seus namorados.

Yasmin, no longo depoimento apresentado a seguir, faz uma reflexão bastante completa sobre as questões mais delicadas enfrentadas pelas namoradinhas em relação a este tema, como o papel que o afeto nutrido por determinado cliente pode ter nessa decisão, assim como o surgimento de relacionamentos e seu consequente abandono do preservativo, entre outros temas. Além disso, ela comenta sobre o forte incômodo causado por uma lista apócrifa que circulou entre grupos de *Whatsapp* de clientes e prostitutas "denunciando" algumas mulheres que supostamente não usariam preservativo em seu trabalho:

> Já, já fiz [sexo sem preservativo], e eu acredito que nenhuma garota não tenha feito. Porque? Porque o que você vê são várias garotas que se envolvem com o cliente. Depois casa, depois namora, tem filho e tudo o mais. Você acha que isso começou depois? E mesmo assim, eu vejo assim, o cliente passando a ser marido, namorado, de qualquer forma um dia ele foi cliente, pra mim ele até continua sendo cliente, só que agora de uma outra forma. Você acha que isso começou com camisinha? Não. Estamos com camisinha, camisinha, camisinha, 'Ah, vamos namorar?', 'Vamos', "Então agora pode sem", isso é totalmente hipócrita e isso nunca elas vão admitir, nunca. Nunca que vai ter uma garota que não fez. Porque? Porque sexo é sexo. Sexo é tesão, é loucura, é você estar ali totalmente disposto, então acontece de você... Acontece, já aconteceu comigo algumas vezes.
> [entrevistador] Por que isso acontece?

> Não, pelo tesão mesmo, pelo tesão. E quando o cliente me pergunta, eu falo a mesma coisa 'ah, mas você já fez sexo com alguém sem?', 'Já, com certeza'. A menina que diz que não está mentindo. Da mesma forma ele, muitos pedem. 'Ah não, realmente, eu acho que não tem porque fazer, não-sei-o-que', pedem, muitos pedem.
> E tem uns que pedem antes, pedem no contato mesmo. Pedem pelo whatsapp, pelo telefone, a menina nunca que vai aceitar, porque tem que manter ali. Teve um grande bafafá que foi feito uma lista no whatsapp, alguém com raiva de alguém, fez uma lista de garotas que transam sem camisinha. Tinha 91 meninas ou 51 meninas, alguma coisa assim. 61 meninas nessa lista. Eu fiquei super curiosa para saber se meu nome estava na lista. E aí essa lista circulou em velocidade da luz, circulou bastante, as meninas ficaram indignadas, as ditas cujas da lista, 'Não, que isso é um absurdo, que não-sei-o-que'. Essa lista, mesmo que tenha... Porque aí depois eles fizeram todo um "auê" para descobrir como que foi feita essa lista, baseado em que, e não-sei-o-que, mas boa parte das meninas que eu vi ali, eles colocaram as 10 primeiras, são namoradinhas. A namoradinha é a que vai ser mais fácil de transar sem camisinha, então eu acredito sim, que boa parte daquela lista ali, se não a lista toda, era real. Porque não adianta, todas fazem, não tem como. (Yasmin, Jardins-SP)

Não tive acesso a esta lista de namoradinhas que supostamente fariam sexo sem preservativo citada por Yasmin, mas este episódio foi citado por várias informantes, sempre num tom de grande indignação. Apesar das dúvidas levantadas a respeito de sua veracidade, o efeito da divulgação desta lista foi ter trazido à tona uma questão que, apesar de ser razoavelmente frequente no universo das namoradinhas, representa um tabu para elas, uma vez que expõe uma séria fragilidade presente nesta dinâmica de trabalho.

Como já comentamos, nas regiões de prostituição popular o uso do preservativo é uma unanimidade e é raríssimo encontrar prostitutas que façam sexo sem proteção, inclusive com seus *habitués*. Este tema é interessante porque vai na contramão do senso comum, que sempre imaginou as regiões mais pobres do mercado sexual como "focos de doenças", "grupos de risco", entre outras definições (FRANÇA, 2011). Esta é, inclusive, uma visão muito antiga, que marca a própria história da prostituição, uma vez que, nos séculos XIX e XX grande parte da ação estatal se concentrou no controle "sanitário" das prostitutas (RAGO, 1985). Hoje em dia, ao contrário do que se pode pensar no senso comum, as namoradinhas se colocam – do ponto de vista da exposição às DST's – mais em risco do que suas colegas dos espaços mais pobres de prostituição.

Parte importante dessa exposição aos riscos do sexo sem proteção pelas namoradinhas advém, além da própria dinâmica mais íntima e personalizada dos programas, da dificuldade de muitos clientes, sobretudo com idades mais avançadas, de manterem relações sexuais com

preservativos. Muitas vezes são abertas exceções a estes homens, sobretudo àqueles que já ganharam a confiança das namoradinhas e seus *habitués.*

> E aí você pensa, a maioria desses clientes [habitués] são mais velhos, então você acha que não rola um sem camisinha, rola bastante, porque não? Como não? Com certeza. E muitos deles também brocham com camisinha. Daí digamos que, por exemplo, a menina tem o cara ali e quer sair toda semana, mas toda semana ela sabe que vai ser aquele 'auê' na hora de colocar camisinha, gasta umas 10 camisinhas enfiando e brocha, enfiando e brocha, uma hora ela pode pensar assim 'Não, vou tentar rapidinho aqui sem, só para subir'. Aí já foi. Ou então muitas não chegam a penetrar sem camisinha, mas dá uma 'roçada' ali, a 'roçada' também já passa alguma coisa. Então por isso que eu acho muita hipocrisia essa questão do 'Me previno 100%'. (Júlia, Savassi-BH)

Apesar das polêmicas e tabus relacionados à questão da presença do preservativo nas relações sexuais entre clientes e namoradinhas, parece que, em relação às práticas preliminares da relação sexual, esta proteção já foi definitivamente aposentada. O sexo oral, por exemplo, é sempre praticado sem o uso do preservativo nos contextos da *experiência da namoradinha*.

Todas as minhas informantes neste espaço de prostituição afirmaram não usar preservativo na prática do sexo oral, por causa de uma série de fatores: primeiramente, consideravam a colocação do preservativo antes do sexo oral como algo que "quebra o clima", retirando um pouco da fluidez desejável neste tipo de programa. Em segundo lugar, disseram que todos os clientes exigiam que esta prática fosse realizada sem proteção, uma vez que já havia se tornado *praxe* entre as namoradinhas, forçando todo este conjunto de mulheres a adotar este hábito, sob pena de serem mal avaliadas no Fórum GPGuia. Por fim, consideravam que o preservativo reduzia também o seu próprio prazer na realização do sexo oral, preferindo fazê-lo sem proteção.

> Eu não gosto [do sexo oral] com camisinha. Eu não gosto. Eu, todas as vezes... Sim. Quando o cliente pede para colocar, eu não gosto. Porque é uma coisa que eu gosto de fazer mesmo. E nunca peguei nada assim, nem herpes, nada. Então eu acho que é bem mais difícil pegar qualquer coisa por oral do que roçando, por exemplo, é muito mais fácil pegar alguma coisa. Mas em relação a doenças mesmo, eu acho que a única coisa que sempre aparece é fungo mesmo, "funguinho" ali, uma "empolada", isso é normal, e só. (Natália, Serra-BH).

Dessa forma, em comparação com outros espaços de prostituição, sobretudo os mais populares, as namoradinhas encontram-se, do ponto de vista sexual, numa situação muito mais íntima e, ao mesmo tempo, delicada uma vez que o trabalho dentro da *experiência de namoradinha* exige delas uma performance sexual muito mais dedicada e personalizada aos desejos do cliente, borrando muitos limites de sua intimidade e segurança pessoal. Esta intimidade pode compreender não apenas uma interação mais sincera e ativa na relação sexual, mas também pode representar um risco, ao compreender muitas vezes o estabelecimento de relações sexuais sem o uso de preservativo.

6 – Os clientes e a importância da internet

6.1 Os clientes da prostituição popular

Os homens que frequentam os espaços de prostituição popular estão ali por diversos motivos embora, a partir das informações que pude coletar no *Fórum GPGuia*, o principal seja econômico. São clientes que, na sua maioria, possuem profissões pouco qualificadas, e têm muito pouco dinheiro para gastar no mercado do sexo. Em minhas incursões na região da Rua dos Guaicurus era comum ver, por exemplo, muitos homens com uniformes da construção civil, ou do comércio popular. Em Santo Amaro, eram comuns os *motoboys*¸ enquanto na Luz, os aposentados.

Além dos homens pertencentes a grupo mais pobre, que provavelmente não possui acesso à internet para participar dos fóruns de clientes, há um grupo que se identifica mais com as classes médias e que está muito presente em espaços virtuais como o Fórum GPGuia. Neste fórum eles tecem comentários sobre a aparência e a abordagem das mulheres além de, sobretudo, comentarem seu desempenho sexual. Muitas vezes debatem as condições de exercício do trabalho sexual nas zonas boêmias: quais zonas/privês/boates são melhores ou piores, mais caras ou mais baratas, etc.

Esse grupo de clientes que se faz presente na *web* possui uma visão bastante interessante sobre a prostituição popular. Primeiramente, veem o trabalho sexual aí como "pior" que outros lugares, uma vez que muitos transitam por espaços diferentes de prostituição, tendo acesso a lugares mais "refinados" com serviços sexuais mais qualificados e caros, como a *experiência de namoradinha*.

Em segundo lugar, consideram a abordagem ríspida e os programas rápidos e impessoais como padrão deste mercado sexual, especificamente, e costumam comparar os programas realizados aí com os de outros lugares, sobretudo ocupados por namoradinhas, como boates de luxo e mulheres contatadas através da internet. Em geral se irritam com a distância imposta pelas prostitutas e pela forma com que são tratados. Por fim, veem o conjunto de clientes mais pobres com certo desprezo, chamando-os de "*peãozada*", ou seja, trabalhadores não-qualificados:

> Garimpando pela CDG[124] de quarta a sábado, posso dizer: Muito fraco o plantel de forma geral. Hotel vazio de mulher, mas com aquela peãozada. E para piorar uma garota do [nome do hotel] que não sei o nome. Morena de biquíni, cabelos claros e alta. Perguntei se fazia anal, respondeu que não! Perguntei se os peitinhos eram liberados, respondeu que não! Perguntei se fazia algo a mais pagando um preço diferenciado, respondeu que não! Desisti e fui embora para a casa. Por essas e outras me afastei do CDG, muita burocracia para um plantel fraco. Assim sendo, devo repetir em breve um bate e volta em São Paulo. Vale mais a pena para quem quer um atendimento diferenciado. (Postagem GPGuia "Área Trash MG")

No depoimento acima, parece que este cliente já teve acesso a outros espaços de prostituição que compreendem a *girlfriend experience* e, dessa forma, ele procura num espaço popular do mercado do sexo um serviço que esteja próximo desta dinâmica, decepcionando-se. Para outros clientes, mais acostumados à realidade da prostituição popular, a negação desta citada prostituta em realizar práticas mais íntimas ou personalizadas não representa nenhum problema, uma vez que eles sabem que esta é a *práxis* dentro desses espaços de prostituição.

Para além do desfavorecimento financeiro, há também outros fatores menos óbvios para eles buscarem a prostituição popular, como a visão desses homens sobre a sua sexualidade e seus papéis sexuais. Bigot (2009), por exemplo, afirma que muitas prostitutas do "baixo meretrício" comentam sobre a existência de clientes "dominadores", "perversos", para o quais a prostituição traduz apenas numa compra (BIGOT, 2009, p.3). Para estes homens, a prostituição é a reafirmação de sua dominação, sobretudo para aqueles que perderam o protagonismo dentro de suas casas ou casamentos. Para esses, a prostituta não merece nenhum respeito, nenhuma atenção:

> Eu não sei se conta como agressão, mas o cara se sente no poder. Ele acha que tem direito sobre qualquer uma de nós. A gente nem sabe se ele tem esse dinheiro, mas ele vai te chama, fica um tempo com você e depois fala 'não, sai daqui!' de uma forma que você se sente diminuída, feia... e chama uma outra [mulher] e você fica pensando 'aquela ali é melhor do que eu...' Ele acaba diminuindo, deixando a gente meio deprê com isso. Deveria ter uma forma mais sutil de dizer 'não estou interessado'. (Léa, Santo Amaro-SP)

Há também relatos que indicam que esses clientes, como ficou claro em depoimentos anteriores, possuem uma visão do sexo como uma "pulsão" a ser externalizada, "aliviada".

[124] "Centro de Diversões Guaicurus", termo muito comum nos espaços virtuais de discussão sobre a zona boêmia de Belo Horizonte.

Outros vêm o sexo por um prisma mais recreativo, com a escolha das características das parceiras sendo uma parte importante de sua diversão (BIGOT, 2009): assim consideram melhor a prostituição popular porque podem, dentro de seus limites econômicos, fazer sexo com um grande e diversificado número de mulheres.

Outro aspecto da interação com os clientes que é constantemente destacado pelas prostitutas – tanto *meretrizes* quanto *namoradinhas* – é sua visão da virilidade, transformando o programa numa "prova" de potência sexual. Além disso, é uma relação mediada pelo dinheiro, no qual o risco de serem desprezados, criticados ou contestados é mínimo (SACRAMENTO, 2006).

> Ah é ser viril. É chegar um cara de 70 anos e dizer 'olha, não usei viagra' não sei [risos]. Ás vezes eu duvido. Nossa [eles dizem] 'eu dei conta'. Mas o que mais eu acho engraçado e o que mais me irrita, profissionalmente falando, é que eles tem uma obsessão de fazer a gente gozar. E o que a gente quer é que eles gozem logo: Às vezes tá bom, a gente aproveita também, mas a gente não tá ali para ter prazer. A mulher em si, não só a garota de programa, o prazer dela foi negado durante muitos anos... [...] Então o homem tem uma liberdade sexual muito maior do que a gente. Então conseguir fazer uma prostituta gozar... Não é uma mulher apenas, é uma mulher e é uma prostituta que tá trabalhando com sexo e dinheiro e fazer ela gozar seria o máximo. (Sheila, Guaicurus-BH)

Entretanto, como Sheila destaca acima "às vezes tá bom, a gente aproveita também", pode ser que a prostituta tenha prazer ou retribua sexualmente o esforço do cliente. De toda forma, isso é uma exceção à regra de impessoalidade e distância que impera nesses locais. Apesar dessas regras de impessoalidade e distância *vis-à-vis* ao cliente, há uma quantidade considerável de clientes que desejam algo diferente do padrão de interação oferecido na prostituição popular: alguns querem mais tempo, outros querem mais intimidade, outros ainda mais afeto ou reciprocidade sexual. Um dos fenômenos que chamou a atenção de Mariele, jovem prostituta de um hotel da região da Rua dos Guaicurus, são os clientes que desejam fazer programas com ela *fora* do hotel:

> É, alguns chamam pra ir num motel. Tem vários que combinam, porque tem homem que não aguenta transar aqui, ter relação aqui, entendeu? É, e também é um ambiente que é pesado. Só homem que é acostumado a ser escroto mesmo que vem e pega, que não está nem aí. Ah, tem uns que são educados, sensíveis, tem outros que não. Tem outros que só chegam e já vão enfiando, entendeu? Não está nem aí, gozou e sai fora, e caladão o tempo todo. (Mariele, Guaicurus-BH)

De toda forma, essas demandas mais íntimas ou afetivas são a exceção nesses locais, e a grande maioria dos clientes possui um perfil bastante impessoal e distante, buscando apenas o prazer sexual mesmo. Assim, a maioria não reclama da dinâmica dos programas realizados nos espaços de prostituição popular: sabem que ser tratados com rispidez e impessoalidade é um dos "preços" a se pagar por quem procura sexo na zona ou nos privês:

> Começamos o sexo. O de sempre nessa parte. Caras e bocas de fingimento, e depois de um tempo ela percebe que não consegue enganar ninguém, e fica com cara de paisagem. Eu nem ligo, continuo metendo nela, me empolgo e encosto meu nariz no seu pescoço, e dou um beijo no rosto da perva[125] (a puta tem uma pele muito bonita, não resisti). Ela faz cara de nojo e pede para que eu não faça isso, ignoro e continuo metendo. Depois de um tempo ela reclama que eu estava gemendo no ouvido dela, disse que não gosta. Achei meio chato isso, mas tudo bem. Presto atenção para não broxar depois dessa e um tempinho depois me empolgo mais ainda e me apoio totalmente no corpo dela. Quando estava prestes a gozar a puta manda: 'seu tempo acabou'! [...] Depois ela pediu para eu sair de cima dela com ar de desdém. (Postagem GPGuia "Área Trash SP ")

Nos espaços de prostituição popular, apesar das possibilidades afetivas e emocionais que podem surgir com alguns clientes, verificamos que a grande maioria dos programas transcorre de forma bastante impessoal e puramente sexual. As mulheres que trabalham nas zonas, privês e hotéis do *baixo centro* belorizontino ou paulista possuem uma mentalidade que concebe o programa como algo rápido e impessoal, enxergando o afeto e a intimidade como exceções a essa regra.

Essa *dinâmica da distância*[126] não se aplica aos clientes *habitués*. Entretanto, mesmo com todo o afeto e as longas relações que podem existir entre prostitutas e clientes fixos, esses homens são vistos pelas prostitutas numa perspectiva muito mais de interesse econômico, como *amores estratégicos* (BLANCHETTE, SILVA, 2009) do que numa perspectiva de relacionamento real, sincero. Os relacionamentos que nasceram dessa interação também são mais exceção do que regra.

[125] "Perva" é o termo utilizado por clientes nos fóruns da *web* para se referirem às prostitutas.
[126] Termo que criei para contrapor à *dinâmica da intimidade*, comum à *namoradinhas.*

6.2 Os clientes nos espaços da experiência de namoradinha

Ao iniciar a minha investigação sobre os clientes das namoradinhas eu imaginei que uma pesquisa virtual no Fórum GPGuia pudesse esclarecer algumas questões relacionadas à este grupo masculino. Entretanto, a natureza completamente anônima do fórum, onde os participantes raramente expõem qualquer informação sobre si, tornou difícil a coleta de informações sobre estes homens. Em geral os perfis que são utilizados neste fórum não deixam entrever nenhuma informação sobre seu usuário: as fotos dos "*avatares*[127]" são, em geral, figuras eróticas retiradas de bancos de imagens, os nomes também fazem referência ao universo sexual e não há mais informações sobre estes participantes.

Desta forma, como este fórum virtual não foi útil neste aspecto, pude contar apenas com os depoimentos das namoradinhas para organizar este perfil dos clientes. Em geral elas possuíam, tanto as das regiões mais centrais quanto as "de luxo", uma imagem bem nítida do "tipo ideal" de seu cliente, reconhecendo padrões e exceções. Em comparação com os clientes das meretrizes, este grupo ligado às namoradinhas é mais homogêneo em várias características, como sua composição racial ou sua idade média. Nos parágrafos a seguir vou discorrer sobre as principais características deste grupo, embora eu reconheça que restaram algumas lacunas relacionadas a este público.

Como citei anteriormente, os clientes das namoradinhas formam um grupo mais homogêneo do que os clientes da prostituição popular. São, em sua grande maioria, homens acima dos 35 anos, brancos, casados e com uma carreira profissional bem-sucedida. Este perfil, de homens mais "maduros" forma a maior parte do público das namoradinhas: são chamados por elas de "coroas".

Estes "coroas" representam, no mínimo, a metade de toda a clientela deste universo, e estão presentes em quase todos os depoimentos das namoradinhas. Apesar de serem casados, em geral eles são os que mais buscam a *experiência de namoradinha*:

> Vai entre 30 e 50 anos, é a média. 30 e 50 é a média. Tem mais velhos, tem mais novos. Mais novos é minoria, mas tem também. (Vanessa, Serra-BH)

[127] "Avatar" é o nome dado à *persona* virtual utilizada por alguém em fóruns de internet e redes sociais. Em geral consiste numa imagem/rosto, um nome e uma descrição sobre o usuário.

> Aí você perguntou perfis de clientes, não foi isso? Desses que vem sempre, normalmente é 40, 50 anos. O perfil dos meus clientes, não vem moleque aqui, vem sempre acima de 30 anos. Raridade eu atender moleque. (Raquel, Moema-SP)

Outro grupo, um pouco menor, mas ainda muito representativo, é formado por clientes mais jovens, mas ainda brancos e de situação financeira menos confortável que seus colegas mais velhos (que, provavelmente, estão no auge profissional e financeiro de longas carreiras). Estes clientes mais jovens são chamados de "moleques" e causam muitas vezes aborrecimentos às namoradinhas, uma vez que possuem o hábito de pechinchar (detestável na visão delas) e exigir muito do programa, em termos sexuais, como Juliana, namoradinha do Itaim-Bibi, em São Paulo, deixou claro em depoimento anterior: *"a molecada quer fuder até o último centavo".*

Esta "molecada" é rara entre os clientes das namoradinhas porque, como dissemos, seus programas podem possuir preços proibitivos para homens que provavelmente não estão no ápice financeiro de suas carreiras profissionais, como a maioria dos "coroas". Dessa forma muitos clientes mais jovens se encontram com as namoradinhas nas boates, onde elas costumam gravitar, sobretudo em alguns períodos de menor afluência de clientes em seus *flats* e privês. Nessas boates, apesar das características básicas da *girlfriend experience* estarem mantidas, os programas costumam ser mais rápidos e baratos.

De toda forma os "coroas", principais clientes deste universo, possuem uma série de características que atraem as namoradinhas, uma vez que procuram um programa com menos características sexuais, que contenha mais afeto, conversa e atividades que vão além do sexo, como viagens e jantares. Além de representarem então programas com menor desgaste físico e sexual, esses homens também são, na opinião das namoradinhas, mais generosos, e nunca cometem a indelicadeza de pechinchar o preço dos programas. Pelo contrário, sempre "dão caixinha", gorjetas, e costumam presentear suas namoradinhas.

> A maioria é casado, e é legal, porque assim, para a minha faixa etária, você observa um padrão totalmente diferente. A idade muda muito as pessoas, isso é sensacional. O cara que é novo, chega lá, faz o que tem que fazer, beija e tchau. Conforme o cara vai envelhecendo, ele é mais educado, mais gentil, mais preocupado, sou muito mais atender cara velho, que é muito mais educado e dá para você conversar com ele, dos outros [clientes] é difícil de ouvir. (Mariana, Savassi-BH)

Este grupo de clientes mais velhos, os "coroas", também forma a maioria dos *habitués*, uma vez que querem, na maioria das vezes, levar a *experiência de namoradinha* para um nível mais engajado, ou seja, lhes agrada poder ter um contato mais íntimo e contínuo com sua namoradinha. Quanto mais velhos são estes homens, mais interesse eles possuem em se tornarem clientes fixos dessas prostitutas. Esta tendência vai de encontro à argumentação de Sacramento (2006) que destaca que a maioria destes homens, *habitués* e mais velhos, são "afetivamente indigentes", e as namoradinhas representam, para muitos deles, a sua única fonte de afeto. As namoradinhas discutem muito sobre esta "carência" afetiva destes homens, destacando que esta característica possui, em sua opinião, relação com a generosidade material destes clientes:

> Na maioria são carentes, que estão a trabalho aqui em SP... A maioria é casada. A idade varia muito, mas vai dos 30 aos 55 anos. Na maioria das vezes, eu não costumo contar que eu me identifico com eles, mas eles deixam mais... são bem generosos. Por exemplo, eu ganho muitos presentes, perfumes, chocolates, essas coisas assim... sapatos... (Michele, Moema-SP)

Como poderíamos imaginar, muitas relações entre esses *habitués* "coroas" e suas namoradinhas acabam se tornando relacionamentos afetivos, sobretudo incentivados pela convivência mais íntima e contínua em viagens, por exemplo. Entretanto, apesar dessas mulheres não admitirem abertamente seu interesse econômico nessas relações, os relacionamentos entre "coroas" e namoradinhas são, em sua maioria, "amores estratégicos" (BLANCHETTE, SILVA, 2009), e não se sustentam em sentimentos "reais" por parte dessas mulheres. Afirmo isso porque todas as informantes que tocaram neste assunto destacaram os ganhos materiais que obtiveram nesses relacionamentos, e falaram de seu caráter afetivo de forma completamente marginal:

> Eles têm entre 35 e 50 anos. São, e eu adoro. Eu prefiro que seja mais velho. Meu ex, esse que eu fiquei 3 anos, ele tem 53 anos, a idade do meu pai, e eu prefiro, porque se tu for olhar de perto, o homem rico e mais maduro, ou viúvo, ou separado, ou até casado mesmo, ele tem muito pra te oferecer, não só de dinheiro, ele tem para te oferecer de experiência de vida, ele te ensina, e ele se sente bem com isso, entendeu? Ele senta contigo e te ensina 'Olha, vou te ensinar a mexer na bolsa hoje', sabe? E ele

> se sente útil com isso e tu aprende. Se tu souber levar, tu consegue absorver muito dessas pessoas, entendeu? E é isso que eu gosto. (Flávia, Moema-SP)

O que Flávia afirma "absorver" no relacionamento que manteve com um homem com o dobro de sua idade se refere, sobretudo, ao capital cultural e social que ele possuía. Este depoimento é interessante na medida em que revela que, apesar de ser uma relação de interesse, não são apenas os bens materiais mais imediatos ou os presentes que atraem essas mulheres, mas também o acesso a outros espaços sociais e a pessoas influentes que estes homens podem proporcionar a elas.

Outro debate recorrente entre as namoradinhas sobre os "coroas" tem relação com sua suposta baixa autoestima. Para elas, a maioria destes clientes, por causa de sua idade mais avançada, procuram relações que fortaleçam sua posição de "machos", que destaquem uma virilidade que, na maioria dos casos, está decadente. Esta é uma discussão que nos remete ao debate feito por Frank (2009), no qual esta autora afirma que muitos clientes procuram por relações mais seguras, nas quais o risco de serem rejeitados é mínimo, uma vez que pagaram por isso.

> Acho que é um papel importante, porque eles colocam muita confiança na gente. A gente conhece muita gente boa, muito cara legal, tem muito cara tranqueira, mas tem uns que são verdadeiros, que você vê que eles estão procurando uma coisa ali mais íntima. Então, se você não fizer o seu papel direito, de deixar eles com a autoestima lá em cima, esquece, que ele não te procura mais. (Yasmin, Jardins-SP)

Apesar da generosidade advinda de sua posição sexual e afetiva mais dedicada, ou seja, são clientes que procuram fortalecer com as namoradinhas um papel viril que muitas vezes já se desvaneceu com a chegada da idade, elas destacam que este trabalho de sustentação da autoestima destes homens pode gerar um efeito indesejado, que é fazer com que eles fiquem muito próximos à elas, que se apaixonem ou se tornem inoportunos.

> Depende. É muito relativo. Alguns vão só para "desestressar" mesmo, depois vão embora, a maioria me pesa a cabeça, me suga energia. Mas a maioria que procura as meninas têm uma autoestima muito baixa, geralmente são os solteiros que pegam no meu pé, porque eu sou carinhosa, sou atenciosa. (Ludmilla, Moema-SP)

Entre os clientes das namoradinhas há o quase onipresente desejo de exclusividade, o que parece ser completamente normal dentro dos contextos da *experiência de namoradinha*, uma vez que dentro desta dinâmica de trabalho esses homens esperam ser tratados da forma mais íntima e personalizada possível e, como num relacionamento "normal", serem tratados com "fidelidade", pelo menos durante aquele programa (BERNSTEIN, 2007).

Esse desejo de exclusividade foi bem expresso em alguns depoimentos anteriores, como o de Raquel, uma namoradinha de alto *status* de Moema, São Paulo:

> E você tem que fazer com que ele ache que é o primeiro do dia. 'Ah, como foi teu dia?', 'Nossa, uma correria, faculdade trabalho', 'Não trabalhou hoje?', 'Não, não deu tempo de trabalhar, está ruim, sabe?', porque eles querem acreditar nisso, tem que estar sempre tirando o lixo [do banheiro], não pode... Deus me livre aparecer uma camisinha ali pra eles, né? Então é isso, é esse perfil assim. (Raquel – Moema, SP)

Como Raquel deixa claro acima, apesar de atenderem a vários clientes por dia, é importante manter uma *mise-en-scène* de exclusividade, no sentido de evitar que algum cliente tome conhecimento da presença de outro homem durante aquele dia, procurando então retirar do espaço do programa qualquer vestígio, como o lixo deixado por alguém anteriormente. Esta preocupação é mais importante com os "coroas" e os alguns *habitués*, que exigem uma maior sensação de exclusividade.

Este desejo por exclusividade possui relação com uma percepção – sobretudo por parte dos "coroas" – mais "romântica" do programa com as namoradinhas, o que faz com que eles avaliem estes aspectos mais sutis e distantes da relação sexual, como a organização do *flat*, a atenção dada pela namoradinha ou o suposto número de clientes atendidos por ela, em detrimento de grandes exigências sobre sua performance sexual.

A este grupo de clientes, diferentemente da "molecada", a experiência do orgasmo pela namoradinha – ou sua encenação – é fundamental, na medida em que o programa é, para estes "coroas", um importante momento de fortalecimento de suas características viris (FRANK, 2002). Dessa forma, quando não é possível obter prazer genuíno durante a relação sexual, as namoradinhas precisam então organizar uma encenação ainda mais convincente para este público mais específico, uma vez que eles consideram a visão do prazer feminino como fundamental para o seu próprio prazer sexual:

> Não, acontece assim, tem clientes [mais jovens, "moleques"] que não estão nem aí se tu tá sentindo alguma coisa ou se não está, se tu está com nojo deles ou se tu não está e só quer meter pra dentro, quer gozar, é o que ele quer fazer. Ele vai tomar banho e volta e quer meter de novo, mete, mete, mete e está preocupado com ele, agora tem outros homens ["coroas", habitués] que não conseguem gozar se a mulher não gozou ou se a mulher não está aos gritos, subindo pela parede. Para esse perfil, tu precisa fingir, sabe? E geralmente esse perfil que é o perfil que espera isso de ti, que é o perfil mais carinhoso, super educado, super gentil homem esperar a mulher gozar para depois gozar, super gentil, então assim, esse tipo de homem, impressionante, porque é o que a gente precisa fingir, tu não consegue ter um orgasmo com esse tipo de homem, porque ele é tão carinhoso, tão romântico, depende da mulher, tem mulher que deve gostar, o meu estilo eu já não gosto muito, então tu tem que falar, tem que encenar, senão ele não consegue. (Flávia, Moema-SP)

Apesar das lacunas que possam ter ficado nesta discussão sobre os clientes, sobretudo pela dificuldade de utilização do *Fórum GPGuia* dentro desta temática e também pela impossibilidade de conseguir contato direto com informantes dentro deste universo de clientes, acredito que o panorama retratado pelas namoradinhas sobre os homens que frequentam este universo é bem fiel a realidade.

Os dois grupos citados, os "moleques", mais jovens e compondo uma minoria entre os clientes; e os "coroas", maioria entre estes homens e principais *habitués*, correspondem, *grosso modo*, à quase todo o universo masculino relacionado à *experiência de namoradinha* nas cidades estudadas. Como havíamos comentado anteriormente, os clientes da prostituição destes estratos mais superiores do mercado sexual compõem um grupo muito mais homogêneo que a multidão disforme de homens que frequentam os espaços de prostituição popular, cujas características em comum se reduzem a poucos aspectos, tais como a baixa renda que este grupo possui.

Em contrapartida, os homens que gravitam nos espaços da prostituição das namoradinhas formam um estrato homogêneo do ponto de vista etário (jovens são minoria), racial (quase todos brancos), marital (quase todos são casados) e financeiro (quase todos possuem uma renda muito superior à média brasileira). Acredito que o debate que realizamos sobre estas características dos clientes e suas expectativas em relação à *girlfriend experience* (como a reciprocidade sexual e o desejo de exclusividade) podem compor um quadro razoável para pesquisas futuras.

Além destes grupos masculinos, também pude verificar a presença de algumas raras mulheres como clientes das namoradinhas, mas sempre acompanhadas de seus maridos, que são os responsáveis pela pesquisa, contato com a prostituta e proposta de práticas, sobretudo o *ménage à trois*. Neste caso, então, considero que a presença de mulheres como clientes desses espaços, assim como na prostituição popular, é irrelevante, uma vez que as raras clientes que entram em contato com as namoradinhas o fazem através da mediação de seus maridos e namorados, sendo apenas acompanhantes destes em suas incursões neste universo. Nenhuma vez foi citada a existência de clientes mulheres desacompanhadas de seus cônjuges o que evidencia que, apesar de tantas transformações ocorridas dentro do mercado sexual, alguns padrões continuam sendo muito antigos, como total ausência de mulheres-clientes, já percebida desde os primeiros trabalhos sobre o assunto (ENGELS, 2006 [1894]).

Com programas tão íntimos, onde namoradinhas e clientes se engajam de forma muito mais profunda e pessoal do que as interações da prostituição popular é de se esperar que as acompanhantes tenham uma série de dificuldades para organizar limites dentro de seu trabalho, enfrentando situações em que suas vidas pessoal e profissional ficam borradas, sobretudo no trato com clientes *habitués*, muito comuns neste espaço de prostituição e que possuem um acesso muito maior à intimidade dessas mulheres do que os outros clientes.

6.3 A importância da internet para as namoradinhas

A internet tem, para as namoradinhas tanto de Belo Horizonte quanto de São Paulo, um papel fundamental, uma vez que praticamente todos os seus clientes vêm daí. Entre os sites, há uma infinidade de possibilidades de anúncios, desde sites gratuitos ou muito baratos, como o *Viva Local*[128], por exemplo, que não exigem nenhum pré-requisito das prostitutas e são bastante caóticos; até sites mais "exclusivos", como o *BHModels* (no caso de BH) ou o *Club Model* (no caso de SP). Esses sites exigem uma série de requisitos como, por exemplo, um ensaio de fotos feito apenas por fotógrafos "parceiros", o que custa caro, se consideramos também outros preços como: maquiadores, locação das fotos, figurino, tratamento das imagens (*photoshop*) e a própria publicação e hospedagem do material no site.

[128] http://m.vivalocal.com/acompanhante-erotico/belo-horizonte/t+2

Dessa forma, as despesas relacionadas ao anúncio em sites representam uma parte considerável do investimento feito pelas namoradinhas para desenvolverem seu trabalho. O tipo de anúncio que é feito e o site em que são exibidos são determinantes para o sucesso da atividade, tanto em número de clientes quanto em sua "seleção", no sentido de serem procuradas por homens mais ricos. Diana, namoradinha que trabalha, sobretudo com massagens eróticas, na região mais central de São Paulo revela a natureza de seus gastos com *internet*:

> Várias me chamam "Nossa Diana, como você coloca tanto anúncio na internet e tal?", só de anúncios, eu invisto R$3 ou 4 mil, por mês. Eu invisto bem. Que nem, só no '*Portal Vila Mariana'*, eu invisto R$990 para você entrar, o anúncio mais 'top-top'. Quando eu coloco um anúncio, que nem hoje eu vou pagar três [sites], no '*foto acompanhante'*, eu coloco anúncio que vai 'ferrado', que é o que fica em cima de todo mundo, todas essas mulheradas. Então, quando eu invisto, eu invisto pesado. E dá muito retorno. (Diana, República-SP)

Além dos gastos com a hospedagem dos anúncios existem, como dissemos, outras despesas relacionadas, sobretudo, à produção das fotos. Essas fotos são realizadas em estúdios e costumam ter tratamento em programas de computador para retirar eventuais imperfeições estéticas, como espinhas, estrias ou algum outro sinal que desabone a imagem vendida pela namoradinha.

As discussões em torno do uso do *"photoshop"*, programa de tratamento de imagens, são vivíssimas nesse universo. A maioria das namoradinhas considera fundamental ter um *book* fotográfico bem feito, com um bom fotógrafo e também um bom tratamento de imagens. Entretanto muitos clientes reclamam do exagero no uso desse recurso, fazendo com que tenham desagradáveis surpresas no encontro com as acompanhantes. Muitos, inclusive, fazem questão de receber em seus celulares fotos "sem tratamento", "amadoras" das namoradinhas com as quais negociam, antes de confirmarem os programas.

> Flat na [...], burocracia e mandam vc ficar esperando na frente dos elevadores, fiquei ali uns 10 minutos, muito constrangedor. Enfim no quarto a garota me recebeu de calcinha e sutiã, não achei bonita, destaque para bunda e coxas. Boquete sem capote [preservativo], gostoso mais já recebi muito melhores, a garota se esforça na 'meteção' [...]. Vai um positivo pelo esforço da garota, mais achei que seria mais bonita, as fotos do site são bem trabalhadas. Sem direito a 'repeteco', essa merda de

> photoshop cria uma expectativa que depois vira decepção! Resumo – 'meteção' boa, beleza não. (Fórum GPGuia – Acompanhantes SP)

Além do anúncio nos sites de prostituição que citamos, o Fórum GPGuia e outros fóruns virtuais menores também possuem uma grande importância para o desenvolvimento do trabalho das acompanhantes. Praticamente todas as namoradinhas mantém perfis atualizados no Fórum GPGuia, onde são continuamente avaliadas pelos clientes. Os administradores deste fórum, inclusive, possuem uma política muito atenta em relação a essas avaliações, excluindo e denunciando prostitutas e clientes que forjam depoimentos positivos. Aquelas que têm mais avaliações positivas possuem em número verde ao lado do nome e das informações principais. As que possuem mais relatos negativos ficam com um número vermelho:

> E tem esse site que é o GPGuia, que eles ficam fazendo TD[129]'s lá e se tu tiver algum TD negativo, isso reflete muito, e claro que é difícil, porque, assim, às vezes, o cliente não entende, sabe? Eu já vi cliente reclamar de amiga minha, tipo "Ah, ela não chupou, quer chupar sem camisinha e ela não chupou", mas o cliente, não quis tomar banho e estava fedido. Aí ele vai lá e comenta, só que a menina não pode se defender, entendeu? (Michele, São Paulo-Moema)

Este fórum possui um duplo papel para clientes e prostitutas: ao mesmo tempo em que se tornou a principal fonte de informações sobre o universo das namoradinhas (e também sobre outros espaços de prostituição, como as regiões mais populares), forçando clientes e prostitutas a estarem sempre atentos ao seu conteúdo; este site também se tornou uma importante ferramenta de "controle de qualidade" do trabalho das acompanhantes, uma vez que, quando o programa não é bom, o cliente pode fazer um relato negativo sobre esta experiência em seu tópico, reduzindo assim a "nota" que a equipe que gerencia o fórum dá a determinada prostituta.

Há poucas possibilidades de defesa por parte das mulheres acusadas de terem realizado um atendimento ruim. Raramente elas conseguem publicar suas respostas a estas acusações publicamente e, na maioria das vezes as suas reclamações sobre, por exemplo, a má-conduta de algum cliente, tem que ser dirigidas aos "moderadores" (organizadores) do Fórum, que

[129] TD: *test-drive*. É o termo utilizado no fórum por clientes e prostitutas para se referirem aos programas.

raramente dão ouvidos às mulheres e não publicam suas réplicas às reclamações postadas na discussão sobre seu trabalho.

É importante lembrar que este fórum é um espaço gerido e frequentado apenas por homens, que construíram um *ethos* bastante corporativista e machista nesse ambiente virtual. A lógica daqueles que postam no fórum é auxiliar outros "confrades" (termo que é utilizado para designar seus usuários) a não terem experiências negativas com as garotas de programa, recomendando algumas e denunciando outras, consideradas desonestas ou "excessivamente artificiais", dentro da lógica da *experiência de namoradinha* (BERNSTEIN, 2008).

> Domingo passado eu marquei um programa com a [...]. Pior programa de todos. Abaixo está o meu relato, mas antes eu quero ser breve em um comentário: Não marquem programa com ela é desperdício de dinheiro na certa, fui burro e não quero que os camaradas façam a mesma burrada que eu fiz. Em todos os meus anos de putaria eu nunca me deparei com uma garota de programa tão ruim como ela, o anúncio dela é totalmente mentiroso. Apenas fica avisado aos colegas. Só de lembrar do ocorrido eu fico irritado. Que não caiam na mesma cilada que eu caí. (Fórum GPGuia – Acompanhantes SP)

Dentro desse *ethos,* aqueles clientes que visitaram uma namoradinha pela primeira vez são considerados os "desbravadores" (termo utilizado no fórum), ou seja, utilizaram seus serviços sem terem nenhuma informação anterior. A partir desta experiência, que pode ser positiva ou negativa, postam o relato – em geral muito detalhado, em seus aspectos sexuais, financeiros e afetivos – para que seus colegas avaliem os custos e benefícios dos serviços daquela prostituta. Aqueles clientes que visitam uma garota de programa cujo trabalho está sendo debatido no fórum e não escrevem sobre suas experiências são chamados de "sonegadores" e costumam ser veementemente repreendidos.

É importante lembrar, como já discuti no capítulo anterior, que as avaliações presentes no fórum não se referem apenas às mulheres que trabalham dentro da *experiência de namoradinha,* mas também existem espaços de discussão sobre, por exemplo, o trabalho das prostitutas das *zonas boêmias* (chamadas pelo Fórum de *"área trash"*), considerando, claro, as dinâmicas específicas do trabalho sexual dentro de cada espaço, como as zonas e bordéis mais simples e baratos das *zonas morais* das grandes cidades, passando pelas boates e clínicas de massagens, de custo um pouco mais alto, até chegar às *namoradinhas* e às "acompanhantes

de luxo", que representam o ápice, pelo menos financeiro e em matéria de *status*, do mercado sexual.

Dessa forma, para as prostitutas e, em particular, as namoradinhas, é muito importante manter sempre uma postura atenta ao que é postado sobre si no fórum, monitorando o conteúdo das publicações de seus clientes e procurando, na medida do possível, defendendo-se de eventuais acusações. Ser bem comentada no fórum pode ser, para a maioria das namoradinhas, tão importante quanto um bom anúncio em um site com muito prestígio, uma vez que a maioria dos clientes consulta o fórum antes de procurarem seus serviços.

> Então você tem que ter uma estratégia, e falar sempre com carinho, porque se você for seca ali, grossa com o cliente, você está ferrada. Uma que ele vai te difamar na internet, que agora tem o fórum GP, fórum de "não-sei-o-que-lá", fora que você fica mal falada depois, as pessoas sempre comentam um com o outro, não tem jeito. (Gabriela, Jardins-SP)

Além dos fóruns e dos sites, os aplicativos de celular têm ganhado importância dentro do trabalho das namoradinhas, sobretudo daquelas que preferem realizar o trabalho sexual de forma ocasional. Programas como o *Tinder* e o *Happn*, que promovem encontros mediados por algoritmos que verificam as preferências de cada usuário, colocando em contato pessoas com perfis parecidos, tem facilitado o encontro entre clientes e prostitutas dentro da lógica de *girlfriend experience*.

Algumas das namoradinhas que tive contato afirmaram que preferiam fazer contato com seus clientes através destes aplicativos porque eles facilitam o trabalho de mistificação que é realizado. Desta forma, encontrar um cliente através do *Tinder* pode ser muito mais vantajoso do ponto de vista da imitação de um relacionamento "comum" do que expor-se em sites especializados em prostituição. Apesar de não mostrarem seus rostos nesses sites, muitas namoradinhas consideram uma exposição excessiva, preferindo ter perfis apenas em aplicativos de paquera ou nos fóruns, onde são acessadas apenas por clientes que já conhecem este universo.

Além destes aplicativos, alguns sites que não são relacionados diretamente ao mercado sexual também são usados por muitas namoradinhas, como as redes sociais *Facebook* e *Twitter*. Assim como naqueles aplicativos, elas consideram a utilização destes canais como uma forma

mais discreta de divulgação de sua atividade, uma vez que, na maioria das vezes, não há nenhuma referência explícita ao trabalho sexual, e seus perfis cibernéticos se parecem muito com outros milhares perfis de mulheres jovens e populares nas redes sociais.

Outro aplicativo que é comumente utilizado pelas namoradinhas é o *Instagram*, programa de compartilhamento de fotografias por celular. A captação de clientes através deste aplicativo é muito fácil e traz poucos riscos de exposição da real atividade daquela acompanhante. O primeiro passo é criar um perfil com fotos sensuais, mas não explícitas (o *Instagram*, inclusive, apaga fotos com nudez e pune os usuários que postam este tipo de material) que se pareça com uma jovem moça que compartilha com os usuários suas atividades diárias: faculdade, academia, saídas a boates, etc.

Como este programa permite aos usuários enviarem uns aos outros mensagens diretas e privadas, elas começam a receber muitos convites e galanteios de homens que, apesar de não conhecerem sua real atividade, são potenciais clientes. Apenas nessas mensagens privadas elas revelam a estes homens a natureza do seu trabalho. Alguns desistem do contato e outros decidem marcar programas. Há, inclusive, um comércio florescente de *perfis de Instagram* no qual é possível comprar um "perfil" já existente e com milhares de "seguidores". Após a compra, basta trocar o nome, inserir as fotos que desejar e aguardar o ávido contato de centenas de homens.

Há uma série de outros aplicativos, muito comuns na Europa, como o *Ohlala* e o *Peppr* que organizam a prostituição de forma mais explícita[130], com a exibição de preços e práticas a serem realizadas. No Brasil houve algumas tentativas de colocar em funcionamento aplicativos deste tipo, como o *BookRosa* em 2016 e 2017, mas os desenvolvedores do programa esbarraram na legislação brasileira e alguns juízes caracterizaram este tipo de *gadget*[131] como "cafetinagem", interrompendo seu funcionamento até o momento (fevereiro de 2018). É provável que muitas namoradinhas não se interessem por aplicativos de prostituição explícita, uma vez que a dinâmica de funcionamento de programas como o *Tinder* ou o *Instagram* tem ajudado a mistificar muito sua atividade (CHAPKIS, 1997).

[130]Algumas notícias recentes mostram o sucesso e a polêmica que envolvem esses aplicativos: http://mundoinvisivel.org/a-uberizacao-da-prostituicao-profissionais-falam-de-suas-experiencias-com-apps-de-encontros-pagos/

http://www.dailymail.co.uk/femail/article-4340978/New-Rendevu-app-matches-SEX-WORKERS-clients.html

[131] Termo usado para designar estas "ferramentas" virtuais.

Neste contexto virtual, um dos sites que também vêm ganhando destaque, sobretudo pelas possibilidades de imitação de relacionamentos "legítimos" (RUBIN, 2017) é o *Seeking Arrangement*, que tem foco na busca por parceiros para *Suggar Daddies* e *Suggar Mommas*. Estes são homens e mulheres mais velhos e que buscam relacionamentos sexuais com jovens, dispostos a serem financeiramente "presenteados" pelos primeiros.

Para nós este arranjo não é novo e lembra, por exemplo, os casamentos por interesse ou a ação de *gigolôs*, por exemplo. Entretanto a novidade é a mediação desses contatos através deste site, que funciona como uma *rede social*, muito parecida com o *Facebook*. As relações entre *sugar daddies* e *suggar babies* é muito mais mistificada que as relações entre namoradinhas e clientes, uma vez que não são interações consideradas como parte do mercado sexual, aproximando-se de ideias relacionadas à concubinagem e ao relacionamento por interesse. Algumas namoradinhas afirmaram possuir perfis no *Seeking Arrangement*, mas afirmaram que o site é dominado por jovens realmente amadoras e que a negociação (ou flerte) demora muito, o que as exaspera.

Mesmo os sites de prostituição propriamente ditos, como o *SPLove* ou o *BHModels* tem certo nível de mistificação, sobretudo no cuidado com o uso das palavras. Termos como *prostituição* ou *garota de programa* são evitados, sendo substituídos por *modelos* ou *acompanhantes*. As informações fornecidas aos clientes também fazem parte deste processo, uma vez que não são apenas de natureza sexual, mas também contém dados relacionados à personalidade dessas mulheres, como gostos musicais e gastronômicos e seus signos, por exemplo.

Alguns jornalistas têm chamado este processo de surgimento de novos sites e aplicativos de prostituição de *"uberização*[132]*"* do trabalho sexual, na medida em que ele facilitou para muitas mulheres a realização de prostituição ocasional, eliminando a cafetinagem e diversos outros tipos de mediação, inclusive os mais modernos, como os próprios sites existentes.

As principais vantagens do trabalho mediado pela internet são, além da situação moral muito confortável na qual se situam a maioria das namoradinhas, uma vez que exercem sua atividade com grande discrição, uma grande liberdade para organizarem seus horários de trabalho de forma flexível, podendo, inclusive, passar longos períodos *offline*, descansando ou dedicando-se a outras atividades.

---

[132] Em refeência ao aplicativo de transporte de passageiros *Uber*, que coloca em contato motoristas e passageiros, sem a mediação de, por exemplo, empresas ou cooperativas de transporte.

> O que eu mais gosto mesmo é o site, porque eu trabalho para mim, eu pago meu anúncio, meu aluguel e o meu lucro é meu, eu me desligo às vezes, sabe, do trabalho, então não tem ninguém mandando em mim.
>
> [Entrevistador] Você só anuncia pelo site? Você tem um horário de trabalho definido?
>
> Só pelo site. Eu vou muito de dia. O que acontece? Tem dias, pela manhã, que eu já acordo e falo 'ai, hoje eu não tô legal', e aí às vezes eu fico sem trabalhar aquela manhã, mas à tarde eu estou melhor, aí eu vou lá, ligo o meu celular e trabalho. Eu sou muito assim, agora tem dia que eu viro e falo 'hoje, o horário que tocar eu vou atender', e aí eu faço isso. Eu procuro atender qualquer horário, mas tem dias que eu não estou muito bem que eu me permito tirar a manhã de folga ou a noite de folga também, assistir um seriado". (Natália, Serra-BH)

Outra característica importante do universo das namoradinhas e sua dependência da internet é a intensa especialização que a profusão de sites e aplicativos gerou (BERNSTEIN, 2008). Com o tempo, este mercado complexificou-se, e muitos "nichos" ou "setores" foram sendo criados dentro da *web*, o que se traduziu posteriormente no desenvolvimento de diversos novos espaços consagrados ao trabalho sexual também fora da internet. Koken, Bimbi e Parsons (2010) afirmam que esta especialização é uma das principais características deste mercado atualmente.

Os sites possuem, como já dissemos, uma grande variedade de filtros, para que os clientes procurem a prostituta que mais lhes agrada, tanto do ponto de vista de suas características pessoais (cor, cabelos, peso, tipo de corpo) quanto do ponto de vista das práticas sexuais oferecidas (*experiência de namoradinha,* fetiches, massagens, BDSM[133], etc.). O *site* BHModels, por exemplo, possui vinte filtros diferentes para os clientes utilizarem em suas buscas pela prostituta de sua preferência como, por exemplo, a cor dos cabelos, o uso de silicone nos seios ou a realização de fantasias sexuais.

A internet também tem ajudado as namoradinhas a trabalharem de forma muito individualizada, ou seja, sem o apoio ou a mediação de nenhuma outra pessoa. Do ponto de vista moral, esta é uma forma de trabalho que facilita a mistificação (porque elas podem afirmar que não são prostitutas e estão apenas fazendo programas ocasionais) e evita que essas mulheres se exponham publicamente, mantendo seu anonimato na *web*. Mariana, por exemplo, afirmou não conhecer *nenhuma outra* namoradinha.

[133] Bondage, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo.

> Eu não conheço nenhuma acompanhante. E às vezes isso é até chato, porque quando eu não posso, às vezes a pessoa pergunta "Você tem alguém para me indicar?", e eu falo "Não", parece que é mentira, mas é verdade, porque eu não tenho. Eu queria conhecer inclusive, mas não conheço. (Mariana, Savassi-BH)

Embora este caso seja uma exceção neste universo, ou seja, a maioria das namoradinhas conhece outras colegas, o depoimento acima mostra que, a partir de um trabalho mediado apenas pela internet é possível resguardar-se de quase todo o contato com o mercado sexual mais explícito, trabalhando, assim, completamente à margem dos contextos de prostituição. Do ponto de vista da mistificação e da fuga do estigma, esta seria a situação ideal.

Bigot (2009) afirma que o avanço da internet fez desenvolver-se uma ideia mais clara de *mercado* dentro da prostituição, ou seja, um espaço de trocas de serviços e de dinheiro. Para ela esta ideia desenvolveu-se porque a internet proporcionou uma série de facilidades a prostitutas e clientes que antes eram completamente inexistentes no mercado do sexo. A troca de informações sobre acompanhantes e clientes, por exemplo, foi facilitada, criando mecanismos de controle e alerta dentro deste universo. Os preços puderam ser comparados e discutidos, as condições de trabalho também. Clientes foram colocados em contato mais intenso com seus pares, assim como prostitutas também começaram a se comunicar mais.

Com relação a este último aspecto, a maioria das minhas informantes afirmou participar de alguma rede de contato com colegas para troca de informações e percepções sobre clientes, sites e fornecedores de materiais para o trabalho. Existem, então, comunidades "secretas[134]" no *Facebook* para estes fins, além de grupos de *Whatsapp* e de *Telegram* que promovem o diálogo e a troca de informações entre prostitutas.

Por fim, o desenvolvimento cada vez maior de aplicativos e sites de internet fortaleceu a "clivagem digital" (BERNSTEIN 2007b) dentro do mercado sexual, aumentando ainda mais a distância entre as prostitutas das classes populares e as namoradinhas, por outro lado. Apesar da existência deste "fosso" separando estes dois grupos, foi possível ver, como discuti no capítulo anterior, algumas mulheres das áreas mais pobres de prostituição acessando a internet

[134] Secretas no sentido em que apenas seus membros podem ver seu conteúdo, que é ignorado pelos outros usuários. Estes só podem participar desses grupos se forem convidados por alguém que já faz parte.

e utilizando suas ferramentas para se colocarem em um lugar mais agradável, discreto e lucrativo dentro deste mercado.

A incursão de Sheila (informante-chave na *zona boêmia* de Belo Horizonte) neste universo virtual e seu consequente abandono dos hotéis da região da Rua dos Guaicurus para trabalhar com *experiência de namoradinha* anunciando-se pela internet, é um sinal de que a internet tem provocado mudanças em todos os espaços de prostituição, apesar de atingir, de forma mais decisiva, o mercado das namoradinhas.

6.4 A importância da internet para as meretrizes

Nos espaços mais populares da prostituição, os impactos da internet já começam a ser sentidos, mas a sua importância ainda é limitada, na medida em que ela ainda não é *fundamental* para a realização do trabalho sexual, como é entre as namoradinhas. De toda forma, o desenvolvimento da *web* e seu uso pelas prostitutas das *regiões morais*, na forma de sites, fórum e aplicativos de celular já começa a transformar estes espaços do mercado sexual.

Por exemplo, o uso de alguns sites, sobretudo gratuitos, pode facilitar a divulgação do trabalho e o contato com alguns clientes que, por exemplo, não se dispõem a frequentar o "baixo centro" de nossas cidades. Além disso, através desses contatos mediados pela internet, essas prostitutas podem realizar alguns programas "por fora", como elas costumam dizer, ou seja, em hotéis e motéis fora das regiões mais degradadas do centro das cidades nas quais trabalham. Estes programas costumam ser mais demorados, íntimos e personalizados, dentro da *experiência de namoradinha*, trazendo um bom rendimento.

O uso das ferramentas de internet, como sites, fóruns e redes sociais, pode também favorecer o acesso dessas mulheres a informações úteis sobre o mercado sexual, seus problemas e oportunidades. Minha informante-chave entre as *meretrizes*, Sheila, havia conseguido muitas informações importantes na internet sobre as oportunidades de trabalho sexual fora das zonas do centro de Belo Horizonte, facilitando assim a sua transição para outros espaços mais bem remunerados da prostituição, trabalhando ocasionalmente na dinâmica da *experiência de namoradinha*.

Em relação à publicidade e ao contato com os clientes, a maioria das mulheres dos espaços de prostituição popular, tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte, ainda utiliza meios de divulgação muito antigos, cuja efetividade pode ser colocada em questão. Em Santo Amaro, por exemplo, assim como em muitos outros bairros de São Paulo, os adesivos em "orelhões" de telefones públicos são uma estratégia de divulgação bastante comum. É possível ver por toda a cidade inúmeros "orelhões" cobertos por adesivos de propaganda de prostitutas.

No "calçadão" próximo ao Largo Treze, em Santo Amaro, além da publicidade nos telefones públicos, é comum a "panfletagem" realizada pelas boates e privês. Um dos panfletos mais comuns na região, utilizado por vários estabelecimentos diferentes com poucas variações, é a reprodução de uma nota de vinte reais, cujo verso contém informações sobre o local de prostituição. Esta publicidade, em particular, me pareceu muito inteligente, na medida em que a reprodução da nota de dinheiro pode chamar a atenção das pessoas, mesmo quando o panfleto está jogado no chão. Além disso, deixa claro o valor dos programas no local.

Em Belo Horizonte o uso de panfletos e de adesivos em "orelhões" é mais raro, e a principal forma de divulgação das *meretrizes* parece ser as seções de classificados dos jornais. Entretanto, quando comparamos com o que eram há alguns anos atrás, essas seções estão cada vez menores e irrelevantes. De toda forma, parece não haver, por parte das zonas da região da Rua dos Guaicurus, um grande interesse em publicidade, talvez pelo seu caráter muito público e já tradicional na cidade.

Nesse sentido, com a decadência dos jornais impressos e a baixa efetividade de todas as formas de divulgação mais "analógica", a publicidade na internet vem ganhando importância para as mulheres da prostituição popular, sobretudo, como dissemos, para aquelas que têm interesse em realizar programas em um esquema diferente da *dinâmica da distância* que impera nas regiões morais, atuando vez ou outra como namoradinhas.

Entre os sites mais utilizados pelas *meretrizes* para a divulgação de seu trabalho estão aqueles que são, a princípio, gratuitos. Um dos mais importantes é o "*Viva Local"*, que funciona como um espaço de anúncios de todos os tipos, com uma seção dedicada ao mercado sexual. Esses sites com anúncios grátis são muito desorganizados, quase caóticos, o que torna a tarefa de busca e seleção dos clientes muito penosa. De toda forma, como os sites pagos costumam ter preços proibitivos para as mulheres das regiões de prostituição popular, estes sítios gratuitos são a principal opção.

Muitas prostitutas dos espaços mais populares, sobretudo mais jovens e com algum conhecimento de internet, conhecem o *Fórum GPGuia* e o visitam com certa frequência, observando as opiniões dos clientes sobre os programas realizados na "*área trash"*, nome que o fórum dá para o "baixo meretrício". Algumas, inclusive, chegam a ter perfis e interagem com os clientes nesse fórum. Entretanto, para a enorme maioria, que trabalha numa dinâmica muito distante e impessoal, a discussão neste fórum de internet não tem a menor relevância.

Ainda que não haja um grande engajamento dessas mulheres em relação a fóruns e sites de internet, uma ferramenta *online* é fundamental para todas as prostitutas destes espaços populares: o *Whatsapp*. Este aplicativo de troca de mensagens tornou-se fundamental, assim como aconteceu entre as namoradinhas, para o contato com os clientes fixos, facilitando as negociações e mantendo os laços de forma mais fácil e constante. Andando pelas zonas da Rua dos Guaicurus ou pelos privês e boates de Santo Amaro, assim como as regiões de *trottoir* da Luz, é possível observar a maioria das prostitutas desses locais com os olhos vidrados em seus celulares. Claro que o *Whatsapp* pode ser utilizado de diversas formas, para o contato com a família e amigos, mas muitas afirmaram que organizam o contato com *habitués* através deste aplicativo.

O *Whatsapp*, assim como outros aplicativos de troca de mensagens, pode ser importante, como dissemos, para a "captação" de novos clientes e a realização de programas mais caros e qualificados, em hotéis e motéis fora das regiões do "baixo centro" dessas cidades. Além do contato individual, este aplicativo permite a criação de "grupos de discussão", o que é feito de forma constante entre prostitutas e entre clientes, facilitando a troca de informações importantes para estes atores do mercado sexual.

Como dissemos, para aquelas que querem melhorar a sua forma de trabalho ou buscam abandonar o "baixo meretrício" e buscar novos espaços de prostituição, como os das namoradinhas, o bom uso da internet é fundamental, na forma de sites, fóruns e aplicativos de celular. É a partir destes meios que elas podem conseguir clientes mais ricos ou mais generosos do que os homens presentes na prostituição popular. De certa forma, a introdução de uma mulher, inclusive daquelas que trabalhavam nos espaços populares do mercado sexual, no universo das namoradinhas compreende, *obrigatoriamente*, o bom uso das ferramentas da internet.

Diante dos contextos de exploração, estigma e violência da prostituição popular, muitas mulheres, como comentamos anteriormente, lançam mão de estratégias para melhorar suas

condições de trabalho. Kátia, por exemplo, contou que nos últimos meses, além de realizar seu trabalho numa "zona" da Rua dos Guaicurus, vem se anunciando como *namoradinha* em um site de internet, no qual consegue alguns programas melhores, mais longos e mais bem remunerados.

> Eu trabalho também por fora. Motel. É bom porque eles pagam melhor né? Lá, uma hora é R$250, duas horas R$500, e a pernoite R$1.000.
> Entrevistador: E tem muitos clientes?
> Olha, esse site é novo que eu entrei nele. E até hoje eu consegui uns três clientes que estão comigo até hoje. (Kátia, Guaicurus-BH)

Assim como ela, muitas outras também fazem esses programas "por fora", sobretudo a procura de *habitués* mais generosos e abonados que os que elas possuem nos hotéis. Entretanto, essa estratégia parece funcionar melhor com mulheres mais jovens e em início de carreira, e que – geralmente – já tiveram experiências em outros espaços, como as boates, que possuem um conhecimento mínimo sobre as dinâmicas da prostituição na internet e que, sobretudo, consigam oferecer a esses clientes mais ricos e exigentes uma *experiência de namoradinha* que se tornou praticamente regra nesses espaços. Para a maioria das prostitutas dos espaços populares, com pouca bagagem cultural, mais velhas, com menos vantagens estéticas e precárias conexões sociais, essa tática não está disponível.

7 – Afetos e Relacionamentos entre *Meretrizes* e *Namoradinhas*

7.1 Afeto e relacionamentos nos espaços de prostituição popular

Apesar da presença constante – e, para muitas, incômoda – da intimidade e das emoções no trabalho sexual das zonas boêmias, a maioria dos programas transcorre de forma bastante impessoal, como já dissemos. Essa intimidade é dificultada pela dinâmica dos programas, pela rispidez da maioria das prostitutas e pelas difíceis condições materiais dentro das quais é realizado o trabalho sexual. Dessa forma, a maioria das prostitutas desses espaços consegue separar muito bem sua vida pessoal e profissional.

Como Blanchette e Silva (2009) afirmam, a maioria das mulheres da prostituição popular vê, inclusive, essa impessoalidade como positiva, uma vez que, dessa forma, resguardam melhor sua intimidade e não misturam as coisas:

> Porque ali é um trabalho. Não é namoro. A gente tá fazendo um trabalho que não é aceitável por ninguém, mas eles confundem com um namoro. Não é pra ser levado a sério, é coisa de momento. Não é pra ir além. Eu penso assim. (Edilene, Santo Amaro-SP)

Embora tenhamos dito que a maioria dos clientes não tem interesse em construir laços de intimidade com as prostitutas das zonas boêmias, há alguns que se incomodam com a impessoalidade e a distância que imperam nas casas de prostituição popular. Suas reclamações lembram o debate de Ekman (2013) sobre o "paradoxo do comprador" no mercado sexual: "O cliente quer que a prostituição exista, mas não quer que ela se pareça com prostituição" (EKMAN, 2013, p.103).

Muitas vezes os clientes investem numa interação mais íntima com as mulheres da prostituição popular, passando a visitá-las com mais frequência e oferecendo presentes. É interessante observar que essas ofertas de perfumes, chocolates, jóias, bijuterias e dinheiro não reduzem o preço dos programas, mas são um investimento dos clientes na busca por mais /intimidade e reciprocidade (FRANK, 2002). O diálogo abaixo explicita bem essa situação.

> Mel: Tem o cliente detetive também. A gente esqueceu de citar, hahaha. 'Onde você mora? Como você chama? Esse é seu nome mesmo? Você mora nesse lugar mesmo? Você tem filho? Quantos anos você tem?'
>
> Roberta: Olha, eu sou do tipo que eu vou respondendo, eu respondo, tipo assim, se eu tiver com vontade eu respondo a verdade, se eu tiver sem vontade eu respondo a mentira, se eu não tiver com vontade eu também não respondo...
>
> Mel: Porque na verdade eu acho que, no fundo, tanto faz. Ele quer perguntar. Ele não quer saber a resposta. Eu acho que na verdade, eles querem que a gente pergunte pra eles. Eu percebo. Só pode.
>
> (Grupo Focal – Guaicurus, abril de 2017)

As prostitutas dos espaços mais populares consideram muitas vezes essa intimidade (construída através da frequência dos encontros e dos presentes) um pouco incômoda, mas sabem que os ganhos econômicos dessas relações são interessantes, então continuam cultivando sua rede de *habitués*, concentrando-se na difícil tarefa de conquistá-los, fidelizá-los, agradá-los afetiva e sexualmente, ao mesmo tempo que procuram impor alguns limites nessa relação.

Como dissemos, e Marina França (2011) e Kempadoo (2004) debatem, com os *habitués* as relações tendem a funcionar numa dinâmica mais íntima, onde as regras mercantis são mais relaxadas e pode surgir mais reciprocidade afetiva e sexual. Assim, o trabalho sexual adquire uma feição menos ríspida e distante, baseando-se em práticas que vão além do sexo, como massagens, conversas, tomar banho juntos, entre outras possibilidades. Muitas vezes essa intimidade cresce tanto que a interação entre cliente e prostituta se transforma em relacionamento:

> Eu já tive relacionamento com cliente, fica confuso sim. Pelo lado da gente, o meu por exemplo. Você vai ficar com um cliente, vai ficando, vai ficando, daqui a pouco você começa a sair de lá pra outros lugares, a pessoa não sabe se tá namorando... Fica confuso assim, pra assimilar o que é. Tanto que todos os meus relacionamentos saíram de lá. Eu não tive essa coisa de ir namorar lá fora, conhecer outras pessoas, eu comecei meus relacionamentos no hotel. Que também são confusos e eu não sei se foram relacionamentos! (Suelen, Guaicurus-BH)

Muitas prostitutas desses espaços populares veem esses relacionamentos com certa desconfiança, uma vez que muitas já tiveram experiências ruins com *gigolôs* (TEDESCO, 2008). Esses são homens que começam a se relacionar com prostitutas com objetivos econômicos. São personagens antigos na prostituição popular, embora possam aparecer em

outros espaços do mercado do sexo. As histórias seguem um padrão bem claro: depois de algum tempo, o relacionamento acaba, com a mulher saindo lesada financeiramente.

Dessas possibilidades de relação mais íntima entre clientes, sobretudo *habitués*, e prostitutas surgem muitos relacionamentos. Essas relações costumam começar muito bem, mas após certo tempo, uma grande questão moral se impõe a esses casais, trazendo um dilema para a mulher entre continuar o relacionamento, abandonando a prostituição e a independência financeira, ou abandonar o namorado, mantendo-se na atividade e sustentando-se por conta própria. Raramente o desenvolvimento do relacionamento exclui essa escolha imperativa.

Assim, dentro dessa lógica, quando o ex-cliente exige ou pede que sua – agora – namorada abandone a prostituição, é um ato visto como uma "prova de amor", que traz dignidade ao relacionamento. Caso contrário, o ex-cliente que permite que a sua parceira continue no trabalho sexual é visto como desonesto, "gigolô", que só se engajou na relação para conseguir ganhos financeiros sobre o trabalho de sua namorada.

O diálogo abaixo exprime muito bem essas ideias, comuns não apenas a clientes e prostitutas, mas baseadas no senso moral que a maioria dos homens e mulheres das classes populares possuem sobre relacionamentos afetivos e sexuais (FRANÇA, 2011).

> Fernanda: "Olha eu acho que uma mulher que tem marido em casa não dá pra ficar nessa vida... Eu acho que o homem que aceita isso ele não é homem. É ridículo. Eu conheci o meu aqui só que ele disse 'eu não quero que você vá de novo, acabou'. Hoje ele tá me ajudando muito, graças a Deus. Tem 38 anos, meu velhinho, ele disse 'olha todo mundo merece uma segunda chance'. 'vou fazer o que eu puder, vou te ajudar só que se voltar de novo, acabou aqui'. Pronto, entendeu. Eu tenho vizinhas que trabalham no hotel e o marido leva! Todo mundo sabe e ele fala 'e daí?'
>
> Mariele: Ah eu não concordo com isso, eu acho ridículo.
>
> Fernanda: Tá doida! Você dá pra vinte, trinta homens depois você vai dar pro seu marido?!
>
> Mariele: Eu acho que o homem quando aceita assim é porque não gosta.
>
> Fernanda: Eu acho que o homem quando gosta da mulher ele não aceita... Agora um homem que deixa... Absurdo. Às vezes a gente atende uns clientes que falam 'vamos namorar, pode continuar trabalhando aqui, eu não ligo não!'
>
> Mariele: Ah, esse tá querendo é que você 'gingola' eles [eles se tornarão gigolôs]. Com certeza é isso. Querem dinheiro.
>
> Fernanda: O meu eu conheci e ele falou assim pra mim: 'a partir de hoje você não pisa aqui mais'.
>
> Mariele: Eu fico olhando, eu acho o cúmulo do absurdo essas mulher que trabalha na zona, vai de manhã, chega de tarde, 'o amor, toma um dinheiro', tem gigolô... Isso é de dar dó... E tem umas que apanha se não der!".
>
> (Grupo Focal – Guaicurus, abril de 2017)

7.2 Afetos e relacionamentos entre as namoradinhas

Com programas, em sua maioria, tão íntimos, é de se esperar que a maioria das namoradinhas se envolva afetivamente em muitas relações com clientes. Todas as minhas informantes disseram já ter vivido relações que ultrapassaram os interesses econômicos e envolveram sentimentos amorosos reais, transformando-se em namoros e casamentos.

Na *experiência de namoradinha*, clientes e prostitutas estão mais abertos a este tipo de experiência afetiva, e tendem a se resguardar menos em relação ao envolvimento e à exposição de sua própria intimidade. Para além do sexo, vivido de forma muito diferente da maioria dos programas da prostituição popular, compreendendo um engajamento mais profundo e com mais reciprocidade em relação ao prazer experimentado, as interações entre estes homens e as namoradinhas também envolvem, como comentamos, muitas práticas não sexuais, que promovem muitas vezes uma atmosfera de sedução e envolvimento.

> Olha, é difícil, porque tem uns que são muito fofos. É complicado, mas não. Já aconteceu de me pedirem em namoro, pedir para sair, fazer outras coisas assim, não. Mas tem uns que são muito legais, é complicado. Tem dois assim, que eu sou apaixonada por eles, é muito difícil de lidar, esse que eu fico várias horas com ele, e tem um outro que não/ me chama toda semana, ele me chama uma vez por mês e tal, mas ele é muito fofo. Esse que eu saio com ele sempre, que eu fico várias horas, uma vez ele se declarou, foi mais difícil ainda, mas ele é casado, e ele é um cara super racional, sabe? Tipo assim 'Olha, você é muito legal, gosto muito de você, queria ter te conhecido de outra maneira'. Mas eu percebo que quando a gente está junto ele é super carinhoso, é difícil de lidar, ele é uma graça.
> (Gabriela, Jardins-SP)

Como também já discutimos, muitas vezes despertar essas paixões nos clientes pode fazer parte de uma estratégia de trabalho das namoradinhas que procuram, dessa forma, um maior controle das interações, além de maiores ganhos financeiros. Entretanto, esta estratégia, como Gabriela destaca no depoimento anterior, pode colocar a própria namoradinha em risco, tanto do ponto de vista afetivo, arriscando-se também se apaixonar, quanto do ponto de vista de sua segurança, uma vez que muitos limites profissionais deixam de existir, dando espaço para que estes clientes controlem as interações, tendo acesso às suas informações pessoais e a seus endereços, por exemplo.

Apesar de toda aura de "glamour" que possa existir no universo das namoradinhas (pelo menos no senso comum), quando os relacionamentos se desenvolvem entre clientes e prostitutas, emergem os mesmos dilemas morais presentes na prostituição popular. Assim como entre as mulheres envolvidas em setores mais simples e pobres do trabalho sexual, as namoradinhas também são confrontadas com a escolha imperiosa entre o abandono da prostituição ou a renúncia ao relacionamento (FRANÇA, 2011). O trabalho sexual e a vivência de um relacionamento *real e sincero* são, para quase todas as *prostitutas-meretrizes* e também para as namoradinhas, irreconciliáveis, levando o casal a uma escolha fatídica:

> Você está falando de eu gostar de algum cliente? Então, aconteceu, mas foi uma coisa muito breve, eu tinha um cliente que se encontrava comigo todos os sábados, e era todos os sábados, e novo, assim, mais ou menos da minha idade, eu estou com 24, eu creio que ele deve estar com 26, pouca diferença sim, e ele gosta de tudo que eu gosto, e eu fui descobrindo isso sábado a sábado, foi muito lento o processo, acho que uns dois meses pra eu perceber que ele gostava das mesmas coisas. Porque ele começou a pedir pra ele pôr músicas no celular dele, aí eu falava assim "Tá, pode pôr", e eu nunca tinha ouvido as bandas que ele colocava, mas ele colocava e aquilo para mim soava realmente como música, sabe? E aí eu apagava a luz, ficava num total escuro e eu nem sou muito de ficar no escuro total, mas com ele, ele pedia, e eu sentia ele, ele me sentia, e eu tava terminando um namoro, um relacionamento que eu fiquei 4 anos, e ele também tava terminando um namoro, só que a gente começou a se ver todos os dias, e não era uma coisa só sexo, e a gente combinou que toda vez que a gente transasse, ele iria me pagar, e quando a gente não transasse, não. Só que aí eu comecei a gostar demais, ele também começou a gostar demais, só que chegou um momento que ele falou assim para mim "E aí, você vai largar sua profissão?", e eu pensei "Nossa, tem pouco tempo que a gente está junto, e isso para mim está fora de cogitação". (Natália – Serra, BH)

A reflexão de Natália nos remete às mesmas situações presentes em todos os outros espaços de prostituição. Quando as namoradinhas desenvolvem um relacionamento afetivo com um ex-cliente, em um determinado momento, este seu (então) namorado fará a pergunta da qual não se pode fugir: *"e aí, você vai largar sua profissão?"* Como comentei, esta decisão é tão problemática para as namoradinhas quanto para suas outras colegas dos demais espaços do mercado sexual, uma vez que, quase sempre, representa a escolha entre a possibilidade de ter um relacionamento afetivo sem independência financeira ou obter esta autonomia econômica, mas com poucas possibilidades de uma relação amorosa real (FRANÇA, 2011).

A manutenção do sigilo em relação à sua atividade raramente é cogitada, uma vez que há, assim como entre as prostitutas das classes populares, um grande medo das reações dos

maridos ou namorados que descobrissem a natureza de seu trabalho. Há abundantes casos, tanto entre as *meretrizes* quanto entre as *namoradinhas*, de violência contra mulheres que esconderam de seus parceiros sua participação no mercado sexual, ou porque conheceram estes homens fora dele ou porque haviam dito a eles que tinham parado de exercer a prostituição. As consequências deste ocultamento podem ser fatais:

> Eu já tive um relacionamento trabalhando, eu nunca fiquei com ninguém de graça, pra mim isso era fidelidade. Tem gente que entra em comum acordo. E os caras sabiam, porque eu tenho dificuldade de me relacionar com pessoas que não conhecem o que eu faço... Porque começa uma maré de mentiras... e é muito complicado contar... Porque a gente tem medo do preconceito. A gente vê casos de caras que mataram quando descobriram que as esposas eram garotas de programas [...]. (Yasmin, Jardins-SP)

Yasmin, no depoimento acima, além de demonstrar seu medo em relação às reações que seus parceiros pudessem ter caso ela omitisse deles a informação de que trabalhava como prostituta, também destaca que teve alguns relacionamentos nos quais seus parceiros sabiam de sua atividade. Entretanto, tanto ela quanto suas colegas admitem que, neste caso, nunca obtiveram o respeito que gostariam de seus parceiros.

Esta discussão nos remete diretamente à discussão de Rubin (2017) sobre as ideias sociais a respeito do "bom" e o "mau" sexo e como estas ideias podem ser compartilhadas inclusive por aqueles homens que frequentam os espaços de prostituição. Apesar de parecer óbvio, é importante lembrar, como Rubin (2017) ou França (2011) destacam, que clientes e prostitutas comungam, na enorme maioria das vezes, das ideias morais mais amplas do conjunto social, considerando o que fazem moralmente errado. Dessa forma, suas concepções sobre as possibilidades de um relacionamento "normal" passam, necessariamente, por esta *escolha de Sofia* destacada anteriormente. Não sendo possível viver os dois (trabalho sexual e relacionamento), é imperioso, então, decidir entre a prostituição e a autonomia financeira, ou a vivência do amor "sincero" e a perda de sua independência.

Quando discutimos esta "perda de independência" é importante lembrar que ela não advém da *total impossibilidade* de trabalho para a mulher que se relaciona com um ex-cliente, mas do fato de que *raramente* ela conseguirá um trabalho tão lucrativo quanto o sexual, tendo uma renda muito menor ou, muitas vezes, passando a depender de seu marido ou namorado para seu sustento. Esta última situação foi, para todas as minhas informantes, tanto das classes

mais populares quanto entre as namoradinhas, a condição mais exasperante, uma vez que elas estavam acostumadas a ter uma vida financeiramente muito independente e livre (BLANCHETTE E SILVA, 2009).

> Chega no ponto que ele quer que tu pare e ele quer que tu goste dele da mesma forma que ele gasta de ti, não quer te bancar, ele vai te ajudar, mas não vai te bancar. Se tu ganha R$40.000 por mês, ele não vai te dar R$40.000 por mês. Ele quer que tu te contente com 10, com 15 e vai morar com ele. E no momento que tu fale que isso não é o suficiente ele se ofende, ele fica magoado, e ele não quer mais. (Flávia – Moema, SP)

A maioria das namoradinhas que entrevistei afirmou ter vivido várias experiências ruins em seus relacionamentos, com ex-clientes ou com homens que conheceram fora do mercado sexual. Estes homens, em momentos de conflito, utilizaram sua condição de ex-prostitutas para atacá-las e desprezá-las, trazendo muito aborrecimento a elas. Assim, hoje em dia elas preferem se resguardar afetivamente ao máximo, para tentar continuar seu trabalho sexual sem se envolver de forma mais séria com ninguém. Entretanto, elas admitem que a natureza do trabalho sexual na *experiência de namoradinha* dificulta esse desejado recolhimento afetivo:

> Eu já tenho uma cabeça madura o suficiente pra não acontecer com outros, né? Porque vem muito homem bonito, vem muito homem educado, entendeu? E eu também consigo... Eu consigo, hoje, distinguir isso do meu trabalho e, assim, pra mim é tranquilo, mas eu procuro não relacionar dessa forma com cliente. Enxergá-lo como uma pessoa boa, como um cliente, mas nunca como um prazer carnal pra mim, sabe? (Natalia – Serra, BH)

Para demonstrar como este dilema é constante dentro do universo da prostituição, cito abaixo a reflexão feita por uma namoradinha de Moema, São Paulo: Flávia foi, definitivamente, a acompanhante de mais *status* e com mais dinheiro que pude ter contato, representando um grupo muito seleto e privilegiado dentro das namoradinhas, que por si só já ocupam uma posição mais confortável dentro do mercado sexual.

Entretanto, no depoimento abaixo ela deixa claro que considera não ser possível, do ponto de vista moral, conciliar um relacionamento afetivo com o trabalho sexual, nem quando o

namorado ou marido é um ex-cliente, e vê a exigência deste homem para que ela abandone a prostituição como uma "prova de amor", revelando que, apesar de sua posição no topo da "pirâmide" profissional do mercado sexual, ela compartilha as mesmas ideias morais de suas colegas espalhadas pelos outros estratos profissionais, inclusive aquelas que trabalham nas condições mais pobres e insalubres, como as *meretrizes* espalhadas pelas *zonas morais* das metrópoles que abordamos (FRANÇA, 2011).

> Não sei como, porque já tive clientes assim que eu até quis me apaixonar, que eu falava 'Senhor me ajuda, porque esse homem... Esse dá para apresentar pra mãe. Dá pra andar de mão dada na rua e ele está me oferecendo mundos e fundos', mas eu não consegui. Eu acho que eu tenho pra mim que o homem que aceita isso em mim, ele não é um homem que gosta de mim de verdade, e também eu não ia, eu não consigo, por exemplo, eu coloquei assim agora, que eu vou ficar fazendo isso em seis meses a um ano, juntar meu dinheiro e voltar para a minha cidade. Eu fico, óbvio que eu vou para as festas e fico com os caras que eu quero ficar, só que eu não entro em relacionamento, porque eu não quero precisar mentir, precisar esconder, não quero que a pessoa descubra isso e sofra, não quero que eu sofra por causa disso.
> (Flávia – Moema, SP)

8 – Reflexões Metodológicas

8.1 Refletindo sobre minhas experiências em campo

Neste capítulo, além da necessária apresentação das minhas ferramentas de pesquisa, das parcerias que construí com organizações e informantes e do desenvolvimento do trabalho de campo, apresento também algumas reflexões sobre o desenvolvimento desta tese, discutindo algumas vicissitudes do seu percurso, além de abordar algumas questões sobre a abordagem de temas sensíveis, as questões impostas pelo gênero do pesquisador durante a pesquisa, entre outros temas de interesse metodológico.

Acredito que uma análise mais reflexiva deva ser tão importante quanto a descrição de métodos, na medida em que, apesar de haver uma literatura importante[135] sobre as questões mais subjetivas que circundam o trabalho de campo, a grande maioria dos pesquisadores não se propõe a escrever sobre estes aspectos menos "puros" e estritamente acadêmicos de suas pesquisas. Em um trabalho que aborda um grupo "marginal" e um tema sensível, acredito que estas reflexões têm importância fundamental, uma vez que as condições nas quais a pesquisa foi realizada podem ter impacto sobre o resultado final.

Enquanto pesquisador homem, eu obtive os resultados que apresentei nos capítulos anteriores, tendo algumas facilidades (como a segurança para circular pelos espaços de prostituição) e dificuldades (como a desconfiança que eu gerava nas informantes, por ser homem) na obtenção destes dados. Será que uma mulher poderia, em condições de pesquisa diferentes, criar mais confiança e intimidade com as informantes? Ou teria mais facilidade na discussão de temas sensíveis e sexuais com as entrevistadas? É provável que, em alguns aspectos, esta pesquisadora teria um resultado melhor que o meu, enquanto em outros eu pude ter um acesso maior a este universo.

Neste capítulo, inspirado pelas reflexões de autores como Kulick e Wilson (1995), Foote Whyte (2005) e Becker (2008), vou organizar uma discussão que abarca algumas questões fundamentais que surgiram durante esta pesquisa: como aconteceu o trabalho de campo e o contato com as informantes; quais os dilemas e dificuldades no estabelecimento de uma parceria com uma organização religiosa que atende as prostitutas; como foi realizar uma

[135] Os trabalhos de Becker (2008), Foote Whyte (2005), Kulick e Willson (1995), Kulick (1998), Babbie (2010), DeWalt e DeWalt (2011) são bons exemplos de obras que abordam estes aspectos mais subjetivos dentro do trabalho de campo, em particular em pesquisas que abordam temas sensíveis, como o sexo.

observação “virtual” no fórum destinado ao debate de clientes sobre prostituição e, por fim, quais foram as situações mais difíceis que enfrentei em campo, do ponto de vista das tensões pessoais e sexuais na pesquisa.

8.2 O trabalho de campo – Como aconteceu

Meu trabalho de campo nos espaços de prostituição que observei (Luz e Santo Amaro, em São Paulo e Guaicurus, em Belo Horizonte – prostituição popular; e os espaços de namoradinhas espalhados nessas duas cidades) aconteceu entre abril de 2016 e junho de 2017. É interessante destacar que estes marcos temporais não foram metodologicamente definidos, mas representam, respectivamente, minha descoberta – totalmente fortuita – da Pastoral da Mulher e o nascimento de minha filha.

De toda forma, antes deste período, sobretudo no segundo semestre de 2015, eu já estava realizando visitas exploratórias aos espaços de prostituição citados, mas ainda com muita dificuldade em estabelecer relações de colaboração com as informantes; também após o fim do trabalho de campo, também pude fazer algumas visitas e entrevistas nestes espaços do mercado sexual, sobretudo no final de 2017 e em janeiro de 2018, com o objetivo de esclarecer algumas dúvidas e lacunas que haviam ficado da época em que havia podido me dedicar de forma mais integral à pesquisa.

A pesquisa em Belo Horizonte foi facilitada não apenas por ser minha cidade de residência, mas também por causa da parceria estabelecida com a Pastoral da Mulher. Esta organização me auxiliou muito na obtenção de entrevistas gravadas, além de um sem-número de interações e conversas mais informais ocorridas no espaço desta organização, que também foram muito importantes para a pesquisa. Em abril de 2017, esta parceria me proporcionou a oportunidade de organizar dois grupos focais com prostitutas que frequentavam a Pastoral, eventos muito importantes nesta investigação.

Além de minha presença nesta organização, também pude “navegar” de forma mais solitária pelas zonas da região da Rua dos Guaicurus, o que também me rendeu boas informações. Estas explorações mais individuais ocorreram na forma de observações com menor rigor acadêmico, nas quais eu *flanava* pelas zonas observando as interações entre prostitutas e clientes. Em um determinado momento percebi que as mulheres destes hotéis faziam pausas para almoçar, e passei a frequentar os bares e restaurantes destes estabelecimentos,

conseguindo estabelecer inúmeros contatos valiosos, mas nunca gravados em áudio, uma vez que o uso de aparelhos eletrônicos é proibido dentro dos hotéis da região.

Entretanto, apesar de alguns sucessos iniciais nos espaços de prostituição popular, sobretudo devidos à ajuda da Pastoral e de Sheila, minha informante-chave no local, a pesquisa com as namoradinhas em Belo Horizonte não estava evoluindo como esperado e no final de 2016 decidi incluir São Paulo na pesquisa, na esperança de que num mercado sexual tão amplo como aquele eu pudesse ter mais possibilidades de encontrar informantes dispostas a colaborar com a pesquisa. Aqui é importante frisar que esta segunda cidade não fazia parte do projeto inicial, que contemplava apenas Belo Horizonte. De toda forma, como tantos outros projetos de pesquisa, este também foi sendo modificado na medida em que fui encontrando dificuldades em alguns locais e facilidades em outros.

O fator fundamental para esta mudança de planos não foi de ordem acadêmica. A gravidez de minha esposa, fato que tivemos conhecimento no final de outubro de 2016 criou, evidentemente, uma pressão cronológica ao desenvolvimento da pesquisa. A partir desta notícia, percebi que, após o nascimento de minha filha, em junho de 2017, eu não teria mais disponibilidade para me dedicar ao trabalho de campo como vinha me dedicando até então. Assim, a escolha de São Paulo como campo de trabalho partiu de uma situação na qual o meu tempo era escasso e o resultado da pesquisa com as *namoradinhas* em Belo Horizonte era muito lento e pouco promissor.

Em São Paulo, o trabalho de campo consistiu em seis viagens, com duração de uma semana cada, entre janeiro e junho de 2017. Durante meu tempo nesta cidade, dividi minha atenção entre as regiões de prostituição popular (Santo Amaro e Luz) e os espaços de *namoradinhas* (sobretudo os bairros Moema, Itaim e Jardins). O universo da prostituição em São Paulo é imensamente maior do que o de Belo Horizonte e no início foi difícil decidir por onde começar. Com o desenvolvimento da pesquisa lá fui percebendo a concentração de namoradinhas nos bairros citados e observando as possibilidades de interação com informantes em alguns espaços de prostituição popular também. Por outro lado, por restrições de tempo, abandonei um importante local de prostituição que havia atraído meu interesse, que foram as boates, sobretudo concentradas na Rua Augusta.

De certa forma, o abandono dos espaços de prostituição das boates, tanto em Belo Horizonte quanto em São Paulo, foi decisivo para transformar a tese numa *comparação entre dois extremos* do mercado sexual, a prostituição popular e as namoradinhas/acompanhantes,

simplificando a descrição e análise de como a *experiência de namoradinha* é colocada em prática em cada um dos espaços, sejam eles mais populares ou "de luxo". Com a introdução das boates, espaços mais complexos e fluidos em relação à vivência da *girlfriend experience*, o campo deveria ser, necessariamente, mais longo, o que era impossível dentro daquele contexto pessoal.

Em Santo Amaro, pude contar com a colaboração das Irmãs Oblatas e de sua associação, o Projeto Antônia, que possui objetivos muito similares aos da Pastoral da Mulher de Belo Horizonte (é a mesma congregação religiosa que gerencia ambos os projetos). Aí elas também fizeram o mesmo papel de "fiadoras" da minha pesquisa junto às prostitutas locais. Graças a elas consegui gravar algumas entrevistas e pudemos organizar, em maio de 2017, um grupo focal com as mulheres da região. Além da pesquisa atrelada à pastoral, também consegui estabelecer alguns contatos mais informais nas boates e privês da região embora eu tenha sentido uma grande animosidade em relação à minha presença nesses locais.

Na região da Luz, por outro lado, o desenvolvimento da investigação foi dificultado pela ausência de parcerias. Evidentemente, existem várias organizações religiosas presentes neste espaço, mas não quis estabelecer relações com projetos de caráter moralista e caritativo. Dessa forma, os contatos foram realizados de forma mais direta e, consequentemente, menos produtiva. Consegui contatos na região, mas quase sempre mais informais, gerando pouquíssimas entrevistas gravadas.

Embora o trabalho de campo tenha se desenvolvido bem desde o início do campo em São Paulo, a pesquisa entre as namoradinhas só começou a gerar mais resultados a partir da colaboração de Yasmin, acompanhante que se instalara na região dos Jardins, a dois quarteirões do MASP. Como detalharei mais adiante, a ajuda desta informante-chave foi fundamental, desde a elaboração dos convites para entrevistas, até a indicação de pessoas para o contato chegando, inclusive, à leitura e crítica desta tese.

Uma reflexão importante que costuma aparecer no início de toda pesquisa de campo é sobre a densidade da participação do pesquisador em seu campo, sendo a *observação participante* uma expressão que parece conter uma contradição em seus termos (DEWALT, DEWALT, 2011). Desta forma, o pesquisador vai, ainda no início de suas explorações, definindo o quanto se envolverá com o grupo estudado, tornando-se mais "participante" ou mais "observador", possuindo um papel mais ativo ou passivo em campo.

Esta definição depende tanto de seus interesses metodológicos quanto de sua disposição pessoal e características como gênero, cor ou classe social. Há pesquisadores que optam por uma "*observação mais participante"* como Frank (2002) que, ao pesquisar os clubes de *strip tease* americanos, decidiu trabalhar um tempo neste universo como *stripper*. Naturalmente, o fato desta pesquisadora ser uma mulher foi fundamental para realizar esta pesquisa, mais radical do ponto de vista metodológico.

Assim também Kulick (1998) e Perlongher (1987) que, por serem homens gays, puderam participar de forma mais densa do universo de seus informantes (travestis e michês, respectivamente), sendo aceitos como mais ou menos "*iguais*" por aqueles que estavam estudando. Esta situação, muito mais "*participante*" que "*observadora*" é o que alguns autores (BABBIE, 2010; DEWALT, DEWALT, 2011) chamam de *participação completa,* na qual o pesquisador se torna um membro ativo da comunidade de seu universo de pesquisa.

Por outro lado, outros pesquisadores não possuem as características pessoais (e, às vezes, o interesse acadêmico) para desenvolver pesquisas em um nível tão íntimo e denso como os autores citados acima. É o caso, por exemplo, de homens que estudam prostituição feminina. É interessante observar que, dentro da bibliografia que utilizei há, entre aqueles que fizeram trabalhos de campo e etnografias, trinta mulheres, dez homens e três duplas homem/mulher. O número menor de homens envolvidos neste tipo de pesquisa pode ser explicado, entre outras causas, pelos limites metodológicos impostos pela própria condição masculina.

Dessa forma, como pesquisador e homem eu pude ocupar um espaço mais periférico dentro de meu campo de estudo. Ao desenvolver o que alguns autores chamaram de *participação moderada* (BABBIE, 2010; DEWALT, DEWALT, 2011) eu, apesar de me situar o mais próximo possível do cotidiano de minhas informantes, não realizei suas atividades e não fui considerado como parte do grupo. Dessa forma, apesar de ser reconhecido como pesquisador, e visto por muitas mulheres como um interlocutor válido, eu estava presente no cotidiano dessas pessoas mais como *observador* do que como *participante.*

Foote Whyte (2005), por exemplo, também esteve numa condição parecida, uma vez que, apesar de ser homem assim como os rapazes das gangues do *North End*, e viver muito do cotidiano desta região, ele pertencia a um mundo social, acadêmico e econômico totalmente alheio aos seus informantes, sendo visto muitas vezes apenas como um observador, um "intruso". Apesar de *estar* com seus informantes, este pesquisador nunca *foi um deles* e, por mais que a intimidade e a integração fossem intensas, ele nunca deixou de ser o *college guy*

entre os rapazes da esquina. Logicamente, não estou afirmando que isto inviabilizou sua pesquisa, mas apenas destaco o *lugar a partir do qual* o trabalho campo foi realizado.

Apesar das barreiras de gênero me colocarem em um universo distante de minhas informantes, forçando minha pesquisa a ser mais uma *observação* do que uma *participação*, também haviam características que nos aproximaram. A principal delas foi, sem dúvida, a idade. Quando estive em campo, quase todos os meus contatos foram com informantes que possuíam idades parecidas com a minha (trinta anos). Ou eram um pouco mais jovens, como a maioria das namoradinhas, ou eram um pouco mais velhas, como a maioria das mulheres da prostituição popular, mas nunca houve uma grande distância neste sentido. Assim, apesar das dificuldades impostas pelas barreiras do gênero, a semelhança de idade fez com que eu e as informantes tivéssemos muito em comum, o que facilitou a construção de confiança entre nós (HOROWITZ *apud* DEWALT, DEWALT, 2011). Acredito que um pesquisador que fosse mais velho pudesse enfrentar ainda mais dificuldades no estudo desses espaços de prostituição.

Outra característica pessoal que acredito ter me ajudado na coleta de dados para esta pesquisa, aproximando-me das pessoas que estudei, foi a minha situação econômica. Não sou uma pessoa pobre, mas tampouco possuo condições financeiras confortáveis, e compartilho as dificuldades comuns a tantos outros pesquisadores jovens e batalhadores em início de carreira. Desta forma, entre as prostitutas dos espaços populares, eu era visto com certa simpatia, como alguém que, no jargão local, também *"estava na correria*", ou seja, atrás de seu ganha-pão. Entre as prostitutas "de luxo" e namoradinhas, minhas condições financeiras e, em certa medida, minha simplicidade na forma de vestir, ou o fato de me deslocar em transporte público, utilizando ferramentas de pesquisa bastante sumárias (caderno e gravador, apenas), também ajudaram a me diferenciar dos clientes deste espaço, em geral homens mais ricos e refinados, fortalecendo para estas mulheres a ideia de que era um pesquisador, e não um "cliente disfarçado", facilitando a criação de laços de confiança.

Como comentei anteriormente, ao mesmo tempo em que frequentava a pastoral, pude também observar o funcionamento da região da Rua dos Guaicurus. Visitei os hotéis numa base semanal, quando fazia um *tour* por todos os estabelecimentos, o que me preenchia quase o dia todo. Essa tarefa de *flâneur* foi bastante útil para perceber uma série de dinâmicas de trabalho e interações entre homens e mulheres que descrevo nas páginas a seguir. Quando alguma pessoa me perguntava algo ou queria conversar, eu me identifiquei imediatamente como pesquisador.

Essa atitude de *flâneur* não me gerou nenhum problema nos hotéis de prostituição da região da Rua dos Guaicurus, uma vez que, em cada hotel, há dezenas de homens que passeiam e observam as mulheres, sem realizar nenhum programa. Muitas vezes esses homens estão fazendo a *siesta* ou estão esperando o ônibus para ir para casa.

Nessas observações nos hotéis acabei descobrindo que havia horários e lugares que seriam mais úteis na captação de informações. Dessa forma, passei a frequentar essas locais diariamente, na hora do almoço, entre 11h e 14h, horário em que muitas mulheres faziam uma pausa para comer (alguns hotéis servem almoço, outros permitem a entrada de vendedores de *marmitex*). Nesse momento eu as abordava, e geralmente era bem recebido em suas mesas ou em seus quartos. Nenhuma dessas conversas durante o almoço foi gravada, mas as informações que obtive nesses momentos foram muito úteis.

Outra estratégia que usei foi visitar com mais frequência hotéis que possuíam bares (como o Cristal, por exemplo), e sentar ali, tomando um refrigerante. Sempre que fui abordado, me identifiquei como pesquisador e, na maioria dos casos, isso gerou curiosidade e vontade de conversar da parte das mulheres. Também não foram gravadas entrevistas, porque os hotéis não permitiam, mas também obtive informações valiosas nesses bares.

Em Santo Amaro senti certa dificuldade em realizar as observações mais visuais e interações com as prostitutas devido à intensa hostilidade do *staff* masculino dos estabelecimentos. Em todos os privês e boates fui recebido com certa animosidade, fui ameaçado e não consegui nenhuma abertura para realizar entrevistas. Nesses locais, não fiz contatos e para observar a dinâmica de funcionamento e as interações entre prostitutas e clientes me passei por cliente. No caso das boates, eu entrava, me sentava numa mesa e pedia um refrigerante. Ali ficava bastante tempo, observando o que ocorria ao meu redor: conversas, shows, negociações, conflitos. Depois de certo período, ia embora, uma vez que minha presença prolongada, sem escolher nenhuma garota para realizar programa, gerava desconfiança.

No caso dos privês, o que me pareceu menos hostil foi o *Minipink*, muito conhecido na região e que possui uma gerente mulher. Visitei este local uma dezena de vezes, até ser expulso sob a alegação de que era um "punheteiro", uma vez que nunca escolhia nenhuma garota. Esse evento foi causado pelo meu método de observação nesse local: eu entrava na "fila da alegria", como os clientes descrevem o grupo de homens que se posta no corredor desses estabelecimentos para serem apresentados às mulheres. Ali eu passava dez ou vinte minutos observando tudo, as

negociações, interações, conversas. Depois da apresentação eu me retirava, como se fosse um cliente que não se interessou por nenhuma das mulheres do local.

Na região da Luz há muitas obras religiosas e é possível ver com certa frequência freiras e agentes de igrejas evangélicas em contato com as mulheres. Entretanto, ali as irmãs oblatas estão ausentes e não consegui estabelecer nenhum contato com nenhuma "obra" que pudesse me introduzir as prostitutas locais. Dessa forma, os contatos foram realizados de forma mais direta. Eu me aproximava das mulheres, me apresentava como pesquisador, falava um pouco sobre os objetivos da pesquisa e as condições da entrevista (que seu anonimato seria garantido, que havia uma série de perguntas, que ela poderia deixar de responder qualquer questão, que seria gravado em áudio, etc.). Naturalmente, essa abordagem gerou resultados mais tímidos, e consegui realizar menos entrevistas gravadas nesse espaço, além de não ter realizado nenhum grupo focal.

De toda forma, tanto na Luz quanto nos outros espaços, a desistência de algumas mulheres em gravar entrevistas em áudio não inviabilizou a coleta de dados. Pude estabelecer muitos contatos, mais ou menos informais, que me geraram muitas informações úteis, que foram devidamente registradas em caderno de campo posteriormente. Dessa forma, posso classificar minhas interações com as prostitutas da seguinte forma (da relação mais densa e duradoura para a mais fugaz e superficial): As informantes-chave (uma *meretriz* e uma *namoradinha*); aquelas que participaram de grupo focal; aquelas que gravaram entrevista; aquelas que deram entrevistas sem gravador; aquelas que conversaram comigo, sem qualquer roteiro ou gravação, mas cientes do meu papel de pesquisador; aquelas, por fim, que responderam alguma pergunta rápida ou apenas foram observadas.

O segundo e o terceiro grupos, daquelas que participaram dos três grupos focais e das que gravaram entrevistas, formam um universo de vinte mulheres nas regiões de prostituição popular, onze na região da Rua dos Guaicurus, seis na região de Santo Amaro e três na região da Estação da Luz. Entretanto, se somamos os contatos mais informais e entrevistas menos estruturadas e sem gravação de áudio, que também foram preciosas para esta pesquisa, este número sobe a, aproximadamente, quarenta participantes.

Meu contato com as *namoradinhas* começou um pouco antes de 2016, quando passei a me dedicar com mais afinco ao trabalho de campo. Ainda em 2015, guiado pelas informações do fórum GPGuia, comecei a fazer alguns contatos, a maioria infrutíferos, com algumas mulheres que ocupavam este estrato mais alto do mercado sexual. A princípio esses contatos, tanto em Belo Horizonte, quanto em São Paulo, foram telefônicos, ou seja, eu ligava para as

mulheres depois de ver seus anúncios em algum site ou algum tópico referente a ela no Fórum GPGuia, explicava sobre a pesquisa e convidava para uma entrevista.

Esta técnica definitivamente não funcionou e tive que mudar um pouco a minha abordagem. Passei a usar o aplicativo *Whatsapp*, que me permitiu enviar uma mensagem padronizada para centenas de números ao mesmo tempo, e facilitava o "garimpo" das entrevistas, uma vez que, dentro de um número grande de mensagens, havia sempre algumas mulheres que retornavam. Eu captava o telefone dessas mulheres em sites de prostituição de luxo, como o BHModels, de Belo Horizonte ou o SPLove, de São Paulo. Ou então no Fórum GPGuia, cujos milhares de postagens sobre garotas de programa de todos os espaços de prostituição podem ser filtradas pelo valor do programa.

Dessa forma eu anotava os telefones daquelas que, trabalhando no centro cobravam acima de R$ 150 a hora e, para as que trabalhavam na zona sul, R$ 250 a hora, em valores aproximados. Estabeleci essa "base" de preços através da comparação de centenas de anúncios no fórum GPGuia[136], descobrindo que podia distinguir estes grupos de prostitutas a partir destes valores aproximados. Estes são os preços-base das namoradinhas. O texto padrão enviado às mulheres era o seguinte:

> Olá, bom dia. Meu nome é Vitor, sou pesquisador e estudante da área de Sociologia e pesquiso o trabalho das acompanhantes, massagistas e demais mulheres ligadas ao trabalho sexual. O tema da pesquisa é a forma como mulheres e clientes se relacionam, para além do sexo, ou seja, as relações de intimidade e os relacionamentos que podem surgir entre eles. Estou em [São Paulo/Belo Horizonte] esta semana realizando meu trabalho de campo e preciso realizar algumas entrevistas. Essas entrevistas são gravadas em áudio (os dados pessoais são mantidos em sigilo) e tem duração média de 1h30. Você teria interesse em participar? Desde já, muito obrigado e um abraço.

Junto dessa mensagem seguia um texto mais detalhado com esclarecimentos sobre a pesquisa e os direitos das participantes. Essa mensagem foi reelaborada várias vezes, inclusive contando com a colaboração de minha informante-chave no universo das namoradinhas, Yasmin. Foi ela que sugeriu a retirada da palavra "prostituição" das primeiras versões, sendo trocada pela curiosa frase *"acompanhantes, massagistas e demais mulheres ligadas ao*

[136] Este fórum possui, atualmente (fevereiro de 2018), aproximadamente 4500 tópicos ativos sobre namoradinhas em Belo Horizonte e 8800 namoradinhas em São Paulo, com informações (sobre, por exemplo, preços) concentradas no período entre 2014 e 2018.

trabalho sexual". Depois desta mudança o número de respostas, tanto pedindo esclarecimentos sobre a pesquisa quanto confirmando a participação nela, cresceu sensivelmente. Yasmin também leu criticamente este capítulo, me apresentou colegas e me ajudou com alguns detalhes do questionário, sendo uma peça fundamental para minha entrada nesse universo.

Este detalhe, sobre as expressões usadas no convite enviado por *Whatsapp*, que me passou despercebido durante muito tempo, corrobora as discussões de Chapkis (1997) e Bernstein (2007) sobre a natureza disfarçada do trabalho sexual das namoradinhas. Mesmo após o contato feito e a confirmação da entrevista, eu continuei evitando esta palavra "maldita" (prostituição) e, nas vezes que a pronunciei em algumas entrevistas, a reação das entrevistadas não foi positiva.

Em Belo Horizonte, fiz uso dessa mensagem padrão entre junho de 2016 e junho de 2017 e em São Paulo utilizei essa técnica nas minhas seis viagens de campo que realizei, entre janeiro e junho de 2017. No caso dessa última cidade, nos dias que antecediam a minha partida para lá (resido em Belo Horizonte) eu enviava, em média, duzentas mensagens, com uma taxa de resposta de aproximadamente 10%. Ou seja, eu partia para aquela cidade com, mais ou menos, vinte entrevistas "prometidas", das quais menos de um quarto delas se concretizava. Mais adiante discuto as razões pelas quais estas entrevistas não se realizaram.

No caso de Belo Horizonte, eu enviava estes convites com mais frequência, mas em menor quantidade, em média, cinquenta por semana. A taxa de resposta aqui foi igual à de São Paulo, aproximadamente 10%. Entretanto, o número de entrevistas que se concretizava foi menor ainda e, depois de uma resposta positiva ao convite inicial, a maioria das namoradinhas desaparecia. Isso me pareceu relacionado a um medo maior, das namoradinhas belorizontinas, de se exporem mais, uma vez que, em sua maioria, eram naturais desta cidade e possuíam família aqui, diferentemente das paulistanas.

Um fato curioso é que muitas namoradinhas, dezenas, tanto em Belo Horizonte quanto em São Paulo chegavam mesmo a marcar as entrevistas, com local e horário definido. Entretanto, na hora combinada elas não apareciam, e eu costumava ficar muito tempo esperando até desistir. Pouquíssimas tiveram o trabalho de se justificar. Apesar desse hábito das namoradinhas de faltarem às entrevistas me irritar um pouco, ele me pareceu compreensível, uma vez que, pelo fato de as entrevistas serem gratuitas, pode ser que elas tenham optado abandonar o contato comigo para realizar algum programa que tenha surgido abruptamente.

Pode ser que tenham desistido por receio da exposição pública, por medo de mim ou por conselho de alguém. Nunca saberemos.

Recebi muitas propostas de entrevistas pagas, mas não concretizei nenhuma. Além das questões éticas que este hábito poderia me impor, as questões de ordem prática também eram imperiosas. A maioria das namoradinhas propôs que eu pagasse por hora, ou seja, cada entrevista me custaria, no mínimo, entre R$200 e R$600 reais, valor que eu realmente não podia arcar, ainda mais se multiplicarmos pelo número de entrevistas gravadas (18). Assim, a todas essas propostas eu enviei uma mensagem de agradecimento e recusei o convite. Houve também muitas propostas para que eu "conhecesse o trabalho" – no sentido bíblico da expressão – que elas faziam e, se gostasse, realizasse a entrevista sem custos extras. Propostas essas que também rejeitei, por motivos pessoais e acadêmicos que vou esclarecer mais adiante.

Entendo que estes convites feitos "à granel" não são a melhor forma de aproximação e que geraram desconfiança ou desprezo na enorme maioria das convidadas (entre 90% e 95%). Entretanto eu não possuía – pelo menos até ter estreitado meu contato com Yasmin, a informante-chave – contato pessoal com nenhuma namoradinha e, dessa forma, não tinha conseguido realizar uma abordagem do tipo "bola de neve" (Vinuto, 2014), ou seja, quando um participante da pesquisa apresenta o pesquisador a outro potencial participante, transmitindo mais confiança.

A maioria das namoradinhas que respondeu ao meu convite quis conversar muito comigo por celular antes de aceitar me encontrar pessoalmente. Compreensivelmente elas pediram muitos esclarecimentos sobre a entrevista e impuseram uma série de exigências, sobretudo relacionadas sua à segurança, como me encontrar em um local público (realizei entrevistas em restaurantes, praças, parques e shoppings) e ir ao meu encontro acompanhada de outra pessoa. Pareceu-me compreensível essa desconfiança, na medida em que os principais agentes de violência dentro de todos os estratos da prostituição são homens.

Apesar de todas as dificuldades de contato e de criação de laços de confiança, o número final de entrevistas gravadas com namoradinhas chegou a dezoito, dez em São Paulo, todas concentradas nos bairros Jardins, Moema e Itaim-Bibi, e oito em Belo Horizonte, todas concentradas nos bairros Serra e Savassi. Além dessas entrevistas, tive contatos mais informais e sem gravação de áudio com mais seis namoradinhas, todas paulistanas. Como já comentei, compreendo que o fenômeno das namoradinhas não se concentra apenas nesses

bairros, mas foi aí que as entrevistas se concentraram, revelando que, apesar de não serem os únicos bairros de trabalho dessas mulheres, são locais de alta concentração deste grupo de trabalhadoras sexuais.

Apesar de todas as dificuldades no contato com as namoradinhas, quando as entrevistas se concretizaram elas transcorreram de forma muito mais tranquila e eficaz do que entre as *meretrizes*. Isso se deve à tranquilidade com que elas lidaram com o gravador que, ao contrário de suas colegas da prostituição popular, não colocou nenhum embaraço a liberdade de sua fala. As entrevistas também transcorreram em lugares mais confortáveis, como restaurantes ou em seus apartamentos e *flats*, o que também colaborou para que o diálogo durasse mais, muitas vezes chegando às duas horas de duração.

Para mim foi importante ter sido convidado a realizar algumas entrevistas em seus locais de trabalho e moradia, uma vez que pude perceber uma série de características que talvez tivessem passado despercebidas se todas as entrevistas tivessem sido realizadas em locais públicos. Por exemplo, pude perceber a discrição dos *flats* dentro dos hotéis, que não despertavam quase nenhuma desconfiança dos outros hóspedes. Pude observar também a decoração desses locais, os materiais de trabalho utilizados (como os itens de higiene pessoal descartáveis oferecidos aos homens) e os presentes dados pelos clientes a elas. Yasmin, por exemplo, possuía um caixa de papelão grande, de mais ou menos de 50x50x50 centímetros, só para estocar os chocolates recebidos.

As entrevistas em lugares públicos, apesar de compreensíveis, uma vez que a falta de confiança em mim pudesse colocar uma série de questões relacionadas à segurança das namoradinhas, foram um pouco mais pobres, sobretudo por causa das dificuldades relacionadas à privacidade da conversa. Uma conversa numa praça de alimentação de um *shopping*, por exemplo, foi dificultada pelo receio da entrevistada de responder algumas perguntas de teor sexual e afetivo. Depois dessa experiência ruim, passei a sugerir lugares públicos que tivessem menos aglomeração de pessoas, como parques e museus.

Assim como suas colegas da prostituição popular, algumas namoradinhas quiseram ter algum retorno sobre o uso de seus dados, e fizeram contato por celular e *e-mail*. Foram todas prontamente atendidas. Uma delas, Yasmin, ainda mantém contato comigo, mesmo depois do final do trabalho de campo, uma vez que acredita que eu possa ser um interlocutor válido (no sentido de ajudá-la a refletir sobre esse universo) num momento em que ela está se reposicionando no mercado sexual, mudando de cidade e oferecendo novos serviços.

8.3 As ferramentas da pesquisa e da análise

Em um trabalho de campo, há uma imensa gama de ferramentas a serem utilizadas. Eu, pelas minhas restrições de tempo e recursos utilizei, a princípio, instrumentos mais básicos durante a pesquisa: observação visual, caderno de campo, gravador, entrevistas semiestruturadas e grupo focal. Apesar de haver uma bibliografia abundante[137] sobre estes instrumentos quero, neste trecho, refletir como foi a utilização prática destas ferramentas e as dificuldades derivadas deste uso.

A primeira ferramenta a ser utilizada, ainda em uma etapa inicial do trabalho de campo é a observação, em um sentido mais exploratório e visual. O que chamei, *passim*, de *flânerie*, consiste nisso: visitar os locais de prostituição, observar seu funcionamento, seus horários e preços, as interações entre clientes e prostitutas, vendo, enfim, como se processam – na superfície – as relações dos agentes nestes locais. Esta ferramenta é fundamental porque nos permite *mapear* os espaços que estamos observando (DEWALT, DE WALT, 2011, P.82).

Como comentei anteriormente, grande parte deste mapeamento inicial foi feito de forma discreta, onde me passei – sobretudo nos lugares da prostituição popular com grande fluxo de homens – por um cliente desinteressado. Estas explorações nas quais me misturei à "massa masculina" desses locais (facilidade que uma pesquisadora não teria) foram importantes porque a maioria dos estabelecimentos de prostituição nas *zonas morais* não permitiam a entrada de pesquisadores e jornalistas. Entretanto, quando realizava contatos pessoais, mesmo em conversas informais, me identifiquei imediatamente como pesquisador, dando às pessoas a oportunidade de decidir sobre sua participação na pesquisa.

Desde o primeiro momento da pesquisa o uso do caderno de campo foi fundamental. Alguns autores fazem questão de frisar que "observação não é dado a menos que esteja registrada; e seu cérebro é um instrumento de gravação pobre" (DEWALT, DEWALT 2011, p. 157 – tradução minha[138]). Apesar de ser uma ferramenta muito comum em nossa área, logo no início das minhas explorações em campo percebi que seu uso não é tão simples. Há uma série de questões raramente discutidas sobre, por exemplo, o papel que o caderno de campo pode exercer como um instrumento de autoridade e academicismo, afastando o pesquisador do

[137] Alguns autores que foram referência para mim na utilização dessas ferramentas foram: Schwartz (1955), Jorgensen (2015), Goodwin e Horowitz (2002), Emerson (2011), Weiss (1995), Hermanowicz (2002), DeWalt e DeWalt (2011), Morgan (1993), Krueger (1993) e Babbie (2010).

[138] "Observation is not data unless it is recorded; and your brain is a poor recording device." (Original)

pesquisado (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 163). Por outro lado, pode ser que a presença do caderno de campo seja vista pelo pesquisado como um sinal de interesse e seriedade da pesquisa (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 163). No meu caso, exibir o caderno de campo poderia me trazer aborrecimentos e riscos à minha segurança, uma vez que minha presença – como pesquisador – não era tolerada nos locais de prostituição que observei e realizei contatos iniciais com algumas informantes.

Desta forma, desmembrei o caderno de campo em três blocos de notas separados, que cumpriram objetivos práticos e metodológicos diferentes. Durante toda a pesquisa existiram então *três cadernos de campo*, mas que eram portados e utilizados por mim em momentos diferentes. O primeiro deles era um caderninho de pequenas dimensões, de 15x10 centímetros, o suficiente para caber no bolso da calça. Neste bloquinho eu lançava notas rápidas, frases, descrições de cenas e impressões iniciais. Essas *jot notes* (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 161) constituíam a base do que seria escrito posteriormente no caderno de campo *strictu sensu.* Eu costumava lançar essas notas rápidas, quase taquigráficas, no ônibus, metrô ou em algum bar imediatamente após uma entrevista ou a observação de locais de prostituição. No caso das entrevistas, preferia sempre lançar essas notas após o seu término, para evitar que a escrita neste caderno interferisse na fluidez da conversa.

No final do dia (ou da noite), ao chegar em casa ou no local onde estava hospedado, eu utilizava o *real* caderno de campo. Este era um caderno maior e mais grosso, que só podia ser carregado numa bolsa, por exemplo. Com o desenvolvimento da pesquisa, naturalmente, este caderno se transformou em vários volumes, e eu portava apenas o último, deixando os outros em local seguro. Neste caderno eu desenvolvia as *jot notes,* escrevendo com mais densidade sobre minhas experiências em campo, já com certo distanciamento no tempo e no espaço (DEWALT, DEWALT, 2011, p.166).

Por fim, havia também um caderno de *Meta-notas* ou *Notas Analíticas* (DEWALT, DEWALT, 2011, p.170), nas quais eu procurava desenvolver teorias, hipóteses e esquemas explicativos da realidade que estava observando. Este caderno nunca ia a campo comigo e geralmente a escrita nele era realizada após a leitura tanto do caderno de campo quanto dos autores mais teóricos que basearam este trabalho. Neste caderno foram realizadas todas as grandes etapas intelectuais desta pesquisa, como simplificações, inferências e a criação de hipóteses e explicações da realidade. Em certa medida este terceiro caderno foi inspirado por propostas de etnometodólogos (DEWALT, DEWALT, 2011; BABBIE, 2010; GARFINKEL,

1996), que destacam a importância de não segregar o esforço teórico das observações em campo.

Concomitantemente ao uso dos cadernos de campo aparece um dos grandes medos do pesquisador em campo: o receio de perder seus registros. Este foi um sentimento que me acompanhou o tempo todo durante a pesquisa, sobretudo quando visitei lugares mais violentos e insalubres da prostituição popular, carregando, muitas vezes, o bloco pequeno, o caderno de campo e o gravador. Este mal pode acometer qualquer pesquisador, constituindo um dos principais riscos em campo. Edmund Leach (1954, *apud* DEWALT, DEWALT, 2011), por exemplo, perdeu suas anotações durante um ataque militar na Birmânia, sendo obrigado a escrever sua obra clássica *Political Systems of Highland Burma* a partir apenas de suas lembranças e algumas folhas de rascunho.

No meu caso, não perdi nenhum registro, mas o estresse e a paranoia relacionados à esta possibilidade foram responsáveis por boa parte de meus aborrecimentos em campo. Uma história pode exemplificar bem este problema: no início de 2017, em uma noite em que visitava a Boate Casarão, tradicional espaço de prostituição na Rua Augusta, em São Paulo, logo após a realização de uma entrevista, eu portava gravador e caderno de campo. Depois de uma negociação tensa, minha entrada na boate foi autorizada apenas após deixar esses materiais com o porteiro do local. O medo de que perdessem estes objetos e a falta de confiança no *staff* da boate me deixaram tão aborrecido que não consegui fazer nenhuma observação e tampouco contatos com informantes. Acabei indo embora pouco tempo depois. Após esta experiência desagradável, passei a explorar o campo apenas com meu bloco de *jot notes.*

O uso do gravador de áudio também foi fundamental na pesquisa. Além de servir para gravar algumas entrevistas, ele também foi útil para que eu ditasse, em momentos de mais pressa ou na impossibilidade de escrever, algumas informações e impressões mais essenciais sobre o campo. Apesar de possuir tamanho reduzido[139], menor que um aparelho celular, sempre deixei que ele ficasse bastante evidente durante as entrevistas, mesmo já tendo conversado com as informantes sobre a gravação de suas entrevistas. Dessa forma, durante estes momentos, eu colocava sempre o gravador em lugar visível, além de ter habilitado as funções de "bip" e de "led" do aparelho, o que fazia com que ele emitisse sempre um som ao ser ligado e desligado, ao passo que mantinha uma luz vermelha acesa enquanto estava gravando. Tomei estes cuidados para deixar sempre evidente às informantes que elas estavam sendo gravadas, tendo

[139] Usei o modelo ICD-PX240, fabricado pela Sony, cujas dimensões são muito reduzidas.

a possibilidade de desistir da entrevista ou pedir que a gravação fosse "pausada" em alguns momentos, como foi solicitado várias vezes, sobretudo em algumas perguntas com temática mais sensível, sobretudo relacionadas à questões financeiras e sexuais.

Apesar da presença do gravador ter sido muito bem aceita pelas *namoradinhas*, entre as prostitutas das regiões populares este instrumento causou mais estranheza. Talvez pela novidade tecnológica ou pelo fato de estarem sendo gravadas e o consequente medo de alguma forma de repressão, essas mulheres tiveram uma atitude bastante reticente diante do gravador. Olhavam muito para o aparelho, perguntavam com frequência se estava ligado ou não e algumas vezes solicitaram que fosse desligado, o que prontamente atendi. Nos grupos focais o gravador também chamou muita atenção, mas depois de alguns minutos de entrevista, com o surgimento de assuntos mais palpitantes, logo foi esquecido.

Outra peça fundamental da pesquisa, na qual o gravador foi auxiliar importantíssimo, foram as entrevistas. Alguns autores (EMERSON, 2011; WEISS, 1995; HERMANOWICZ, 2002, por exemplo) me inspiraram na escolha por um questionário semiestruturado. Esta estrutura flexível é importante para manter a fluidez da conversa, com o pesquisador dando mais liberdade ao entrevistado para falar da forma que quiser. Naturalmente há uma série de perguntas a serem feitas, mas sua ordem pode ser alterada para que o informante não seja interrompido de forma abrupta em seu raciocínio (DEWALT, DEWALT, 2011, p.152). Além disso, a quantidade de perguntas pode ser alterada, com a retirada de algumas e a adição de outras durante a entrevista, a depender da disposição da entrevistada em falar.

Muitas vezes pesquisadores em campo relatam sua preferencia por informantes "*tagarelas"*, o que, de fato, pode ajudar muito. Entretanto, é importante lembrar que as entrevistas não devem durar muito, e nem serem curtas demais (WEISS, 1995). Encontrar esta duração "ideal" da entrevista é uma habilidade que se desenvolve apenas depois de muitos erros em campo. Com o desenvolvimento da pesquisa percebi que as melhores entrevistas duravam entre 40 minutos e uma hora. Houve entrevistas mais curtas, mas com muitas lacunas, e outras mais longas, que cansaram muito as entrevistadas. De toda forma, este cálculo deve levar em conta não apenas as pretensões do pesquisador, mas também a disponibilidade da entrevistada.

Terminar a entrevista também é uma "arte" a ser aprendida. Acredito que terminar de forma abrupta não seja o ideal, dizendo "acabamos então" e deixando a cena. Dessa forma, a estratégia que melhor funcionou para mim foi, ao final da entrevista (por vezes determinado

por mim, com o fim das perguntas, por vezes determinado pela entrevistada, ao dizer que para ela "estava bom" ou perguntando se já estávamos terminando), desligar o gravador e emendar um pouco de *small talk*, conversando amenidades e dando espaço à entrevistada para perguntar sobre mim ou sobre a pesquisa. Considero que foi uma forma mais educada de encerrar a pesquisa e que também deu oportunidade para que elas se informassem mais sobre este trabalho

Outro aspecto interessante das entrevistas foram as "perguntas sensíveis" e as dificuldades derivadas delas (DEWALT, DEWALT, 2011, p.153). No questionário haviam questões difíceis como, por exemplo, "você sente prazer com algum cliente?" ou "você faz sexo sem proteção com algum cliente?" Em geral essas perguntas eram respondidas com certa dificuldade, não só pela presença do gravador, mas também pelo gênero masculino do entrevistador, que pode ter gerado desconfiança ou embaraço nas informantes. Algumas entrevistadas não se envergonharam e falaram abertamente, enquanto outras pediram para passar para a próxima pergunta ou para desligar o gravador neste momento. De toda forma, não acredito que isto tenha engendrado uma perda substancial de dados.

Outro cuidado que tomei foi evitar as perguntas que possam "dirigir" a resposta da entrevistada como, por exemplo, dizer: "Você não usa camisinha com alguns clientes, não é?" Este tipo de pergunta é desonesta e coloca a entrevistada numa situação de embaraço, além de distorcer suas respostas. Durante as entrevistas, sempre procurei observar se minhas perguntas estavam dando o máximo de liberdade às repostas das entrevistadas, além de manter uma postura minimamente neutra, evitando reações exageradas às respostas, mantendo uma imagem mais ou menos "ingênua" durante a entrevista (DEWALT, DEWALT, 2011, p.150).

Por causa da natureza mais ou menos "individualista" do trabalho das *namoradinhas*, não foi possível realizar nenhum grupo focal com este grupo. Em relação a esta ferramenta é interessante observar que, em geral, foi mais difícil *organizar e reunir* as informantes para o grupo focal do que *guiá-lo*. Os manuais (MORGAN, 1993; KRUEGER, 1993) se concentram a nos explicar apenas a segunda tarefa. A primeira, organizá-lo, passa quase necessariamente, pelas nossas capacidades diplomáticas e de convencimento. No meu caso tive, entre as prostitutas dos espaços populares, a ajuda valiosa da Pastoral da Mulher, que fez um esforço hercúleo para reunir algumas mulheres para o evento. Além disso, pude contar com seu espaço físico, bem perto da Rua dos Guaicurus, local que dificilmente eu poderia disponibilizar sozinho.

Estes grupos focais foram momentos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa porque muitas questões relacionadas à dinâmica de trabalho das *meretrizes* e das *namoradinhas* puderam ser discutidas *coletivamente*, assim como são debatidas em seu cotidiano. Temas como relações com *habitués*, concepções sobre relacionamentos ou valores de programas e práticas sexuais realizadas nessas interações puderam ser observados por mim de forma muito mais clara nos grupos focais do que nas entrevistas individuais.

Os três grupos focais realizados (dois em Belo Horizonte e um em Santo Amaro, São Paulo) foram momentos especiais no decorrer da pesquisa, pela qualidade das informações coletadas. Durante estas entrevistas em grupo, apesar de haver alguém para *guiar* a conversa, fazendo perguntas e estimulando a participação de todas as mulheres, o grande trabalho é realizado por elas, em seu diálogo. Assim, apesar de um início um pouco lento, sobretudo por causa de minha presença e do gravador, depois de alguns minutos a conversa adquiriu tons muito animados, e quase não foi necessário estimular a fala das participantes.

Estes grupos foram realizados com mulheres que eram, em tese, amigas ou não tinham grandes conflitos entre si. Em uma atividade muitas vezes individualista ou que envolve muita competição entre indivíduos, como a prostituição, muitas vezes pode ser difícil, além de organizar o grupo, fazê-lo acontecer. Dessa forma, acredito que a parceria dessas mulheres e o apoio das Irmãs Oblatas foi fundamental para que o grupo focal transcorresse de forma muito positiva. Além do gravador, tomei muitas notas também, durante e depois, para que na transcrição ficasse mais evidente quem havia dito o que (DEWALT, DEWALT, 2011).

Durante o trabalho de campo e a posterior análise dos dados, alguns autores me inspiraram no desenvolvimento da pesquisa como ela aconteceu. Acredito que, ao estudar grupos ditos "marginais", há referências incontornáveis, como a obra já citada de Foote Whyte (2005) e de Howard Becker (2009). Ambos os autores escreveram obras clássicas sobre estes grupos, como gangues e usuários de maconha, por exemplo. Estas obras são uma referência não apenas teórica, mas também metodológica, e admiro a forma como realizaram seu trabalho de campo e construíram seu texto. O uso abundante de citações nesta tese, por exemplo, é uma clara influência da obra de Becker (2008; 2009) para mim.

Além dos clássicos, outros autores mais recentes também foram inspirações fundamentais para o desenho da pesquisa e da análise presentes nessa tese. Em *Travesti* (1998), Don Kulick faz um trabalho de campo de excepcional qualidade entre as travestis de Salvador. No livro *Body & Soul : Notebooks of an Apprentice Boxer* (2004), Loic Wacquant também realiza uma

etnografia extraordinária sobre o universo do boxe em um bairro pobre de Chicago. A clareza que estes autores possuem sobre o uso dos métodos e a honestidade com que eles discutem as vicissitudes do campo e seus aspectos "mais humanos" e "menos acadêmicos" também é inspiradora.

Além destes livros mais etnográficos, há também manuais importantes, como *Participant Observation : A guide for fieldworkers*, de DeWalt e DeWalt (2011), e *The Practice of Social Research*, de Earl Babbie (2010), referências fundamentais para mim. À diferença de outros manuais muito utilizados em nosso meio, estes autores se propõem, para além da *descrição* do método etnográfico, a também realizar uma *reflexão* de suas condições e consequências.

Após a banca de qualificação, em meados de 2016, quando meu projeto original sofreu muitas mudanças, e antes de iniciar meu trabalho de campo, pude me dedicar a organizar com mais clareza o desenho desta pesquisa. Para isso, levei em consideração alguns fatores, como o desenvolvimento e a simplificação da minha pergunta de pesquisa, o que me levou a selecionar também os espaços físicos nos quais ela seria realizada a minha pesquisa, uma vez que minha pergunta trata, essencialmente, de uma comparação entre grupos de prostitutas diferentes.

Um dos passos mais importantes no início de uma pesquisa é a definição de uma *pergunta de pesquisa* clara (DEWALT, DEWALT, 2011, p.123). É esta pergunta que guiará o pesquisador não somente em sua teoria mas, sobretudo, o ajudará a decidir qual abordagem terá em campo. No meu caso, minha pergunta sobre as possibilidades de colocação em prática da *experiência de namoradinha* em espaços diferentes de prostituição me levou a desenvolver o trabalho de campo em espaços *diametralmente opostos* do mercado sexual (prostituição popular e prostitutas "de luxo"), para que a comparação e as diferenças ficassem mais evidentes.

A partir da definição da pergunta e dos grupos a serem investigados, escolhi o método (observação participante) dentro de suas possibilidades metodológicas e também considerando minhas preferências pessoais. Além disso, a partir de minhas primeiras experiências e desventuras em campo pude selecionais quais seriam as melhores formas de contatar as informantes, estabelecer parcerias, registrar os dados e processar a análise dos dados. E, por fim, a partir destas experiências pude desenvolver melhor as ideias que guiaram a investigação.

O fim do trabalho de campo, como comentei, foi definido por um evento de ordem pessoal, o nascimento de minha filha e a consequente escassez de tempo que me atingiu. Entretanto, em junho de 2017, quando este importante evento aconteceu, eu ja havia, em dois dos três espaços de prostituição que estava analisando, alcançado a *saturação* dos dados coletados (DEWALT, DEWALT, 2011; BABBIE, 2010). As boates, que representaram parte importante do trabalho de campo, foram abandonadas nesta tese porque, neste momento em que eu não podia mais estar em campo, eu ainda não havia atingido a saturação dos dados nestes espaços, ficando então sem condições de realizar simplificações, comparações e de construir esquemas explicativos sobre este modelo de trabalho sexual.

A partir da saturação dos dados referentes aos espaços das *meretrizes* e das *namoradinhas*, do nascimento de minha filha e do consequente fim do trabalho de campo, pude organizar a *redução dos dados*, que organizou-se em torno da "filtragem" das informações que eram realmente relevantes. Nesse sentido, as transcrições dos áudios e as anotações foram despidas de todos os trechos que não eram relevantes para a pesquisa. Este processo acontece o tempo todo, na medida em que, desde o trabalho de campo, nós decidimos o que registrar ou não, já selecionando as informações que consideramos relevantes. Entretanto, durante a análise do material, já com certo distanciamento em relação à coleta das informações, este processo se tornou mais importante (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 181).

Depois desta seleção do material a ser utilizado, outro momento importante foi a "codificação" das informações. O que chamo aqui de "codificação" foi a criação de "códigos descritivos" (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 183), ou *categorias de análise*, na busca de padrões a serem observados. Este processo facilita a transformação dos dados "filtrados" em ideias, conceitos e padrões sociais. Junto desta *codificação*, realizei também o que alguns autores (BABBIE, 2010; DEWALT, DEWALT, 2011) chamam de *indexação*, que é a criação de índices e "etiquetas" para o destaque, análise e comparação das informações.

Hoje em dia, estas tarefas de *codificação* e *indexação* são realizadas com o auxílio de programas de computador, como o *Nvivo*, por exemplo. Entretanto, como comentei anteriormente, todas as fases da minha análise foram realizadas de forma mais ou menos "analógica" ou, pelo menos sem o auxílio destes programas de computador. Embora alguns autores recomendem fortemente a análise auxiliada pelo computador (DEWALT, DEWALT, 2011, p.175), a decisão de não utilizar estes programas foi de caráter apenas pessoal.

Eu prefiro trabalhar da forma menos eletrônica possível, usando o computador para, no máximo, escrever, criar tabelas ou "indexar" dados. Dentro de minha experiência pessoal, o excesso do uso do computador me traz indisposição e dificuldade para focar minha atenção e raciocinar de forma mais densa, e por isso escolhi realizar quase toda a análise dos dados "à moda antiga". Obviamente isto ocasionou um volume de trabalho muito maior, sobretudo nas tarefas mais "braçais" ou repetitivas, sobretudo relacionadas à *codificação* e *indexação*, como a marcação de palavras-chave e a seleção de citações importantes ou paradigmáticas. De toda forma, apesar de mais trabalhosa, a análise realizada da forma como aconteceu me trouxe mais prazer em trabalhar.

A segunda etapa da análise, realizada através da *exibição dos dados* (*Data Display*) (BABBIE, 2010) consistiu na organização e apresentação dos dados de forma mais visual, através da construção de tabelas, quadros, matrizes, fluxogramas e outras ferramentas que puderam me ajudar da realizar análises, resumir argumentos, fazer comparações, mostrar padrões e realizar algumas conclusões preliminares (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 196). As citações de falas de informantes, muito utilizadas em toda a tese, são um bom exemplo deste processo, uma vez que são paradigmáticas, ou seja, representam um pensamento comum entre determinado grupo de prostitutas. As tabelas que aparecem em alguns trechos também fizeram parte deste processo, sobretudo comparativo. E por fim, os mapas que construí igualmente fizeram parte deste processo de *data display*.

A etapa final da análise consistiu na interpretação e na verificação da análise realizada. Este processo é a verificação de como os dados estão padronizados, o que significam, se sua comparação faz sentido até a construção de esquemas explicativos. Por fim, após a elaboração de alguns destes esquemas, fiz uma checagem para verificar a validade da análise, observando exceções e "furos" nos dados obtidos, e acredito que não houve nada de mais relevante que pudesse comprometer os esquemas explicativos que criei.

8.4 Relações com as informantes-chave

Durante o desenvolvimento desta pesquisa pude estabelecer uma parceria mais duradoura com duas *informantes-chave*: Sheila era uma jovem prostituta da região da Rua dos Guaicurus, com uns vinte anos, aproximadamente, muito inteligente e mais escolarizada que a maioria de suas colegas das "zonas" deste espaço. Apesar de, no início de nosso contato, não ter se

interessado muito pela pesquisa, depois de sua entrevista passou a me procurar frequentemente para conversar sobre o assunto e começou a colaborar mais ativamente comigo durante minha permanência em campo.

Yasmin era uma das namoradinhas que pude encontrar na região dos Jardins, em São Paulo. Ao contrário de praticamente todas as suas colegas, era negra, tinha uns vinte e sete anos (portanto mais velha que a maioria das acompanhantes) e possuía uma visão muito profissional do mercado sexual, e seu discurso ia sempre na contramão do que me diziam as outras namoradinhas, como mostrei algumas vezes no capítulo que concerne a este grupo. Ao contrário de Sheila, sua disposição em colaborar com a pesquisa foi instantânea e desde então – e ainda hoje – debatemos muito sobre prostituição e, de forma particular, sobre a *experiência de namoradinha*, trocando *e-mails,* telefonemas, enviando um para o outro *links* de reportagens na internet e outros materiais sobre o mercado sexual.

A ajuda das duas foi fundamental em todas as fases do trabalho de campo: desde os momentos iniciais, mais exploratórios, elas puderam me orientar sobre onde focar mais a minha atenção, o que abordar, com quem conversar (*bola de neve*), aonde ir; posteriormente, com a pesquisa em andamento, elas puderam me ajudar com a construção dos questionários, a elaboração dos convites para as entrevistas (como a "dica" preciosa de Yasmin para que eu retirasse a palavra "prostituta" dos convites por *Whatsapp)*, e chegaram, inclusive, a ler trechos desta tese e teceram comentários e críticas durante o desenvolvimento do texto.

Entretanto, as digressões que quero realizar sobre estas informantes-chave dizem menos à respeito de sua colaboração acadêmica e se referem mais ao desenvolvimento de nossa relação e sobre a influência desta pesquisa sobre suas vidas, considerando o momento que viviam. Na edição de 2005 de *Street Corner Society*, William Foote Whyte (2005) apresenta, além de sua pesquisa, uma série de artigos anexos, que me inspiraram no debate que faço neste trecho, sobretudo o texto *"O impacto Whyte sobre um Underdog*[140]*"*, de Angelo Orlandella, um dos informantes-chave de Whyte naquela pesquisa.

Neste texto, um discurso de homenagem feito à Whyte, Orlandella destaca o importante papel que o pesquisador teve na sua vida, a partir de sua participação em sua pesquisa no *North End* de Boston, área muito pobre e degradada à época, ainda com vinte e poucos anos, e destaca a influência e o incentivo de Foote Whyte para que seguisse os estudos e o resultado destes

[140] "Underdog" é uma expressão próxima à ideia de "Zé Ninguém", em português.

esforços: ele, um *underdog*, membro de uma gangue de esquina, acabou se destacando dentro um meio social muito pobre e de poucas oportunidades.

Apesar de não tê-las convidado de forma mais explícita a falar da influência desta pesquisa em suas vidas (e tampouco as convidei a escrever sobre isso – seria pretensioso demais), nós conversamos muito sobre este tema, inclusive em encontros posteriores ao trabalho de campo, e elas comentaram sobre algumas decisões que tomaram a partir de nossa convivência e da colaboração com a pesquisa.

Na época de nossa parceria Sheila estava em um momento, segundo ela mesma, de transição. Tendo se prostituído durante algum tempo nos hotéis da região da Rua dos Guaicurus, havia tomado consciência da precariedade do trabalho nesses locais (assim como algumas de suas colegas também tinham essa noção) e tinha decidido procurar condições melhores dentro do mercado do sexo. Deferentemente da maioria das prostitutas deste espaço, ela havia estudado um pouco mais que a média daquele grupo, terminando o ensino médio e possuía alguns contatos, como amigos e ex-clientes, que a fizeram conhecer outros espaços sociais. Além disso, ela também tinha contato com algumas mulheres que faziam parte de movimentos políticos ou sindicais das prostitutas, tanto em Belo Horizonte quanto em outras cidades, através de suas redes sociais.

Dessa forma, quando nos conhecemos, ela já estava à procura de novos locais para trabalhar, exercendo a prostituição nos hotéis apenas ocasionalmente. Entretanto, apesar de já estar neste processo de transição, ela passou a me ver como um interlocutor importante, na medida em que me considerava um "especialista" sobre o mercado sexual, e acreditava que eu poderia dar informações úteis sobre sua entrada no universo das namoradinhas. Não tenho certeza se minhas informações foram tão úteis para ela, mas acredito que ela possa ter aproveitado algumas conversas mais informais, além das entrevistas terem sido um importante momento de reflexão sobre sua trajetória pessoal e fortaleceram nela o desejo de mudar de espaço dentro do mercado do sexo.

Apesar deste esforço, Sheila tinha um comportamento um pouco errático, e lhe faltava iniciativa (ou condição) para abandonar definitivamente a *zona boêmia* e ela parecia continuar num momento de "transição" que nunca se concluía. Na época em que ocorreu nosso último encontro, no início de fevereiro de 2018, ela ainda realizava alguns programas ocasionais nos hotéis da Guaicurus, mas tinha também alguns outros clientes fixos foram deste espaço, que

atendia em hotéis e motéis, no esquema da *experiência de namoradinha*, sendo muito bem remunerada por isso.

Yasmin era mais decidida e tinha uma clareza muito grande de seu projeto profissional. Quando nos conhecemos ela estava próxima do que poderíamos chamar de "ápice" dentro do universo das namoradinhas, uma vez que trabalhava em um *flat* muito bem localizado nos Jardins, há duas quadras da Avenida Paulista, e possuía certo conforto financeiro. Entretanto, como comentamos naquele capítulo, ela começava a fazer uma crítica dos custos financeiros do trabalho nos *flats*, além de se sentir insatisfeita sexualmente com o "excesso" de *habitués*, desejando experimentar novas situações sexuais. Dessa forma, em todas as nossas conversas mais informais e entrevistas ela estava sempre falando de seu "projeto", que aos poucos foi ficando claro para mim: organizar um grupo de namoradinhas e buscar mais formação profissional em algumas práticas mais frequentes, como massagens e a realização de fetiches.

Ela sempre pediu para ter acesso às suas entrevistas e ao que eu escrevia sobre as namoradinhas, e afirmou que isso contribuiu para a sua saída deste mercado. Em nosso último contato, por *email*, no final de janeiro de 2018, ela havia abandonado o *flat* e São Paulo, retornando a sua cidade natal, Brasília. Ali ela possuía alguns clientes fixos e estava pesquisando material para sua nova ocupação como *dominatrix.* Entretanto, não havia se instalado em um *flat* e utilizava a rede hoteleira da cidade para atender seus *habitués*, todos na dinâmica da *experiência da namoradinha.*

Não quero aqui ser pretencioso a ponto de imaginar que a participação delas nesta pesquisa seria a única influência para que elas tomassem essas importantes decisões. Entretanto, percebi (assim como elas também afirmaram) que as entrevistas se tornaram, para algumas informantes, um importante momento de reflexão pessoal, sendo descrita por uma das namoradinhas como uma experiência próxima a se sentar no divã de um psicólogo. Naturalmente, promover uma "psicanálise" das informantes não é o objetivo da entrevista, mas alguns autores (como DEWALT, DEWALT (2011), por exemplo) destacam que este processo pode acontecer durante suas pesquisas: ao elaborarem respostas para o pesquisador, muitas informantes podem ser obrigadas a refletirem – às vezes pela primeira vez – sobre determinado assunto, desenvolvendo uma nova perspectiva a respeito.

A "consciência" política e social que as informantes-chave possuíam sobre mercado da prostituição, muito mais desenvolvida do que suas colegas, nos remete a outra questão interessante: quem, em geral, se dispõe a ser um informante-chave em uma pesquisa? Numa

análise rápida, colaborar com uma pesquisa como esta pode trazer mais aborrecimentos do que vantagens às informantes. Assim, surgem três possibilidades: empatia com o pesquisador e seu esforço de compreensão daquele contexto; expectativa de algum ganho pessoal (embora, à princípio, essa vantagem pode não estar clara); e, por fim, o fato de que esta informante pode ser alguém mais "politizado", mais "esclarecido" do que seus pares sobre a realidade na qual está inserida, querendo colaborar com o aumento de conhecimento sobre o tema.

Um bom exemplo deste interesse por parte de um grupo de informantes mais "politizadas" foi um dos grupos focais que organizei em parceria com a Pastoral da Mulher, composto pelas mulheres que faziam parte do grupo *Filhas da Luta*, organizado pelas irmãs oblatas. Dos três grupos focais realizados, este foi o mais denso e proveitoso, uma vez que todas as mulheres que participaram dele tinham uma consciência maior sobre as condições de trabalho e as relações de exploração dentro da prostituição popular.

No caso de Sheila e Yasmin, percebi que ambas esperavam, com sua colaboração, algum ganho pessoal, sobretudo na forma de informações que eu poderia fornecer a elas naquele momento de transição profissional. Além disso, ambas eram, assim como as moças do *Filhas da Luta*, mais "politizadas" ou mais "conscientes" das questões que permeavam o mercado do sexo do que suas colegas, ou pelo menos, estavam mais interessadas em discutir esses temas.

Em alguns momentos estas duas informantes me pediram conselhos sobre suas carreiras profissionais, que eu prontamente dei, por exemplo, na forma de sugestões sobre bons sites para anunciar e sobre o cuidado que deveria ser dedicado à observação das opiniões dos clientes no Fórum GPGuia. Há um longo debate (DEWALT, DEWALT, 2011) sobre os dilemas relacionados à nossa atuação em campo e o quanto influenciamos o universo que estamos estudando: devo dar conselhos? Emprestar dinheiro? Auxiliar o grupo em atividades ilegais (FOOTE WHYTE, 2005)? Acredito que estas decisões são pessoais e também de âmbito metodológico, na medida em que o pesquisador define seu nível de participação em campo, e precisam sempre ficar claras, para que seu impacto na pesquisa seja discutido.

8.5 As parcerias estabelecidas em campo

Durante minha dissertação, cujo trabalho de campo se concentrou na região da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, entre 2011 e 2013, pude contar com a parceria da APROSMIG (Associação das Prostitutas de Minas Gerais), órgão – *grosso modo* – sindical

das mulheres que trabalhavam neste espaço. Apesar de seu nome pomposo, esta associação só possuía contato e influência sobre uma pequena parte das prostitutas locais, através de campanhas de conscientização sobre DST's e com distribuição de preservativos nos hotéis da região.

Apesar desta pequena influência, esta associação foi importante naquela pesquisa, na medida em que me colocou em contato com dezenas de prostitutas, servindo de "fiadora" para que eu pudesse realizar minhas entrevistas, inclusive utilizando o seu espaço físico. Assim, a APROSMIG, sobretudo na pessoa de sua presidente, Cida Vieira, foi uma parceria fundamental naquela pesquisa, sem a qual dificilmente eu teria obtido os resultados que alcancei.

Entretanto, ao começar meu trabalho de campo neste projeto de doutoramento, percebi que esta associação havia tomado algumas posições políticas que me desagradavam. A sua sede ficava numa sala emprestada da AARG (Associação dos Amigos da Rua dos Guaicurus), uma associação que, apesar do nome, é uma organização patronal, dos donos e gerentes de hotéis. A relação entre as duas associações é bem nebulosa e vai além do empréstimo do espaço, e a APROSMIG costuma trabalhar em conjunto com os donos dos hotéis, o que reduz muito sua popularidade entre as prostitutas destes espaços. Além disso, esta associação de prostitutas concentra sua atividade em épocas eleitorais, onde lança sua presidente a cargos eletivos (nunca venceu), "hibernando" depois, durante muito tempo.

Este posicionamento mais ligado à cafetinagem local por parte da APROSMIG poderia me trazer problemas, uma vez que, além do meu desacordo com esta atuação política atrelada ao interesse dos donos dos hotéis, a associação – por causa deste posicionamento – possuía pouco crédito diante do conjunto das prostitutas locais, sendo frequentada por poucas mulheres. Desta forma, não quis ligar minha presença e esta pesquisa a estas figuras controversas imaginando que, no contexto atual, isto poderia me prejudicar mais do que ajudar no contato com as informantes.

Além disso, a escolha das parcerias a serem feitas durante o trabalho de campo envolvem naturalmente, certas decisões não apenas metodológicas, mas também políticas e éticas para o pesquisador. Desta forma, além da APROSMIG, procurei me afastar de outras organizações, sobretudo de caráter religioso, com as quais tive contato durante o campo, em eventos políticos e acadêmicos sobre a prostituição, e que possuíam um viés assistencialista e moralista, como a Pastoral da Mulher Marginalizada, gerida pelas Irmãs do Bom Pastor e que

atua no Jardim Itatinga, famosa região de prostituição em Campinas-SP (espaço que eu tinha a intenção de investigar); e o Movimento Raabe[141], ligado à Igreja Universal em São Paulo, que visa "retirar as mulheres do pecado" e que atualmente conta com a liderança de Andressa Urach, ex-artista de televisão e ex-prostituta de luxo que se converteu. Não queria, com a minha parceria, endossar suas posições e tampouco fortalecer essas iniciativas. Assim, por causa destas contingências mais políticas e ideológicas, iniciei o trabalho de campo sem parceria com nenhuma organização.

Em março de 2016 fui convidado para uma entrevista na TV Assembleia, em Belo Horizonte, cuja temática era a prostituição. Neste programa de televisão pude conhecer Isabel, psicóloga e funcionária da Pastoral da Mulher em Belo Horizonte, que me convidou a conhecer o trabalho que esta organização realizava. A princípio fiquei receoso em estabelecer uma parceria com um órgão ligado à uma congregação religiosa, mas logo percebi que o trabalho da Pastoral se situava numa lógica muito distante das obras caritativas.

Como já comentei anteriormente, a Pastoral é gerida pelas Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, uma congregação católica de origem espanhola que possui um trabalho secular junto das prostitutas e no Brasil se encontra em quatro cidades: Salvador e Juazeiro, na Bahia, Belo Horizonte e Santo Amaro, em São Paulo. A atuação das Irmãs Oblatas é muito diferente das outras iniciativas religiosas que conheci, e se concentra na redução da violência nos espaços de prostituição e na promoção dos direitos dessas mulheres. Em seu site, as irmãs afirmam que seu projeto

> busca superar visões distorcidas, moralistas e preconceituosas sobre as garotas de programa, que acabam por colocá-las como 'vítimas' ou 'coitadinhas', reduzindo-as aos aspectos de fragilidade, impotência e imobilidade, o que proporciona violações de direitos. *Nossa Causa*. Disponível em: https://dialogospelaliberdade.com/nossacausa/. (Acesso em 25 fev. 2018)

Este posicionamento político da Pastoral me levou a estabelecer minha parceria com esta organização, uma vez que elas sustentavam uma série de ideias que eu também compartilhava, no sentido de dar mais destaque à capacidade de agência das prostitutas, em detrimento de outros aspectos mais estruturais destacados pelo feminismo radical, por

[141] Raabe era uma prostituta de Jericó que auxiliou dois espiões israelitas enviados por Josué, que estava em campanha para a conquista da Terra Prometida (Palestina) após a peregrinação do povo hebreu pelo deserto (Esta história está no capítulo 2 do Livro de Josué, na Bíblia).

exemplo. A atuação da Pastoral focada na noção de cidadania também me chamou a atenção positivamente. Em Santo Amaro, por exemplo, o trabalho realizado pela organização consistia em facilitar o contato das prostitutas com os órgãos governamentais que pudessem garantir alguns direitos, auxiliando-as a vencer as barreiras burocráticas dos serviços públicos.

Em relação aos pesquisadores que a procuram, a Pastoral possui uma política de estabelecer parcerias, e tem muito interesse acadêmico, mantendo um grande arquivo de *papers* e livros sobre o assunto, além de organizar periodicamente seminários e colóquios sobre a prostituição. Durante nossa convivência, tive a oportunidade de participar destes eventos em três ocasiões (dois seminários em Belo Horizonte e um em Santo Amaro).

Com sua abertura aos pesquisadores, a Pastoral espera, naturalmente, contrapartidas. No meu caso, durante nossa parceria, além da participação nos seminários citados, também auxiliei esta organização a aplicar questionários de suas pesquisas, compartilhei materiais, sobretudo artigos que li e achei interessantes, sobre a prostituição; além de termos organizado três grupos focais em conjunto, dividindo o questionário semiestruturado que guiou estes eventos em duas partes: uma com perguntas concernentes à ocorrência de violência nos espaços de prostituição (temática que não me interessava, mas que era importante para uma pesquisa realizada pela própria Pastoral); e outra com perguntas relacionadas à *experiência de namoradinha* e à relação com *habitués* e namorados (tema que não interessava à Pastoral, mas que era importante para mim).

Apesar da organização do grupo focal e dos convites realizados terem ficado a cargo da pastoral, eu fui o responsável pela condução desta entrevista em grupo. Todo o material, escrito e gravado ficou comigo e, quando entreguei à pastoral as transcrições comentadas por mim, fiz questão de preservar o sigilo das entrevistadas, trocando seus nomes e apagando demais informações pessoais, uma vez que, a partir daquele momento eu não teria mais o controle sobre o uso dessas informações.

Durante minha convivência no espaço da Pastoral e em nossas iniciativas de pesquisa surgiram algumas conversas sobre a minha posição "política" sobre a prostituição, assim como a (im)possibilidade da neutralidade na pesquisa sociológica. A participação em eventos públicos da Pastoral, como os seminários citados, me forçou a assumir – publicamente – um posicionamento que eu já possuía dentro da controversa questão sobre a legalidade e a regulamentação da prostituição.

Meu posicionamento alinhado à pastoral (regulamentarista) não representou nenhum problema, durante a pesquisa, uma vez que todas as minhas informantes compartilhavam deste ideal. Já a minha relação pessoal com amigas pertencentes a movimentos feministas radicais ficou mais prejudicada, uma vez que elas não concordavam com a posição e a atuação da Pastoral, e viam minha parceria com a organização como um imperdoável endosso à causa liberal-feminista.

Durante o período que tive contato mais frequente com a Pastoral pude perceber que a organização possui um projeto audacioso para aumentar sua influência dentro da luta política das prostitutas. A partir do início de 2017 esta organização começou a formar um grupo de mulheres que trabalhavam em hotéis da região da Guaicurus e que se interessavam pelo debate e a militância política. Este grupo reuniu meia dúzia de prostitutas e foi chamado de *Filhas da Luta*. Esta organização, que ainda está começando sua atuação, é uma tentativa da pastoral de se tornar um *player* mais influente neste universo. A ideia das irmãs oblatas é que, depois de algum tempo, as *Filhas da Luta* possam desenvolver sua atuação de forma mais independente.

As aspirações acadêmicas da pastoral e suas frequentes parcerias com pesquisadores diversos, além de sua atuação mais relacionada à questões de cidadania e saúde das prostitutas, a distanciam das demais organizações religiosas, mais ligadas ao assistencialismo e à ideias difusas de "caridade". Para se desligar definitivamente destes rótulos religiosos a pastoral em Belo Horizonte, chegou inclusive a mudar de nome, sendo chamada hoje em dia de *Diálogos pela Liberdade*, embora a antiga alcunha religiosa continue sendo usada no cotidiano por freiras, funcionários e prostitutas.

Academicamente, o esforço acadêmico da pastoral se aproxima do que se convencionou chamar de *pesquisa-ação* (BABBIE, 2010). Na *pesquisa-ação* os interesses políticos e intelectuais do pesquisador estão misturados, e o trabalho de campo é visto de uma perspectiva mais utilitária, no sentido de *como* ele poderia auxiliar, politicamente, o grupo estudado. Embora esta tese não seja uma *pesquisa-ação,* eu participei de eventos, fóruns, seminários e outras atividades de caráter político, como parceiro da pastoral, o que me forçou a tomar algumas posições políticas publicamente, o que não parece ser tão comum ou desejável em alguns contextos de trabalho de campo (DEWALT, DEWALT, 2011). Apesar de compartilhar das posições politicas da pastoral e me sentir confortável com isto durante a pesquisa, reconheço que em outros contextos de pesquisa isto poderia me causar embaraço.

8.6 Um trabalho de campo "virtual" – O Fórum GPGuia

Além do trabalho de campo "físico", pude realizar nesta pesquisa também uma investigação virtual, em diversos sites de prostituição, mas concentrada sobretudo no *Fórum GPGuia*, o maior fórum virtual sobre o mercado sexual no Brasil. A princípio imaginei que este espaço virtual seria importante apenas nas fases preliminares do trabalho de campo, no sentido de servir como fonte de informações para o mapeamento dos espaços de prostituição e recolhimento de dados mais básicos sobre preços e práticas sexuais oferecidas em espaços diferentes. Entretanto, à medida que o trabalho de campo foi sendo desenvolvido, o Fórum ganhou mais importância, uma vez que, além de todas essas informações mais práticas que eu buscava, este site também abrigava discussões imensas sobre o trabalho das prostitutas das regiões populares e das namoradinhas.

De certa forma, todas as grandes questões relacionadas à prostituição popular das *zonas boêmias* das grandes cidades brasileiras e entre as namoradinhas e acompanhantes "de luxo" estão presentes no fórum. Ali os clientes debatem sobre a *experiência de namoradinha* desde antes do aparecimento desta temática em nossas pesquisas. Assim, o fórum passou a representar uma fonte fundamental de informações sobre o trabalho das prostitutas, suas dificuldades e limitações, seus preços e suas possibilidades nos diversos espaços do mercado sexual, desde os mais baratos e insalubres bordéis das *regiões morais* até os seus mais altos estratos, compreendendo o trabalho das namoradinhas e acompanhantes.

Alguns autores, como DeWalt e DeWalt (2011), argumentam que o trabalho de campo realizado em ambientes virtuais possui muitas similaridades com a pesquisa "física", "real". Algumas das questões presentes na etnografia "real" também estão presentes nas pesquisas realizadas em ambientes virtuais, como as dificuldades éticas do trabalho "coberto", a dificuldade em se estabelecer a confiabilidade das informações em alguns contextos e as formas de obter o consentimento dos informantes.

Como comentei anteriormente, minha pesquisa no fórum consistiu, *grosso modo,* em uma grande "leitura" do material postado e apesar de ter me tornado, na prática, um "usuário", com *login* e senha, eu nunca escrevi nada nas discussões dali e tampouco interagi com demais membros deste site. Desta forma, não avisei aos membros deste Fórum virtual que eles estavam sendo observados. Entretanto, como todo os usuários do fórum são anônimos e seu

conteúdo é público, acredito que minha participação "coberta" neste ambiente foi menos problemática que outras pesquisas que também optaram por não informar aos participantes a sua condição, uma vez que as condições nas quais as discussões estão apresentadas no site fazem com que seja impossível identificar algum usuário.

Em certa medida, todas as grandes questões do trabalho de campo estão também presentes nas *"netnografias"* (DEWALT, DEWALT, 2011, p.173). O nível de participação do pesquisador é, tanto no mundo real quanto no virtual, um destes temas centrais. Ao contrário da minha pesquisa física, na qual assumi um papel mais ativo, embora periférico, dentro do universo das prostitutas, no espaço virtual optei por uma atitude absolutamente passiva, sendo apenas um grande "olho" a observar as interações e debates, sem interferir em nada.

Alguns autores, como DeWalt e DeWalt (2011) defendem que, apesar de toda a tecnologia envolvida em um trabalho de campo virtual, é importante proceder como um pesquisador que "vai à campo". Seguindo este conselho, o caderno de campo foi para mim, central durante a pesquisa no *Fórum GPGuia*, uma vez que, além dos registros em computador, eu também preenchia à mão este caderno com as minhas impressões. Além disso, separava um tempo em particular para "navegar" neste site, sempre com o caderno à mão, considerando estes períodos como tempo passado em campo o que, apesar de parecer óbvio, me ajudou muito a dividir e valorizar o tempo utilizado na pesquisa.

Ao contrário do que poderíamos imaginar, a pesquisa realizada no *Fórum GPGuia* foi, em alguns momentos, tão exaustiva quanto o trabalho de campo realizado em contato real com as pessoas. Isto se deu, sobretudo, por causa do enorme volume de informação presente nesse repositório virtual. Para se ter uma ideia, em fevereiro de 2018 havia mais de 2.000 *posts* sobre acompanhantes de Belo Horizonte e 4.000 referentes às de São Paulo, sem contar também o grande número de tópicos e informações referentes às regiões de prostituição popular destas duas cidades, chamadas pelos membros do fórum de *área trash*. Como minha única tarefa neste espaço virtual era *ler* o que estava sendo discutido ali, o período que passava *online* representou um grande esforço para absorver este volume de informação.

Em um espaço no qual todas as postagens são anônimas, pode ser difícil verificar a confiabilidade das informações que estamos utilizando na pesquisa. Alguns autores (HINE, 2000 *apud* DEWALT, DEWALT, 2011) destacam que este costuma ser o principal problema enfrentado por pesquisadores em trabalhos de campo *online*. Entretanto, o *Fórum GPGuia*, em particular, possui uma política muito séria de combate à informações falsas e depoimentos

forjados, apagando as informações e banindo sumariamente os membros que publicam este tipo de material. Desta forma acredito que neste caso, apesar de seu caráter anônimo, o fórum foi uma fonte bastante confiável para a coleta de dados.

8.7 Questões eróticas e de gênero no trabalho de campo

Em um trabalho com um grupo "marginal", nós raramente realizamos a pesquisa nas condições ideais. Há muitos desafios de natureza metodológica durante a realização das observações, dos contatos com informantes e das entrevistas, fazendo com que seja importante relatar quais foram as *condições* da coleta dos dados. No meu caso especificamente, além as questões relacionadas às potencialidades ou limitações de meu gênero masculino no trabalho de campo, houve também algumas questões relacionadas ao erotismo nos espaços estudados e os consequentes embaraços gerados por isto.

Embora a grande maioria das prostitutas, tanto *meretrizes* quanto *namoradinhas* utilizem pseudônimos, ou "*nomes de batalha"* em sua atividade, optei por trocar seus nomes, embora isso significasse, na prática, uma dupla renomeação. Fiz isso porque alguns *nomes de batalha* são variações de seus nomes reais, o que poderia representar um risco para seu anonimato. Além disso, como já comentei anteriormente, enviei respostas e materiais para todas as informantes que pediram para, por exemplo, ouvir o áudio de suas entrevistas ou queriam ler as transcrições destas conversas. Neste caso, assim como fiz com o material que entreguei à Pastoral, também troquei nomes e omiti detalhes para evitar qualquer possibilidade de identificação.

Apesar de ter realizado, além das entrevistas gravadas, um sem-número de interações e conversas mais informais, sempre fiz questão de me apresentar como pesquisador, para dar a estas informantes a possibilidade de decidir sobre sua participação. Desta forma, algumas mulheres, no momento em que me identifiquei como um sociólogo realizando pesquisa, se negaram a continuar a conversa comigo, o que foi completamente compreensível. Os únicos momentos nos quais não me apresentei como pesquisador foram durante as explorações mais "visuais" dos espaços de prostituição e seu mapeamento quando, em meio ao fluxo de clientes, eu não conversava com ninguém.

Houve muitos convites para entrevistas pagas que rejeitei, não apenas pela impossibilidade de pagar altos valores para as informantes, mas também pelo receio de que as distorções ligadas

a este tipo de coleta de informações pudessem atrapalhar a posterior análise dos dados. Como comentei alhures, também houve convites para que a realização de programas com as informantes, que recusei de forma educada. As razões desta recusa foram pessoais, mas também metodológicas. Do ponto de vista íntimo, eu estava, assim como minhas informantes, preocupado em separar minha vida pessoal de minha atividade profissional, procurando então manter distância da intimidade das informantes. Além disso, acredito que, metodologicamente, relações sexuais com informantes raramente podem auxiliar a pesquisa, não só pelas distorções das informações derivadas destas relações, mas também pela perda de confiabilidade do pesquisador diante do grupo estudado (DeWalt e DeWalt, 2011, p. 103).

Entretanto, apesar desta decisão, eu já esperava passar por situações delicadas, do ponto de vista do erotismo e do sexo. Algumas cenas podem exemplificar estas tensões: logo no início do trabalho de campo marquei uma entrevista com uma prostituta que prometeu me receber em seu local de trabalho, em um hotel da Rua dos Guaicurus. Como marcamos um horário próximo do final da tarde, imaginei que ela estaria no final de seu expediente, e que poderíamos realizar a entrevista em algum outro lugar mais calmo e silencioso. Entretanto, ao chegar ao hotel descobri que ela estava ainda em plena atividade, e recebi uma mensagem de celular dizendo que me "encaixaria" entre dois clientes.

O problema deste arranjo não foi apenas a pressão para que a entrevista fosse curta, visto que havia outros clientes esperando no corredor, mas o fato de que esta informante não se vestiu após o atendimento do homem que me precedia. De fato, ela negociava com os clientes sem roupa e assim os recebia em seu quarto: dentro daquela dinâmica mais apressada de trabalho, esta era melhor forma de recebê-los. Assim, realizamos a entrevista nessas condições, com a informante nua, placidamente deitada na cama, fumando um *baseado*, enquanto eu me sentei numa cadeira no canto do quarto, evitando um contato mais próximo. Foi um pouco desconcertante, mas a conversa transcorreu bem.

Ter realizado uma entrevista em condições tão adversas logo no início da pesquisa me preparou para outras situações embaraçosas que eu iria passar: informantes sumariamente vestidas, convivência com sons sexuais vindas de quartos próximos (sobretudo em entrevistas realizadas em privês compartilhados), perguntas íntimas dirigidas a mim, ofertas de programas, álcool e maconha, entre diversas outras cenas curiosas. De toda forma, com o desenvolvimento da pesquisa percebi que muitas dessas situações, como a nudez, por exemplo, eram naturalizadas por aquelas mulheres e que cabia ao pesquisador se adaptar, e

não o contrário. Descobri também que o bom humor acabava deixando estas ocasiões menos constrangedoras.

Houve também muitas situações não necessariamente sexuais, mas que evocavam certa "sedução", como convites para jantar, beber ou passear. Uma das informantes situadas nos Jardins, por exemplo, algumas horas após nossa entrevista, me ligou, convidando para "comer uma pizza", dizendo que estava "muito sozinha" e que gostaria de companhia. Apesar de ser uma pessoa muito agradável e de também ter o desejo de jantar com ela, recusei educadamente este convite, uma vez que acreditei que, ao participar deste encontro eu poderia perder o controle sobre aquela interação, até então estritamente acadêmica. Relato estas cenas não só para destacar a humanidade deste pesquisador, mas também para lembrar de algumas decisões que me fizeram manter uma postura mais reservada, do ponto de vista da intimidade, durante minha permanência em campo.

Durante todo o trabalho de campo refleti sobre os benefícios e os prejuízos que meu gênero masculino podiam me trazer durante a pesquisa. Ao conversar com amigas e colegas de curso que também estavam em campo imediatamente percebi que a maioria das consequências de ser homem durante a permanência em campo eram benéficas. Ao passo que muitas pesquisadoras destacam o medo, o assédio e até eventuais agressões durante suas pesquisas, eu pude circular pelos espaços de prostituição, inclusive os mais degradados e perigosos, com relativa tranquilidade.

Por outro lado, alguns autores destacam que, apesar da ameaça constante em campo, as mulheres tem mais facilidade na criação de laços de confiança com os informantes, uma vez que, em muitos contextos, representam um risco menor a estes grupos (DEWALT, DEWALT, 2011, p. 103). De toda forma, é importante ressaltar que toda pesquisa terá algum *bias* de gênero, que pode – mais ou menos – comprometer seus resultados. Como comentei anteriormente, acredito que o fato de ser um homem estudando um grupo feminino me fez ter um acesso limitado a alguns aspectos deste universo, ao passo que facilitou meu trânsito e minha observação de outras questões durante o trabalho de campo.

Na bibliografia desta tese há quarenta e três trabalhos etnográficos relacionados à prostituição feminina. Destes, trinta foram realizados por mulheres, dez foram feitos por homens e três por duplas homem/mulher. Esta predominância feminina revela, antes de tudo, que há um maior interesse por parte das mulheres, não só em relação à prostituição, mas à temática mais geral do gênero. Imagino que a falta de interesse dos homens sobre estes temas derive de sua

confortável posição dentro deste espectro. Por outro lado, acredito que esta maioria de pesquisadoras possa também ter relação com as facilidades de um trabalho de campo realizado *entre mulheres.* Apesar da dificuldade, já citada, no acesso às casas de prostituição e os riscos de serem alvos de violência, os outros aspectos do trabalho de campo feminino parecem ser vantajosos, como a construção de relações de confiança com as informantes e o acesso à sua intimidade.

O trabalho realizado em dupla homem/mulher parece ser muito promissor, uma vez que cada pesquisador poderá ter acesso mais fácil ao universo de seu gênero, por exemplo, a clientes e prostitutas. Blanchette e Silva (2005) destacam a importância de ser um casal de pesquisadores durante seu trabalho de campo, uma vez que, apesar de estarem juntos na boate que estudavam, em Copacabana, apenas Ana Paula Silva tinha acesso ao banheiro feminino deste local, onde pôde acompanhar diálogos preciosos à sua coleta de dados. A parceria de outros casais, como Lever e Dolnick (2010) e McKeganey e Barnard (1996) também gerou resultados excelentes em relação aos aspectos ligados aos clientes e às prostitutas.

Apesar das vantagens em relação à segurança em campo, o fato de ser homem me impôs uma série de barreiras, sobretudo em relação à confiança das informantes e ao acesso a temas relacionados à sua intimidade. De toda forma, durante o contato com as informantes procurei lançar mão de algumas estratégias para minimizar as limitações de meu gênero na coleta de dados. Como comentei anteriormente, minha idade, aproximada a das informantes, e minhas condições econômicas mais próximas à realidade delas, facilitaram minha aceitação como um interlocutor dentro daquele universo.

Entretanto, lancei mão de outras características para facilitar a criação de confiança com as informantes. Sempre procurei ressaltar o fato de ser casado e também, durante os momentos em que conversava sobre amenidades com as informantes, comentava sobre minha filha, que estava para nascer. Este assunto era sempre recebido com muita simpatia e acredito que essa imagem de "pai" possa ter reduzido algumas desconfianças e reticências em relação aos meus objetivos na pesquisa. Outra característica que acredito que possa ter me ajudado foi minha aparência ou a forma como me visto. Muitas mulheres, antes que eu me identificasse como pesquisador, me perguntavam se eu era "professor". Acredito que isso possa ter me ajudado na medida em que muitas informantes me viam "como alguém que não pertencia àquele lugar", ou que, à princípio, não era um cliente, como os outros homens dali.

Embora eu imaginasse que, por ser homem, o acesso aos clientes seria fácil, esta característica não me ajudou com este grupo. Todas as tentativas de aproximação foram malogradas e inclusive pessoas conhecidas se recusaram a participar de entrevistas na condição de "cliente". As tentativas para a realização de grupo focal também foram infrutíferas. De toda forma, acredito que, neste aspecto, uma pesquisadora mulher também teria dificuldade no acesso a essas pessoas, uma vez que sua recusa em participar desta pesquisa me pareceu derivar de sua vergonha ou do medo de serem identificados.

No caso das prostitutas, acredito que muitas me viram, a princípio, como uma ameaça, se negando a participar da pesquisa ou indo ao meu encontro apenas em lugares públicos ou com a presença de uma terceira pessoa. Para minimizar esta impressão de ameaça, procurei manter uma postura mais amistosa e inofensiva possível. Por exemplo, procurava me sentar a certa distância da entrevistada, mantendo sempre minha bolsa longe de mim, portando apenas caderno, caneta e gravador. Além disso, tentava ser sempre muito simpático e bem-humorado, na tentativa de reduzir as tensões que ficavam no ar. Naturalmente, não foram todas as informantes que se sentiram ameaçadas com minha presença, mas com aquelas que me viam como alguma ameaça (com razão, uma vez que os homens são os principais agentes de violência em seu universo) eu procurei deixar a ocasião o mais agradável possível.

Os grupos focais foram os momentos nos quais também senti que minha presença era disruptiva entre aquelas mulheres. Em uma sala com quase uma dezena de prostitutas, além das funcionárias da pastoral e freiras, eu era o único homem, e ficava evidente que minha presença "travava" a conversa em alguns momentos. Obviamente elas me viam como um "intruso", um "enxerido" que vasculhava sua intimidade. Muito provavelmente gostariam de ser entrevistadas apenas pelas agentes da pastoral, mas coube a mim a tarefa de conduzir a entrevista. De toda forma, com o desenvolvimento da conversa e o eventual surgimento de polêmicas e debates mais acalorados entre as participantes, minha presença se tornou mais secundária e menos incômoda.

Todas estas experiências de campo tiveram um impacto no desenvolvimento desta tese e na coleta dos dados, contribuindo, evidentemente, para as eventuais distorções que possam existir neste trabalho. De toda forma, acredito que o debate franco sobre estas vicissitudes de gênero deve servir não para inviabilizar pesquisas, mas para deixar claras as condições nas quais ela foi realizada e *a partir de qual lugar* o pesquisador está falando.

Considerações Finais

Dois filmes recentes apresentam cenas muito paradigmáticas para a discussão que fizemos. Um deles é o já citado *"A Vida dos Outros"*, no qual a relação entre a prostitua e o cliente é marcada pela distância e impessoalidade, completamente centrada nos aspectos estritamente sexuais da relação. O outro, de 2012, é conhecido no Brasil pelo título *"Um Alguém Apaixonado"*. Realizado sob a direção do célebre Abbas Kiarostami, este filme mostra uma relação de prostituição muito mais complexa: Uma jovem universitária que ganha a vida em Tóquio como *call girl* é contratada para passar a noite em companhia de um professor viúvo e já muito idoso. Não há relação sexual e os dois conversam e dormem juntos. No dia seguinte o professor se propõe a levá-la à faculdade, o que trará alguns embaraços ao casal. Neste caso, ao contrário do filme anterior, há a emulação de um relacionamento e o surgimento de grandes expectativas afetivas por parte do cliente.

A mudança radical que podemos perceber assistindo esses filmes exprime mudanças mais amplas relacionadas aos nossos conceitos de *intimidade* e de *relacionamento*. Nos anos 1990, Anthony Giddens escreveu um importante livro sobre este assunto: *As Transformações da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (1995). Neste livro, Giddens faz digressões sobre os processos que geraram as mudanças na sexualidade, nos relacionamentos afetivos e nas relações entre homens e mulheres nas sociedades ocidentais.

Em resumo, para ele essas transformações sexuais e afetivas da modernidade consistiram numa série de fenômenos, muito ligados ao que ele chamou de "aumento da capacidade reflexiva de nosso *self*". Com essa expressão Giddens se referia ao fato de que um homem da década de, digamos 1950, ou 1960, não refletia sobre sua condição masculina do mesmo modo que o faz um homem do século XXI. Dentre os novos fenômenos relacionados a esse "aumento de capacidade reflexiva", Giddens cita o surgimento do feminismo, as mudanças na relação entre os sexos e as transformações em nossa sexualidade, através de uma série de eventos como a popularização dos métodos contraceptivos e a entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho.

Ele também ressalta que, neste grande processo de mudança das interações entre os sexos, as mulheres foram pioneiras, e os homens teriam experimentado uma reflexão mais "atrasada": eles começaram a refletir sobre as condições masculina e feminina e sobre a relação entre

ambos na sociedade em que vivem enquanto as mulheres já o faziam havia muito tempo, sobretudo motivadas pelas reflexões do feminismo, muito popular já desde os anos 1960.

Para Giddens, esta "transformação da intimidade" que marcou o século XX e o início do XXI compõe-se de três fenômenos principais: o desenvolvimento e difusão do conceito de "amor romântico"; o crescimento e a atuação do movimento feminista e, por fim, as transformações na sexualidade, que o autor chama de "sexualidade plástica". Nessa perspectiva, esses três fenômenos teriam trazido às sociedades ocidentais "expectativas revolucionárias", ou seja, teriam gerado uma demanda cada vez maior de igualdade entre os sexos.

O conceito de *amor romântico*, popularizado ainda no século XIX, transformou a natureza dos laços familiares: os casamentos arranjados entraram em decadência, a sexualidade separou-se da reprodução, aumentando a importância do prazer e da reciprocidade sexual nas relações (*sexualidade plástica*), a autonomia feminina cresceu, com sua participação no mundo do trabalho, e maridos e mulheres começaram a ver o casamento como um "empreendimento emocional conjunto" (Giddens, 1995, p. 18). Como consequência destes processos, o poder masculino dentro da família entrou em crise, a partir do aumento da autoridade e da autonomia das mulheres, democratizando mais a esfera doméstica.

Apesar de não haver nada de errado com toda essa linha de raciocínio, penso que ela se mostra inteiramente inútil quando se trata de explicar essa enorme *transformação da intimidade* que é o advento, o desenvolvimento e a expansão da *experiência da namoradinha*, tal como aqui procurei descrever e o filme de Kiarostami ilustra de forma paradigmática. Talvez fosse possível enxergar, fazendo uso das "lentes" oferecidas por Giddens, alguma conexão entre o advento da *girlfriend experience* nos diversos espaços do mercado sexual e a decadência do poder (político, social e sexual) masculino ou, o que resulta no mesmo, o aumento da liberdade sexual feminina. Entretanto, acredito que postular uma conexão dessa natureza deixaria escapar as reais causas deste processo que, em sua maioria, sequer são de natureza sexual.

Conforme procurei mostrar aqui, o fenômeno da ascensão das "namoradinhas" a um espaço de destaque dentro do mercado sexual fica mais claro no esquema organizado por Bernstein onde, para o desenvolvimento deste processo, influíram fatores que vão além de nossas concepções sobre o sexo e o amor envolvendo, sobretudo, fenômenos de base política, como a atuação do Estado, ora reprimindo, ora normalizando determinadas formas de prostituição; e fatores de base econômica, como as alterações dentro deste mercado geradas pelo

desenvolvimento da internet, pela inclusão de novos grupos femininos no mercado sexual e o consequente acirramento de concorrências dentro destes espaços, aumentando as exigências sobre as práticas realizadas pelas mulheres, em particular as *namoradinhas*.

Apesar de Bernstein ter discutido sobre este fenômeno nos países desenvolvidos, é possível observar com muita clareza como a atuação do Estado e de suas forças legislativas e policiais vem alterando o panorama da prostituição também no Brasil. Como já comentamos, os impactos das intervenções estatais e do processo de *gentrificação* nas regiões da Rua dos Guaicurus, em Belo Horizonte, e da Luz e de Santo Amaro, em São Paulo, são bastante evidentes.

Para citar apenas o caso belorizontino, há dois processos em curso que têm colocado os bordéis da região da Rua dos Guaicurus sob pressão política e econômica. Primeiramente, é possível observar um acelerado processo de gentrificação, com novos bares, restaurantes, comércios e a construção de terminais de ônibus que visam "requalificar" a região. No bojo deste processo surgirão nos próximos meses dois novos estabelecimentos que transformarão completamente a região: a nova sede do Fórum da Justiça do Trabalho, que ocupará o antigo prédio da Faculdade de Engenharia da UFMG, e o quase terminado hotel cinco-estrelas *Golden Tulip*, um reluzente arranha-céu, ambos no coração da região. Além disso, há investidas periódicas da justiça e da polícia contra a cafetinagem local, que resiste sob a proteção de liminares judiciais.

Neste sentido, tornar-se *namoradinha*, para além das novas oportunidades do mercado sexual, representando um trabalho mais confortável e bem remunerado, também pode ser uma alternativa importante diante das repressões estatais, uma vez que este tipo de prostituição é muito menos explícita e estigmatizada, escapando das punições e perseguições legislativas e policiais.

Por outro lado, o desenvolvimento da *experiência de namoradinha* também está ligado intimamente às possibilidades surgidas com o desenvolvimento e expansão da internet e das redes sociais. A partir destes meios foi possível a novos grupos de mulheres entrarem no mercado sexual sem precisar se expor nas ruas ou nas *regiões morais* das grandes cidades. Dessa forma, aplicativos como o *Tinder* ou os fóruns e sites de internet permitem a realização do trabalho sexual de uma forma muito mais discreta, valorizada e mistificada, reduzindo muito as eventuais condenações sociais que poderiam atingir essas mulheres inseridas nessa nova forma de prostituição.

São essas mudanças, abundantemente debatidas nesta tese, que determinaram a ascensão da *grilfriend experience*, fenômeno que, compreensivelmente, também se pode encontrar no bojo das mudanças mais amplas nas noções sociais sobre intimidade. A disseminação deste arranjo entre prostitutas e clientes – que em tempos passados era extremamente restrito – demonstra como se ampliaram as possibilidades de homens e mulheres se relacionarem dentro do mercado sexual, deixando para trás as antigas interações majoritariamente impessoais ainda presentes na prostituição dos espaços populares.

Nesse sentido, a Giddens também escapou uma das experiências mais paradigmáticas de "transformação da intimidade" no mundo moderno: a utilização da prostituição para fins de cuidados pessoais (*care*). Seguindo o raciocínio de Parreñas (2010), como não poderíamos classificar o trabalho realizado pelas *namoradinhas* como uma atividade relacionada ao cuidado e ao bem-estar destes homens? As imagens evocadas por *Um Alguém Apaixonado*, de Kiarostami, evocam esta relação, onde sequer acontece sexo entre as duas pessoas envolvidas naquele arranjo, e onde se destacam a companhia e o zelo pelo bem-estar do outro.

Entender algumas dessas novas dinâmicas de prostituição como parte do universo do *care* pode nos abrir novas perspectivas para a análise do mercado sexual e de suas transformações. Como discutimos nesta tese, para muitas mulheres dos altos estratos da prostituição, a *experiência de namoradinha* representa um trabalho muito próximo ao das cuidadoras, enfermeiras ou terapeutas, e esta concepção representa para elas uma redução significativa dos estigmas ligados ao trabalho sexual, ao mesmo tempo que valoriza financeiramente sua atividade. Dentro deste grupo ligado ao *care*, há também mulheres que realizam essa atividade em um nível mais qualificado ainda, trabalhando com clientes com deficiências físicas e mentais, atividade já discutida e reconhecida em alguns países do mundo, mas ainda muito incipiente no Brasil.

A relação das namoradinhas com as atividades de *care*, assim como a variedade de práticas oferecidas, tais como viagens, massagens, conversas, jantares e inúmeras outras possibilidades mostram como este fenômeno pode se relacionar, por exemplo, muito mais às mudanças dentro do mercado do “cuidado” (e não apenas dele) do que às transformações de nossas concepções sexuais, afinal, as condenações morais e os estigmas dirigidos às garotas de programa continuam muito presentes em nosso cotidiano.

Desta forma, acredito que nesta tese pude discutir uma das principais experiências contemporâneas de "transformação da intimidade" (presentes nas dinâmicas da *girlfriend*

experience) à margem do que talvez seja o mais conhecido livro já escrito sobre essas transformações. Por isso, penso que a pesquisa aqui apresentada pode representar um estimulo à discussão, não apenas da *experiência de namoradinha* nos contextos de prostituição do Brasil, temática ainda muito recente e incipiente, mas também de outros fenômenos ligados a esta dinâmica de trabalho sexual, como as questões relacionadas ao estigma e à mistificação da prostituição, assim como a relação entre este serviço e as atividades ligadas ao *care*, além das possibilidades de discussão dos impactos da internet não apenas no mercado do sexo, mas também nas relações sexuais e afetivas em geral.

Referências Bibliográficas

ALLISON, A. : **Nightwork : Sexuality, pleasure and corporate masculinity in a Tokyo hostess club**. Chicago, University of Chicago Press, 1994.

AUGUSTÍN, L.: **Sex at the Margins: Migration, Labour Markets and the Rescue Industry**. London, Zed Books, 2007.

BABBIE, E.: **The Practice of Social Research**. Belmont, Wadsworth, 2010.

BACELAR, J.: **A família da Prostituta**. São Paulo, Ed. Ática, 1982.

BARRETO, L.: Prostituição, Gênero e Sexualidade: Hierarquias Sociais e Enfrentamentos no Contexto de Belo Horizonte. **Diss. de Mestrado em Psicologia Social**. Belo Horizonte, 2008.

BARROS, L. A.: Mariposas Que Trabalham: Uma Etnografia da Prostituição Feminina na Região Central de Belo Horizonte**. Jus Navigandi**, Teresina, no. 827, 2005.

BECKER, H.S.: **Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

BECKER, H.S.: **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BERNSTEIN, E.: **Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Comerce of Sex**. Chicago and London, The University of Chicago Press, 2007.

BERNSTEIN, E.: Sex Work for the Middle Class. **Revista Sexualities**. Vol. 10(4), 473-488, 2007(b).

BERNSTEIN, E. : O Significado da Compra : Desejo, demanda e o comércio do sexo. **Revista Cadernos PAGU**, no. 31, julho/dezembro de 2008, pp. 315-362, Campinas, 2008.

BIGOT, S: La Prostitution sur Internet: Entre la marchandisation de la sexualité et la contractualisation de relations affectives. **Genre, Sexualité et Societé**, n. 2, 2009.

BLANCHETTE, T. SILVA, A.P.: Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. **Paper do Diálogo Latino-Americano sobre Sexualidade e Geopolítica.** Rio de Janeiro, 2009.

BLANCHETTE, T., SILVA, A.P.: Nossa Senhora da Help : Sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. Campinas, **Cadernos PAGU**, no. 25, julho-dezembro de 2005, p. 249-280.

BOURDIEU, P.: **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

CARRIER-MOISAN, M.E.: Putting Feminity to Work: Negotiating hypersexuality and respectability in sex tourism, Brazil. **Revista Sexualities**, vol. 18(4), 2015, pp. 499-518.

CHAPKIS, W.: **Live Sex Acts: Women Performing Erotic Labour**. London, Cassel, 1997.

COHEN, E.: Thai Girl and Farang Men: The edge of ambiguity. **Annals of Tourism Research**. 9(3) 403-428, 1982.

CONNELL, R. : **Masculinities, Knowledge, Power and Social Change**. Berkeley, University of California Press, 1995.

COSTA, V.: Lidando com a Violência: Construção e Transmissão de Repertórios de Segurança Entre Prostitutas. **Diss. de Mestrado**, PPGS-UFMG, 2013.

CRESSY, P.G. : **The Taxi Dancehall**. Chicago, Chicago University Press, 2008 [1932].

CUNHA, L.A. : Prostituição e Religião: A trajetória religiosa de mulheres em situação de prostituição na região de Santo Amaro, São Paulo. **Diss. de Mestrado em Ciências da Religião**, PUC-SP, 2014.

DEWALT,K.M. ; DEWALT, B.R. : **Participant Observation : A guide for fieldworkers**. Lanham, Altamira Press, 2011.

EHRENREICH, B.; HOCHSCHILD, A. R.: **Global woman: nannies, maids and sex workers in the new economy.** New York, Metropolitan Books, 2003.

EKMAN, K.E. : **Being and Being Bought : Prostitution, Surrogacy and the Split Self**. Melbourne, Spinifex press, 2013.

EMERSON,R.M. ; FRETZ, R.I. ; SHAW, LL.: **Writing Ethnographic Fieldnotes**. Chicago, University of Chicago Press, 2011.

ENGELS, F.: **A Origem da Familia, da propriedade privada e do Estado**. Ed. Escala, São Paulo, [1894] 2006

FAUGIER, J. ; SARGEANT, M. : Boyfriends, Pimps and Clients. IN : SCAMBLER, G. ; SCAMBLER, A. : **Rethinking Prostitution : Purchasing sex in the 1990's**. Londres, Routledge, 2005.

FRANÇA, M.: Intérêts, Sexualité et Affects dans la Prostitution Populaire: Le Cas de la Zone Bohème de Belo Horizonte. **Tese de Doutorado**, EHESS, Paris, 2011.

FRANK, K.: **G-Strings and Simpathy**. London, Duke University Press, 2002.

FRANK, K. ; CARNES, M. : Gender and Space in Strips Clubs. IN : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry.** Nova Iorque, Routledge, 2010.

FREITAS, R. S.: **Bordel, Bordéis: Negociando Identidades**. Petrópolis, Vozes, 1985.

FRUGOLI, H.; SPAGGIARI,E.: Da Cracolândia aos Nóias: Percursos etnográficos no bairro do Luz. **Revista Ponto Urbe, Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, no. 6, São Paulo, 2010.

FONSECA, R. : **Lúcia McCartney**. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 2009.

FOOTE WHYTE, W.: **Sociedade de Esquina: A Estrutura Social de uma Área Urbana Pobre e Degradada.** Rio de Janeiro, Zahar, 2005

GASPAR, M.D.: **Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

GARFINKEL, H.: **Studies in Ethnometodology**. Cambridge, Polity Press, 1996 [1967].

GIL, F.: Sexualité et Prostitution. In: HANDMAN; MOSSUZ-LAVAU: **La Prostitution à Paris**. La Martinière, Paris, 2006, p. 645-376.

GIDDENS, A.: **As Transformações da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Oeiras, Ed. Celta, 1995.

GOFFMAN, E. : Estigma : **Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. São Paulo, LTC, 1988.

GOODWIN, J.; HOROWITZ, R.: The Methodological Strengths and Dilemmas of Qualitative Sociology. **Qualitative Sociology**, Vol. 25, no. 1, Spring 2002.

GUIDROZ, K. ; RICH, G.J. : Commercial Telephone Sex: Fantasy and Reality. In : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry**. Nova Iorque, Routledge, 2010.

GUIMARAES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K.: "care" et "care work": Le travail du care au Bresil, en France, au Japon. **Revista do Centro de Estudos da Metrópole**, 2010.

HELENE, D.R.: A Invenção do Jardim Itatinga: O zoneamento urbano da prostituição. **Paper da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia**, São Paulo, 2012.

HELENE, D.R.: Preta, Pobre e Puta: A segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. **Tese de Doutorado**, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, 2015.

HERMANOWICZ, J.C.: The Great Interview : 25 strategies for studying people in bed. **Qualitative Sociology,** Vol. 25, no. 4, Winter 2002.

HIRATA, H. S.: Genre, travail et care: L'etat des travaux en France. **Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho**. 2011.

HIRATA, H.; KERGOAT, D.: Divisão sexual do trabalho profissional e domestico. Brasil, França e Japão. In: COSTA; SORJ; BRUSCHINI; HIRATA (org): **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais.** Rio de Janeiro, ed FGV, 2008.

HIRATA, H.; KERGOAT, D.: Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, H.: Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e Consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, USP, v. 26, n. 1, 2014.

HOCHSCHILD, A.: **The Comercialization of Intimate Life: Notes From Home and Work**. Berkeley, University of California Press, 2003.

HOCHSCHILD, A.: **The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling**. Berkeley, University of California Press, 2003.

JORGENSEN,D.L. : Participant Observation. In : SCOTT, R. ; KOSSLYN, S. **: Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences.** Nova Jersey, John Wiley & Sons, 2015.

KEMPADOO, K. : **Sexing the Caribbean : Gender, Race and Sexual Labor**. Nova Iorque, Routledge, 2004.

KERWIN, KAY *et alli* (ed) : **Male Lust : Power, Pleasure and Transformation**. Nova Iorque, Haworth, 2000. p. 267-273.

KRUEGER, R.A. : Successful Focus Group : Advancing the state of art. In : MORGAN, D.L. : **Successful Focus Group**. Thousand Oaks, SAGE, 1993.

KIMMEL, M. : **Fuel for Fantasy : The ideological cosntruction of male lust**. Nova Iorque, Harrington Park Press, 1999.

KOKEN, J. ; BIMBI, D.S. ; PARSONS, J.T. : Male and Female Escorts : A Comparative Analysis. IN : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry.** Nova Iorque, Routledge, 2010.

KULICK, D.: **Travesti: Sex, Gender and Culture Among Brazilian Transgendered Prostitutes**. Chicago and London, University of Chicago Press, 1998.

KULICK, D. ; WILLSON, M. : **Taboo : Sex, Identity and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork.** Londres, Routledge, 1995.

LEVER, J.; DOLNICK, D.: Clients and Call Girls: Seeking sex and intimacy. IN : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry**. Nova Iorque, Routledge, 2010.

MacCANNEL, D. : Staged Authenticity : Arrangements of Social Space in Tourist Settings. **American Journal of Sociology**, no.79(3), p. 589-603, 1973.

MACINNES, J. : **The End of Masculinity**. Buckingham, Open University Press, 1998.

McKEGANEY, N. ; BARNARD, M. : **Sex Work in The Streets : Prostitutes and their clients**. Buckingham, Open University Press, 1996.

MONTO, M. : Prostitutes Customers : Motives and Misconceptions. In : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry.** Nova Iorque, Routledge, 2010.

OLIVEIRA, M.Q.: Prostituição e Trabalho no Baixo Meretrício de Belo Horizonte: O Trabalho da Vida Nada Fácil. **Dissertação de Mestrado** em Psicologia Social, UFMG, 2008.

O'NEIL, M.: Prostitute Women Now. In : SCAMBLER, G. ; SCAMBLER, A. : **Rethinking Prostitution : Purchasing sex in the 1990's**. Londres, Routledge, 2005.

PASSOS, J.S.: As Meretrizes de Nelson: A represenação da prostituição no teatro de Nelson Rodrigues. **Revista Contexto**. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, 2011.

PASINI, E.: Limites Simbólicos Corporais na Prostituição Feminina. **Cadernos PAGU** no. 14, UNICAMP, Campinas, 2000.

PASINI, E.: Sexo Para Quase Todos : A prostituição feminina na Vila Mimosa. **Cadernos PAGU**, no. 25, julho-dezembro de 2005, pp. 185-216, Unicamp, Campinas.

PARK, R.E., BURGESS, E.W.: The City **: Suggestions for investigation of human behavior in the urban environment.** Chicago, University of Chicago Press, 1984.

PARREÑAS, R.: O trabalho de care das acompanhantes. Imigrantes filipinas em Toquio. In: HIRATA, H.; GUIMARAES, N. (org): **Cuidado e Cuidadoras: As varias faces do trabalho do care**. São Paulo, ed. Atlas, 2012

PARREÑAS, R.: **Sevants of globalization: women, migration and domestic work**. Stanford, Stanford University Press, 2001.

PARREÑAS, R.S.: **Illicit Flirtations: Labor, Migration and Sex Trafficking in Tokyo**. Stanford, Stanford University Press, 2011.

PARREÑAS, R.S.: The Care Work of Hostesses. **Paper do Colóquio Internacional "O que é care? Emoções, Divisão do Trabalho, Migrações"**. Centro de Estudos da Metrópole, FFLCH-USP, 2010.

PENTTINEN, E.: **Globalization, Prostitution and Sex-Trafficking: Corporeal politics**. Nova Iorque, Routledge, 2007.

PERLONGHER, N.: **O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1987.

PISCITELLI, A.: Corporalidade em Confronto: Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. **RBCS**, vol. 22, n. 64, junho de 2007. P. 17-32.

PISCITELLI, A.: Shifting Boundaries: Sex and money in the nort-east of Brasil. **Sexualities**, vol. 10, n. 4, 2007. P. 489-500.

PISCITELLI, A. : On Gringos and Natives : Gender and sexuality in the context of international sex tourism in fortaleza, Brazil. **Paper at the Meeting of the Latin American Studies Association**, Washington, DC, agosto de 2001.

PRYEN, S.: **Stigmate et Métier. Une Approche Sociologique de la Prostitution de Rue**, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 1999.

PORTER, J. ; BONILLA. L. : The Ecology of Street Prostitution. In : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry**. Nova Iorque, Routledge, 2010.

RAGO, M.: **Do Cabaré ao Lar : A Utopia da Cidade Disciplinar**. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

RASMUSSEN,P.R., KUHN, L.L.: The New Masseuse : Play for Pay. **Urban Life**, 5 (3), p. 271-292, 1976.

RIVERS-MOORE, M.: But The Kids are OK: Motherhood, consuption and sex work in neoliberal Latin America. **The British Journal of Sociology**. 61(4) : 716-736, 2010.

ROBINSON, S. : **Marked Men : White masculinity in crisis**. Nova Iorque, Columbia University Press, 2000.

ROUX, S. : Les Économies de la Prostitution : Sociologie critique du tourisme sexuel en Thailande. **Tese de Doutorado**, EHESS, Paris, 2009.

ROUX, S. : **No Money, no Honey : Economies intimes du tourisme sexuel en Thailande**. Paris, La Decouverte, 2011.

RUBIN, G.: **Políticas do Sexo**. São Paulo, Ed. Ubu. 2017.

SACRAMENTO, O.: Amor Contrafeito : A emoção e sua instrumentalização no meio prostitucional. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, Vol. 5, no. 14/15, ago/dez 2006, pp. 158-184.

SCAMBLER, G.: Conspicuous and Inconspicuous Sex Work: The neglect of the ordinary and mundane. In : SCAMBLER, G. ; SCAMBLER, A. : **Rethinking Prostitution : Purchasing sex in the 1990's. Londres**, Routledge, 2005.

SCHWARTZ, M.S. ; SCHWARTZ, C.G. : Problems in Participant Observation. **American Journal of Sociology**, Vol. 60, No. 4 (Jan., 1955), pp. 343-353.

SIMMEL, G.: **Philosophy of money.** New York: Routledge, 1990.

SIMMEL, G.: "Prostitution". In: **On Individuality and Social Forms**. Ed. Donald Levine, Chicago, University of Chicago Press, p. 121-26. 1971.

SPAGGIARI, E. ; RODRIGUES, W.E. ; FONSECA, I.Z. : Etnografia da Atuação de Entidades Sociais na Região da Luz. **Revista Ponto Urbe** – Nucleo de Antropologia Urbana da USP. No. 11, 2012.

TABET, P.: **La Grande Arnaque: Sexualité des femmes et échange economico-sexuel**. Paris, Ed. L'Harmattan – Bibliotheque du feminisme, 2004.

TEDESCO, L. : Explorando o Negócio do Sexo : Uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre-RS. **Dissertação de Mestrado**, UFRGS, 2008.

VANDERSYPEN, M. : Femmes Libres de Kigali. **Cahiers d'Etudes Africaines** no. 17(1), p. 95-120, 1977.

VINUTO, J. : A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, 22, (44), 203-220, ago/dez 2014.

WACQUANT, L. : **Body & Soul : Notebooks of an Apprentice Boxer**. Nova Iorque, Oxford, University Press, 2004.

WEISS, R.S.: **Learning From Strangers : The art and method of qualitative interview studies.** Nova Iorque, Free Press, 1995.

WEITZER, R.: Sex Work: Paradigms and Policies. In : WEITZER, R. : **Sex For Sale : Prostitution, pornography and the sex industry**. Nova Iorque, Routledge, 2010.

ZELIZER, V.: **The Purchase of Intimacy**. Princeton, Princeton University Press, 2005.